

Estudos Culturais em Educação



Leitores, **LEITURAS**, textos e tramas

# Seleções

READER'S DIGEST

**SOBRE** leitura: CHARTIER, CERTEAU, LAJOLO e outros  
**SOBRE** identidade: HALL, WOODWARD, DEBORD  
**SOBRE** consumo: BAUMAN, KELLNER

**IDENTIDADES** leitoras  
 Experiências **COTIDIANAS** de leitura  
**HISTÓRIAS** de leitura



SANDRA MONTEIRO LEMOS

Orientadora:  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosa Maria Hessel Silveira

Banca examinadora:  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Lucia Wortmann  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Isabel Dalla Zen  
 Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Edgar Kirchof  
 Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Jorge Alberto Rosa Ribeiro

**E mais:** Larrosa,  
 Foucault, Silverstone,  
 Silveira, Arfuch.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
Linha de Pesquisa: Estudos Culturais em Educação

Sandra Monteiro Lemos

***SELEÇÕES DO READER'S DIGEST:***  
**Leitores, leituras, textos e tramas**

Porto Alegre

2013

### CIP - Catalogação na Publicação

Lemos, Sandra Monteiro  
Seleções do Reader's Digest: leitores, leituras,  
textos e tramas / Sandra Monteiro Lemos. -- 2013.  
256 f.

Orientadora: Rosa Maria Hessel Silveira.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-  
Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Leitura. 2. Leitores. 3. Estudos Culturais em  
Educação. 4. Revista Seleções. I. Silveira, Rosa Maria  
Hessel, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sandra Monteiro Lemos

***SELEÇÕES DO READER'S DIGEST:***

**Leitores, leituras, textos e tramas**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosa Maria Hessel Silveira

Apoio financeiro: CNPq

Porto Alegre

2013

Aqueles que são a razão da minha existência:

Jôni, Ricardo e Tiago.

*A felicidade aparece para aqueles que choram.  
Para aqueles que se machucam  
Para aqueles que buscam e tentam sempre.  
E para aqueles que reconhecem  
a importância das pessoas que passaram por suas vidas.*

Clarice Lispector

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo!

Agradeço imensamente à minha querida orientadora e amiga Professora Doutora Rosa Maria Hessel Silveira, por sua dedicação, atenção, incentivo, aprendizado, confiança, enfim, por ter me conduzido até aqui.

À Professora Doutora Maria Isabel Dalla Zen, pelo seu incentivo, amizade, pela recepção calorosa quando entrei pela primeira vez na UFRGS, pelo olhar atencioso e pelas sugestões pertinentes para a escrita desta tese.

À Professora Doutora Maria Lúcia Wortmann, por seu entusiasmo, alegria e por sua leitura sensível do projeto de tese apontando importantes direções.

Ao Professor Doutor Jorge Alberto Rosa Ribeiro, por sua amizade, incentivo, por ter sido meu primeiro professor no curso de Pedagogia – História da Educação I – e por suas importantes sugestões para a construção da escrita desta tese.

Ao Professor Doutor Edgar Kirchof, por seu exame detalhado do projeto de tese e pelos importantes caminhos sugeridos.

Aos doze entrevistados dessa pesquisa, por sua imprescindível contribuição, atenção e disposição em participar desse estudo.

À Professora Doutora Elisabete Maria Garbin, pelo seu incentivo, amizade, entusiasmo, estando comigo em muitos momentos.

À Professora Doutora Iole Maria Faviero Trindade, por ter me conduzido durante todo o Mestrado, abrindo caminhos para o Doutorado.

Aos colegas do grupo de orientação Marta, Isabel, Andréa, Rodrigo, João e Amazília, pelo companheirismo, auxílio, incentivo, pelos momentos de alegria e descontração.

À colega Gisele, pelos momentos de conversa e por sua afetividade.

À minha amada família daqui: mãe, irmãs, sobrinhas e sobrinho, sogros, cunhada e noras, e do céu: meu pai – Manoel e meus avós – Hilda e João, por seu amor incondicional.

Ao Programa de Pós-graduação em Educação dessa Universidade, pela condução atenciosa e indispensável nos trâmites da vida acadêmica.

Ao CNPq, pelo grande apoio financeiro durante o curso de Doutorado.

A todos vocês MEU MUITO OBRIGADA!

## **SELEÇÕES DO READER'S DIGEST : Leitores, leituras, textos e tramas**

### **RESUMO**

A presente tese investiga as relações entre leitura, material de leitura e leitor, focalizando especificamente a revista *Seleções do Reader's Digest* e seus leitores. O estudo objetiva investigar tais relações, de modo a *entender a trama discursiva de situações e condições sob as quais se estabelecem normas e condutas que produzem práticas e experiências ligadas à leitura*. Para tanto, a investigação foi dividida em dois eixos: o primeiro consistiu na análise de 152 exemplares, predominantemente das décadas de 40 a 70 da revista de grande circulação nacional e de origem editorial estadunidense *Seleções do Reader's Digest*, e o segundo se debruçou sobre entrevistas com doze leitores da referida publicação. O aporte teórico-metodológico da pesquisa situa-se no campo dos Estudos Culturais em Educação, articulados aos estudos sobre leitura e leitores. O trabalho está estruturado com base nos seguintes autores: Roger Chartier, Miguel de Certeau, Leonor Arfuch, Rosa Silveira, Michel Foucault, Stuart Hall, Jorge Larrosa, Emmanuel Fraisse, Jean-Claude Pompuignac, Martine Poulain, Zigmunt Bauman, dentre outros. O estudo entende a leitura *enquanto experiência cotidiana*, compreendendo-a como sendo aquela efetuada com regularidade, estando imersa nas suas várias dimensões e implicada no social, no cultural, no político e no econômico. As narrativas produzidas através das entrevistas dessa pesquisa possibilitaram sua circunscrição em histórias pessoais, que ajustadas à sua dimensão singular são reconhecidas como *histórias de leitura*. Ao problematizar as relações entre discursos, comportamentos, situações, ambientes e materiais de leitura – e, em especial da *Seleções* (1940 a 1970), emergiram representações que puderam integrar dois tópicos analíticos: o primeiro, “Leitores e leituras” e o segundo, “Textos e tramas”. No primeiro estabeleceram-se determinados perfis, que foram denominados como *identidades leitoras*, identificados a partir de *experiências cotidianas de leitura*. Já o segundo articula outras *experiências cotidianas* que, assim como a leitura, estão relacionadas com lazer, entretenimento, emoções, aprendizado, senso crítico etc. Tais experiências aparecem marcadas pela escuta do rádio – em especial, as radionovelas – e a televisão. Outras mídias ainda, próprias da contemporaneidade, como a internet e suas redes sociais, também apareceram nas narrativas dos entrevistados. As conclusões do estudo apontam para alguns entendimentos sobre possíveis relações entre *Seleções* e a leitura que os leitores faziam dela, quais sejam: o prazer que a leitura provoca; o aprendizado da/com a leitura; a variedade de suportes de leitura; a variedade de modos, gestos e espaços de leitura; a leitura como um “lugar” de memória levando à produção de *histórias de leitura* e “leituras” e sua relação com consumo. Por fim, conforme alguns cenários apresentados pelos depoentes, possuir uma biblioteca, mesmo que seja com revistas – algumas encadernadas, parece aliar-se a boas práticas de leitura com hábitos diários, que buscam sempre entendimento e atualização. Tais aspectos, dentre outros, podem ser tomados como indícios de algumas das possíveis materialidades de representação de leitura na contemporaneidade.

Palavras-chave: Leitores; Leituras; *Revista Seleções do Reader's Digest*; Estudos Culturais em Educação.

***SELECTIONS FROM READER'S DIGEST: Reading, readers, texts and plots***

**ABSTRACT**

This thesis investigates the relationship between reading, reading material and the reader, focusing specifically on the magazine Reader's Digest and its readers. The study aims to investigate these relationships in order to understand the discursive situations and conditions under which establishes norms and behaviors that produce practices and experiences related to reading. Therefore, the research was divided into two axes: the first consisted on analysis of 152 samples, predominantly from the 40s to 70 magazine widely circulated national - source publishing U.S. - Reader's Digest and the second focussed on interviews with twelve readers on that publication. The theoretical-methodological research is in the field of Cultural Studies, articulated in reading and readers studies. The work was structured around the following authors: Roger Chartier, Miguel de Certeau, Leonor Arfuch, Rosa Silveira, Michel Foucault, Stuart Hall, Jorge Larrosa, Emmanuel Fraise, Jean-Claude Pompuignac, Martine Poulain, Zigmunt Bauman, and others. The study considers reading as everyday experience, understanding it as being that performed regularly, being immersed in its various dimensions and implicated in social, the cultural, the political and economic spheres. The narratives produced through interviews of this research enabled personal stories in his constituency, which adjusted its singular dimension are recognized as reading stories. To problematize the relationship between discourses, behaviors, situations, environments and reading materials - and especially the selections (1940-1970), emerged representations that could integrate analytical two topics: first, "Readers and readings," and second. "Texts and plots." In the first certain profiles were estabilished which were called as readers identities, identified from daily experiences of reading. The second articulates other everyday experiences, as well as reading that are related to leisure, entertainment, emotions, learning, critical sense, etc.. Such experiences are marked by listening to the radio - especially the soap operas - and television. Other contemporary media, such as the Internet and social networks also appeared in the narratives of respondents. Conclusion of studies guide some understandings about possible relationships between the magazine and readers mode which are: the pleasure that reading causes; learning from / with reading, reading the various media, modes, gestures and spaces for reading, reading as a memory "place" leading to production of reading and stories "readings" and its relation with consumption. Finally, as some scenarios presented by the interviewees, have a library, even with magazines - some bound, seems to combine best practices with daily habits of reading, wich always sick for understanding and update. These aspects can be taken as evidence for some of the possible materiality of representation in contemporary reading.

Keywords: Reading, Readers; *Seleções Reader's Digest*; Cultural Studies in Education.

## LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 – Fundadores – Seleções, junho de 1942, p. 17-24 .....	67
Fig.2 – Maquinário – Seleções, junho de 1942, p.20-21 .....	69
Fig.3 – Capa Seleções, maio de 1944 .....	73
Fig. 4 – Capa Seleções, abril de 1965.....	74
Fig. 5 – Capa Seleções, março de 1961 .....	75
Fig. 6 – Capa Seleções, agosto de 1996 .....	76
Fig. 7 – Capa Seleções, maio de 2001.....	77
Fig. 8 – Capa Seleções, março de 2012.....	78
Fig. 9 – Anúncio Câmara Brasileira do Livro – Seleções, abril de 1959 .....	91
Fig. 10 – Seleções, Julho de 1967 .....	93
Fig. 11 – Anúncio Philips – Seleções, março de 1963 .....	95
Fig. 12 – Seleções, maio de 1957, contracapa.....	119
Fig. 13 – Quadro Seções preferidas.....	146
Fig. 14, 15 e 16 – Capas: Madame Delly, Mulherzinhas e Pollyana.....	153
Fig. 17 – Seleções, janeiro de 1949.....	166
Fig. 18 – Seleções, julho de 1967.....	166
Fig.19 – Acervo de Márcia: Biblioteca Seleções. ....	167
Fig. 20 – Anúncio Lever - Seleções, agosto de 1957 .....	172
Fig. 21 – Seleções, março de 1954 .....	178
Fig. 22 – Anúncio da Associação Brasileira de Propaganda – Seleções, Maio de 1963.....	180
Fig. 23 – Fonte: Capa Seleções, Outubro de 1951 .....	183
Fig. 26 – Anúncio Arno – Seleções, abril de 1953.....	188
Fig. 27 – Anúncios veiculados em Seleções, março de 1951.....	189
Fig. 28 – Anúncios GE: em Seleções, agosto de 1957 .....	190
Fig. 29 – Anúncio Guia Domus, Seleções, maio de 1954.....	193
Fig. 30 – Anúncio Santisra, Seleções, julho de 1954 .....	194
Fig. 31 – Anúncios veiculados em Seleções, maio de 1954.....	195
Fig. 32 – Anúncio Água Velva – Seleções, janeiro de 1953 .....	198
Fig. 33 – Anúncio Texaco – Seleções, janeiro de 1958 .....	199
Fig. 34 e 35 – Anúncios veiculados em Seleções, janeiro de 1953.....	200
Fig. 36 – Anúncio Frigidaire – Seleções, janeiro de 1957 .....	202
Fig. 37 – Anúncio sabonete Lever – Seleções, novembro de 1958.....	204
Fig. 38 – Anúncio Modess: em Seleções, novembro de 1958.....	206
Fig. 39 – Anúncio Modess: Seleções, janeiro de 1953 e em junho de 1959.....	206
Fig. 40 – Anúncio livreto Modess – Seleções, abril de 1956 .....	208
Fig. 41 – Anúncio de filmes: Seleções, Abril de 1944.....	220
Fig. 42 – Anúncio de filmes: Seleções, Maio de 1944 .....	220

## SUMÁRIO

LEITURAS INICIAIS .....	13
CAPÍTULO I.....	17
DELIMITAÇÕES E APROPRIAÇÕES .....	17
1. Das ins[as]pirações: leitura[s] minha[s] e de outros .....	17
2. Do tema e do objeto .....	21
2.1. A leitura em discursos, histórias e práticas .....	24
3. Das ancoragens do estudo .....	30
3.1. Estudos realizados da revista <i>Seleções</i> .....	36
4. “Navegar é preciso” ou das ferramentas para a constituição dessa tese .....	41
4.1. Das entrevistas ou “dos momentos de conversa” .....	43
4.1.1. Os entrevistados.....	49
CAPITULO II.....	54
SELEÇÕES DO READER’S DIGEST .....	54
1. A história das revistas no Brasil .....	54
1.1. A imprensa feminina.....	58
2. <i>Seleções</i> e seu[s] segredo[s] de sucesso .....	61
2.1. <i>Seleções</i> : visual e estrutura .....	72
3. <i>Seleções</i> no Brasil da “modernidade” .....	83
CAPÍTULO III .....	87
LEITORES E LEITURAS .....	87
1. “Identidades leitoras”: muitas histórias para contar .....	89
1.1. Os discursos sobre leitura em <i>Seleções</i> .....	90
1.2. O aprendizado da leitura .....	100
2. Experiências cotidianas de leitura .....	118
2.1. Conhecendo e lendo <i>Seleções</i> .....	121
2.2. Garimpendo “identidades leitoras” .....	135
2.3. Selecionando lembranças e leituras .....	151
3. Cenários de leitura: gestos e modos .....	158

3.1. Os espaços de leitura.....	161
3.2. Colecionando <i>Seleções</i> .....	164
CAPITULO IV .....	171
TEXTOS E TRAMAS.....	171
1. “Leituras” da publicidade: atravessamentos e gênero em questão.....	172
1.1. Mulheres, publicidade e <i>Seleções</i> : alguns apontamentos .....	175
1.1.1. Incentivando o consumo, impulsionando o progresso.....	176
1.2. Publicidade: aprovação e resistência .....	186
1.3. A mulher “tradicional”.....	192
1.4. A mulher “moderna”.....	197
1.5. A mulher “livre” .....	205
2. “Leituras” de outras mídias .....	211
2.1. O rádio, a radionovela e as “cenas longe dos olhos” .....	212
2.3. O cinema, os apreciadores e os cinéfilos .....	220
2.4. A chegada da TV .....	223
2.4 A <i>era digital</i> .....	229
CAPITULO V .....	235
Leituras [e escrita] finais... ..	235
VI REFERÊNCIAS .....	245
ANEXOS.....	252

## LEITURAS INICIAIS

*Paixão entre  
leitura  
que se faz  
escrita  
uma empurrando  
a outra  
uma inquietando  
a outra apaixonando  
uma a outra.*

*Interminavelmente. (LARROSA, 2003, p.3)*

Essa é uma escrita muito especial para mim, pois se trata da escrita da minha tese. As muitas leituras realizadas provocaram sentimentos e estimularam à escrita, *uma a outra*, tal como sugere a epígrafe com que abro essa tese. Acredito que o produto desse estudo será um “algo a mais” sobre o que já se tem produzido sobre leitura, na medida em que é uma tese que problematiza a leitura de um artefato cultural de grande circulação no Brasil, a revista de origem editorial norte-americana *Seleções do Reader’s Digest* – através de sua análise e da análise da sua leitura narrada por alguns de seus leitores.

As primeiras lembranças que tive da revista *Seleções* estão localizadas na década de 1960: era uma “revistinha” que circulava pela casa de meus avós. Ora nas mãos de minha avó – quando era ela quem estava lendo, logo após o almoço, recostada no sofá – ora posicionada em uma das mãos do meu avô. Em uma das mãos sim, porque na outra era o cigarro que tinha lugar. Lembro-me da minha curiosidade sobre o porquê de meus avós ficarem tão concentrados, olhando por algum tempo, aquela revista tão pequena. Meu avô também lia o *Correio do Povo* – que naquela época tinha o formato *standard* – e eu achava estranho aquele homem tão grande, com aquela revistinha tão pequena nas mãos. Aquilo me intrigava. Cheguei a pegar a revista na mão, folhear, mas havia muito texto nela! Aquilo não me atraía. Naquela época, eu procurava coisas que tivessem imagens para “ler”, ou mesmo revistas e livros para “olhar”, pois ainda não conseguia entender o que significava aquele “monte” de letrinhas, aliás, nem sabia o que eram letras. Números, letras e demais sinais eram, para mim, tudo a mesma coisa.

Cresci e aprendi a ler. Ensaiei algumas leituras na revista, mas ainda não tinha descoberto aquilo que chamam de o “mundo da leitura”. Fazia pequenas leituras, principalmente das piadas e das histórias curtas, que eram minhas favoritas. Na casa onde eu morava com meus pais, não havia material de leitura. Não lembro de ver meus

pais lendo. O tempo passou... Não encontrei mais nem a revista na casa dos meus avós e nem os meus avós. Os meus avós, agora, sempre os encontro em meu coração e em minhas lembranças. Já a revista *Seleções*, essa sim, pude (re)encontrá-la em forma material, visível, palpável, na casa de pessoas que a colecionam, em sebos, e em bancas de revistas. Fiquei encantada com o que podia ser lido nela... Consegui ler artigos do tempo em que eu ainda não era nascida. Penso, nas muitas vezes em que retomo essas matérias antigas, que talvez esteja lendo as leituras que eram feitas pelos meus avós. Só sinto não saber exatamente quais lhes chamavam mais a atenção. Mas pensando melhor... Acho que consigo imaginar, pois, sempre que posso, busco em minha memória as lembranças que tenho de ambos, seu temperamento, gostos, jeitos, ou seja, reconstruo essas imagens...

Enfim, essas foram talvez minhas primeiras inspirações, às quais foram se somando muitas outras. Em especial, não poderia deixar de registrar o “toque” de minha orientadora, quando um dia, em uma de nossas aulas, fez um breve comentário sobre o quanto considerava a revista *Seleções* como um interessante artefato para análise. Eis aí outra grande inspiração que juntamente com outras me fez adentrar nesse trabalho investigativo.

É preciso destacar, também, que, em paralelo a tudo isso, as leituras que fiz e as que fiz daquelas que os outros fizeram, me conduziram a (re)descobertas de leituras<sup>1</sup>, o que também me foi muito prazeroso. Concomitantemente, a busca e o (re) encontro com a teoria me auxiliaram a manter meu foco investigativo canalizando compreensões e problematizações necessárias. Sem dúvida, identifico tais acontecimentos como sendo os mais importantes dessa investigação, seja inspirando, seja permitindo a materialidade das minhas aspirações.

A partir disso, passo a seguir à apresentação da minha tese de doutorado.

Assim, a presente tese, intitulada *Seleções do Reader's Digest: leitores, leituras textos e tramas*<sup>2</sup> está organizada em cinco capítulos.

---

<sup>1</sup> Conheci, brevemente, histórias instigantes de livros citados pelos entrevistados, aos quais nunca havia tido acesso. Através da internet obtive um breve contato com algum desses, como: *Madame Delly* (pseudônimo do casal de irmãos, autores e escritores franceses, Frédéric Henri Petitjean de la Rosière e Jeanne Marie Henriette Petitjean de la Rosière); *A cabana do pai Tomaz* (de autoria de Harriet Beecher Stowe); *As mulherzinhas* (de autoria de Louise May Alcott); e sonetos de Shakespeare, além de ter tido a possibilidade de várias leituras sobre histórias de heróis, missionários, soldados, professores e professoras, na própria revista *Seleções*.

<sup>2</sup> O título é autoexplicativo, sugerindo o corpus e o que foi realizado a partir dele.

O primeiro deles, denominado *Delimitações e apropriações* – situa o contexto da pesquisa: as inspirações e as aspirações que de alguma forma construíram o terreno da investigação. Aponta para os objetivos e os focos do estudo, a partir da revisão das abordagens de pesquisas sobre leitura, as articulações e os recortes necessários para delinear o *corpus* de investigação, que foi dividido em dois eixos: análise de 152 edições da revista *Seleções* que fazem parte de meu acervo pessoal e entrevistas com doze leitores da revista. Apresenta as ancoragens do estudo, através dos campos e das teorias que sustentam as análises culturais. Por último, esse capítulo apresenta os caminhos e os cuidados metodológicos que deram materialidade ao objeto de pesquisa. Na última seção do capítulo são apresentadas as questões da pesquisa, o roteiro que embasou a entrevista, os entrevistados – que são/foram leitores assíduos de *Seleções*, atuais ou em algum momento de sua vida – e as categorias analíticas que resultaram das recorrências encontradas no material analisado – revistas e narrativas dos entrevistados.

No segundo capítulo, denominado *Seleções do Reader's Digest*, apresento com maiores detalhes um dos objetos de análise dessa tese: a revista *Seleções*. Nesse capítulo apresento o histórico da revista, contextualizando sua chegada ao Brasil, sua circulação – ao lado de outros periódicos da imprensa, sua composição, estrutura e estratégias utilizadas na sua publicação. Por último, delinco alguns aspectos referentes ao consumo e à publicidade que se encontram imbricados na produção e circulação da revista como artefato cultural.

O terceiro capítulo, intitulado *Leitores e leituras*, aborda o primeiro tópico analítico dessa tese. Apresenta e discute as análises empreendidas no material, articulando os dois eixos de análise: os dados coletados e extraídos da análise das revistas e das narrativas dos entrevistados. A partir de tais dados, discorro sobre os discursos sobre a leitura, as *identidades leitoras*, as *experiências cotidianas de leitura* (o aprendizado da leitura, as leituras de *Seleções* e outras leituras) e sobre os cenários de leitura (gestos e modos de ler).

Recebendo o título de *Textos e tramas*, o quarto e último capítulo dá continuidade às análises do *corpus* da pesquisa, apresentando as tramas possíveis de serem feitas a partir dos textos analisados (da revista *Seleções* e das narrativas dos leitores). Tal produção é apresentada sob dois enfoques: a “*Leitura*” da *publicidade: o gênero em questão* e as “*Leituras*” de *outras mídias*.

O quinto capítulo finaliza a tese: *Leituras [e escrita] finais...* faz uma retomada dos principais aspectos que chamaram a minha atenção nesse estudo. Estudo, escrita, leitura, histórias, representações, apontamentos, sentimentos, lembranças. Enfim, o “todo” que construiu essa tese, pois, aprendi que uma tese como essa – com aportes em estudos pós-estruturalistas, também é parte, é perspectiva, é olhar singular, é modo de olhar. Entretanto o “todo” dessa tese, mesmo sendo parte, foi intenso, marcante e transformador. Saliento o extenso *corpus* de análise desse estudo... 152 exemplares de um artefato como a *Seleções*, com inumeráveis matérias; as densas histórias contadas pelos leitores, as lembranças memoradas: alegres, tristes, saudosas; os momentos da entrevista, o contato entre entrevistadora e entrevistado; as leituras e os leitores. Enfim, esse foi o “todo” que construiu essa tese. Convido-os, pois, à leitura dela.

## CAPÍTULO I

### DELIMITAÇÕES E APROPRIAÇÕES

#### 1. Das ins[as]pirações: leitura[s] minha[s] e de outros

Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial. (MANGUEL, 2004, p.6)

Nas trevas do mundo totalitário de hoje, há milhões de pessoas cujo espírito está prisioneiro, tão seguramente como estavam os seus corpos. Mas entre os povos livres uma grande vitória consiste em que os assuntos estimulantes podem ser trazidos à luz da publicidade – os prós e contras sendo apresentados pela imprensa, o rádio, a cinematografia, perante o tribunal da opinião pública. Gente de todo o mundo, que está lendo o *Reader's Digest* nas suas próprias línguas, diz-nos quão puro prazer lhes advem da sua leitura, como ela lhes estimula o espírito com idéias refrescantes e proveitosas, e lhes ajuda a manter livre o pensamento [...] (*Seleções*, maio de 1944, contracapa).

As epígrafes selecionadas para a abertura desse capítulo e dessa tese me são muito significativas: ambas aludem ao principal tema de minha investigação: a leitura. A primeira é bem pontual ao reconhecer a leitura como essencial. A segunda – já indicando um de meus objetos de pesquisa – é instigante para ler, apreciar, problematizar. Por isso me inspiram/aram despertando o grande desejo de produção dessa escrita.

Muito se tem discutido, teorizado e falado sobre “leitura”, seus benefícios, seus objetos, suas propostas, seus usos, ou mesmo sobre a quantidade, variedade e qualidade dos materiais e das ações que a envolvem. Entretanto, entendo que tal temática possui outras tantas abordagens possíveis de serem feitas, como por exemplo, investigar artefatos culturais – em especial as revistas, e sua relação com a leitura que os leitores fazem dela.

Silverstone (2005), em seu livro *Por que estudar a mídia*, defende a mudança de enfoque de “o que a mídia faz para nós?” para “o que nós fazemos com ‘nossa’ mídia?”. Parafraçando o autor, inicio propondo, então, começar a pensar sobre “o que nós fazemos com nossa leitura?” ao invés de pensar sobre “o que a leitura faz conosco?”.

Ao pensarmos na/sobre a leitura, emerge uma infinidade de possibilidades, inclusive a[s] leitura[s] que pode[m] ser feita[s] dos elementos que a envolvem, quais sejam: leitor, material de leitura, editor, autor, assuntos, funções da leitura, etc. Penso sobre o quanto a leitura pode “fazer por nós”: entreter-nos, contribuir com nossa formação, modificar nossa maneira de pensar sobre as coisas, mexer com a nossa sensibilidade (fazer-nos rir, chorar, ter medo, raiva, indignação). O que “fazemos com nossa leitura”? Transformamo-nos em leitores, escritores, consumidores, “intelectuais”, aprendemos jeitos de ser – mulher, homem, criança, adolescente, cidadão, etc. Em síntese, penso sobre o quanto a leitura nos subjetiva... E, como tal, não posso esquecer de pensar sobre o quanto a leitura está imersa em um mercado econômico ao sabor de variados interesses, uma vez que a indústria e o comércio editoriais estão sempre na ativa. Enfim, o quanto tudo isso está envolto por discursos que produzem, articulam, transformam, criam, inventam...

É a partir dessas reflexões que situo o foco central dessa pesquisa: entender a trama<sup>3</sup> discursiva de situações e condições sob as quais se estabelecem normas e condutas que acabam produzindo práticas<sup>4</sup> e experiências ligadas à leitura. Busco investigar a leitura enquanto experiência cotidiana, compreendendo *experiência cotidiana de leitura* como aquela que se efetua com regularidade, estando imersa nas suas várias dimensões e implicada no social, no cultural, no político e no econômico. Para tanto aponto dois eixos para esse estudo: primeiro tomando como objeto empírico uma revista de expressiva circulação nacional no Brasil – a revista de origem norte americana *Seleções do Reader's Digest*<sup>5</sup>. Julgo importante destacar que a revista *Seleções* se mantém no Brasil desde 1942<sup>6</sup> e teve nas décadas de 50 e 60 uma

---

<sup>3</sup> A palavra *trama* aqui é entendida sob inspirações de Veyne (1998), para quem a trama se constitui como uma narrativa e, nesse aspecto, todos os itinerários escolhidos são válidos, pois, *ao se escolher o itinerário para descrever o campo factual, deve se fazer compreender a trama*. Segundo o autor, o que será escrito é uma escolha daquilo que foi descrito. Ou seja, separa-se, recorta-se, toma-se uma visão parcial por um ponto de vista sobre uma totalidade (VEYNE, 1998, p. 46).

<sup>4</sup> Entendo prática como um fazer, uma ação particular de transformação de materiais sociais ordenada por regras também particulares. Sobre esse aspecto julgo pertinente o entendimento de Hansen(2005). Para o autor a expressão “prática de leitura” significa a formalidade de um trabalho particular e dotado de apropriação e transformação de produtos simbólicos particulares e datados. A mesma expressão também pode apontar para a questão política da produção social de significações novas e de novos sentidos contingentes para o indivíduo que se constitui como sujeito-leitor quando lê (HANSEN, 2005, p. 24-25)

<sup>5</sup> Informo ter um acervo pessoal que conta com 152 exemplares da *Seleções*, distribuídos entre as décadas de 1940 e 2012, conforme anexo I.

<sup>6</sup> Na primeira edição da revista *Seleções* no Brasil foram vendidos 150 mil exemplares; três meses mais tarde alcançava 300 mil exemplares vendidos. Nas décadas de 50 e 60, a revista atingia vendagem com picos de 600 mil exemplares. (JUNQUEIRA, 2000, p. 45).

repercussão estrondosa. Sobre os números da revista, um fato curioso é que, segundo o Instituto Verificador de Circulação<sup>7</sup> – IVC, a revista *Seleções do Reader's Digest*, em 2012, cerca de 70 anos após sua entrada no Brasil, ainda ocupa posição de destaque entre as revistas mensais mais vendidas, possuindo uma média de 317.647 exemplares em circulação, sendo que, destes, 91% são de assinantes (Fonte: IVC - Média jan. a mai. 2012)<sup>8</sup>.

Como segundo eixo de estudo são tomadas entrevistas com doze pessoas que consideram terem sido em algum período da sua vida, passado ou atual, leitores assíduos da referida revista. Essas pessoas, consideradas como sendo “comuns”, são sujeitos que podem ser caracterizados como um *herói comum, personagem disseminada. Caminhante inumerável. Invocando, no limiar de meus relatos, o ausente que lhes dá principio e necessidade, interrogo-me [interroga-se] sobre o desejo cujo objeto impossível ele representa* (CERTEAU, 1994, p. 57). Ora são pessoas que estudaram muito, ora pessoas com pouca escolaridade; ora são profissionais atuantes na sociedade, ora são ou donas de casa, ou já estão aposentadas; ora são indivíduos que construíram uma família, ora se trata de celibatários; enfim, trata-se de pessoas comuns que não são reconhecidas como famosas ou de especial projeção social.

As entrevistas são entendidas como narrativas e examinadas na perspectiva da análise do discurso numa perspectiva crítica<sup>9</sup>, objetivando mapear, problematizar e discutir alguns dos discursos que emergem das falas, cruzando-os algumas vezes, com aqueles identificados na análise do artefato cultural selecionado, no caso, a própria revista *Seleções*. Com isso busco entender como se estabelece, neste contexto, a produção de práticas e modos de subjetivação; descrever quais representações de mundo e de sociedade estariam articuladas aos discursos presentes na publicação analisada e nas possíveis leituras que os leitores fazem/fizeram dela e a maneira como as narram.

---

<sup>7</sup> O IVC - Instituto Verificador de Circulação - é uma entidade sem fins lucrativos *tri-partite* formada e dirigida pelo mercado publicitário brasileiro com interesse em assegurar a transparência e confiança dos números de circulações impressas e digitais. O IVC é filiado ao IFABC, International Federation of Audit Bureaux of Circulations, entidade que congrega os principais institutos de auditoria de circulação do mundo. Disponível em: <http://www.ivc.org.br> Acesso em 02/10/2010.

<sup>8</sup> Disponível em: [http://mais.selecoes.com.br/publicidade\\_circulacao\\_da\\_revista.asp](http://mais.selecoes.com.br/publicidade_circulacao_da_revista.asp) Acesso em 20/08/2012.

<sup>9</sup> A análise do discurso numa perspectiva crítica é uma abordagem contemporânea do estudo da linguagem e dos discursos nas instituições sociais. Fazendo uso da teoria pós-estruturalista do discurso e da lingüística crítica, tem por foco o modo como as relações sociais, a identidade, o conhecimento e o poder são construídos por meio de textos falados e escritos nas comunidades. (LUKE, 2000, p.92).

Sobre representação, considero o entendimento de Hall (1997, p.25) para quem *nem as coisas por si próprias nem os usuários da linguagem podem fixar sentido na linguagem. Coisas não significam: nós construímos sentido usando sistemas de representação – conceitos e signos*. As representações não são fixas e nem suas transformações correspondem a uma maior ou menor aproximação do correto, do verdadeiro ou do melhor. Assim sendo, ao analisar as representações constantes tanto na revista *Seleções* quanto nas narrativas dos entrevistados, essas não serão entendidas como simples reflexo do real (fiel ou infiel), mas sim, como imagens constituintes e constituidoras do próprio real.

Ao nos voltarmos, especificamente, para uma publicação como a *Seleções*, que se mantém no Brasil há 70 anos, poderia ser no mínimo curioso pensar no “como” conseguiu tal façanha, uma vez que não se tem notícia de outro veículo, dentro dos moldes que apresenta, que se tenha mantido no Brasil com uma trajetória de vida tão longa. Intrigou-me pensar sobre as estratégias que têm sido utilizadas para “capturar” leitores durante tanto tempo, levando em conta os atravessamentos e modificações sociais e culturais que ocorreram no transcurso desse tempo, não somente em nosso país e no mundo, mas também nos próprios meios de comunicação midiática. Que estratégias a revista utiliza? Como as transformações sociais e culturais do Brasil se refletiram e são representadas nos discursos presentes na revista?

Além disso, ao entrevistar os leitores da revista, eu tinha algumas questões básicas como guia: que lembranças tinham da revista? Como viam o papel que a revista teve em suas vidas? Que função atribuíam àquela leitura? Por que alguns leitores faziam/fazem questão de colecioná-la? Quais suas preferências em relação à escolha do ambiente e período do dia para a realização da leitura da revista? Era uma leitura partilhada e discutida ou tinha um cunho mais individual? Que formas de leitura eram utilizadas – preferiam-se seções, fazia-se uma leitura aleatória de materiais ou integral do volume?

Tenho como pressuposto que as análises discursivas realizadas sobre o material – tanto daquele presente na publicação, quanto daqueles que emergiram da narrativa dos entrevistados, deram conta, mesmo que parcialmente, de relações históricas, de práticas concretas que estão “vivas” no discurso e estão posicionando os sujeitos leitores. Assim, através do exame desses diversos gêneros textuais, materializados em um artefato

cultural e das narrativas produzidas por seus leitores, penso que essa investigação contribui para compor o que pode ser denominado de *histórias de leitura*.

## 2. Do tema e do objeto

[...] Então, no “Banquete”, do Platão, o tema do banquete, realmente é um banquete de comida na mesa, não é banquete simbólico [...] Estamos, então, falando da *Seleções* [risos]. Aí o Ágaton convida os amigos para um banquete na casa dele. [...] São sete amigos que são convidados. No banquete tem oito, porque um não foi convidado e foi. Mas foi sem ser convidado. Os convidados eram só sete. E aí comeram e coisa e tal, encheram o pandulho... E aí o Ágaton diz assim: “bem, é costume entre os gregos, depois do repasto, entreter com um tema digestivo. Uma palestra, uma conversa que não seja pesada”. E a *Seleções* é *Reader’s Digest*, [ou seja] é leitura leve, digestiva [risos]. Então eu fico pensando que eles tenham tirado daí, né? Aí você pode pensar: “não, mas a *Seleções* tem criatividade”. Não, mas pode aceitar a minha sugestão [risos] (José)<sup>10</sup>

Abro essa seção com um fragmento da narrativa de José, que me é muito representativa<sup>11</sup>, por considerar sua articulação, em certa medida, ao tema – leitura – e aos objetos dessa tese – *Seleções* e as narrativas de seus leitores. Considero que tais articulações são identificadas como sendo tecituras possíveis de minha investigação, por integrarem determinada abordagem sobre leitura de que aqui me utilizo.

Sabe-se que as discussões sobre leitura comportam uma série de perspectivas e abordagens. Pode-se falar de leitura a partir de uma visão histórica, de uma visão educadora, da visão sociológica, da visão de autoria, da visão linguística, da visão da literatura, dentre outras – considerando a polissemia das noções que envolvem tal prática. É preciso alertar, contudo, que não é pretensão desse estudo cobrir todas as abordagens existentes sobre leitura, até porque seria [quase] impossível. Nessa pesquisa, faço recortes, trazendo aquilo que julgo mais produtivo para pensar a produção dessa tese que trata da análise de artefatos culturais e sua articulação com “histórias de leitura”.

---

<sup>10</sup> Duas explicações se fazem necessárias: primeiro, os nomes de todos os entrevistados dessa pesquisa foram substituídos por pseudônimos atribuídos aleatoriamente por mim; segundo, para diferenciar a narrativa dos entrevistados das demais citações optei por colocá-las dentro de uma moldura, com fonte Arial, tamanho 11 e em parágrafo com espaço simples. Informo, também, que as transcrições preservaram o vocabulário e as expressões usadas pelos entrevistados, atribuindo-se a elas uma pontuação condizente com a intenção comunicativa e padronizando-se as formas plurais e os infinitivos das palavras (entre outros pequenos ajustes), de forma a facilitar a leitura dos textos transcritos.

<sup>11</sup> Considero ilustrativa a analogia feita por um dos entrevistados dessa pesquisa, entre *Seleções do Reader’s Digest* e a obra “O banquete”, no momento de nossa conversa, logo que começou a falar sobre a revista.

De imediato, destaco que a produção dessa tese me levou a fazer dois movimentos importantes de reflexão: o primeiro me fez percorrer alguns caminhos já trilhados que me aproximaram de tal temática – e aqui coloco o teórico, o acadêmico e o profissional, em extrema confluência. Meu interesse pelo tema *leitura* pode ser justificado pela constatação de que passamos boa parte de nossa vida lendo, decifrando, decodificando, tentando entender, traduzir, atribuir significado aos infinitos textos que aparecem à nossa frente, que por sua vez se abrem para outros e mais outros, até a preocupação com a desenvoltura da leitura, tanto pessoal, quanto a que se refere aos leitores/alunos que trilharam comigo alguns caminhos<sup>12</sup> e que, atualmente em diferente grau, continuam me acompanhando.<sup>13</sup> Enfim, considero a leitura um tema muito presente em meu cotidiano.

Num segundo movimento, destaco a relevância e a atualidade de pesquisar o tema através da análise de um artefato da mídia impressa a partir de um enfoque cultural, que me é possibilitado pelo campo de estudos no qual estou inserida – Estudos Culturais em Educação, em sua articulação a outros estudos, tais como estudos de Gênero, estudos de Letramento, estudos Pós-estruturalistas, estudos sobre Mídia etc. Vale destacar, entretanto, que esta investigação não se propõe a um estudo estrito de recepção de revista, e sim tem como preocupação central as relações que se estabelecem entre *Seleções*<sup>14</sup> e seu leitor, conforme são narradas. Como afirmou Jesus Martín-Barbero (1995), a recepção não é o ponto de chegada dos meios aos receptores, mas o lugar a partir do qual o processo de comunicação pode ser entendido. Ou seja, segundo o mesmo autor a recepção é como um espaço de negociação de sentidos<sup>15</sup>.

---

<sup>12</sup> Em minha graduação, atuei como bolsista de iniciação científica tendo como foco de pesquisa questões que envolviam leitura e escrita, o que me levou a investigar temáticas ligadas ao Letramento e ao Alfabetismo. Como professora de séries iniciais, atuei na Educação de Jovens e Adultos – EJA, o que levou à produção de minha dissertação de Mestrado intitulada *Programa Alfabetiza Rio Grande: a “importância de voltar a estudar” na produção textual de alfabetizando adultos*, defendida em 2008, pela UFRGS. Tenho atuado em cursos de especialização em Alfabetização e Letramento, desde 2010.

<sup>13</sup> Desde 2007 tenho atuado como professora em cursos de graduação e pós-graduação (*lato sensu*). Em 2010 e 2011, atuei como Professora Substituta na FACED/UFRGS no Departamento de Ensino e Currículo – DEC.

<sup>14</sup> Destaco, que daqui para frente, neste trabalho, todas as vezes que eu fizer referência à revista *Seleções do Reader's Digest*, na sua edição brasileira, utilizarei apenas a expressão *Seleções*.

<sup>15</sup> O deslocamento da análise dos meios de comunicação de massa até as mediações culturais é um dos motivos condutores que configuram o modelo teórico-mediativo da obra de Jesús Martín-Barbero, um dos principais nomes da escola latino-americana de comunicação. Ao julgar inaceitáveis as análises dos meios de comunicação que ignoram os conflitos, as contradições, as formas de dominação e de transformação do meio social, Martín-Barbero recusa as ideias funcionalistas difundidas pela Escola de Frankfurt e pelos

Ao pesquisar sobre as *experiências cotidianas de leitura* de um artefato cultural como *Seleções*, busquei não perder de vista o quanto tal leitura pode estar envolta em limitações, capacidades e convenções, conforme nos propôs Roger Chartier. É preciso dizer também que parti do entendimento de que a experiência pessoal é formada por atos e eventos, palavras e imagens, impressões, alegrias e dores, até mesmo confusões, só se tornando significativa na medida em que se pode encaixá-la dentro de algum tipo de estrutura, ou conjunto maior de referências, ou seja, algo que lhe confira significado. E é dentro desse contexto, que a *experiência cotidiana* poderia ser tanto uma questão de identidade quanto de diferença, podendo ser única e ao mesmo tempo coletiva.

Mas se pode pensar, também, que ler sobre uma tempestade, um desastre, uma viagem, não é a mesma coisa que experimentar ou sentir “na pele” tais situações e acontecimentos. Que significado teria a leitura nessas situações? É, nesse sentido, que considero ilustrativo e explicativo o sentimento de Manguel (2004, p.6-7), ao nos contar sobre algumas de suas percepções, ainda na infância, de apropriação do significado da leitura:

Mais tarde, quando me deparava com algum acontecimento, circunstância ou tipo semelhante àquele sobre o qual havia lido, isso me causava o sentimento um tanto surpreendente, mas desapontador de *déjà vu*, porque imaginava que aquilo que estava acontecendo agora já havia me acontecido em palavras, já havia sido nomeado. (MANGUEL, 2004, p.6-7)

Considerando a leitura como um processo complexo e abrangente, que faz rigorosas exigências à nossa memória e sentimentos, ao entrevistar os leitores da *Seleções* sobre sua *experiência cotidiana de leitura*, parti do entendimento de que tais narrativas se articulariam às construções identitárias, ou seja, seriam inventadas de forma imbricada com a construção dum “eu” de cada um. Larrosa (1996, p. 51) nos diz que “só lendo (ou escutando), como aconteceu com Jean Jacques Rousseau em relação a Plutarco, alguém se faz consciente de si mesmo. Só escrevendo (ou falando), como fez Rousseau em *Confissões*,<sup>16</sup> alguém pode fabricar um eu”. É através das “tecnologias do

---

teóricos marxistas da comunicação, e elabora sua teoria a partir de algumas proposições dos Estudos Culturais.

<sup>16</sup> As “Confissões” de Rousseau são consideradas pelo autor, um texto autobiográfico inaugural, com a intenção de mostrar “a linguagem como condição necessária do eu, e não somente expressão, meio, instrumento ou veículo de um hipotético eu substancial: o eu não é o que existe por trás da linguagem, mas o que existe na linguagem” (LARROSA, 1996, p. 30-31).

eu”, que os sujeitos produzem verdades sobre si ao se observar, se decifrar, se interpretar, se julgar, se descrever, se narrar, se dominar, isto é, quando o sujeito faz determinadas coisas consigo mesmo (LARROSA, 1994).

Ciente da multiplicidade de enfoques que a leitura comporta, penso ser importante para o entendimento do aparato teórico dessa tese elencar alguns desses aspectos.

## **2.1. A leitura em discursos, histórias e práticas**

Fala-se muito em direito à educação. Todos, das mais diversas áreas, se sentem autorizados a discutir sobre educação, criar perguntas<sup>17</sup>, sugerir respostas, traçar planos, estabelecer índices e rankings, dentre uma infinidade de [re]ações e suposições sobre a temática da educação. O direito à cultura (considerando seus diferentes conceitos) e à leitura, porém, adentram esferas mais específicas e ainda mais desafiadoras.

Silva (2012), por exemplo, partindo de uma ênfase na “política da leitura” tece críticas aos “planos decenais” de educação que, orientados para a cura das “chagas sociais” existentes no país, fracassam, nunca atingindo as metas estabelecidas, sendo recriados constantemente. Ao mesmo tempo o autor reconhece o esforço do Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL, que nos últimos anos tem apresentado pequenas conquistas na área da leitura, porém, a passo de tartaruga, pouco acompanhando o extenso rol de necessidades que historicamente ficaram acumuladas (SILVA, 2012, p.12). Para o autor o PNLL ainda não conseguiu equilibrar, com o mesmo grau de importância, a gangorra formada por uma política do livro e uma política da leitura. A gangorra ainda pende para o lado da produção do livro (impresso ou digital), sem que programas mais arrojados e abrangentes, sustentados por investimentos substanciais, sejam acionados para a formação do leitor.

---

<sup>17</sup> No dia 28 de agosto de 2012, o Grupo Rede Brasil Sul de Comunicações – RBS, apresentou sua nova campanha institucional intitulada "A Educação Precisa de Respostas". Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/precisamosderespostas/capa,1429,0,0,0,Home.html> Acesso em 02/10/2012.’

Dados da edição de 2012 da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*<sup>18</sup>, encomendada pela Fundação Pró-Livro e pelo Ibope Inteligência, sugerem que os brasileiros estariam cada vez mais trocando o hábito de ler jornais, revistas, livros e textos (impressos e digitais) por atividades como ver televisão, assistir a filmes em DVD, reunir-se com amigos e família e navegar na rede de computadores por diversão.

Um dado a ser trazido é que embora o resultado da pesquisa enfatize o enfraquecimento do hábito de leitura no país, sobretudo em discursos interessados em divulgar tal nuance, também permite perceber que os brasileiros estariam se mostrando mais otimistas em relação à leitura: 49% deles afirmaram que atualmente leem mais do que no passado, e 28% admitiram que vêm perdendo este costume. Outros 20% disseram que não aumentaram nem diminuíram o costume de ler livros, jornais, revistas ou textos na internet.

Tomo três fatores como importantes ao tomar conhecimento sobre os dados do relatório pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*: primeiro, e em especial, o papel da mídia como responsável pela promoção de discursos que produzem representações de leitores na atualidade; segundo, o fato de que as informações aferidas, nesse relatório,

---

<sup>18</sup> A pesquisa, divulgada em março de 2012, estaria, dentre outros aspectos, sugerindo uma queda no número de leitores no país: de 95,6 milhões, registrada em 2007, para 88,2 milhões, se comparado com dados de 2011, o que representaria uma queda de 9,1% no universo de leitores ao mesmo tempo em que a população cresceu 2,9% neste período. O estudo partiu de uma amostra de 5.012 entrevistas domiciliares, em 315 municípios de todos os Estados brasileiros, que gerou uma base de análise que considerou 88,2 milhões de pessoas, conforme informações coletadas no site. Conforme os dados da pesquisa, as mulheres seriam maioria entre as pessoas com o hábito de ler pelo menos um livro a cada três meses (57%), e as faixas etárias que mais reuniriam pessoas com o hábito de ler são entre 30 e 39 anos (16% do total), entre 5 e 10 anos (14%) e entre 18 e 24 anos (14%). A queda do número de leitores foi apontada em todas as regiões brasileiras, com exceção do Nordeste, que ganhou um milhão de leitores entre 2007 e 2011, e onde a penetração da leitura subiu de 50% para 51%. Hoje, 29% de todos os leitores brasileiros vivem nesses estados, contra 25% em 2007. Por outro lado, no Sudeste, a penetração caiu de 59% para 50% do total da população e hoje responde por 43% do total de leitores, dois pontos percentuais a menos que na última edição da pesquisa. Nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sul vivem 8%, 8% e 13% dos leitores brasileiros, respectivamente. Conforme a pesquisa, os leitores brasileiros teriam lido em média 1,85 livro nos três meses anteriores à pesquisa, número menor que a média de 2007 (2,4). Os textos escolares seriam lidos com maior frequência: 44% dos leitores que leem esse tipo de texto o fazem todos os dias, e outros 44% afirmaram que leem textos escolares de vez em quando. O livro no formato tradicional estaria perdendo espaço para os outros suportes. Por outro lado, quase metade dos leitores (46%) que afirmaram ler livros em geral (ou seja, os que não são indicados pela escola, nem são jornais ou revistas) admitiram que cultivam esse hábito apenas uma vez por mês. Apenas 21% dessa faixa de entrevistados disse que lê livros em geral diariamente. Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=48> Acesso em 02/08/2012. Dados da pesquisa são discutidos na obra: FAILLA, Zoara (org.) *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Pró-Livro, 2012.

partem da perspectiva do consumo de livros impressos, de interesse primeiro do mercado livreiro – um dos principais apoiadores da pesquisa; e, por último, a utilização de dados numéricos – que tem como parâmetro comparativo outros países considerados como exemplares na área da leitura – reforçando, dessa forma, a materialidade do perfil de um leitor imaginado como sendo o “leitor brasileiro”.

Tanto as críticas tecidas por Silva (2012) quanto as discussões referentes à pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, apresentadas acima, encontram em Silveira (2010) importantes discussões, a partir de estudos recentes com abordagem diferenciada que analisa os discursos sobre leitura.

Silveira (2010) em sua análise comparativa de dois planos nacionais – PNL (Plano Nacional de Leitura), de Portugal, e PNLL (Plano Nacional do Livro e Leitura), do Brasil, sobre alguns dos discursos relativos à leitura que têm circulado na contemporaneidade, problematiza com que verdades a leitura e seus poderes estariam sendo reafirmadas em textos de grande prestígio social. Para a autora, os discursos circulantes em textos legais que, por sua vez, ecoam nos discursos acadêmicos e pedagógicos, sobretudo os estatísticos, como os demonstrados nas pesquisas, “inventam novas categorias” e “novas realidades”. No caso específico do uso de números, a autora observa:

acresça-se o prestígio do discurso matemático, frequentemente ancorado em clichês discursivos, do senso comum, de que “números não mentem”, “contra números não há palavras”, “resultados numéricos são indiscutíveis” silenciando-se toda a construção que envolve qualquer pesquisa e quantificação (SILVEIRA, 2010, p. 113).

Vejamos outra abordagem sobre leitura, agora a da História, ao propor alguns entendimentos sobre a leitura nessa ênfase de estudo.

Ao buscar aportes nessa área de estudos sobre a leitura, e aludindo à temática escolhida e à articulação proposta nessa tese, pergunto: como fazer “histórias de leitura”?

Chartier (1998) argumenta que o caminho para se fazer a história da leitura passa não só pelo estudo das práticas de recepção dos textos, mas também dos dispositivos que tentam normalizá-la, modelá-la, controlá-la. Daí sua atenção voltada ao encontro do que Paul Ricoeur chama: “o mundo do texto” e o “mundo do leitor”. Para Roger Chartier: *A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. (...) Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor.* (CHARTIER, 1998, p. 77)

Com base no autor, entendo que cada leitor desenvolve sua forma e maneira de realizar a leitura. Podemos considerar as várias formas de apreensão do texto e as intenções de seu autor, sendo que esse texto apreendido pela leitura não teria de modo algum – ou ao menos totalmente – o mesmo sentido que lhe atribui o seu autor, seu editor ou seus comentadores. O mesmo autor adverte-nos, porém, que esta liberdade leitora não é jamais absoluta. *Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura* (CHARTIER, 1998, p.77). A importância da forma para entendermos os significados das representações é enfatizada por ele, ao postular que devemos levar em consideração a materialidade do texto, entendendo que ele é pleno de historicidade e, portanto, de significação. A maneira como se expressam as representações no artefato analisado relaciona-se com o contexto da época e com o endereçamento a um público leitor apto a decodificar e interpretar os códigos próprios de seu tempo.

O lugar e o ambiente de leitura, por exemplo, também são importantes, pois, conforme o mesmo autor, tais espaços não foram sempre tão livres como se pode pensar. Chartier (1997) – ao tomar a contribuição de Norbert Elias para pensar o processo de civilização – pontua questões que nos desafiam a refletir sobre a história da leitura, em especial, sobre o controle e a liberdade sobre a leitura. Na Idade Média, por exemplo, a normatividade era imposta pela obrigatoriedade do silêncio nas bibliotecas universitárias. Tal normatividade dispunha, por exemplo, que o lugar da leitura deveria “ser separado dos lugares de divertimento mais mundano – aqueles em que se pode beber, conversar e jogar.” No desenrolar do que Elias (1994) denominou de *o processo de civilização*, a história das práticas de leitura, considerada a partir do século XVIII, poderia ser também uma história de liberdade crescente na leitura. É apenas no século XVIII que as imagens passam a representar o leitor na natureza, o leitor que lê andando, que lê na cama, ou seja, “o leitor e a leitora do século XVIII permitem-se comportamentos mais livres” (CHARTIER, 2001, p.78-79). Nesse sentido, a investigação sobre as *experiências cotidianas de leitura* da revista *Seleções* evidenciou relações entre maneiras de ler, espaços, corpos e textos. Com esse propósito, propus algumas questões aos entrevistados sobre o momento de suas vidas em que haviam iniciado a leitura da revista e como era essa leitura. Entre outras que serão melhor apresentadas na seção da metodologia.

Chartier e Darnton são dois historiadores que dialogam sobre a História da Leitura, a partir do questionamento: “como fazer a história da leitura?”. Contudo, os autores apresentam concepções diferentes em relação ao tipo de história a ser produzida. Levando em consideração as diversas maneiras de praticar a leitura, algumas diferenças se mostram importantes, ao focar suas variações.

Chartier propõe três modalidades que regulamentam as variantes de utilização, compreensão e apropriação dos textos. Tais modalidades ajudam a compreender as leituras e os leitores em suas diferenças, sendo elas: contrastes entre as competências da leitura; contrastes entre normas de leitura – que definem para cada comunidade de leitores, usos do livro, modos de ler, procedimentos de interpretação; contrastes entre as expectativas e os interesses que os diferentes grupos de leitores investem nesta prática – *ler para se informar, para se inspirar, por prazer/fruição* (CHARTIER, 1991, p.11). Ao destacar sua própria experiência de *história da leitura*, o autor exemplifica as variantes que utiliza, demonstrando-nos, ao final, as compreensões que resultaram nos significados de suas leituras. Assim, prossegue o autor:

O meu [modo] organiza-se em torno de três polos, geralmente separados pelas tradições acadêmicas: de um lado, o estudo crítico dos textos, literários ou não, canônicos ou esquecidos, decifrados nos seus agenciamentos e estratégias; de outro lado, a história dos livros e, para além, de todos os objetos que contém a comunicação do escrito; por fim, a análise das práticas que, diversamente, se apreendem dos bens simbólicos, produzindo assim usos e significações diferenciadas. Ao longo dos trabalhos pessoais ou de levantamentos coletivos, uma questão central subteu esta abordagem: compreender como, nas sociedades do Antigo Regime, entre os séculos XVI e XVIII, a circulação multiplicada do escrito impresso modificou as formas de sociabilidade, autorizou novos pensamentos, transformou as relações com o poder. (CHARTIER, 1991, p.178)

Robert Darnton (1992) sugere algumas possibilidades para se poder, ou não (conforme o autor), recuperar a *história da leitura* e por conseguinte a *história da cultura*. Darnton aponta sobre a dificuldade desta resposta, obviamente porque, segundo ele, sempre teremos uma visão parcial dela, com o que concordo plenamente. Reconhece, porém, a contribuição da história do livro, pois tal história evidencia dados sobre quem, onde e quando o leitor lia. Entretanto, para o autor ainda permanecem inquietantes as questões de como e por que se lia. Conforme o autor, devemos seguir algumas rotas: procurar os leitores e o material de leitura nos arquivos, buscar o registro dos leitores (estudos micro analíticos/macro analíticos); buscar indícios sobre espaços de leitura (onde se lia?), buscar indícios sobre os modos e os motivos de leitura (como

liam e por que liam?); estudar os modos de aprendizagem da leitura ou de como a leitura era ensinada; estudar as representações da leitura ou como a leitura era pensada, sem esquecer da primazia dos estudos sobre a história do livro, sendo essa uma possibilidade de transmissão e circulação de ideias.

Um olhar atento sobre as discussões apresentadas nos parágrafos acima permite pontuar algumas das principais questões que preocupam a historiografia cultural da leitura. Em primeiro lugar, a questão da variação na forma de ler dos indivíduos, ou dos grupos sociais, ao longo da História. Em segundo lugar, a questão da procura de significados, na totalidade do mundo no qual os leitores estariam inseridos, como uma necessidade que motiva o ser humano à leitura e à representação de novos significados. Por último, a possibilidade de, ao compreender como os indivíduos do passado leram, compreender como eles pensaram as mais variadas questões sobre a vida. Assim, talvez possamos satisfazer nossa própria necessidade de significados.

Lajolo e Zilberman, na abertura da obra *A formação da leitura no Brasil* (1996), descrevem o leitor como sendo um “desconhecido” do qual não se pode escrever uma biografia. Para as autoras, a condição que nos é oferecida seria a possibilidade de narrar sua história – recorrendo a textos literários e não literários – e é isso que apresentam no decorrer de sua obra, traçando a história da literatura na perspectiva do leitor e da leitura. Esclarecem as autoras que a história do leitor no Brasil começou com a expansão da imprensa e desenvolveu-se graças à ampliação do mercado, à difusão da escola, à alfabetização em massa das populações urbanas, à valorização da família e a emergência da ideia de lazer. Para as autoras, ser leitor seria um papel que exercemos, enquanto pessoa física, *constituído de uma função social, para qual se canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas* (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p.14).

Importantes investigações sobre leitura têm lançado olhares para os diferentes modos de produção e impregnação da cultura letrada, materializada através de impressos nos mais variados suportes, nas diferentes modalidades de comunicação – oral, manuscrita, impressa e hipertexto. Integrando meu levantamento bibliográfico inicial, a obra *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*, organizada por Abreu & Schapochnik (2005), aponta tal fato no sentido de visibilizar a necessidade de concentrar esforços em diferentes aspectos relacionados à leitura, sejam eles focados no mapeamento dos contextos de leitura e da formação do leitor, sejam focados nas práticas e modos de apropriação dos textos pelas comunidades de leitores, no

multifacetado campo das hierarquias e diferenças na avaliação dos artefatos textuais, bem como na sua possível repercussão na construção de sentidos.

O que destaco, a partir da leitura de tal obra, é a grande quantidade de possibilidades de investigações que se abrem ao buscarmos entender as relações que se estabelecem entre texto, leitor e material de leitura. Compreender como se dão tais relações cotidianas com a leitura, sobretudo, ao pesquisar leitores que se consideram assíduos de um determinado artefato, pode abrir outras perspectivas de interpretação.

A partir dessa exposição sobre o tema de minha pesquisa e uma vez apontado o objeto empírico e a fonte selecionada para investigação – quais sejam a *Seleções do Reader's Digest* e a narrativa de seus leitores sobre a leitura desta revista, apresento algumas questões com vistas a melhor expor meu foco investigativo. Tais questões são assim definidas:

**- como são narradas pelos leitores as relações leitor/texto/leitura, tomando como foco o artefato selecionado?**

**- que lembranças de leitor emergem através deste olhar para o passado?**

**- de que modo o ato de leitura das matérias impressas na *Seleções* pode ser relacionado, com dimensões de experiência, prática, memória, conhecimento e subjetividade?**

Tenho como suposição que os elementos acima elencados em forma de questões formam o conjunto de condições necessárias e pertinentes para a realização de um ato de leitura aprofundado desse artefato cultural e das narrativas produzidas/produtoras a partir da sua leitura.

### **3. Das ancoragens do estudo**

A Educação arrasta consigo a potência de se conjugar num constante diálogo com campos disciplinares diversos: a filosofia, a psicologia, a sociologia, a história – longa seria essa série se nos propuséssemos a esgotá-la (SIMONI; RICKES, 2008, p.98).

Nós, pesquisadores do campo educacional, muitas vezes nos vemos imersos em territórios fronteiriços. Encontramo-nos, em muitos momentos, em territórios denominados de “próprios” de outras áreas ou mesmo de distintos campos do conhecimento, conforme lemos na epígrafe que abre essa seção.

Tenho como objetivo, nessa seção, indicar o referencial teórico-metodológico que orienta minha pesquisa, apresentando a articulação que me é possível fazer a partir dos Estudos Culturais no âmbito da pesquisa pós-estruturalista em educação. Inicialmente, destaco que o Campo dos Estudos Culturais permite-me transitar “livremente” nos mais diversos territórios.

Os Estudos Culturais articulam-se com muitas áreas do conhecimento e encontram sua inspiração teórica, entre outras vertentes, no feminismo, no pós-modernismo e no pós-colonialismo, comprometendo-se com questões de raça, gênero, classe, etnia, entre outros marcadores sociais; marcadores esses imbricados em conexões complexas de poder. Mais do que um movimento acadêmico e/ou teórico, os Estudos Culturais estão interessados na articulação com diferentes movimentos sociais e culturais, articulando-os, por vezes, com o engajamento e a luta política, de forma a evitar os mesmos universalismos que demasiadas vezes têm caracterizado as práticas dominantes de produção de conhecimento, *e que têm contribuído para o estabelecimento e manutenção das mesmas relações de domínio, desigualdade e sofrimento que os estudos culturais desejam transformar.* (GROSSBERG, 2008, p. 18).

Autores como Canclini (1989; 2004), Hall (1997, 2006), Jameson (1996) Costa (2002; 2004), dentre outros, nos mostram como vivemos sob a centralidade da cultura, e como tal dimensão modifica radicalmente nossa relação com as coisas e os artefatos culturais. Há neles, certa insistência em chamar nossa atenção para a centralidade dos artefatos da cultura e sua implicação nos modos de vida nas sociedades da segunda metade do século XX. Fredric Jameson (1996) afirma que a lógica desse tardio estágio do capitalismo que vivemos hoje é "cultural".

No panorama dessas discussões sobre a cultura, há uma concepção bastante interessante, de inspiração pós-moderna, que tende a nos mostrar o mundo como um texto. Com a “virada linguística”, foi posto em relevo este modo de conceber a linguagem, mostrando o papel fundamental que esta desempenha na instituição dos sentidos que atribuímos às coisas do mundo. Entendo, segundo essa perspectiva, que os significados não estão dados para sempre – eles são sempre transitórios, passageiros, superáveis porque constituídos na trama cotidiana da história. Os significados não correspondem a uma qualidade essencial do objeto a ser investigado; evidencia-se a não essencialidade desse objeto, a partir do entendimento de que a essência das coisas nada

mais é do que uma invenção humana, instituída nas trocas e negociações de sentido que estabelecemos intersubjetivamente. Tudo aquilo a que modernidade nos ensinou a chamar de “realidade” não seria mais do que um conjunto de histórias, relatos que têm nos contado como as coisas são. E essas histórias são sempre uma “invenção”.

A expressão “invenção”, usada com frequência em diversos contextos das ciências humanas, pelo menos nas últimas três décadas, *ênfatiza a dimensão genética das práticas humanas, independentemente do que considerem determinantes ou fundantes da realidade ou de suas representações*. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007: p. 19). Nesse sentido, os homens inventariam a História através de suas ações e representações, pois

a História possui objetos e sujeitos porque os fabrica, inventa-os, assim como o rio inventa o seu curso e suas margens ao passar. Mas estes objetos e sujeitos também inventam a história, da mesma forma que as margens constituem parte inseparável do rio, que o inventa. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007: p. 35 e 36).

Amparo-me nos estudos da área da História por reconhecer sua ancoragem na construção da escrita dessa investigação, pois entendo, a partir de Michel de Certeau (2002), que o termo *história* sugere uma peculiar aproximação entre uma operação científica e a realidade por ela analisada. Certeau propõe que se considere a história como uma operação e, ao encará-la dessa maneira, necessariamente, seria entendida como limitada, pois o autor compreende-a como uma relação *entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura)*. (CERTEAU, 2002, p. 32)

Vem dos estudos dessa área o entendimento dos indivíduos como personagens da história. Tal reconhecimento teria sido uma forma encontrada de se contrapor a historiografias centradas nas categorias coletivas, contribuindo para a colocação da dimensão inventiva das práticas humanas como uma preocupação dos historiadores. Tais concepções ganharam maior evidência, sobretudo, através da chamada Nova História, que normalmente é identificada com a terceira geração da Escola de Annales<sup>19</sup>,

---

<sup>19</sup> Conforme Burke (1991) a *Escola dos Annales* foi um movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX. Desde o seu surgimento, a *Escola de Annales* teria passado por quatro fases tendo alguns nomes importantes como representantes de cada uma. A primeira delas, a fase de fundação, é identificada por seus criadores Marc Bloch e Lucien Febvre. A segunda fase, já em torno de 1950, seria caracterizada pela direção e produção de Fernand Braudel. A partir da terceira geração a *Escola dos Annales* passaria a receber uma identificação mais plural, na qual se destacaram vários

a partir da qual a historiografia passa a ser influenciada pelos filósofos pós-estruturalistas, entre eles Michel Foucault, ou a historiografia de base da hermenêutica sob a influência de autores como Paul Ricoeur e Michel de Certeau, *ao darem primazia à análise das atividades descritas como culturais ou mais ligadas ao campo das práticas simbólicas, do imaginário ou dos discursos*, que também irão contribuir para que a dimensão inventiva humana e da própria historiografia fosse ressaltada. (ibidem, p. 21)

As possibilidades advindas dos aportes da área da história em uma investigação como a dessa tese, permite o esquadramento da relação produtora entre artefato cultural e seus “consumidores”. Ou seja, permite esquadrihar determinados “sistemas de significação” que estão entre material de leitura e leitor, identificando as representações ali construídas. A representação, nesse caso, nos “diria algo” sobre esse social, obviamente sem pretender dar conta da sua totalidade. Contudo, criaria possibilidades de interrogar sobre as condições de surgimento.

Entendo que os artefatos da cultura, como a televisão, os jornais, as revistas, as propagandas, praticam pedagogias, isto é, nos ensinam coisas, nos contam histórias, nos dizem como as coisas são, como as coisas não são e como as coisas devem ser. Nesse contexto, por exemplo, a partir da articulação dos Estudos Culturais aos Estudos Feministas e de Gênero, é possível trazer contribuições valiosas no sentido de problematizar a conjuntura das desigualdades vivenciadas pelas mulheres. As discussões de gênero promovem um redirecionamento significativo destas questões, permitindo lançar um olhar sobre as relações sociais e a formação das identidades, a fim de problematizar as situações de igualdade/desigualdade que se estabelecem, sempre, em relação ao outro. Isto implica dizer que uma análise de gênero focaliza a relação entre os sexos em contextos sociais e culturais específicos.

Aprendi, com autores como Hall (2006) e Woodward (2000), que a identidade não é fixa, essencial ou permanente. Nossa identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados

---

pesquisadores como Jacques Le Goff e Pierre Nora. A quarta geração da *Escola dos Annales* abrangeria um período que se inicia em 1989, momento em que haveria um desenvolvimento notório da História Cultural e emergência dos grandes nomes que a representam, como por exemplo, Georges Duby e Jacques Revel. *Fonte: BURKE, Peter. A Escola dos Annales: 1929-1989. São Paulo: Edit. Univ. Estadual Paulista, 1991.*

nos sistemas culturais que nos rodeiam. Por definição histórica e não biológica, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente.

Identidade é um conceito que tem sido extensamente discutido nos últimos anos, conforme autores contemporâneos como Bauman (2005), Hall (2006) e Woodward (2000). Como infere Bauman (2005), se até há algumas décadas a identidade *não estava nem perto do centro do nosso debate, permanecendo unicamente um objeto de meditação filosófica [...]. Atualmente, entretanto, a “identidade” é o “papo do momento”, um assunto de extrema importância e evidência.* (BAUMAN, 2005, p. 23, grifos do autor).

Outro destaque fica por conta do tipo de análise a ser feita no material. O artefato será analisado a partir da análise do discurso numa perspectiva crítica. Esse tipo de recurso de análise encontra aporte na teoria pós-estruturalista do discurso que examina como a escrita, os textos e os discursos constituem fenômenos construtivos, moldando as identidades e as práticas dos sujeitos humanos (LUKE, 2000).

Inspirada em autores como Silveira (2007), Arfuch (1995) e Larrosa (1994) entendo ser a entrevista um modo interessante e produtivo de construir dados. Ao proceder a sua análise é necessário, entretanto, atentar para o caráter crucial que tem a narrativa na invenção e na construção identitária. Localizando a entrevista como um gênero discursivo, Silveira (2007) e Arfuch (1995), inspiradas em Bakhtin, salientam seu caráter “dialógico”, já que, conforme as autoras, a concepção de todo e qualquer enunciado é radicalmente marcado pela suposta existência “concreta” de um interlocutor e de um destinatário.

Com base em tais estudos, entendo as entrevistas como *eventos discursivos complexos*, pois, conforme propõe Silveira (2007), além de serem forjados na dupla entrevistador/entrevistado, *também os são pelas imagens, representações, expectativas que circulam – de parte a parte – no momento e situação de realização das mesmas e, posteriormente, da sua escrita e análise* (SILVEIRA, 2007, p. 118).

É importante destacar, também, que considero como instrumental teórico em minhas análises algumas contribuições do pensamento de Michel Foucault<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> Contudo, uma ressalva: esclareço que esta não é uma pesquisa que utiliza especificamente a análise do discurso *foucaultiana*; faço uso dessas leituras extraindo algumas contribuições que julguei pertinentes, mas este não é um trabalho, especificamente, de categorias de uma análise arqueológica do discurso.

Segundo essa perspectiva é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é particular. Ou seja, há uma necessidade constante de tentar desprender-se de um longo e eficaz aprendizado que muitas vezes nos faz olhar para os discursos apenas como um conjunto de signos, cujos significantes se referem, de forma fixa, a determinados significados. Para Foucault analisar o discurso seria dar conta de relações históricas, de práticas concretas que estariam “vivas” no discurso. Nas suas palavras: *Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. [...] É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever* (FOUCAULT, 1998, p.56). Abordar a temática da leitura numa pesquisa que se utilize de alguns instrumentos teóricos reconhecidos como *foucaultianos* supõe tornar mais claras as relações de poder entre artefatos da cultura e sujeitos leitores. O campo mais amplo da análise pós-estruturalista, ao qual a produção desse autor se associa, está centralmente envolvido em explicar os compromissos (das práticas) com o poder.

Ao nos conceder instrumentos teóricos para pensar os vários enfoques referentes à vida em sociedade, os estudos de Foucault permitem localizar a leitura como estando envolvida em questões de poder. O poder para esse autor não seria substância, fluido, algo que decorreria disto ou daquilo, ou mesmo algo positivo ou negativo. Para o autor o poder seria algo como um conjunto de mecanismos e de procedimentos que tem como papel e tema, justamente o próprio poder. O poder estaria no cerne de todas as relações, sendo parte intrínseca e circulante, sendo a causa e o efeito das relações (FOUCAULT, 2008). Desta forma podemos localizar a leitura como estando contextualmente imbricada em toda uma trama que nutre e constrói a relação saber-poder.

As narrativas produzidas nessa pesquisa, sobretudo aquelas que emergiram dos enunciados dos entrevistados, são entendidas como construtos de um trabalho minucioso de minha atuação como pesquisadora. Na medida em que busco descrever os diversos modos pelos quais foi tecido, discursivamente, o social, o estarei entendendo como constitutivo da linguagem e do discurso, ambos imersos nas relações de poder da qual nos fala Foucault.

Considero que as discussões apresentadas nas duas seções acima apresentaram parte dos aportes teóricos que sustentaram este estudo. Outros, porém, já foram apresentados na seção anterior, sendo que alguns ainda serão retomados na seção da metodologia, ou mesmo ao longo das discussões.

### 3.1. Estudos realizados da revista *Seleções*

Em levantamento realizado durante a produção dessa tese<sup>21</sup>, encontrei oito trabalhos acadêmicos em cursos de pós-graduação, no Brasil, que tiveram a *Seleções*, na sua versão em português, como objeto de estudo. São eles: duas teses de doutorado e cinco dissertações de mestrado, na área da História, e uma monografia de curso de especialização, na área da Comunicação.

Um dos primeiros estudos, e talvez um marco inaugural de análise desta revista no Brasil – seja pela sua originalidade, seja pela sua rica contribuição aos estudos posteriores, conforme levantamentos iniciais que realizei, é a tese de Doutorado de Anne Mary Junqueira, intitulada *Ao Sul do Rio Grande imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*, da área da História Social, da USP defendida em 1999<sup>22</sup>. Junqueira analisa as visões e representações construídas sobre a América Latina, partindo “da compreensão do universo simbólico norte-americano, que tem no tema do Oeste, na ideia do *wilderness* e no mito da fronteira alguns de seus componentes centrais”. A partir deste enfoque, a autora mostra como a revista criou uma analogia entre América Latina e o “novo-oeste”, território a ser conquistado, e seus primitivos habitantes, civilizados. Para a autora, tal analogia foi possível a partir de suas conclusões de que, na perspectiva da revista, os Estados Unidos são um exemplo para o mundo e as outras sociedades, de uma maneira em geral, precisariam aprender com eles seu modelo de “civilização”. Assim como a própria expansão para o Oeste, ocorrida nos Estados Unidos, que tinha no pioneiro e no *cowboy*

---

<sup>21</sup> Utilizando os descritores: “Seleções”, “Seleções do Reader’s Digest” e “Revista Seleções”, o levantamento foi realizado através do banco de teses e dissertações da CAPES. Já a monografia do Curso de Especialização foi encontrada a partir da leitura de alguns artigos da área da Comunicação publicados em periódicos.

<sup>22</sup> Cabe o registro de que, como obra consultada para essa tese, utilizei-me da obra da autora, com o mesmo título de sua tese, publicada pela Universidade São Francisco - EDUSF, Bragança Paulista, 2000.

os protótipos dos indivíduos empreendedores, capazes de pleno domínio da natureza, os latino-americanos teriam no modelo americano o ideal a ser conquistado.

Um segundo trabalho é representado pela Tese de Doutorado de Silvio Luiz Gonçalves Pereira, igualmente da área da História Social, USP, defendida em 2006, intitulada *Seleções do Reader's Digest – 1954-1964: um mapa da intolerância política*. A abordagem de Pereira focaliza a atuação da revista mensal brasileira, sob a responsabilidade da Editora Ypiranga S.A., entre os anos de 1954 e 1964, na propaganda pró-ocidente durante os anos da Guerra Fria. Apoiando-se na questão da intolerância, seu estudo percorre dois caminhos: no primeiro foram selecionados para a análise artigos que veiculavam a temática anticomunista, buscando com isso apreender alguns elementos que envolviam as disputas entre os Estados Unidos e a União Soviética durante a Guerra Fria, e as representações que os norte-americanos construía sobre seu opositor, tentando justificar a superioridade da democracia e das liberdades existentes no Ocidente, frente à “tirania presente nos regimes comunistas”. Conforme o autor, os artigos veiculados na revista revelavam a agressiva propaganda anticomunista, manifestada pela demonização do outro – o comunista, *que é considerado pelos autores como sendo do reino do mal, da tirania e do desapego aos valores da família, da prosperidade e da ordem* (PEREIRA, 2006, p. 185). O segundo caminho escolhido pelo autor centrou-se nas análises das relações entre a revista e o mercado brasileiro da imprensa e suas articulações com o campo político-parlamentar, tendo por base os trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI nº 33/63, formada em julho de 1963 na Câmara de Deputados, para investigar a atuação das empresas jornalísticas estrangeiras que editavam revistas no país, como era o caso da Editora Ypiranga S.A. responsável pelas edições da *Revista Seleções do Reader's Digest*, na época. As empresas estrangeiras foram acusadas de abuso do poder econômico e de serem veículos das influências antinacionais, desafiando a soberania nacional. Como parte dos recursos metodológicos utilizados pelo autor, nesse segundo caminho, consta o que ele chama de história oral, através de entrevistas com dois grupos de entrevistados: dois funcionários da revista que trabalharam entre 1950 e 1960, no Brasil – uma redatora e um gerente de marketing – e seis ex-leitores da revista residentes na cidade de Barretos em São Paulo – que leram a revista naquela época.

Constitui Dissertação de Mestrado o terceiro trabalho encontrado. Sendo de autoria de Lenita Jacira Farias Raad, foi defendida no Programa de Pós-Graduação em

História da UFSC, em 2005, e é intitulada: “... *denunciando os males do comunismo*” : *o anticomunismo na revista Seleções Reader’s Digest (1950-1960)*. Raad analisa o anticomunismo na revista *Seleções*, nas décadas de 1950 e 1960, quando, segundo a autora, emergiu uma nova onda de temor comunista, em decorrência da vitória da Revolução Cubana. A partir desse acontecimento, a revista passou a empreender uma campanha de denúncia, advertindo sobre o “perigo vermelho” que ameaçava a América Latina, agindo em consonância com o discurso anticomunista dominante liderado pelos Estados Unidos. Segundo a autora, nos embates que envolveram a disputa pela hegemonia mundial, no período da Guerra Fria, a revista foi utilizada como valiosa aliada na divulgação da ideologia do *american way of life*.

É também uma Dissertação de Mestrado o quarto trabalho, cujo autor é Charles Scherer Júnior<sup>23</sup>. Sua dissertação foi defendida no Programa de Pós-Graduação em História – PPGH da PUCRS, Porto Alegre, em 2004, e teve como título: *Texto e Contexto: a Revista Seleções do Reader’s Digest e a difusão da ideologia norte-americana, no Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial, 1942/1945*. A abordagem do autor é embasada na análise das matérias publicitárias veiculadas na *Seleções* no período compreendido entre 1942 e 1945, tendo como objetivo *aferir de que forma se processou alguns aspectos da ideologia norte-americana, no Brasil* (sic). O estudo buscou salientar as “formas simbólicas” mediadas por *Seleções – experiências, crenças e concepções* – concluindo que tais simbolismos estavam, especificamente, inseridos num contexto social e histórico onde o processo de difusão da ideologia norte-americana seria um empreendimento premeditado e executado com o fito de cooptar os “corações e mentes” da sociedade brasileira da época da Segunda Guerra mundial, ou seja, seriam estratégias para “americanizar” os brasileiros.

Outra Dissertação de Mestrado que encontrei constitui o quinto trabalho. De autoria de Lorena Beghetto, foi defendida na Universidade Federal do Paraná em 2004, também na área da História com o título *O Pesadelo comunista ameaça o Ocidente: O anticomunismo nas revistas Seleções do Reader’s Digest, (1946-1960)*. A autora buscou analisar as representações do discurso anticomunista veiculado nas revistas *Seleções do*

---

<sup>23</sup> O mesmo autor – Charles Scherer Junior, defendeu, mais recentemente, em 2009 tese de Doutorado intitulada *A revista Selecciones del Reader’s Digest e a constituição da imagem dos estereótipos do american way of life: 1940/1950*, na mesma universidade e área; entretanto, tal estudo teve como objeto empírico a revista na sua versão em espanhol – a *Selecciones*, ficando de fora, portanto, da listagem que aqui considere.

*Reader's Digest*, publicadas entre os anos de 1946 e 1960 concluindo que através de seus discursos, *Seleções* fazia associações diretas entre o mal, o pecado e os medos dos seus leitores. Dessa forma o comunismo foi sendo criticado pela revista em reportagens que destacavam os problemas sociais existentes nos países comunistas, como a carência de bens materiais, conforto e alimentos. Quanto aos Estados Unidos, o comunismo foi apresentado como o causador de desordens sociais no mundo do trabalho. Com estas representações, a revista favoreceu os interesses das elites empresariais norte-americanas, já que estes grupos utilizaram o discurso anticomunista para conseguir privilégios políticos e econômicos.

O sexto trabalho, de autoria de Érica Gomes Daniel, também é Dissertação de Mestrado, e foi defendida na UFRJ em 2006, na área de História Social, com o título *A Guerra como Slogan: visualizando o Advertising Project na propaganda comercial da revista Seleções do Reader's Digest 1942-1945*. A abordagem de Daniel centra-se no setor publicitário e nos anúncios veiculados na Revista *Seleções* no período de 1942-1945 – aproximando-se de trabalho de Scherer Junior. O interesse da autora, porém, centra-se em analisar a formulação pelo *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* do projeto *Cooperation with U.S. Advertisers in the other American Republic*. A autora buscou entender como este órgão incentivou exportadores, comerciantes e industriais privados norte-americanos, anunciantes na América Latina, a continuarem a anunciar, apesar das dificuldades de se atender aos pedidos no período da Segunda Guerra Mundial; os editores incentivavam também que, nos anúncios, fossem publicadas mensagens que remetessem à *política da boa vizinhança*<sup>24</sup>. O intuito foi discutir a forma como a propaganda comercial de produtos norte-americanos foi feita durante o período da Segunda Guerra Mundial, sendo este período, segundo a autora, um momento de divulgação da política de boa vizinhança. A autora identificou em seu estudo a aliança entre os interesses do setor privado e do governo norte-americano, que,

---

<sup>24</sup> Utilizo-me de Junqueira (2000) para explicar que a política de *Boa Vizinhança* foi proposta por Franklin D. Roosevelt em 1933, e tinha como objetivo acabar com a intervenção armada norte-americana na América Latina, ocorrida nas primeiras décadas do século XX, nos países da América Central e Caribe. Após o *crash* da bolsa de Nova York em 1929 e o início da Grande Depressão, os Estados Unidos passariam por vários problemas internos, precisando, então, mudar suas táticas de domínio na América Latina. A Doutrina Monroe e o seu corolário foram repudiados no início da década de 1930, por serem considerados agressivos e prejudiciais para a imagem do país na comunidade internacional. A política de Boa Vizinhança fixava o princípio do pan-americanismo, na perspectiva de uma América como a terra da liberdade, com a ideia de uma comunidade americana de nações, que provocaria a criação de uma “solidariedade” continental e, ao mesmo tempo possibilitaria a abertura de um canal de comercialização e novos mercados para a indústria norte-americana que viria a se estabelecer no pós-guerra.

respectivamente, buscavam novos mercados de consumo objetivando construir uma posição hegemônica sobre a América Latina.

O sétimo trabalho consultado é constituído pela Dissertação de Mestrado de Denise Rugani Töpke, defendida na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, em 2007, na área de Comunicação Social com o título *Miss Anos Dourados: as representações da mulher nos anúncios de Seleções do Reader's Digest*. A autora aborda, em seu estudo, as representações da mulher em anúncios de higiene pessoal e beleza presentes na revista *Seleções* em edições que circularam na década de 1950. A autora percorre 116 revistas, selecionando vinte anúncios publicitários de higiene e beleza para realizar suas análises. Semelhante às conclusões já referidas nos estudos de outros autores, que também analisaram a *Seleções*, Töpke (2007) reitera que a publicidade *funcionava como um veículo de propagação e sustentação de propaganda ideológica do American Way of life*, com um diferencial, proposto pela autora, de que a *Seleções* estaria *vendendo um tipo-ideal especial de mulher: a rainha do lar*.

O oitavo e último trabalho consiste em monografia de curso de especialização em Comunicação Social do Departamento de Jornalismo da FACOM/UFBA, defendido em 2002. Nesse trabalho a autora apresenta a estrutura e o funcionamento da editora responsável pela publicação da revista, bem como as características da revista, a partir de uma abordagem técnica. Aponto esse trabalho pelo fato de utilizar duas entrevistas: uma realizada com Sérgio Charlab – editor-chefe da *Seleções*, no Brasil, na época da feitura do trabalho e que continua com a mesma função até este momento (2013), e a outra, com o então Gerente de Marketing, Ricardo Chia.

Como se pode observar, há relativamente poucos estudos acadêmicos que tomam a *Seleções*, na sua edição em português, como objeto de investigação frente às possibilidades que ela nos oferece e principalmente pela pouca diversidade de enfoques. O ponto de interesse de investigação mais reiterado, localizado na área da História, são as representações dos discursos anticomunistas veiculados na publicação, como se pode ver na tese de Doutorado de Pereira (2006) e nas Dissertações de Mestrado de Raad (2005), Scherer Junior (2004) e Beghetto (2004).

Além disso, apenas um dos estudos apresentados acima – o de Pereira (2006) – realizou entrevistas com leitores da revista, mas a abordagem dessas é muito sucinta. Através do relato oral o autor identificou evidências sobre as questões do anticomunismo nos depoimentos de ex-leitores. Nesse sentido, penso que o presente estudo se distancia dos já realizados, ao focalizar a leitura desse artefato cultural a partir

dos dois eixos, conforme referido anteriormente, quais sejam: análise das edições da revista que circularam nas décadas referidas pelos entrevistados e *as experiências cotidianas de leitura* realizadas por seus leitores. Também se constitui como único estudo até o presente momento fundamentado em áreas e campos diferentes daqueles que até então já examinaram essa mesma publicação – como no caso da História Social e da Comunicação –, sendo tais campos, no caso do estudo que realizei, o da Educação e dos Estudos Culturais.

#### 4. “Navegar é preciso” ou das ferramentas para a constituição dessa tese

Sou rio, pois sei que meu saber é composto de muitos outros, sei que não sou a origem do meu saber, não sou o sujeito fundante da história que faço, sou fundado por uma sociedade, por uma cultura, por formações discursivas, por práticas de poder e linguagem, sou um estuário que vem desaguar muitos arquivos. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 35-36).

Nós, pesquisadores do campo educacional, em algumas vezes navegamos em águas calmas, límpidas, e em outras, turvas, revoltas, interceptadas por afluentes, correntes, diversos materiais (orgânicos e inorgânicos). Contudo, ao navegarmos, descobriremos que o rio que navegamos *nasce de matéria diferente de que é composto, descobriremos o momento em que o rio é pedra, é areia, é mato, é filete de água, descobriremos que o rio nunca é feito sempre do mesmo material* (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 35-36). Inspirada em Albuquerque Junior (2007), busco, nessa seção, apontar os materiais que me auxiliaram a construir minha navegação/investigação nesse rio – tese de doutorado. Nessa seção busco “abrir alguns arquivos” de como foi construído esse percurso.

Na qualificação do projeto dessa tese, o último capítulo recebeu o título *A caminhada contínua: o método em constante devir*, pois pretendia, naquele momento, mostrar o quanto a trajetória até ali havia sido construída de várias porções, recheios, poucas certezas, muitas dúvidas e aspirações/inspirações. Ao mesmo tempo queria deixar claro o quanto tudo se encontrava em *constante devir*. Eu mesma e minha trajetória de doutorado, o tema, o objeto, as leituras, a metodologia escolhida, enfim, muita coisa havia sido organizada para chegar até ali, mas, a partir de então muito mais precisava ser feito. Expliquei, naquele momento, como havia chegado e como havia materializado a trajetória naquela escrita, formatada daquele modo, como o projeto de

pesquisa apresentado. De lá para cá, algumas coisas permaneceram, outras foram excluídas, muitas foram acrescentadas: encantamento, maiores entendimentos, mais algumas dúvidas... São as composições e decomposições, acréscimos, desvios, decisões... Pois entendo que isso faz parte de uma navegação e, como nos ensina Fernando Pessoa, “navegar é preciso”.

E é em relação a essa navegação, sobre essa construção/desconstrução, dificuldades, escolhas, aportes, enfim, esses procedimentos, que farei a exposição que segue.

Ao iniciar essa investigação um mundo de possibilidades e buscas se abriu à minha frente. Levando em conta o objeto e o tema que escolhi, e, ciente da multiplicidade de abordagens investigativas que o mesmo oferecia, percebi a necessidade em delimitar minhas análises. Parte disso já havia sido feito no projeto, porém tive que traçar os limites. Foi muito difícil, para mim, delimitar, pois a temática e o objeto que escolhi cada vez abriam mais caminhos e abordagens, à medida que eu ia analisando, investigando, colhendo dados.

Uma grande abertura temática se deu em função das apresentações e publicações que fui fazendo ao longo do doutorado. Isso me permitiu maior apropriação do objeto e ao mesmo tempo, envolveu diretamente posicionamentos em relação à metodologia. Explico. Logo após a apresentação do projeto iniciei uma série de produções com vistas a participações em eventos nacionais e internacionais (dois, sendo um deles em Portugal) – para os quais elaborei artigos, que resultaram em apresentações orais, publicações em anais e uma publicação em revista nacional. A partir das análises da *Seleções*, elaborei trabalhos explorando e problematizando temáticas ligadas a gênero, infância, publicidade, consumo, leitura e docência. Percebi que tais temáticas tinham presença garantida nas variadas matérias da revista, sendo constantes em crônicas, condensação de livros, piadas, contos e até em material publicitário. Portanto tinha em mãos um material riquíssimo a ser problematizado. A produção que resultou dessas análises me motivou imensamente. Cheguei a pensar em ficar somente com a análise do artefato e declinar das entrevistas, pois a cada trabalho aprofundado percebia maior amplitude e possibilidades de análise no material. Mas, mesmo diante dessa situação de incerteza, iniciei a maratona das entrevistas, conforme constava no projeto no momento da qualificação.

Ao participar de um evento em Portugal, destaco um momento que considerei decisivo para a escolha do rumo dessa tese. Ao realizar a apresentação de meu trabalho

– *Mulher na revista Seleções do Reader's Digest (1950-1960): representações (re)configurando identidades* – fui interpelada pela emoção de uma das espectadoras, com quem fui conversar ao final da apresentação. A espectadora me falou sobre o quanto a apresentação que assistira havia mexido com sua emoção e com sua memória. Relatou brevemente sobre o quanto se lembrava da revista (pois ela e sua família haviam sido leitores assíduos), e o quanto as discussões apresentadas a impulsionaram a recordar sua trajetória como mulher, considerando algumas das categorias que eu havia apontado em meu trabalho. Essa espectadora é brasileira, residente em Petrópolis, no Rio de Janeiro<sup>25</sup>, e veio a se tornar uma de minhas entrevistadas. Esse fato muito me tocou e me levou a um incentivo maior para a retomada das entrevistas, com maior empenho, ao reconhecer a possibilidade de estarem repletas de belas *histórias de leitura*. Assim, naquele momento, confirmei um dos caminhos que eu iria seguir. Caminho esse que já havia sido sinalizado pela banca de qualificação do projeto e que agora recebia uma maior densidade após o desenvolvimento daqueles estudos. Voltei-me então, para as entrevistas, como uma das principais fontes de coleta de dados para meu estudo.

#### **4.1. Das entrevistas ou “dos momentos de conversa”**

O redimensionamento do número de entrevistados foi uma opção necessária, considerando o material que poderia ser extraído das entrevistas. Já no projeto submetido à apreciação da banca examinadora, duas entrevistas haviam sido realizadas. Até aquele momento, pretendia entrevistar vinte pessoas. Entretanto, após visibilizar a quantidade de material que ia sendo produzido, à medida que as entrevistas iam sendo realizadas, eu e minha orientadora, de comum acordo, optamos por reduzir para doze o número de entrevistados. Alguns números dessa produção: 30 horas de entrevistas gravadas, cada entrevista com uma média de duração que variou entre uma e três horas – sendo que uma das pessoas foi entrevistada por duas vezes – resultando em 145 páginas digitadas de transcrições<sup>26</sup>.

Conforme referido anteriormente, inspirada em autores como Silveira (2007), Arfuch (2002) e Larrosa (1994), entendo ser a entrevista um modo interessante e

---

<sup>25</sup> Por esse motivo sua entrevista foi realizada via e-mail.

<sup>26</sup> Todas as transcrições foram feitas por mim.

produtivo de colher dados. Ao proceder à sua análise é necessário, entretanto, atentar para o caráter crucial que tem a narrativa na invenção e na construção identitária.

Ao trabalhar com a ideia de discurso, deixo de lado as explicações únicas, as interpretações fáceis, a universalidade de um conceito e a busca de um sentido oculto das coisas, a fim de atentar para as coisas ditas, e para o que o próprio discurso põe em funcionamento: uma “arena de significados” (SILVEIRA, 2007), cultural e socialmente situados.

É preciso dizer também, sobre o quanto os trabalhos de Silveira (2002; 2004; 2007) me serviram de inspiração, por utilizar-se frequentemente da análise do discurso como metodologia em suas investigações, entendendo-a e direcionando-a para uma análise do *discurso narrativo*.

Explorando mais esse ponto de vista da autora, o entendimento de Silveira (2004) em um de seus artigos – *Discurso, escola e cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação*<sup>27</sup> – sobre a análise do discurso, que julgo bem esclarecedor. Em seu artigo a autora elucida alguns tópicos importantes para se fazer uso das análises de narrativas em trabalhos investigativos. Primeiro, entender o quanto a palavra “discurso” é polissêmica e de extensa utilização nos cenários acadêmicos brasileiros, nos últimos anos, quase sempre associada à expressão “análise do discurso”; segundo ela, há “análises de discurso” de diferentes correntes, todas, porém, reivindicando o seu viés teórico como correspondente à denominação; terceiro, destaque para a unidade de entendimento entre as denominações de “discurso”, por entenderem que a linguagem não é um meio neutro de refletir, ou de descrever o mundo, mas sim de importância central na construção da vida social; e por fim, seleciona e aponta o “tipo de discurso” que considera útil em suas pesquisas – o *discurso narrativo*.

A mesma autora alerta, ainda, para a não utilização de “discurso” e “narrativa” como sinônimos, embora reconheça que, em alguns dos estudos correntes dos Estudos Culturais eles sejam tomados como tal. Com base em Brooker (1998), a autora entende “discurso” como sendo termo que designa formas de representação, convenções e hábitos de uso da linguagem que produzem campos específicos de significados cultural e historicamente situados. E, quanto à “narrativa”, é entendida como um tipo de

---

<sup>27</sup> Texto correspondente à participação da autora na mesa-redonda intitulada “Discurso, escola e cultura”, apresentado no 1º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil em julho de 2004.

discurso que se materializa em textos onde são representadas temporalmente ações conectadas de alguma forma entre si, com determinados personagens ou protagonistas, em que há uma transformação entre a situação inicial e final e/ou intermediárias.

Ao destacar a narrativa como ponto importante de análise e discussões nessa tese, demonstro o quanto considero importantes as narrativas escritas ou faladas como fonte de investigação. Para tanto esclareço que tomei todas as precauções sobre as questões éticas<sup>28</sup> ligadas à identificação daqueles com quem conversei, bem como sobre a utilização de suas falas transcritas. Ao proceder às análises mantive a necessária relação do que é dito com outras fontes que sugerem a utilização da análise dos processos subjetivos de memória, bem como das múltiplas relações entre memória, narrativa e identidade.

Ao trabalhar com narrativas é preciso entender, também, o quanto o tempo está aí imbricado e o quanto a subjetividade humana é temporalmente constituída. Conforme aprendi com Larrosa *o sujeito se constitui para si mesmo em seu próprio transcórrer temporal*. Adverte, contudo, que o tempo da vida, *o tempo que articula a subjetividade não é apenas um tempo linear e abstrato, uma sucessão na qual as coisas se sucedem umas depois das outras*. (LARROSA, 1994, p. 31).

As práticas discursivas nas quais se produzem e se medeiam as histórias pessoais não são autônomas. De acordo com o mesmo autor, estariam incluídas em dispositivos<sup>29</sup> sociais coativos e normativos de tipo religioso, jurídico, médico, pedagógico, terapêutico etc., devendo-se perguntar também pela gestão social das narrativas, pelos poderes que gravitam sobre elas, pelos lugares nos quais o sujeito é induzido a interpretar-se e a reconhecer a si mesmo como personagem de uma narração atual ou possível, a contar-se a si mesmo de acordo com certos registros narrativos. Tais práticas, articuladas na perplexidade que lhe são peculiares, levariam o narrador a tomar, de certo modo, a “consciência de si”.

Para o autor, a “consciência de si” consistiria na articulação entre o tempo e aquilo que o indivíduo considera como sendo o seu eu. Essa articulação seria de natureza essencialmente narrativa. Completa o autor que é por isso que nossa subjetividade é construída no tempo narrado, *pois é contando histórias, nossas próprias*

---

<sup>28</sup> Em anexo segue o modelo utilizado de Termo de Consentimento Informado, assinado por todos os participantes da pesquisa.

<sup>29</sup> Dispositivo é um conceito usado por Foucault, que significa “o conjunto das práticas discursivas e não discursivas, consideradas em sua conexão com as relações de poder” (SILVA, 2000, p. 43).

*histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo (ibidem).*

Dalla Zen (2005), inspirada em Arfuch, Larrosa e Silveira, para discutir narrativas e sua interrelação com temporalidade e identidade, sintetiza muito bem o que seriam histórias imbricadas em identidades. Para a autora,

ao contarmos uma história estamos instituindo o movimento da constituição das identidades. A temporalidade inscrita no agora rearticula, retoma o passado, de modo sempre particular, diferente, sujeito às transformações da redescrição no momento da enunciação (DALLA ZEN, 2005, p. 44).

As narrativas, portanto, reconhecidas como produto das entrevistas, nessa tese, compõem um jogo no qual as pessoas envolvidas (entrevistados e entrevistadora) que ocupam lugares diferentes, e tendo, também, objetivos diferenciados, vão exercendo seu poder. Ou seja, mesmo que, aparentemente, quem entrevista conduza as perguntas para seus objetivos de pesquisa, quem é entrevistado também determina o que vai ser dito sobre o que lhe foi perguntado: *seleciona a sua fala a partir do que considera importante ser expresso, ser conhecido pela entrevistadora ou, ainda, o que ele ou ela acha que a entrevistadora quer ouvir (SILVEIRA, 2002, p. 126).*

As entrevistas, após os momentos iniciais – que, normalmente, são carregados de certa tensão, tanto do entrevistador quanto do entrevistado – ocorreram em clima de uma conversa descontraída. Havia um roteiro previamente elaborado com alguns tópicos principais. O roteiro serviu de base, porém, à medida que a conversa ia se desenvolvendo, algumas, fluíam mais, outras, nem tanto, e novas perguntas e direcionamentos iam sendo incorporados.

O roteiro para orientar minha conversa com os entrevistados, pode ser apresentado sob dois focos, assim distribuídos:

I. Tópicos sobre a circulação da revista nos ambientes domésticos, compra, guarda, manutenção, leitores, etc.

- Cidade em que o entrevistado nasceu e iniciou a escolarização;
- Aspectos de sua escolaridade e grau de formação;
- Aspectos culturais relativos à família; hábitos familiares de leitura;

- Gostos, hábitos e/ou rituais pessoais de leitura; lembranças de leituras realizadas em casa e materiais de leitura: revistas, livros, jornais, etc.
- Primeiros contatos com a Revista *Seleções*;
- Acesso, circulação e leitura da Revista *Seleções*, de um modo em geral;

## II. Tópicos sobre a relação mais estreita do entrevistado com a revista.

- Descrição do início das leituras da Revista *Seleções* (se já lia bem, com desenvoltura); Idade do início da leitura da revista; existência ou não de algum tipo de censura ou restrição (leitura para adultos, para jovens...) em relação à revista ou às leituras;
- Aspectos da leitura e/ou releitura: modo, gestos, preferências;
- Lembrança de alguma matéria marcante lida na revista;
- Lembranças que podem estar vinculadas à leitura de *Seleções*.

Minha desenvoltura como entrevistadora foi melhorando à medida que ia experienciando a metodologia. Comecei a me dar conta do quanto era produtivo que os entrevistados manuseassem exemplares da revista das décadas em que começaram a lê-la, sobretudo as mais antigas, sendo perceptível sua importância, pois atuavam como um estimulador de suas lembranças. Por isso, passei a incorporar tal recurso em todas as demais entrevistas, após as duas primeiras. Previamente, no momento do agendamento da entrevista, colhia algumas informações sobre a possível época em que o entrevistado lia a revista, separava aqueles exemplares do período citado e levava para compor nosso “momento de conversa”.

Sobre a conversa estabelecida na entrevista considerei importante ouvir com atenção as falas do entrevistado, ou seja, tinha que ser uma “boa ouvinte”. Falar menos e ouvir mais, o que às vezes não é tão fácil, pois [nós, pesquisadores] temos que controlar nossa ansiedade de querer esclarecer determinadas questões mais pontuais, já que, por vezes, nesse afã, atropelamos a narrativa do depoente. Entretanto, há momentos que exigem que o entrevistador fale mais. Explico.

Não posso deixar de registrar dois momentos que me exigiram atitudes para fazer fluir a conversa: o momento que eu denominei de “síndrome do silêncio” e a correção de rumos que tive que me lançar no transcorrer das entrevistas. Em relação a “síndrome do silêncio”, por exemplo, esses momentos aconteceram durante algumas de minhas entrevistas, mais especialmente com duas entrevistadas, talvez por serem mais

tímidas. Elas respondiam brevemente à questão proposta, paravam de falar e o silêncio se instaurava. Aliás, não só o silêncio, mas também ocorreram ocasiões, com outros entrevistados, em que houve fugas de assunto, questionamentos sobre a pesquisa ou mesmo às perguntas, entre outras situações. Como bem nos lembra Silveira (2007), nesse “campo de batalha”, como é o caso da entrevista, o que o entrevistador mais teme são os silêncios, as fugas ao assunto, os subterfúgios, ou seja, são os desvios de rota e/ou os questionamentos das próprias perguntas. Tais momentos me desafiavam a buscar novas estratégias e/ou outras provocações que, de alguma forma, estimulassem aquelas mais silenciosas a falar sobre suas lembranças, ou a retomar tópicos para correção de rumos dos assuntos, com aqueles mais dispersivos e eloquentes. Isso denota a importância do papel do entrevistador em uma entrevista disposta a reconstruir histórias, na qual sempre haverá a interferência de quem a ouve e solicita essa reconstrução. Conforme Silveira (2007) e Arfuch (2002), é nesse dialogismo que se estabelece a reinterpretação de significados, o que mostra que uma narrativa acaba sempre sendo um processo cultural, pois tanto depende de quem a produz como de para quem ela se destina. O que quero dizer com isso é que, de alguma forma, entendo que a investigação que usa narrativa pressupõe um processo coletivo de mútua explicação em que a vivência do investigador está imbricada à do investigado.

Ao mesmo tempo, nesse jogo interlocutivo em que eu, entrevistadora, desejava saber sobre as *experiências cotidianas de leitura* dos meus entrevistados, estarei propondo, conforme Silveira (2007), uma espécie de exercício com lacunas a serem preenchidas. Assim, sendo, cabia aos entrevistados tentar se reinventarem como personagens de certa forma com autoria coletiva, assim considerada pelas suas experiências culturais, cotidianas, e pelos discursos que os atravessaram e que, de alguma forma, ressoavam em suas vozes. É exatamente essa a “arena de significados”, que o gênero entrevista pressupõe, arena que, conforme Silveira, completa-se durante e posteriormente, na fase da transcrição da entrevista, com mais um personagem: *o pesquisador, o analista, que – fazendo falar de novo tais discursos – os relerá e os reconstruirá, a eles trazendo outros sentidos* (SILVEIRA, 2007, p. 137).

Conforme já referido, efetuei todas as transcrições, que resultaram em 145 páginas digitadas. Os relatos ofereceram muitos aspectos interessantes para serem lidos: alguns relatos foram ricos em detalhes sobre a leitura da *Seleções*, outros nem tanto; alguns relatos apresentaram detalhes pessoais; outros, aspectos mais gerais; alguns

relatos foram emocionados, outros alegres e descontraídos; enfim, foram relatos lembrados, vividos e reconstruídos, compondo muitas histórias.

Ao ter procedido à leitura das narrativas transcritas, não as li com a intenção de achar alguma verdade ou certeza sobre as trajetórias dos entrevistados, ou ainda com o intuito de interpretar o que os mesmos “pensavam” ou eram. Ao contrário, localizei-as como identidades que se reconstróem e se reinventam, ao serem narradas, e procurei compreender, a partir da análise cultural, o conjunto de práticas e condições que possibilitaram que os mesmos ocupassem as posições de sujeito que ocupam.

As recorrências temáticas encontradas nas narrativas, a partir do que denominei de *experiências cotidianas de leitura*, me levaram a organizar três eixos analíticos que foram assim identificados:

- *Identidades leitoras*
- *“Leitura” da publicidade: uma questão de gênero*
- *“Leitura” de outras mídias*

Tais eixos de análise são apresentadas nos dois principais capítulos dessa tese – III e IV.

#### 4.1.1. Os entrevistados

Estabeleci como critério para ser entrevistado que a pessoa fosse ou tivesse sido, em algum período de sua vida, leitor de *Seleções*, e que estivesse disposta a participar do trabalho. Assim, comecei a buscar possíveis entrevistados. Divulguei entre os meus alunos, enviei e-mails através de listas, contatei com inúmeras pessoas.

Para a localização, contei também com a indicação de colegas do próprio grupo de orientação que sugeriram nomes.

À medida que fui recebendo o aceite dos entrevistados, agendávamos o dia e horário para a realização da entrevista. Mas isso não acontecia, assim, de forma linear. Houve ocasiões em que a entrevista foi cancelada – ou pelo entrevistado, ou por problemas meus (problemas familiares de saúde). Enfim, adversidades colaboraram para o adiamento dos contatos que tiveram que ser reagendados.

São doze o total de entrevistados; destes, nove são mulheres e três são homens. Deste total, cinco (três mulheres e dois homens) nasceram na década de 1930, cinco

(quatro mulheres e um homem) nasceram na década de 1940, uma mulher nasceu na década de 1960 e uma na década de 1970.

A seguir apresento, brevemente, os entrevistados<sup>30</sup>, aqueles que contribuíram imensamente para a realização dessa tese, englobando especialmente, nesse momento, os seguintes aspectos: círculo familiar (estado civil, se têm filhos, netos, etc), domiciliar, escolar, profissional e alguns aspectos relacionados à leitura e a *Seleções*. Tais dados foram selecionados para dar início à composição de importantes aspectos identitários, dos entrevistados. Maiores informações sobre suas *histórias de vida* e de *leitura* virão nos capítulos de análise dessa tese.

- **Alda (1933)** – Com 79 anos, na época da entrevista. Solteira, sem filhos. Professora aposentada, formada em Letras/Francês na década de 1960. Mora em Porto Alegre desde que nasceu. Iniciou a leitura de *Seleções* quando ainda era criança – década de 40, pois seu pai era assinante e leitor da revista. Leu durante a década de 50 até 1961. Há muito tempo não lê *Seleções*. Observa que há muitos anos sua paixão pela leitura foi substituída por sua paixão pelo cinema.

- **Amélia (1938)** – Com 74 anos, na época da entrevista. Dona de casa, casada, dois filhos e dois netos. Estudou até o terceiro ano primário. Trabalhou por pouco tempo antes de casar. Nasceu em Canoas e mora em Porto Alegre. Iniciou a leitura da *Seleções* na década de 1950, por intermédio do pai. Voltou a ler na década de 1960 quando já estava casada. Nas décadas de 1980, 1990 e 2000, lia a revista, trazida por seu marido.

- **Antônio (1935)** – Com 77 anos, na época da entrevista. Técnico em eletrônica aposentado, casado, dois filhos e dois netos. Não chegou a concluir o ensino médio. Trabalhou como técnico de rádio com formação por um curso por correspondência que fez na década de 1960. Nasceu em Curitiba, Paraná. Veio com nove anos para Porto Alegre. Diz-se um apaixonado pelos Estados Unidos. Conheceu *Seleções* na adolescência – na década de 1950, quando passava por uma banca de revistas. Era apaixonado por aviação e ao buscar revistas que abordavam tais assuntos, encontrou

---

<sup>30</sup> Conforme já referido, os nomes dos entrevistados foram substituídos por pseudônimos, preservando, contudo, a letra inicial. Para essa apresentação optei por utilizar a ordem alfabética.

*Seleções*. Na década de 1960 quando já estava casado continuou a leitura da revista, comprando eventualmente algum exemplar, sem ser assinante.

- **Doroti (1935)** – Com 77 anos, na época da entrevista. Dona de casa, viúva, quatro filhos. Iniciou o curso Normal, mas não chegou a concluir. Nasceu em Encruzilhada do Sul. Conheceu *Seleções* aos 10 anos através de um tio, que era assinante da revista e morava em São Paulo. Após a leitura, enviava as revistas, para a mãe que morava em Porto Alegre. Essa senhora, então, era quem enviava as revistas para Encruzilhada do Sul. Atualmente, continua sendo leitora assídua da revista, adquirindo-as, normalmente em sebos, por preferir as antigas. Há dois anos ganhou de presente, da filha que mora em Santa Catarina, uma assinatura da revista, que vem sendo renovada anualmente.

- **Irene (1944)** – Com 66 anos, na época da entrevista. Dona de casa, casada, duas filhas. Nasceu em Cachoeira do Sul e, atualmente, mora em Alvorada. Concluiu o segundo grau. Trabalhou antes de casar e por algum tempo após o casamento, até o nascimento da primeira filha. Conheceu *Seleções* por intermédio do pai que era assinante e leitor assíduo da revista, na década de 1960. Leu a revista até a década de 1970 e 1980. Atualmente, algumas vezes ainda compra exemplares diretamente na banca.

- **José (1938)** – Com 74 anos, na época da entrevista. Divorciado, tem dois filhos e uma filha. Afirma ter frequentado escola apenas “um dia” e após esse dia, nunca mais. É maçom. Conhecido como “José dos Livros”. Nasceu no interior do município de Tapes e atualmente, mora em Porto Alegre. Conhece *Seleções* desde a década de 1950, mas começou a ler e a colecionar a revista na década de 1970. Adquiriu um lote antigo com muitas revistas há uns 20 anos. Há quatorze anos comercializa livros e revistas antigas em um sebo em Porto Alegre.

- **Karla – (1974)** – Com 38 anos, na época da entrevista. Casada, uma filha. Nasceu em Porto Alegre. É formada em Biologia e tem Mestrado na área. Atualmente trabalha como coordenadora pedagógica de uma escola particular de Porto Alegre. Iniciou a leitura da revista na década de 1990, fez assinatura a partir de uma correspondência recebida em casa, convidando-a a participar de um “grande concurso”, instigada pela possibilidade de ser, talvez, uma das ganhadoras; assinou a revista durante três anos.

- **Luciano (1947)** – Com 65 anos, na época da entrevista. Divorciado, tem uma filha. É formado em Administração e atualmente trabalha como técnico administrativo na UFRGS. Nasceu na Bahia e mora em Porto Alegre desde os nove anos. Começou a ler a revista aos doze anos, no colégio interno que frequentava. Encontrava-as com facilidade, também, na casa de parentes. Tem uma coleção de revistas *Seleções* antigas em casa. Atualmente, de vez em quando ainda pega uma dessas para reler.

- **Márcia (1964)** – Com 48 anos, na época da entrevista. Casada, uma filha. Iniciou a leitura de *Seleções*, ainda criança, no porão da casa de um tio, quando tinha entre nove e onze anos. Voltou a encontrar *Seleções* na década de 1990, por intermédio do marido que é assinante da revista há 20 anos. Atualmente continua sendo leitora assídua da revista. Possui uma verdadeira biblioteca de *Seleções do Reader's Digest*, repleta de livros, revistas encadernadas, CDs e DVDs, tudo, segundo ela, com intenções de deixar como herança para a filha, que hoje está com 11 anos de idade.

- **Mariana – (1944)** – Com 68 anos, na época da entrevista. Casada, duas filhas, aposentada, formada em Contabilidade. Nasceu em Porto Alegre. Conheceu *Seleções*, na década de 1960, através do marido, no período em que eram namorados, quando passou a ser leitora assídua da revista. O marido foi assinante da revista desde 1961 até a década de 1990, quando foram morar nos Estados Unidos.

- **Marilene (1944)** – Com 68 anos, na época da entrevista. Casada, duas filhas. Professora aposentada, formada em Letras. Nasceu em Caxias do Sul, cidade em que continua residindo. Foi leitora assídua da *Seleções* de 1955 a 1961; seu irmão ganhou uma assinatura de presente em 1955, no seu aniversário, à qual seu pai deu continuidade. Após esse período não leu mais.

- **Vanda (1943)** – Com 69 anos, na época da entrevista. Entrevista realizada por e-mail. Casada, sem informação sobre os filhos. Formada em Letras Anglo-Germânicas. Nasceu em Petrópolis, Rio de Janeiro. Poetisa, atualmente é presidente da Academia Brasileira de Poesia de Petrópolis. Lembra de *Seleções* circulando em sua casa e na casa de seus primos desde quando era muito pequena; seus pais tinham assinatura da revista e sempre compravam os livros que vinham indicados. Lia a revista e os livros, desde

muito cedo; não conseguiu precisar a idade que tinha então. Leu a revista, provavelmente, até o início da década de 1970.

## CAPITULO II

### SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

Antes de abordar a trajetória da *Seleções* no Brasil, julgo pertinente traçar um panorama sobre o surgimento das revistas e algumas nuances contextuais.

#### 1. A história das revistas no Brasil

Tavares (2008) argumenta que a revista – como produto e meio de comunicação – tem sua origem no campo jornalístico. Surgido no século XIX, momento de uma nova explosão tipográfica na Europa e nos Estados Unidos, este veículo de comunicação veio cumprir outro papel no interior de um mercado emergente de publicações sobre o cotidiano. Seus objetivos e características iniciais já traziam intrinsecamente aquilo que até hoje a distingue de outros veículos da indústria editorial e jornalística: uma preocupação diferenciada com o leitor e com o visual.

Ao apresentar, a seguir, uma breve trajetória das revistas brasileiras, faço minhas as palavras de Mira (2001), que considera não ser possível caracterizar rigorosamente<sup>31</sup> as revistas do século XIX. Nas palavras da autora: *De algumas delas se tem apenas o nome, sendo que as informações sobre datas e conteúdos pode variar de uma fonte para outra* (MIRA, 2001, p. 17).

Iniciando, então, a trajetória das revistas no Brasil, Mira (2001) nos dirá que temos em 1812 – logo após a vinda da família real e a revogação da proibição de imprimir, o lançamento da revista *As variedades ou ensaios de literatura*, na antiga capital colonial, a Bahia, com duas publicações no ano, abordando discursos políticos, história antiga, viagens, anedotas etc. Este foi um ensaio – com pouco tempo de circulação – do que podemos considerar como a primeira revista do país. *A Semana Ilustrada, Merrimac, Bazar Volante, Vida Fluminense, Ba-ta-clan* foram algumas das revistas, citadas no estudo de Mira (2001), que circularam no Brasil no século XIX, algumas destacando-se por sua periodicidade regular, outras pelas inovações que traziam nas suas ilustrações, as quais passaram a usar desenhos e litografias.

---

<sup>31</sup> Nas incursões iniciais que realizei sobre a história das revistas no Brasil, identifiquei dados divergentes conforme as fontes consultadas. Por este motivo, as informações trazidas estão sempre com as fontes referidas.

No século seguinte, a imprensa começou a se apresentar como uma atividade empresarial. Em 1902, começou a circular *O Malho*, de Luís Bartolomeu. Cinco anos depois, Emiliano Pernetta criou a revista *Fon-fon*, fazendo crítica à burguesia carioca, mostrando várias ilustrações, fotografias e textos literários. Já a revista mais popular desse período foi a *Careta*, de 1908 – uma fase em que literatura e imprensa andavam juntas. Pouco depois, as revistas começavam a optar pela segmentação de público. Algumas conseguiram se destacar, mas não de forma duradoura. *A Cigarra*, de 1914, *Vida doméstica* e *Eu sei tudo* surgiram respectivamente em 1920 e 1921.

Segundo Scalzo (2003, p. 28), em 1922, com o lançamento de *A Maçã*, passamos a ter uma revista cujo propósito seria *dizer com graça, com arte, com literatura, o que se costumava dizer por toda parte sem literatura, sem arte, e muitas vezes sem graça*. A falta de recursos e de assinantes fez com que algumas das revistas desse período se restringissem a circular apenas em uma ou duas edições, além do que contavam com uma tiragem muito baixa. As revistas recordistas em permanência no mercado editorial brasileiro à época mantiveram-se, no máximo, por um ou dois anos.

A partir de 1920, as revistas no Brasil passaram a se preocupar com a atualidade e o desenvolvimento editorial e algumas conseguiram se manter por décadas. *O Cruzeiro* foi fundado em 1928, por Assis Chateaubriand, sendo considerada como “empreendimento político” de início – por fazer parte da campanha que teria levado Getúlio Vargas ao poder, e depois teria sido muito mais do que isso (MIRA, 2001). *O Cruzeiro* foi uma revista reconhecida como pioneira por suas características, pois mostrava reportagens ilustradas e dinâmicas. Em sua época áurea, de 1950 a 1959, chegou a vender 750 mil exemplares por edição.

Os anos 30 e 40, no século XX, foram marcados pela concentração da imprensa em grandes grupos. De uma forma ou de outra, grande parte das publicações que se desenvolvem no Brasil a partir dos anos 30 está relacionada ao cinema. A década de 30 assiste à introdução das histórias em quadrinhos e seu sucesso imediato. Na década de 1940, duas editoras transformam as histórias em quadrinhos em revistas, a Ebal e a Rio Gráfica, ambas oriundas de empresas jornalísticas. Os *Diários Associados* também entram nesse segmento de publicação. Um novo marco das histórias em quadrinhos no Brasil seria estabelecido com o início da publicação dos gibis com os personagens de Walt Disney pela Editora Abril em 1950.

Em 1952, pelo grupo Bloch, é lançada a revista *Manchete*. Já nos anos 60, vemos a presença das agências de notícias, do aprimoramento das fotos e da expansão da TV, dado que o jornalismo de revista precisou ser dinâmico para conquistar seu público. Nesse sentido, a *Manchete* passou a ser o modelo de publicação moderna, enquanto as revistas estrangeiras já apresentavam expressiva circulação de exemplares, como *Seleções*, que chegou ao Brasil em 1942, e *Visão*, em 1952.

Ainda na década de 1950, merece destaque, uma revista publicada pela Editora Abril, inspirada nas revistas italianas que misturavam técnicas de cinema e quadrinhos com histórias de amor criadas sobre imagens fotográficas, destinadas ao público recém “descoberto” – o público adolescente: a Revista *Capricho*.

Aproveitando-se da oportunidade de novos negócios advindos da industrialização promovida pelo governo JK, a década de 50 foi marcada pela presença da novíssima indústria automobilística. E, com isso, endereçada aos homens foi criada em 1960, a revista *Quatro Rodas*; mais tarde surge *Duas Rodas*, tratando de motocicletas, e *Placar*, revista que aborda esporte e, em especial, o futebol.

Por outro lado, acompanhando o crescimento da indústria têxtil nacional, por exemplo, aparecem as revistas de moda como *Manequim* (1959) e *Claudia* (1961) buscando atingir o público feminino. Esse setor editorial também se subdividiu apresentando revistas com modelos de vestidos de noivas, buffets e serviços especializados em eventos (casamentos, festas de formatura, de quinze anos e, até mesmo, de batizados, bar mitzva e outros ritos religiosos).

Várias outras revistas também vieram para públicos específicos, como *O médico moderno*, o *Dirigente rural* e o *Engenheiro moderno*. Já o grupo da Editora Abril anunciou seu 19º lançamento no ano de 1968, a *Realidade*, com 200 mil exemplares de tiragem, em papel de alta qualidade que teve vida efêmera. No mesmo período, surgiu a *Veja*, revista semanal, também da Abril, cobrindo assuntos variados da atualidade. Hoje ela chega a vender 1,1 milhão de exemplares para cada uma de suas edições. Nos anos 80 e 90, grandes reportagens passaram a sair dos jornais e a ganhar espaço nas revistas. *Veja* e *Isto é*, do mesmo segmento, apresentaram, nessa época, valiosas investigações. Nas últimas décadas, o que vemos no mercado é a segmentação cada vez maior das publicações. Revistas especializadas para todos os assuntos e setores sociais, abordando artesanato, culinária, astrologia, ufologia, saúde, moda, informática, viagens, decoração, vida dos famosos, cinema, jogos eletrônicos e outros temas. A maior parte das que

tratam de notícias da atualidade segue o padrão formado a partir da década de 60 – que é o adotado pela *Veja*, *Isto É*, *Época*, entre as com maior tiragem.

Foi a percepção mercadológica aplicada ao mercado editorial que fez subdividir os grupos, anteriormente apenas separados por gênero (revistas masculinas e femininas) ou por idade (histórias em quadrinhos infantis ou fotonovelas), e surgir revistas especializadas como *Casa Cláudia*, ampliação da antiga seção da revista *Cláudia*, da Editora Abril, *Arquitetura e Construção*, também originária da mesma seção de *Cláudia*, mas com o propósito de apresentar soluções gráficas e projetos de edificações, *Casa e Jardim*, voltada a um público interessado em plantas e suas características, por exemplo. *Claudia Cozinha* é outro exemplo dessa segmentação direcionada às consumidoras brasileiras.

Importante ressaltar, também, que os nichos mercadológicos encontrados pelo mercado editorial brasileiro apontam para aquilo que Mira (2001) descreve como “nichos sociais” – gênero, geração e etnia. Assim, os membros desses nichos sociais passam a existir e ganhar visibilidade, à medida que se manifestam enquanto alteridades, ou seja, quando expressam sua diferença em relação a outros grupos. Para a autora, tais nichos vêm sendo reconhecidos como segmentos de mercado por apresentarem potencial de consumo. Conforme Mira (2001, p. 214), “(...) a lógica do mercado absorve os movimentos sociais e culturais mas os rearticula de acordo com seus interesses”. Para se ter uma ideia, em 1997, no Brasil, segundo informações publicadas por Mira (2001), havia uma “avalanche” de publicações com 1.130 títulos (de revistas) diferentes. Para a autora, nesse grande espectro de títulos publicados todos os meses no território brasileiro, quem ganha são o mercado publicitário, o mercado editorial e, também, o público leitor que encontra mais possibilidades de informação e entretenimento nas edições vendidas em bancas de jornais e revistas, nos setores especializados dos supermercados ou nas assinaturas propostas pelas editoras.

Uma rápida pesquisa no site do IVC (Instituto Verificador de Circulação), permite elencar 37 segmentos diferentes de revistas que atualmente (2013) circulam no Brasil, quais sejam: Adolescentes; Arte e Cultura; Automobilismo; Celebidades e Sociedade; Cinema; Comportamento em família; Culinária; Curiosidades; Decoração; Design, arquitetura e urbanismo; Divulgação científica; Ecologia, turismo e geografia; Economia; Equipamentos industriais; Esotéricas; Esportes; Femininas; História; Hobbies; Humor; Infantil; Informação geral; Informática; Jogos eletrônicos; LGBT;

Masculinas; Moda, corte e costura; Música; Pedagogia e Educação; Religiosas; Saúde; Teatro, dança e performance; Ufologia; Universitárias; Extintas; Ligações externas.

### 1.1. A imprensa feminina

Introduzo alguns parágrafos a mais sobre a imprensa feminina, na trajetória das revistas no Brasil, por tratar-se de periódicos destinados especialmente ao público feminino e que, de certa forma, são pertinentes a esse estudo, como se verá. Essa subseção historiciza brevemente parte de uma imprensa adjetivada de feminina que, embora nem sempre produzida por mulheres, adentrou o mercado editorial brasileiro, igualmente, logo após o desembarque da família real portuguesa (1808). *O espelho diamantino* (1827), *O Correio das Modas* (1839) ou o *Jornal das Senhoras* (1852) são alguns exemplos de periódicos desse período. E, desde então, conforme Luca (2012) a lista não teria parado mais de aumentar.

A autora afirma que a imprensa feminina, desde suas primeiras aparições, girava em torno de temas mais perenes, não submetidos a instantaneidade do acontecimento. E, nesse sentido diferenciar-se-ia do tipo de produção jornalística encarregado de registrar o fato novidadeiro do dia anterior. Moda, beleza, casa, culinária ou cuidado com os filhos comportariam uma abordagem circular, ligada à natureza e às estações do ano: afinal, destaca a autora, receitas, recomendações e conselhos indicados para o inverno ou verão podem ser retomados em anos subsequentes, desde que revestidos de atualidade e apresentados como a última palavra sobre determinado assunto.

Dentre as marcas distintivas desse gênero de impresso, a mesma autora destaca a linguagem que se particularizaria como coloquial, de alguém próximo e que aconselha, ampara, aplaca angústia, resolve dúvidas, sugere, fazendo as vezes de uma amiga e companheira à qual sempre se pode recorrer.

Conforme Luca (2012) a legitimação dos conteúdos apresentados nas revistas endereçadas ao público feminino, normalmente, é feita por médicos, psicólogos, advogados, pedagogos e especialistas das mais diversas áreas; não raro celebridades do momento também endossam as matérias apresentadas. A proliferação dos testes, com seus resultados padronizados e que valorizam o que é socialmente correto e aceito, as receitas de autoajuda, o recurso a depoimentos e exemplos concretos de superação,

esperança, força de vontade, confeririam veracidade aos conteúdos veiculados que se quer destacar.

Luca (2012) tece interessantes comentários em relação aos títulos das revistas. Segundo ela haveria, de certa forma, algumas “trajetórias instrutivas” nas revistas, ao significarem determinadas representações do feminino em determinado período. Nesse sentido, a autora aponta: das referências florais (*A camélia*, *A violeta*, *O lírio*, *A grinalda*) passa-se para objetos que carregam, “essencialmente”, a marca do feminino (o leque, o espelho) ou a ele fazem alusão (*Esmeralda*, *Crisália*, *Borboleta*, *Beija-flor*, *PrimaVanda*, *Bello Sexo*), até chegar-se aos nomes próprios, que parecem aludir a uma personalidade específica. Para Luca (2012) tais trajetórias viriam de práticas que na Europa podem ser localizadas nos anos 1930, enquanto no Brasil datam de 1960. É esse o caso de *Cláudia* (1961), conforme a autora, uma das primeiras, seguida por *Marie Claire* (1991), *Bárbara* (1996), *AnaMaria* (1996), *Malu* (1998), *Joyce Pascowitch* (2006), única que remete de fato a uma pessoa, e *Lola* (2010).

Há concordância entre autoras (Luca, 2012; Scalzo, 2003; Mira, 2001) de que a partir da segunda metade do século XX, vários periódicos disponíveis no mercado brasileiro foram diretamente inspirados em exemplos norte americanos e europeus ou publicados sob licença, o que significa se tratar de uma versão local de títulos estrangeiros, tal como *Nova/Cosmopolitan* (1973), *Vogue* (1975) e seus vários derivados (*Casa Vogue*, *Vogue Noivas*), *Elle* (1988), *Marie Claire* (1991), *Caras* (1995) ou *Hola Brasil* (2012).

Os periódicos em geral – e não somente os endereçados ao público feminino – estão em constante transformação: novos títulos surgem, outros deixam de circular ou conhecem alterações, às vezes radicais, em relação às suas características iniciais.

Sobre esse aspecto, Luca (2012) nos esclarece que a *Revista Feminina*, lançada por Virgilina Salles de Souza, pertencente aos altos círculos da sociedade paulista, foi publicada entre 1914 e 1936. O sucesso desse periódico, totalmente dedicado à mulher – diferentemente de contemporâneos que tinham apenas algumas seções voltadas para o público feminino, como *Cigarra* (1914) e *O Cruzeiro* (1928) – deveu-se aos incansáveis esforços de Virgilina para angariar assinantes bem como à associação com seu irmão, Cláudio de Souza, médico e escritor com assento na Academia Brasileira de Letras, criador do creme *Dermina* e da tintura *Petalina*, fartamente anunciados nas páginas da publicação e que alcançaram grande sucesso. Outros títulos contemporâneos da *Revista Feminina*; também se dirigiam às mulheres. É o caso da revista *O Cruzeiro*, do *Jornal*

*das Moças* (que circulou entre 1914 e 1965), de *Querida* (1954), que perdurou até 1971 e teve como conteúdo principal o conto romântico, considerado ousado para a época. E ainda uma quantidade de títulos de fotonovelas que também se destinavam a explorar as questões do coração. Dentre as pioneiras do segmento fotonovela, com histórias ilustradas, com enredos românticos, aventuras e segredos revelados nos últimos momentos, está a *Grande Hotel* (1947), da Editora Vecchi. O gênero, importado da Itália, teve uma legião de fiéis leitoras, mas foi perdendo o encanto no decorrer dos anos 1970, quando a televisão adentrou os lares de grande parte dos brasileiros, que podiam entreter-se com as novelas televisivas. Por outro lado, o novo veículo abriu oportunidades para a multiplicação de títulos, que davam conta das peripécias das personagens e da vida dos artistas, como exemplo, a revista *Contigo!* (1963). Já a inovação da revista *Capricho* (1956) foi apresentar histórias completas, que não demandavam a angustiante espera pelo próximo número. Em 1982, as fotonovelas deixaram as páginas da *Capricho*, passando por sucessivas reformulações, mantendo o foco no público jovem.

*Atrevida* (2004), *Toda Teen*, *Teen Mania*, *Love Teen* podem ser considerada revistas inovadoras por buscarem atingir o público adolescente, até então inexplorado. Um público jovem, volátil, em constante mudança.

Com o final dos anos 1990 e em especial, a partir de 2000, a incorporação ao mercado da chamada “classe C” embalou os lucros da Abril, Alto Astral, Ediouro, Símbolo e Escala, editoras que apostaram nesses novos consumidores. Alguns exemplos: *Titi* (1998), *Viva!Mais* (1999), *Mais Feliz* (2002) e *Chega Mais* (2003).

Até aqui, busquei apresentar o panorama histórico do mercado brasileiro de revistas. Essa trajetória, como pode ser percebido, levou em conta apenas as revistas produzidas e editadas no Brasil, mesmo que tivessem sido “inspiradas” nos moldes internacionais. Apresento a seguir, especificamente a trajetória da *Seleções*, por compor o *corpus* de análise dessa tese.

## 2. *Seleções* e seu[s] segredo[s] de sucesso

Mira (2001), em seu trabalho *O leitor e a banca de revista*<sup>32</sup>, nos apresenta os seguintes dados revelados por pesquisa do IBOPE sobre o comportamento dos leitores de jornais e revistas no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, realizada a pedido dos Diários Associados, em 1945. Naquele ano, em relação ao total de revistas que circulavam, *O Cruzeiro* era a mais lida (37,7%); enquanto que as demais possuíam menores percentuais, a saber: *Revista da Semana* (15,5%); *Careta* (11,3%); *Seleções* (10,7%); *A Cigarra* (9,7%); *Carioca* (8,1%); *Fon-Fon* (2,6%); *Cena Muda* (2,6%); *Vida Doméstica* (1,9%) e *Jornal das Moças* (0,6%). Tais dados permitem localizar, já no início da década de 1940, a presença da *Seleções* dentre as demais revistas brasileiras.

O livro *A Revista no Brasil*<sup>33</sup> (CORRÊA, 2005) - que buscou *abarc*ar “*tudo*”<sup>34</sup> *que se produziu ao longo dos tempos em matérias de revistas no mundo todo (Sic)*, conforme salienta o autor, logo no início de seu texto – lançado em 2000 pela Editora Abril, em comemoração ao aniversário de seus cinquenta anos, destaca algumas das *poucas idéias de revistas que foram se reproduzindo ao longo do tempo, no mundo inteiro*. Tais “ideias”, conforme Corrêa (2005), foram paulatinamente sendo incorporadas ao universo editorial desse tipo de publicação, quais sejam: revistas como sinônimo de variedade; revistas com ilustrações; revistas femininas; revistas semanais de notícias e revistas que republicavam os melhores artigos que encontravam em outras revistas e jornais. Uma dessas “boas ideias” de revistas, a última especificamente, teria como representante a *Seleções do Reader’s Digest*, a qual surge nos Estados Unidos poucos meses antes do lançamento da revista *Time*, em 1922.

Com cinco mil dólares emprestados dos pais e dos irmãos, De Witt Wallace<sup>35</sup> — “que ninguém achava que faria algo importante na vida” — e sua mulher Lila lançaram

---

<sup>32</sup> Em sua obra, a autora aborda a história das revistas brasileiras, enfatizando o que denominaria de *a era das grandes revistas* – as décadas de 50 e 60. Tomando *O Cruzeiro* como um contraponto para o que vem depois, a autora apresenta a diversificação de revistas para públicos distintos, especialmente com os cortes de gênero, classe social, geração (ou faixas etárias) e finalmente de estilos de vida. A autora mantém a ênfase da pesquisa empírica na trajetória da Editora Abril, mas abrange, também outros exemplos além das revistas do grupo Civita.

<sup>33</sup> Thomaz Souto Corrêa é membro do Conselho de Administração, VP do Conselho Editorial e Consultor para Revistas do Grupo Abril. Fonte: Curso Abril de Jornalismo Disponível em: [http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/jornaiserevistas\\_historia.html?page=4](http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/jornaiserevistas_historia.html?page=4) Acesso em 13/10/2010.

<sup>34</sup> Grifo meu.

<sup>35</sup> Criador do *Reader’s Digest*.

uma revista que republicava os melhores artigos que encontravam nas outras revistas e jornais. Como o nome em inglês era de difícil tradução, ao logotipo de *Reader's Digest* acrescentou-se, em algumas línguas, a palavra *Seleções*, constituindo até hoje, o nome de uma das revistas mais vendidas no planeta. Em torno da revista, ou em torno da “sua” marca, criou-se um negócio que envolvia/envolve todos os gêneros, guias de viagem, vídeos, coleções de CDs de música clássica e popular, sempre com um foco muito dedicado à família. O mesmo autor destaca, ainda, que tal negócio é atualmente muito maior do que o próprio negócio gerado pela revista. "Eu simplesmente procuro coisas que me interessem; se me interessarem, eu publico", confessou De Witt Wallace, o criador da revista nos anos iniciais de sua criação. Ele denominou a revista de *Reader's Digest*, literalmente "uma compilação (de histórias) para os leitores". Ironicamente, Corrêa defende que essa ideia só ‘não foi copiada no mundo inteiro’, porque De Witt Wallace se encarregou ele mesmo de lançar a revista internacionalmente (CORRÊA, 2005).

É na própria *Seleções* que se lê sobre sua origem; tais explicações normalmente vêm sendo veiculadas nas edições impressas, desde seus primeiros exemplares, no Brasil e encontrei tais informações em edições de todas as décadas analisadas. A redação é sempre muito semelhante – preservadas a temporalidade e o contexto – e fornecida pelos seus editores. Por ocasião das comemorações dos seus 70 anos de existência, por exemplo, referidos na edição de maio de 2012, podemos ler uma informação dirigida aos leitores, sobre como teria sido o princípio da concepção da revista:

Enquanto se recuperava dos ferimentos de guerra, um jovem chamado DeWitt Wallace teve a ideia de reunir e condensar os artigos mais interessantes das publicações que lia em uma única revista, com o intuito de ajudar o leitor a “digerir” as notícias mais relevantes. Assim nascia a *Reader's Digest*. O que Wallace não imaginava era que a revista atravessaria décadas e cruzaria fronteiras. Hoje, além das 50 edições publicadas em 20 idiomas, entre elas a brasileira, a revista *Seleções* está presente na internet, nos *tablets*, enfim, onde quer que você esteja. Mais que informar, nossos artigos buscam a causa e o significado de acontecimentos e têm o ser humano sempre como personagem principal.<sup>36</sup>

O primeiro exemplar do *Digest* que saiu nos Estados Unidos, em 1922, chamava a atenção pelo seu diferencial, se comparado a outras publicações: era a primeira revista

---

<sup>36</sup> *Seleções*, maio de 2012.

de “bolso” com o índice na capa. Vinha com 31 artigos, com a ideia de que o leitor pudesse fazer a leitura de um artigo a cada dia do mês, economizando tempo e tendo à mão informações variadas. Seus artigos eram selecionados de periódicos como *Saturday Evening Post*, *National Geographic*, *North American Review*, *Scribner’s*, *Time*, *Life*, *The New Yorker*, *Comosmopolitan*, ou de revistas e jornais especializados, que eram desconhecidos do grande público norte-americano. O primeiro número do *Digest* teve uma tiragem de 5 mil exemplares; ainda hoje, com uma tiragem muitas vezes maior, é a revista mais lida nos Estados Unidos, com um público fiel há algumas décadas.

Conforme Junqueira (2000) a revista era dirigida à família de classe média norte-americana, tendo muitos de seus artigos diretamente influenciados por Lila Wallace, principalmente os direcionados às mulheres e que abordavam problemas voltados para o universo feminino. Posicionava-se, desde seu lançamento – na década de 1920 – como uma publicação moderna, tratando de temas polêmicos que eram evitados então por outras revistas, como a questão do divórcio e do controle da natalidade, este último um dos temas preferidos do *Digest*.

Um aspecto interessante, apontado pela autora, era o fato de que frequentemente o *Digest*, na pessoa de seu fundador – Dewitt Wallace convidava romancistas conhecidos do público médio a contribuir para a revista. Entre eles, escreveram para a revista Pearl S. Buck e A.J. Cronin, autores de grande sucesso entre o público, não só nos Estados Unidos, mas também em outros países, como o Brasil. A.J. Cronin, por exemplo, autor dos conhecidos romances *A Cidadela e As Chaves do Reino*, escreveu um artigo baseado na sua vida pessoal, com o título: *O médico de Lennox*,<sup>37</sup> que deu origem à mais famosa das seções da revista: *The Most Unforgettable Character I Ever Met* traduzido no Brasil por *Meu tipo inesquecível*.

Durante e após a Segunda Guerra Mundial, o *Digest* foi lançado em vários outros países, transformando a empresa num verdadeiro império de comunicações e DeWitt Wallace num dos homens mais ricos dos Estados Unidos. Além da revista, Wallace passou a comercializar o seu *mailing list*, considerado um dos mais completos da época.

A chegada da *Seleções* no Brasil aconteceu no período conhecido como o da “ditadura do Estado Novo” e num cenário mundial conturbado pelo desenrolar da Segunda Guerra Mundial. Seu lançamento no mercado editorial brasileiro, no ano de

---

<sup>37</sup> Primeiro artigo que aparece na edição nº 1 da Revista *Seleções* no Brasil em fevereiro de 1942.

1942, coincidiu com a entrada do Brasil no conflito, pois em agosto do mesmo ano o presidente Getúlio Vargas declarava guerra aos países do Eixo. Os editores brasileiros anunciavam:

*Seleções* apresentará todos os meses artigos de amena e útil leitura, de interesse duradouro, um livro de êxito, condensado de maneira a ser lido com prazer, além de um caudal de leituras complementares, graves umas vezes, alegres outras, tudo pacientemente respigado em jornais, livros e revistas.<sup>38</sup>

Não se pode deixar de apontar para o tom ameno com que *Seleções* foi apresentada no Brasil em pleno desenrolar da Segunda Guerra Mundial.

Uma das estratégias anunciadas para a entrada do produto no mercado brasileiro adveio da preocupação com o preço. Assim, o preço de *Seleções*,<sup>39</sup> no momento de sua chegada ao Brasil era 2\$000 – dois mil réis<sup>40</sup>, vendida na banca, e 20\$000 – vinte mil réis - o preço da assinatura anual. A partir de outubro de 1942, o Decreto-lei nº 4797<sup>41</sup> instituiu uma nova unidade do sistema monetário brasileiro: o Cruzeiro e, após essa data, *Seleções* passa a ser vendida ao preço de Cr\$ 2,00 (dois cruzeiros) a unidade, comprada na banca e Cr\$ 20,00 (vinte cruzeiros) a assinatura anual. Ou seja, era considerada uma revista barata. Sabendo de antemão que só a preço baixo conquistaria tal mercado, *Seleções* chegou subsidiada pela *Digest* norte americana. Antes de seu lançamento foram realizadas pesquisas de mercado, envolvendo público leitor, poder aquisitivo da população e levando em conta o preço dos jornais e revistas mais concorridos. Nesse sentido seria interessante interrogar sobre o quanto as questões de uma política econômica estariam aí implicadas, materializadas no cálculo e nas análises para a implementação de uma ação, no caso, a introdução no mercado brasileiro de um novo produto: a Revista *Seleções*.

Alguns estudos sobre a publicidade desse período nos auxiliam no entendimento das condições de possibilidades para a entrada da *Seleções* no Brasil em 1942.

---

<sup>38</sup> *Seleções*, junho de 1942, p. 33.

<sup>39</sup> Atualmente a revista é vendida na banca por R\$ 8,90 (valor unitário). O preço da assinatura anual custa R\$ 106,80.

<sup>40</sup> Na época, o salário mínimo decretado variava, conforme os estados, entre 160\$000 e 265\$000 (cento e sessenta mil réis e duzentos e sessenta e cinco mil réis). No Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro era de 200\$000, São Paulo 220\$000 e Brasília era o maior 265\$000) Fonte: SEPT – Salário Mínimo – Legislação, Estatística e Doutrina. SEPT, Rio de Janeiro, 1940.

<sup>41</sup> Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=3577> Acesso em 08/10/2010.

Estudos de Daniel (2003) sobre a publicidade e as mudanças ocorridas no campo dos padrões de sociabilidade e de consumo no Brasil, a partir dos anos 40, apontam para a produtividade da política de *Boa Vizinhança*, iniciada muitos anos antes, que, ao criar as bases para a penetração do pan-americanismo no Brasil, possibilitou a chegada da prática de pesquisa de mercado ao Brasil, no final da Segunda Guerra Mundial. Assim essa teria sido uma das grandes contribuições das agências de publicidade internacionais, com destaque para a McCann-Erickson, que fundou um departamento especializado neste ramo, denominado de Marplan. Segundo a autora, a mudança fundamental para o progresso da propaganda no Brasil veio da instalação do Departamento de Propaganda da General Motors, que, pela primeira vez, trouxe para o Brasil, os métodos do mercado americano de propaganda. A pesquisa de mercado traçava um perfil dos hábitos de consumo, as potencialidades do mercado, realizava testes de visual, embalagem, etc., e era feita pela agência ou pelos próprios clientes em departamentos próprios.

Junqueira (2000) destaca que, na década de 40, a propaganda sofre também as turbulências provocadas pela Segunda Guerra Mundial, sendo marcada pela fundação do IBOPE, em 1942, e pela chegada ao Brasil da *Seleções*, neste mesmo ano, a pedido do magnata Nelson Rockefeller, que liderava a agência governamental norte-americana OCIAA. Essa seria uma maneira de garantir a circulação, através da revista, dos principais anúncios das grandes marcas norte-americanas, uma vez que os Estados Unidos amargavam uma situação econômica complicada com a Grande Guerra.

Uma folheada na edição número um da *Seleções* possibilita localizar várias propagandas que fazem alusão ao momento histórico de sua eclosão. Ou seja, a chegada da revista no Brasil materializava a política da “boa vizinhança”, tão fortemente incentivada pelo governo de Franklin Roosevelt. Dentre os vários anúncios publicitários que integravam a publicação, alguns estavam claramente conectados com o momento vivido pela sociedade. A título de exemplo temos o texto: *todo o produto Singer leva consigo a garantia de uma satisfação duradoura. Em todas as cidades do mundo há Lojas “Singer”[...] Lojas Singer... Em todo o mundo.* Era o Brasil fazendo, agora, “parte do mundo”. Já o anúncio da RCA Victor, na sua Divisão Internacional, anuncia

com letras grifadas: *Bons Visinhos*<sup>42</sup> em contacto mais íntimo que nunca. Havia, ainda, o anúncio do Rádio Philco, como sendo *O rádio para todos*, para que as pessoas pudessem ouvir as *últimas notícias mundiais*, ou ainda, conforme anuncia a Royal, a *máquina de escrever nº 1 do mundo [...] Fomos sempre bons vizinhos do Brasil!*. E em especial, lê-se uma mensagem da General Motors dirigida especialmente aos brasileiros:

A General Motors do Brasil S.A. associa-se a satisfação que o incremento das relações entre este País e os Estados Unidos causa a todos quantos, nos dois países, se tem batido pela sua aproximação cultural e comercial. Estabelecida no Brasil para servir os brasileiros, a General Motors tem a certeza do valor da sua contribuição ao progresso nacional [...].<sup>43</sup>

Foucault (2008), ao fazer sua “história da governamentalidade”, nos apresenta aquilo que denominou como “o nascimento da biopolítica”, nos oferecendo instrumentos para pensarmos sobre o quanto a “nova racionalidade” governamental, pautada na ideia do *homo oeconomicus*, que emerge a partir do século XVIII, estaria imbricada no neoliberalismo americano. Para Foucault, no modelo de neoliberalismo americano encontraremos *uma tentativa de aplicação da análise economista a uma série de objetos, de campos de comportamentos ou de condutas, que não eram comportamentos ou condutas de mercado* (FOUCAULT, 2008: p.365). Nesse sentido, ao pensarmos sobre as estratégias para a implantação de um novo produto de origem estadunidense em outro país, levar-se-ia em conta não apenas a ciência econômica a governar os indivíduos, mas sim, todo um conjunto de outras ciências capazes de dar sustentação a alguma forma daquilo que poderíamos chamar de governo. Entendo, então, que, para que isso fosse possível, a estatística e o cálculo, por exemplo, trazidos através das pesquisas, se constituíam em instrumento fundamental.

Conforme informações existentes, o lançamento da revista no Brasil redundou em enorme sucesso de vendas, suplantando os números apresentados por *Selecciones*, distribuída para toda a América Hispânica.

O processo de seleção e condensação dos artigos da revista inicialmente era feito pelos seus idealizadores, conforme nos informa Junqueira (2000). Seu fundador, De Witt Wallace, explica que era selecionado apenas aquilo que julgava ser de interesse

---

<sup>42</sup> Mantive a escrita como aparece na publicação.

<sup>43</sup> *Seleções*, fevereiro de 1942, p. 149.

permanente. Para a autora, Wallace acreditava em temas de interesse universal e fazia questão de deixar isso evidente nas escolhas que fazia.

Localizo em edições de *Seleções*, de junho de 1942, em resposta às dúvidas dos leitores brasileiros sobre a história da revista, um artigo que conta a “história do Reader’s Digest e de *Seleções*”.

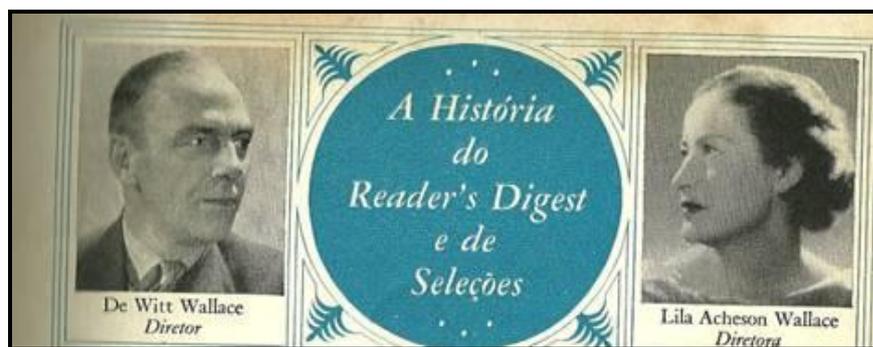


Fig. 1 – Fundadores – *Seleções*, junho de 1942, p. 17-24

Neste artigo, entre várias informações, se pode ler sobre a cidade de origem da revista e seus escritórios, nos Estados Unidos – no distrito rural de Pleasantville, ao norte da cidade de Nova York. As instalações e o pessoal teriam crescido à medida que os negócios se expandiam. Conforme informa o texto, eram 61 redatores permanentes, figurando entre eles antigos diretores-gerentes de revistas bastante conhecidas, jornalistas notáveis e colaboradores especializados em publicações literárias, científicas, religiosas, comerciais e educativas. Além do corpo editorial, os editores afirmavam de maneira bastante laudatória que:

Todas as pessoas que tiveram ocasião de observar a maneira como se trabalha na redação *Reader's Digest* concordam em que o trabalho oferece ali, condições inigualadas, e menos ainda excedidas por qualquer outra empresa editorial. Mais de 90 por cento dos 402 empregados que constituem o pessoal da revista vivem nas imediações da empresa e, e dessa maneira, desfrutam da alegria, dos passatempos e outros benefícios que estão ao alcance de quem faz vida rural.<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> *Seleções*, junho de 1942, p.20.

O mesmo artigo informa também, que naquele local eram preparadas as edições brasileiras e, em seguida, enviadas para o Brasil. Os editores, em vários momentos, no artigo dedicado a contar a história do *Reader's Digest e de Seleções*, procuram enaltecer o acolhimento que a revista recebeu no Brasil. Finalizam o texto apresentando suas futuras intenções para com o Brasil, deixando evidentes algumas de suas estratégias mercadológicas, que poderiam ser localizadas no “melhor” pagamento aos autores e no aceno que fazem às *possibilidades interessantes para autores e editores brasileiros*. Vejamos o que dizem os editores:

*The Reader's Digest* contou sempre em todo o mundo com a cordial cooperação dos autores e editores do material inserto em suas páginas, pois paga adequadamente por quanta colaboração utiliza. Os cheques do *Digest* têm aliviado as dificuldades pecuniárias de algumas pequenas revistas de elevada qualidade, nos Estados Unidos, e muitos autores receberam com frequência melhor paga pelas condensações publicadas no *Digest*, do que tinham recebido pelo texto original. Estão sendo estudados meios de fomentar a publicação de artigos de escritores brasileiros, de combinação com editores do Brasil.

Também se fizeram planos para que alguns escritores – selecionados pelos editores do Brasil – visitem os jornais e as revistas mais importantes dos Estados Unidos, na qualidade de hóspedes do *Reader's Digest*.<sup>45</sup>

A divulgação das imagens dos locais dava a dimensão do complexo que envolvia a edição da revista. Na figura 2 podemos visualizar o maquinário – uma das rotativas da *Lakeside Press*, tipografia de Chicago que imprimia as revistas, tanto as norte-americanas, quanto as brasileiras. Também se veem os escritórios nos Estados Unidos, onde se guardavam mais de três milhões de fichas com os nomes e endereços dos assinantes das várias edições da revista.

---

<sup>45</sup> *Seleções*, junho de 1942, p.23.

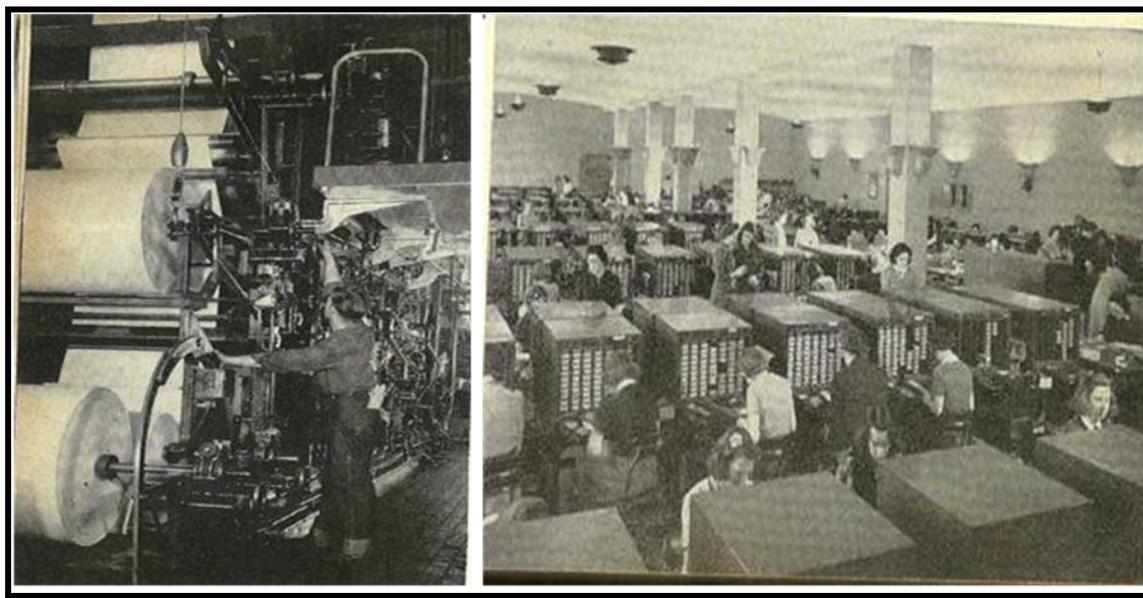


Fig.2 – Maquinário – *Seleções*, junho de 1942, p.20-21

Abrindo um parêntese na abordagem da trajetória da *Seleções* a partir da sua entrada no Brasil, apresento a seguir o que poderia ser um “contraponto” às imagens veiculadas pela revista, naquele período ou mesmo atualmente, em relação a uma revista considerada um “sucesso de vendas”, que permanece no mercado há mais de 68 anos.

Assim, localizei na Internet um vídeo que apresenta uma denúncia de repúdio às más condições de trabalho que a empresa do *Reader's Digest* oferece, no Brasil, aos seus funcionários. No vídeo, postado em abril de 2010, com o nome *Denúncia de maus tratos, descaso e desperdício no SAC da Revista Seleções do Reader's Digest Brasil*<sup>46</sup> são mostradas cenas “reais”, gravadas por funcionários da empresa. O vídeo inicia com a seguinte chamada em tela preta: *Veja as condições precárias da central de atendimento aos clientes da Revista*. Na sequência aparecem funcionários trabalhando naquilo que seria uma central de atendimento ao assinante. Em seguida, há a seguinte explicação sobre a cena: *Mais de trinta pessoas num ambiente fechado, sem ar condicionado e sem janelas de ventilação. Equipamentos quebrados ou incompletos prejudicam a audição dos operadores e o bom atendimento*. O que podemos observar na continuidade é um ambiente desorganizado, com banheiros interditados, torneiras com vazamentos, alguns equipamentos quebrados. Encaminhando a finalização do

---

<sup>46</sup> Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=TQHN\\_73BZN8&feature=fvwk](http://www.youtube.com/watch?v=TQHN_73BZN8&feature=fvwk) Acesso em 12/11/2010.

vídeo, as informações que aparecem justificam o possível “mau atendimento” aos clientes ao mesmo tempo em que os tranquiliza quanto ao recebimento dos benefícios caso sejam sorteados. Abaixo transcrevo o texto na íntegra:

*Se você é cliente desta empresa, saiba que os operadores que falam com você ao telefone, podem estar suados e com equipamento ruim, sentados em cadeiras quebradas, sendo assim, não leve a mau se te maltratarem, pois não é nada pessoal.*

*Com relação aos prêmios que são sorteados, não se preocupe se for o ganhador, a Seleções tem dinheiro de sobra para pagar os prêmios, afinal o que seria dessa empresa sem os famosos concursos?(Vídeo Youtube, 2010)<sup>47</sup>*

O vídeo finaliza com uma última informação e um questionamento, assim formulado: *Isso tudo foi denunciado ao editor da Revista. Nada feito! Até quando os funcionários desta empresa serão tratados dessa maneira?*

Duas situações chamam minha atenção: a primeira, obviamente, seria o descaso, por parte da empresa sobre as condições de trabalho de seus funcionários, indo de encontro às leis trabalhistas. No próprio site onde é apresentado o vídeo, há vários comentários e indicações para a formalização de processo contra a empresa.

Uma segunda situação que pontuo envolve a ratificação das estratégias de marketing utilizadas pela empresa<sup>48</sup>, aludidas no próprio texto exibido pelo vídeo, ou seja: concursos, prêmios e promoções estariam garantindo o “segredo de sucesso” da revista.

Em entrevista concedida à Munique Alvim Duarte, em 2002, na ocasião em que a pesquisadora desenvolvia seu estudo sobre a revista, o gerente de *marketing* de *Seleções* no Brasil, Ricardo Chia, ao ser questionado sobre o segredo para fazer de *Seleções* uma revista de sucesso, com mais de sessenta anos [naquele momento] de mercado, emitiu a seguinte resposta:

*É difícil dizer o quanto do sucesso da revista está atrelado ao produto e quanto do sucesso está atrelado à nossa estratégia promocional, de marketing direto, mala direta e concursos. Um dos motivos de estar há*

---

<sup>47</sup> *Denúncia de maus tratos, descaso e desperdício no SAC da Revista Seleções do Reader's Digest Brasil.*

<sup>48</sup> Durante o desenvolvimento dessa investigação, para ter acesso a maiores informações sobre a *Seleções*, através de seu site, foi necessário preencher um cadastro. O resultado disso é que minha caixa de correio, não passa um dia sequer sem receber convites para minha participação nos “Grandes Concursos Seleções”. Com mensagens nominais meu e-mail é bombardeado com “temos uma novidade para você, Sandra”, “Sandra, você foi sorteada para ganhar 300 mil reais”, etc.

tanto tempo no mercado está relacionado ao conteúdo, que é único. A linha editorial é única. (DUARTE, 2002: p.140)

Explicando melhor tal estratégia de marketing, o gerente continua:

A empresa tem a revista como carro-chefe. A forma como comercializamos a assinatura é um pouco diferente em relação às demais editoras. Trabalhamos basicamente com o marketing direto, ou seja, conseguimos cadastros de pessoas através de outras empresas. Por exemplo, o assinante do jornal O Globo pode ter seus dados repassados para *Seleções*, através de negociação. Fazemos mala direta, com esse cadastro, e enviamos para as pessoas. A ferramenta promocional são os concursos, com atividades, perguntas que devem ser respondidas. É assim que comercializamos a revista. (Ibidem)

Considerando a estratégia para a comercialização da revista, podemos inferir o quanto se faz necessário manter um Serviço de Atendimento ao Cliente – SAC, o que, sem dúvida, torna ainda mais relevante a indignação denunciada no vídeo. Ao olhar para essa profusão discursiva, evidencia-se efetivamente a quebra na tal “organicidade” anunciada pelo gerente de marketing.

Fechando o parêntese, então, retorno à apresentação da história da revista.

Para a versão em português da *Seleções*, conforme Junqueira (2000) depois de selecionados os artigos pelo *Digest* norte-americano, eles iam para a mão dos tradutores que trabalhavam de forma autônoma em suas casas. Recebidas as traduções, os redatores faziam a redação final do texto com a finalidade de tirar algum “estrangeirismo”. Não era permitido alterar o texto dos artigos, e a tradução deveria manter o sentido do texto original norte-americano. Após, era montado o sumário e estava pronta a versão brasileira. Havia pesquisas realizadas pelos escritórios norte-americanos a fim de verificarem quais artigos eram de maior interesse dos leitores.

A partir de 1951, os escritórios de *Seleções* foram instalados no Rio de Janeiro, mais precisamente na Praça Pio X, na Candelária. Além da edição da revista, os escritórios no Brasil eram responsáveis pela organização da biblioteca *Seleções*. A cada três meses saía um volume com dois livros condensados, independentes da publicação mensal da revista. Foram tradutores da biblioteca *Seleções*, entre tantos outros intelectuais importantes do panorama brasileiro, Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Otto Maria Carpeaux e Manuel Bandeira. Na área política, Carlos Lacerda traduziu pelo menos um volume mostrando o funcionamento do FBI.

No final dos anos 60, a revista começou a ter problemas com o fisco brasileiro, o que desencadeou a mudança dos escritórios do Rio de Janeiro para Portugal.

A queda nas vendas da revista, a partir desse período, conforme alguns autores, pode ser atribuída, dentre outros motivos, à popularização da televisão, fato que não afetou somente a *Seleções*, mas também a sua mais importante concorrente a O Cruzeiro.

Por outro lado, informações encontradas no site da *Seleções*<sup>49</sup> listam o que seriam os motivos para a sua mudança para Portugal: instabilidade econômica no país; o fato de a indústria de marketing direto estar pouco desenvolvida no Brasil, pois não havia tecnologia disponível para gestão de bancos de dados, aliado aos serviços dos Correios, considerados deficientes e que não atendiam plenamente as necessidades de distribuição de produtos. Tais fatores teriam obrigado o deslocamento da empresa. A revista brasileira passou a ser editada em Portugal, embora tivesse mantido a venda em bancas no Brasil, com circulação média mensal de 110 mil exemplares.

Conforme Junqueira (2000), a mudança do *Reader's Digest* para Portugal seria provisória, por dois ou três anos apenas – a tiragem consumida em Portugal representava apenas 1/3 da tiragem brasileira –, até a regularização dos problemas fiscais enfrentados pela empresa Editora Ypiranga, que editava e imprimia a revista no Brasil. Contudo, a revista só retornaria ao país em 1995.

Conforme a *Reader's Digest*, foi devido à estabilidade econômica provocada pelo Plano Real e ao desenvolvimento dos Correios que a empresa voltou novamente ao Brasil, com lançamentos de livros, coleções de CDs de música e DVDs, além da revista. Em 1997, a revista ganharia seu próprio corpo editorial no Brasil.

## **2.1. *Seleções*: visual e estrutura**

Nos seus 70 anos, poucas são as mudanças importantes no projeto gráfico em comparação com os exemplares mais antigos da revista, se considerarmos o desenvolvimento da indústria editorial de uma forma em geral. Comparando as edições mais antigas e atuais, encontramos algumas modificações mais marcantes como na sua

---

<sup>49</sup> Disponível em <http://www.selecoes.com.br/mais-selecoes/a-empresa/historia> Acesso em 21/07/2012.

capa, atualmente com fotografias e ilustrações, além da qualidade diferenciada de papel, nos últimos cinco anos.

A revista possui uma “marca” própria: seu tamanho – de bolso com dimensões entre 14,5cm X 18,5cm. O índice ou sumário localizados na capa, comumente encontrado nas edições que circularam nas décadas de 1940 à 1970, se tornou ponto forte na identificação do produto, mas já não é mais utilizado.

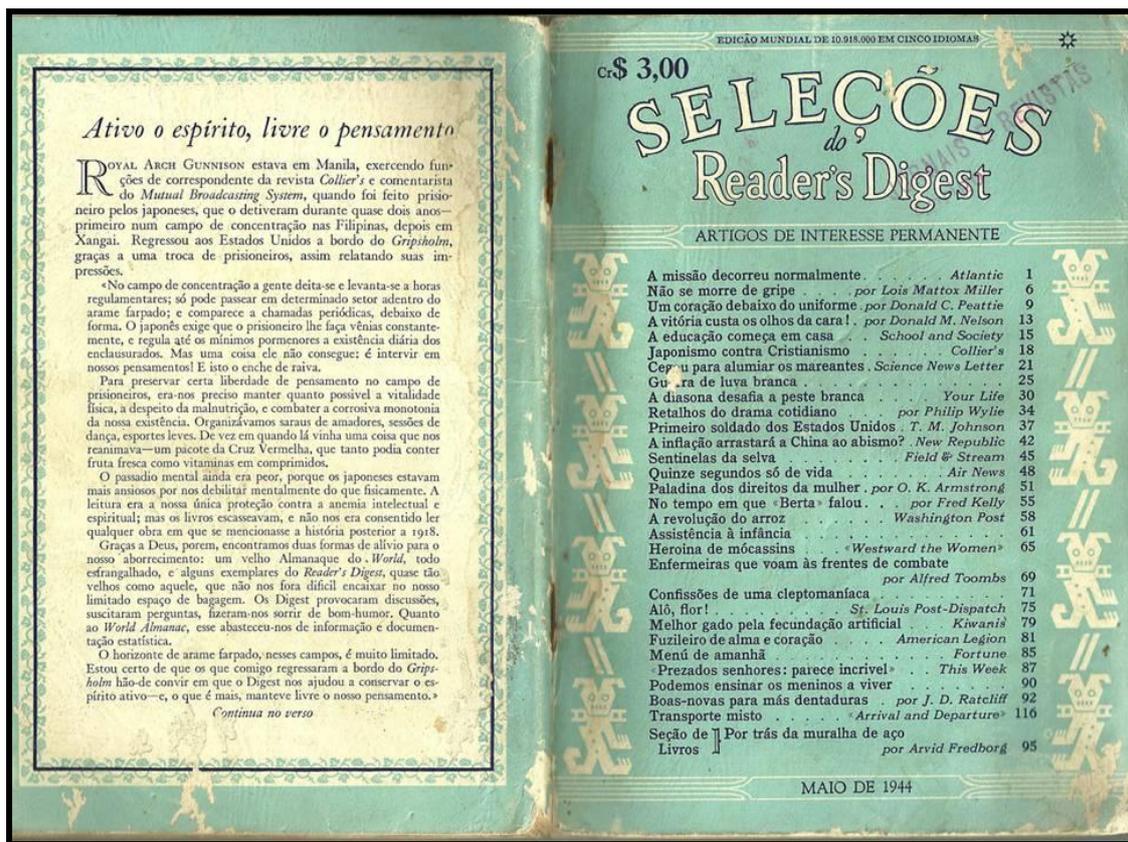


Fig.3 – Capa Seleções, maio de 1944

Na década de 1940, as capas (figura 3) tinham sempre o mesmo design, só alterando a cor e a figura sobre a qual o índice aparecia no centro dos desenhos decorativos geométricos. Na contracapa era constante alguma matéria abordando assuntos ligados à leitura, de um modo em geral, e também de *Seleções* – com depoimentos de correspondentes de outras revistas, reitores de universidades, pessoas ligadas ao Jornalismo, Comunicação, Política, dentre outros. Capas em verde, azul, amarelo, rosa, branco, lilás, eram cores que iam se alternando mês a mês.

As ilustrações começam a aparecer nos anos 50 e 60 (figura 4).

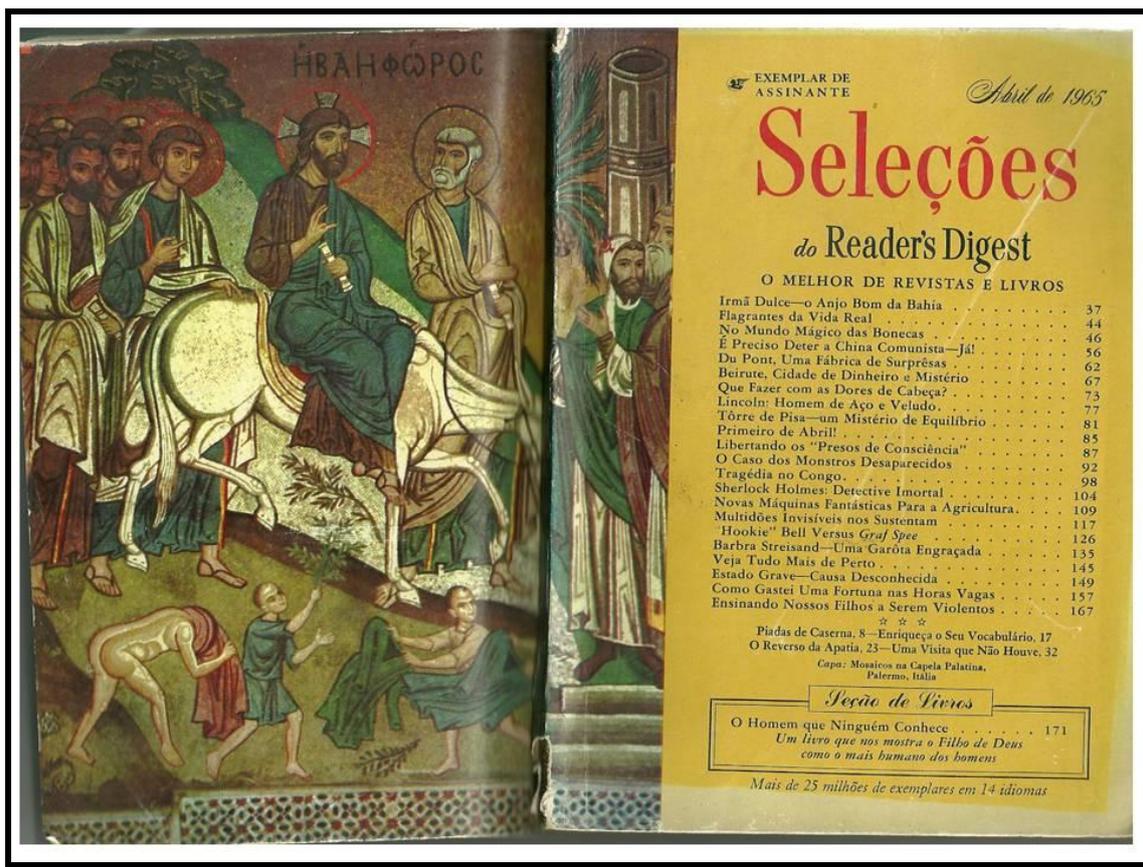


Fig. 4 – Capa *Seleções*, abril de 1965

Começam a aparecer na capa, então, faixas de figuras cuja largura, variava de c 2,5 cm a 4,5 cm, sempre no lado esquerdo da página, conforme observamos na ilustração acima as quais apareciam na íntegra na contracapa. Tais figuras normalmente apresentavam alguma obra de arte, ou fotografia. Na capa, aparecia o índice, com todos os artigos, numa diagramação bastante semelhante a original. No verso da capa havia explicações sobre a ilustração, o local, motivo da escolha, etc.

A partir de 1960 (figura 5) já é possível encontrar outras modificações na capa. A fotografia que cobre toda a capa é acompanhada por um retângulo colorido, contendo o nome e a data da publicação. Nessa estrutura o índice vem localizado na contracapa. Há alternância nas capas dos anos seguintes, ora o índice na frente, juntamente com fotografias, ora aparece na contracapa.

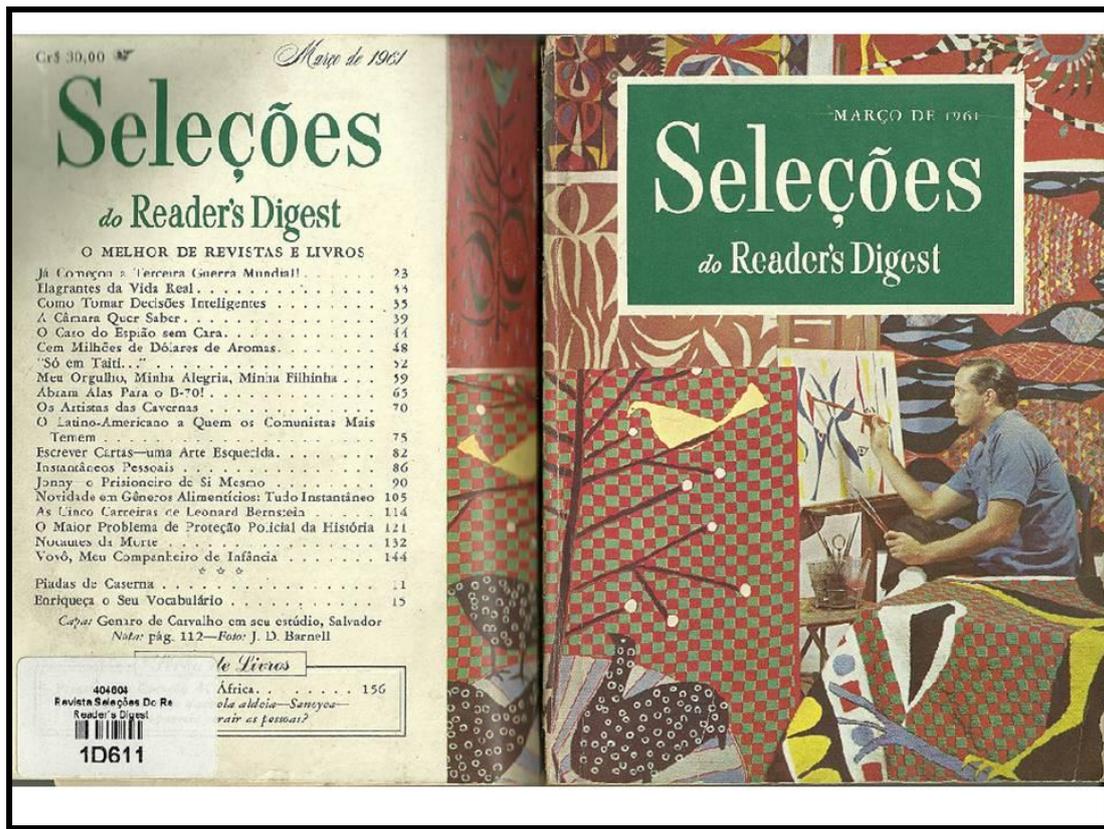


Fig. 5 – Capa Seleções, março de 1961

A década de noventa (figura 6, abaixo) traz para a revista ilustrações e fotos e, seguindo tendências de outras revistas, chamadas de capa destacando algumas matérias, ilustradas com fotos, tendo ao lado o índice.



Fig. 6 – Capa Seleções, agosto de 1996

Duas grandes mudanças ocorreram em relação à “cara” da revista, conforme seu editor chefe. Uma foi em maio de 1998, época em que o índice passou para as páginas internas, o que segundo Sérgio Charlab<sup>50</sup> possibilitou mais espaço para que ele fosse detalhado aos leitores. Pesquisas foram feitas junto ao público para conferir se ele aprovava ou não a mudança. A maioria teria afirmado que sim. Sérgio Charlab apresenta detalhes sobre a decisão:

Antigamente o índice vinha na capa e achávamos o assunto intocável. A revista está presente há tantos anos porque ela é contemporânea, está sempre se atualizando. Tirar o índice da capa foi algo pesquisado. Todas as edições fizeram a modificação ao mesmo tempo, tendo sido estrategicamente planejada.

Isso teria trazido uma mudança expressiva nas capas em relação às fotos: ora localizada no canto direito superior, ocupando, aproximadamente, 4,6 cm de largura e 6,6 cm de altura; ora a foto toma conta de toda a capa e tem relação com a celebridade

<sup>50</sup> Em entrevista concedida à Duarte (2002).

entrevistada no interior da revista (conforme figura 6). Juntamente com o índice, algumas chamadas aparecem, tendo sempre três ou quatro em destaque. O fundo pode ser uma ilustração ou de cor única.

Vale ressaltar que, conforme minhas análises no material, até a década de 70, as ilustrações ou fotos de capa não tinham vínculo com as matérias internas.

A partir do ano 2000 (figura 7) vemos uma multiplicidade de fotos estampando as capas e contracapas da revista, mantendo sempre os destaques para algumas matérias. Nada muito diferente do que já havia sido possível observar nas décadas de 1990.



Fig. 7 – Capa Selecções, maio de 2001.

Nos últimos anos, veremos que as diferenças mais significativas estão na qualidade do papel, mais lustroso e com maior densidade, e na presença da publicidade, que passa a ser frequente na contracapa (figura 8).



Fig. 8 – Capa Seleções, março de 2012

O padrão da colocação de fotografias nos jornais e revistas mais prestigiados só se consumou quando o cinema passou a se caracterizar como fenômeno de massas nos anos 20, conforme Duarte(2002). *Seleções*, neste sentido, foi uma revista bastante peculiar quando surgiu, já que era constituída apenas por textos nos seus primeiros anos de circulação. Outras revistas, na época, já eram famosas pela utilização de fotos, como a *Life*, por exemplo.

De acordo com Nilson Lage (*apud* DUARTE, 2002), com o passar do tempo, a fotografia se tornou jornalística, selecionando e enquadrando elementos semânticos de realidade, de modo também a transmitir informação, passando a ser usada em larga escala pela indústria editorial. Tal situação tornou a fotografia uma atividade especializada, sendo, hoje, indispensável na edição de periódicos.

Por todo o mundo, as revistas *Reader's Digest* apresentam hoje um layout único, sempre seguindo a mesma diretriz visual. Do Brasil ao Japão, seguem o mesmo tipo de diagramação e as imagens são usadas de forma semelhante, normalmente vinculada aos assuntos considerados pelos seus editores como mais relevantes. O único aspecto que

apresenta mudanças é a apresentação do título, que não tem a possibilidade de se manter igual, pois o nome da revista muda conforme o idioma de cada país.

Quanto à estrutura da revista, *Seleções* se mantém também conservadora. Há, pelo menos, nove seções que podem ser consideradas como “permanentes”, pois a revista as vem apresentando, conforme minhas observações, aos seus leitores durante seus 70 anos de existência. Quatro delas contam com a contribuição dos leitores, são essas: *Flagrantes da vida real* – seção com pequenas narrativas (em uma mesma edição) e que ocupa, normalmente, uma ou duas páginas, abordando pequenas experiências pessoais que buscam mostrar o cotidiano das pessoas; *Rir é o melhor remédio* – seção composta por várias anedotas que ocupam uma página e envolvem diversos temas: família, escola, trabalho, sociedade, entre outros; *Instantâneos pessoais* – igualmente, trata-se de uma seção com pequenas histórias, nem sempre engraçadas, que abordam diversas cenas cotidianas; *Piadas de caserna* – seção que aparece em uma ou duas páginas e traz pequenas histórias envolvendo episódios cômicos da vida militar.

Veremos que a seção *Enriqueça seu vocabulário*, por muitos anos apareceu assinada por Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, passando na década de 90 para Mauro de Salles Villar e a partir de 2000 até agora para Ricardo Salles; é uma seção de duas páginas que apresenta vocabulário com testes ao final. *Notícias do mundo da medicina* (hoje chamada *Atualidades médicas*) é uma seção de uma página, assinada por cientistas ou núcleos de pesquisa, abordando assuntos atuais relativos à área.

*Entre aspas* é uma seção com citações de escritores, artistas, políticos, ou alguma personalidade pública, que aparece, normalmente, em meia página.

*Pontos a ponderar* é uma seção que ocupa meia página, algumas vezes aparece em coluna e apresenta opiniões sobre diversos assuntos, de personalidades importantes de distintas áreas, normalmente retiradas de outras publicações.

*Já a Seção de Livros* é a mais extensa das matérias apresentadas na revista, chegando a ocupar até vinte páginas. Assinada por autores específicos da obra apresentada, a matéria apresentada pode ser a de um livro condensado ou mesmo uma reunião de artigos de determinado autor que estaria prestes a se tornar um livro, sempre ocupando as últimas páginas da publicação.

Como vemos, os títulos de cada uma dessas seções “permanentes” evidenciam suas temáticas, facilitando a busca do leitor por determinado assunto. Observo que até a década de 1960, tais seções não apareciam nominadas no índice: apenas vinham com o título referente à matéria, ainda que mantivessem o título no miolo da revista. A seção

*Ossos do ofício*, também contribuição dos leitores, passaria a ter presença constante no final da década de 60. A seção, composta por pequenas histórias engraçadas do ambiente do trabalho, muitas vezes aparecia localizada no final de alguma matéria mais extensa da revista.

Atualmente<sup>51</sup> a revista conta com uma média de 18 seções, por edição. Além das seções “permanentes” encontramos outras que parecem também constantes: *Interaja* – que traz cartas de leitores; *Só no Brasil* – que aborda ideias, tendências e fatos interessantes que acontecem no País; *Resenhas da Nina*<sup>52</sup> – seção que traz sempre a indicação de algum livro com um brevíssimo comentário sobre a história do livro; *Infosfera*<sup>53</sup> – informações sobre o “complexo ambiente informacional que vivemos”; *Meu planeta* – sobre o ambiente; *Saúde* – sempre algo relativo a tratamentos, descoberta de remédios, saúde e bem estar; *Pet love* – o mundo dos animais de estimação; *Ao redor do mundo* – sobre viagens; *English*<sup>54</sup> – matéria bilingue, para a prática do inglês, com testes ao final e *Sorriso final* – sempre uma charge, localizada na última página, que fecha a edição. Observa-se assim como a revista de alguma forma procura se adaptar a novas tendências e transformações sociais e culturais, como na questão do mundo virtual e do notável crescimento do mercado dos animais de estimação, entre outras.

Com o passar dos anos, a disposição das seções nas páginas da revista teve pequena variação. Algumas desapareceram, como a *Seção de imprensa*, depois dos anos 60, que apresentava notas e comentários de notícias do mundo todo. Houve seções que mudaram de nome, mas prevaleceram com o mesmo foco temático.

Desde seu início, no Brasil, *Seleções* trouxe uma *Seção de livros*, Conforme Junqueira (2000), não só nos Estados Unidos como em todos os outros países eram as mesmas seções que mais agradavam seus leitores: *Novidades do mundo da medicina*, *Rir é o melhor remédio*, *Piadas de caserna*, *Aproveite a minha experiência*, *Flagrantes*

---

<sup>51</sup> Conforme observado em edições que circularam em março, maio e junho de 2012.

<sup>52</sup> Matéria assinada por Claudia Nina, apresentada pela revista como sendo uma crítica literária e jornalista.

<sup>53</sup> Assinado por Fred d’Orey, empresário de moda, jornalista fundador e editor do primeiro jornal de surfe do Brasil, que também escreve a coluna “Outras ondas”, tendo também uma coluna na revista “Fluir”. Informações constantes na edição de março de 2012.

<sup>54</sup> Matérias que utilizam a língua inglesa, seja através de textos, ou mesmo de vocabulários e exercícios gramaticais, têm sido recorrentes em edições de *Seleções*, desde a década de 1970. Entretanto, observo que a regularidade de tais matérias, incluindo testes, pode ser localizado na década de 1980 em diante. De tempos em tempos, diferentes patrocinadores, normalmente escolas ou cursos de idiomas são os responsáveis pela matéria. Na edição de março de 2012, por exemplo, é a *English Star*, disponibilizando maiores contatos através do site: englishstar.com.br

da vida real, *Entre aspas, Enriqueça seu vocabulário, Seção de livros*, e a mais querida, sobretudo, dos brasileiros, conforme a autora – a imbatível *Meu tipo inesquecível*.

Podemos ler na própria *Seleções*, declarações sobre quais eram os critérios utilizados para a seleção de cada artigo: *é digno de ser lido? É aplicável ao interesse da maioria? É de interesse permanente?*<sup>55</sup> E, conforme enfatizado e divulgado pelos seus editores, na edição de dois de março de 1942, *Seleções* jamais se afastaria da norma de publicação que tinha adotado desde o princípio [1922]: *escolher cada mês, nas principais revistas e livros, o que há de mais seletivo, oferecendo-o ao leitor em forma resumida, que lhe poupe tempo e esforço*.<sup>56</sup>

Analisando os exemplares que possuo, encontrei, em várias edições, aconselhamentos para questões como falta de autoconfiança, relacionamento conjugal, educação de crianças e outros. Os assuntos são trazidos de forma a oferecer uma solução rápida e clara, indicando, regularmente, que o mais poderoso fator de motivação estaria na força íntima individual. Os textos trazem exemplos humanos e perfis heroicos, habitualmente de pessoas apresentadas como comuns, mas responsáveis por ações notáveis,<sup>57</sup> esquema este repetido à exaustão. Lembrando que a Seção *Meu tipo inesquecível* era prodigiosa na exploração de tais perfis. São casos como os de sobreviventes de doenças terminais, alguém que resgata um amigo ferido na floresta ou, até mesmo, pessoas que salvam animais de circo, de naufrágios, de terremotos, etc.

A maior parte das temáticas abordadas em *Seleções* envolve o que poderia se chamar de “altruísmo”, atos humanitários com forte tom individualista, abrangendo também, alusões a trabalhos cooperativos, *que inspiram as pessoas a olhar ao seu redor e perceber as mudanças que precisam ser feitas* (sic)<sup>58</sup>. Há artigos, também, que recebem destaque por tratarem de assuntos relacionados ao dia-a-dia, tais como saúde, dinheiro e atualidades. Por outro lado, a revista é “recheada” com piadas e anedotas, as

---

<sup>55</sup> *Seleções*, outubro de 1968, p.33.

<sup>56</sup> *Seleções*, março de 1942, contracapa.

<sup>57</sup> Na contemporaneidade não é difícil encontrarmos revistas que fazem sucesso justamente por utilizarem o contrário dessa fórmula, ou seja, revistas que trazem “pessoas notáveis” – normalmente do cinema ou da televisão – fazendo coisas comuns. Estamos vivendo em um tempo em que os “notáveis”, isto é, as celebridades atuam como uma projeção do que muitas pessoas comuns gostariam de ser. Por isso há tanto interesse por elas. A própria *Seleções do Reader's Digest* já se dando conta disso, junto à estratégia de mostrar pessoas comuns fazendo coisas notáveis, criou um site só com celebridades: o [www.celeb.com](http://www.celeb.com). Neste site é possível aferir o ranking dos “famosos” das novelas, do futebol, da política e da música.

<sup>58</sup> *Seleções*, outubro de 1968, p.33.

quais estão presentes no final de cada matéria, algumas localizadas habitualmente no pé das páginas e, outras ainda, em páginas específicas dedicadas a elas.

Temas sérios, envolvendo questões discutidas mundialmente como: conflitos étnicos, sustentabilidade, problemas econômicos, ameaças epidemiológicas, entre outros, parecem ser tratados de uma maneira descontraída pela revista, porém, sem deixar de ser enfocados. Pelo tipo de conteúdo publicado, percebe-se, de certa forma, seu endereçamento a um público mais maduro, pois seriam, talvez, os maiores interessados em buscar uma revista com alguma utilidade “pedagógica”.

Sérgio Charlab, editor-chefe atual da *Seleções*, desde 1993, informa algumas das estratégias que seriam utilizadas até hoje pela revista<sup>59</sup>. Assim, ele afirma que, para compor a publicação, principalmente em relação às suas seções, as contribuições dos leitores são essenciais. Adverte que achar um perfil para quem lê *Seleções* é tarefa complicada. Conforme pesquisas, em média, a idade dos leitores de *Seleções* é de 42 anos, segundo Charlab. Nesse público variado, o único fator comum seria o bom nível de escolaridade. A cada dois meses, são feitas pesquisas de opinião junto ao leitor sobre os assuntos abordados pela revista e até sobre aqueles que ainda estão em planejamento. As seções de humor, além de “Enriqueça o seu vocabulário” e “Pegadinha verbal” (presentes nas edições atuais), estão no topo de interesse, na opinião dos leitores. As pesquisas periódicas, feita pela revista, segundo seu editor, são completas e incluem, também, questões socioeconômicas.

É a partir das pesquisas que a publicação passaria a conhecer um pouco mais o público para o qual estaria trabalhando. Localizei o incentivo para o envio de cartas ou *e-mails* com contribuições para as seções. Divulgadas pela revista, com o título “Queremos rir com você” ou “Você tem alguma boa piada para contar?”, encontrei na edição de agosto de 1986 as seguintes “orientações”: se a contribuição enviada pelos leitores for aceita, o leitor receberia o prêmio em dinheiro depois de sua publicação na revista, tornando-se o texto propriedade de *Seleções*.

Atendendo a chamada de *Você em Seleções*<sup>60</sup>, uma história “original e verdadeira” (sic), sobre a natureza humana ou aspectos interessantes da vida brasileira, pode ser utilizada em *Flagrantes da vida real*; sobre humor no trabalho, em *Ossos do ofício*, ou em *Rir é o melhor remédio*. O valor pago aos leitores por suas contribuições

---

<sup>59</sup> Informações disponíveis no site da revista: <http://www.perfilselecoes.com.br/> Acesso em 02/10/2011.

<sup>60</sup> *Seleções*, março de 2012, p. 72.

em 1986 era de duzentos e oitenta cruzeiros e mais recentemente – conforme veiculado na edição de março de 2012, é de quatrocentos reais.

Para uma pesquisa encomendada pela *Seleções*, em 2010, os resultados revelam que o tempo médio que a pessoa se dedicaria à leitura da revista seria de 46 minutos. As mulheres gastariam mais tempo lendo *Seleções*, enquanto os homens leriam mais vezes o mesmo exemplar. Dentre os leitores, 94% teriam declarado que alguma vez já teriam comentado ou guardado alguma matéria que leram em *Seleções*. Desta forma, a considerar os dados da pesquisa, a revista apresentaria uma ampla cobertura dentro do lar, sendo lida por esposas e maridos, mas também por filhos, irmãos e amigos. A média divulgada é de que 2,7 pessoas leriam o mesmo exemplar numa casa. Segundo a mesma pesquisa, 90% dos consumidores da revista *Seleções* são de assinantes, e 85% teriam avaliado a revista como “Ótima” e “Muito boa”.

Apesar de o público ser muito variado, a pesquisa indica algumas preferências quanto ao estilo de vida e características comportamentais. Conforme os dados da pesquisa<sup>61</sup> os leitores de *Seleções* seriam pessoas que apreciam a leitura, gostam de livros de literatura e artigos sobre variedades e curiosidades. Tal público desejaria estar constantemente atualizado, por esse motivo estaria buscando na revista novas informações sobre o mundo, política e cultura. A pesquisa ainda, sugere que tais pessoas valorizariam muito a família e os momentos passados com ela; para eles, as conversas, mesmo que rápidas, na convivência familiar seriam muito importantes. Esses mesmos leitores de *Seleções* seriam indivíduos que assistem à televisão e utilizam a internet, mas com moderação, destaca a pesquisa. Esses leitores apreciariam música e filmes de estilos variados. Em síntese, tal pesquisa sugere que o leitor da revista *Seleções* seria uma pessoa que gosta de passear, conhecer novos lugares e ver coisas diferentes.<sup>62</sup>

### **3. *Seleções* no Brasil da “modernidade”**

Essa seção apresenta um brevíssimo panorama dos anos que se seguiram à entrada de *Seleções* no Brasil e em especial, as três décadas subsequentes – 1950, 1960

---

<sup>61</sup> Informações disponíveis no site da revista: <http://www.perfilselecoes.com.br/> Acesso em 02/10/2011.

<sup>62</sup> Tais resultados, possivelmente, relacionam-se com os instrumentos utilizados na pesquisa, os quais não aparecem na matéria.

e 1970 – as quais considero importantes para esse estudo, pois compõem cenários que aparecerão, como veremos, tanto nas análises das revistas quanto nas narrativas dos entrevistados dessa pesquisa.

Autores como Mello e Novaes (1998), Buitoni (2009), Miguel (2009), Töpke (2007), Pinsky (2012) dentre outros, partilham entendimentos semelhantes sobre a “aura” de modernidade e progresso, que se estabeleceu no Brasil, sobretudo entre 1945 e 1964, com reflexos na década de 1970. No período, teria havido, de forma especial, uma ênfase no sucesso individual, na competição e, especialmente, no consumo.

Novos hábitos foram sendo alavancados pela produção em massa de bens de consumo, especialmente os destinados ao uso doméstico e pessoal. Visando à inserção na “vida moderna”, os brasileiros da camada média urbana passaram a adotar hábitos e comportamentos comuns aos estadunidenses, configurando-se, assim, o fascínio pelo *american way of life*. Dessa forma, o progresso teria vindo colado a estilos de vida que, necessariamente, estariam estabelecendo vínculos com o consumo, possibilitando que mesmo no “terceiro mundo” fosse possível sentir-se “moderno”. Conforme os autores referidos, a sociedade brasileira encontrava-se, pois, em amplo processo de “modernização”.

A revista *Seleções* teria colaborado com esse processo de “modernização” que o Brasil vivia, entre as décadas de 40, 50 e 60, pois no entendimento de alguns autores que tomam a *Seleções* como objeto de estudo (Junqueira, 2000; Raad, 2005; Scherer Junior, 2004; Daniel, 2006; Pereira, 2006; Töpke, 2007), da área da História Social e da área da Comunicação, há evidências das contribuições da revista para a formação de um imaginário favorável aos Estados Unidos, quando este, conforme os autores se apresentavam não só como o vencedor, no pós-guerra, mas também como o responsável por trazer a modernidade aos países latino-americanos “mais atrasados”.

No âmbito privado, por exemplo, a década de 1950 seria marcada pelo triunfo do casamento romântico, já que homens e mulheres já podiam escolher seus parceiros, por certo que não tão livremente assim; a família, mesmo que de forma mais sutil, ainda exercia grande influência. Os anos 1960, conforme Töpke (2007), se iniciam respirando os ares da década dourada que se encerrava. O desejo de ser moderno, de ser visto como uma nação de futuro, galgando a passos largos o caminho do progresso, ganhava força com a inauguração da nova capital federal: Brasília, projetada por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Construída em cinco anos, era o grande símbolo da moderna arquitetura brasileira; mais do que isso, seria a promessa dos novos tempos que se materializava.

Também no início dessa década, outras vitórias: o Brasil consagra-se, em 1962, bicampeão da Copa do Mundo de Futebol; no mesmo ano o filme brasileiro *O Pagador de Promessas*, dirigido por Anselmo Duarte, conquistou a Palma de Ouro em Cannes, e divulgava-se também o sucesso da tenista brasileira Maria Esther Bueno.

Eis alguns eventos dos anos de 1960 que traziam promessas de mudanças que pairavam no ar: movimentos pacifistas, politização da sexualidade, movimentos feministas, maior escolaridade das mulheres, surgimento de métodos contraceptivos, entre outros (TÖPKE, 2007).

Em abril de 1964, o Brasil mergulhou em uma ditadura militar. Enquanto de um lado estava o sistema político repressor, do outro lado estavam muitos jovens que faziam parte de uma esquerda engajada e nacionalista, inseridos em movimentos estudantis, contestando as normas estabelecidas. Paralelamente a isso, encontrava-se uma cultura rotulada como “alienada”, “descompromissada”, voltada para o individualismo, o romantismo, muitas vezes embalada pelo ritmo da jovem-guarda e influenciada pelos ditames da indústria cultural.

Conforme Pedro (2003), a década de 1960 foi, especialmente na sua segunda metade, uma época de grande efervescência política, cultural e social. A pílula anticoncepcional, que chegou ao Brasil no início dos anos 1960, teria possibilitado uma revolução na vida das mulheres. Sexualidade e reprodução deixariam de ser sinônimos. O mesmo autor afirma que certamente esse fato teria acarretado profundas mudanças na vida das mulheres de todo o mundo, tanto com relação a vida profissional destas quanto no que diz respeito às relações estabelecidas entre homens e mulheres. A politização da intimidade e da sexualidade se intensificaria a partir dessa década e muito, neste âmbito, teria sido impulsionado pelos movimentos feministas (PEDRO, 2003).

O breve panorama apresentado, sobre algumas das condições sociais, culturais e políticas do contexto brasileiro no período – década de 1940 até final da década de 1960, início da de 1970, me instigou a pensar sobre as possíveis reverberações que tais situações provocaram nas mais distintas áreas, campos, instituições e nos sujeitos, abrangendo a sociedade de uma maneira em geral.

O elencar dos elementos acima buscou criar um cenário que, ao pontuar algumas das condições de mudança pela qual o país passava, instigou-me a pensar sobre como, paralelamente, estaria se dando a circulação da revista *Seleções* no cotidiano de seus leitores, nesse período, uma vez que conforme alguns dos estudiosos da revista, *Seleções* muito teria colaborado com o “americanismo” que se instaurava no Brasil,

naquela época. A partir disso, é que busquei entender, mesmo que parcialmente, como seus leitores estariam percebendo as leituras apresentadas na revista, especialmente, nesse período. Ou mesmo, “garimpar” que lembranças ficaram desse tempo. De que maneira *Seleções* acompanhava os ditames da “nova” fase na vida dos brasileiros? Que relações a revista estabelecia com o consumo? Tais articulações, como veremos, serão exploradas na sequência desse estudo.

Ao examinar algumas edições de *Seleções* que circulavam nesse período, verifiquei que é preponderante a intensificação da publicidade, provavelmente, entre outros interesses, tal intensificação seria creditada às “novas” necessidades que circulavam sobre o modo de ser brasileiro. Assim, além das crônicas, artigos e/ou histórias que normalmente integravam as seções da *Seleções* naquele momento, veremos que a publicidade, também foi transformada em material de “leitura” (talvez não só de leitura). Diante da publicidade presente nas páginas da revista *Seleções* – em especial, as edições que circularam entre as décadas de 1940 e 1970, período determinado por ser predominante nas leituras da maioria dos entrevistados dessa pesquisa – foi possível pensar sobre um possível tipo de público a ser atingido pela revista nessa época, que poderia ser assim caracterizado: seria composto por homens – jovens e dinâmicos, que buscavam um lugar de destaque na sociedade, e de mulheres – jovens e já maduras, que estariam ou em busca de um casamento, ou tinham como objetivo constituir um lar, ou mesmo aquelas já casadas, que objetivavam transformar o seu lar com o que existisse de mais moderno e pudesse ajudá-las a serem ótimas donas de casa e mães.

A veiculação destes tipos de propaganda pareceu-me, entre outras coisas, estar em consonância com alguns dos papéis sociais esperados para serem desempenhados pelos homens e mulheres das camadas médias da população daquela época.

Assim, a partir das considerações feitas, é que encaminho a seguir a primeira parte das análises que resultaram desse estudo. As *identidades leitoras*, os discursos sobre leitura presentes na revista e as *experiências cotidianas de leitura*, envolvendo preferências, gestos e modos são alguns dos principais tópicos a serem discutidos no próximo capítulo.

## CAPÍTULO III

### LEITORES E LEITURAS

Eu lia para me divertir. Para aprender alguma coisa. Eu tenho por princípio... eu não gosto de leitura que eu não aproveito nada. (Alda)

[...] eu começo a ler e me dá muito sono. Acaba eu dormindo com o livro aberto. A não ser quando eu vou a algum local que eu tenha que ficar lá, sentado, esperando, aí eu gosto de levar um livro para ler, porque eu não gosto de ficar sentado, parado sem fazer nada. (Antônio)

Eu não tinha assim uma coisa específica para ler, eu lia para tentar entender alguma coisa (Amélia)

A leitura abre a mente da gente. (Irene)

[Considera-se] Apaixonada por leitura, por histórias, por conhecer. Aí então, quando eu aprendi a ler, já foi sempre sempre lendo. (Doroti)

[Definição de Leitura] É aprender com dois “es” né! É apreender. Alguma coisa tem que ficar. (José)

Horizonte... seria uma palavra [para definir ‘Leitura’]. Porque a leitura não tem limite. É, porque, dependendo o que pegares para ler, ele vai te levar para outros lugares. (Karla)

A lição de vida é que a leitura abriu as portas para mim que era uma criança órfã[...] (Mariana)

As primeiras coisas que eu aprendi na minha vida foi lendo. Não foi alguém me ensinando... (Márcia)

E eu leio pelo prazer de ler. Para mim “ler é essencial”, sabe? Eu não admito passar um dia sem ler [enfaticamente].(Marilene)

O ato de ler, o hábito de leitura era algo corriqueiro, acontecia sem alardes ou expectativas, era apenas um hábito, como lavar as mãos antes das refeições.(Vanda)

Abro esse capítulo com alguns enunciados<sup>63</sup> dos entrevistados dessa pesquisa, proferidos no momento em que conversamos sobre a revista *Seleções*. Durante nossa conversa, em alguns momentos, fluíram questionamentos sobre o que pensavam e como

---

<sup>63</sup> Nesse texto, o termo “enunciado” está sendo usado conforme seu significado predominantemente linguístico, assim descrito por Récanati – no *Dicionário de linguística da enunciação*: “ato de discurso que é dito em um local e em um momento determinados”. (FLORES et alii. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo. Editora Contexto, 2009, p. 108)

entendiam a leitura na sua vida cotidiana e várias respostas foram enunciadas. Assim, os excertos acima foram escolhidos das transcrições das gravações.<sup>64</sup> Eles objetivam anunciar as discussões que serão apresentadas nesse capítulo, sobre “leitores e leituras”.

Como podemos ver, as repostas são de diferentes natureza: alguns se referem a fatos passados (como os de Alda, Amélia, Márcia, Doroti e Vanda), outras são máximas sobre leitura (como as de Irene, José e Mariana) e outras ainda, apontam características próprias da sua leitura (como os de Antônio e Marilene).

Em alguma medida, leio naqueles enunciados representações de leitura circunscritas em discursos correntes, ora exaltando o benefício, ora o prazer, ora a imprescindibilidade e ora a funcionalidade da leitura.

Tanto a análise das entrevistas dessa pesquisa, quanto a análise da própria *Seleções*, contribuem para traçarmos um quadro de descrições pertinentes a práticas e *experiências cotidianas de leitura*. E nesse sentido, inspirada em Fraisse *et alii* (1997), em sua análise das cenas de leitura na fotografia, pintura, cartaz e nas autobiografias, busco compreender as dimensões das representações de leitura presentes tanto na revista, quanto nas narrativas dos entrevistados dessa pesquisa. Para tanto, é preciso ter o entendimento do quanto as práticas culturais estão inscritas num campo de lutas empreendidas para impor uma representação do que seja leitura, “boa” leitura e “bom” leitor, sugerindo tanto modelos de conduta como também de gestos. Interessa-me buscar, nessas análises, as representações recorrentes, atribuir-lhes significações e colocá-las em conexão com outras representações, com outros significados e outras visões tradicionalmente ligadas aos materiais, sujeitos e ações da leitura.

---

<sup>64</sup> Como já explicitado no capítulo da metodologia, nossa conversa seguiu um roteiro, o que desencadeou o surgimento de vários assuntos à medida que os entrevistados sinalizavam alguma possibilidade para a amplitude do diálogo.

## 1. “Identidades leitoras”: muitas histórias para contar

Observo, entretanto, que as “identidades leitoras”, expressão que está no título dessa seção, não serão, de modo algum, descobertas<sup>65</sup>, serão entendidas, sim, como identidades produzidas e visibilizadas a partir da pauta de interação pesquisadora/depoente. A entrevista, que teve como base um breve roteiro de questões, conforme já apresentado na seção da metodologia<sup>66</sup>, oportunizou a coleta de dados. Dentre esses, selecionei aqueles trechos que contribuía para as discussões que serão apresentadas. Tais dados foram articulados às leituras realizadas em meu acervo de *Seleções*. E é sobre esses “achados” que essa seção, integrante do capítulo *Leitura e Leitores*, foi produzida.

Leitura para diversão. Leitura como entretenimento. Leitura para o aprendizado. Leitura como horizonte para a vida. Leitura como hábito. Leitura para partilhar. Leitura como sendo “essencial” na/para vida. São representações sobre leitura recorrentes no nosso cotidiano e, obviamente, encontrei reverberações de tais representações tanto nas edições da revista, quanto nos enunciados dos entrevistados dessa pesquisa – pessoas com pouca, média e alta escolaridade que se dispuseram a conversar sobre leitura, tendo como ponto de partida e de chegada a revista *Seleções*. É preciso dizer ainda que, diante do adensamento dos dados, apareceram inúmeras histórias das quais sei, que essa tese não dará conta.

Ao proceder à leitura daqueles excertos citados como epígrafe, identifico certa convergência nas representações de leitura tanto nos “princípios” expressos, quanto na narração de lembranças. Contudo, há de se fazer uma ressalva, pois para um dos entrevistados, a leitura “dá muito sono”<sup>67</sup>. Antônio deixou claro, através de sua

---

<sup>65</sup> As identidades são apresentadas por sua *representação*, pois conforme Woodward, *quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar identidade* (WOODWARD:2000, p. 91)

<sup>66</sup> No capítulo I.

<sup>67</sup> Em 2009 houve polêmica a partir da declaração do então presidente Lula de que “lê pouco, porque lhe dá sono”, e que isso acontecia com o romance que estava lendo naquele momento, “Leite Derramado”, de Chico Buarque. Contudo, uma pergunta pode ser feita: quem já não dormiu, ou teve sono, com um livro pesando sobre o peito? As palavras vão embaralhando, se distanciando; passamos a não entender aquilo que estamos lendo; temos de ler inúmeras vezes uma mesma frase para compreendê-la; as pálpebras pesam... No dia seguinte, ao voltarmos a ler o mesmo livro, precisamos reler algumas páginas, para lembrar em que momento da trama nos entregamos ao sono e retomar a leitura. Alguns estudiosos da

afirmativa e também durante sua entrevista, o quanto o ato de leitura lhe provoca o sono. Entretanto, ao ler o desenrolar de sua narrativa, evidencia-se seu reconhecimento sobre o quanto a leitura, não só da revista *Seleções*, como a de outras leituras realizadas ao longo de sua vida, tiveram sua funcionalidade, sobretudo em aspectos relacionados ao estudo e à sua capacitação profissional. Ou seja, ao reconhecer que muito aprendeu e ainda continua aprendendo com a leitura, a narrativa de Antônio, de alguma forma, se assemelha as demais.

Antes de adentrar em maiores discussões das narrativas dos entrevistados, apresento mais algumas análises da *Seleções*, por entender a pertinência de sua articulação àqueles enunciados.

### 1.1. Os discursos sobre leitura em *Seleções*

Voltando meu olhar para a revista *Seleções*, encontrei em algumas edições, algumas representações e imagens de leitura. Inspirada em Fraisse *et alii* (1997), mais especificamente, na sua obra *Representações e imagens da leitura – cujo corpus é formado por relatos autobiográficos, imagens (pintura, fotografia e cartazes) e na crítica literária de 1880-1980, na França, identifiquei na revista, matérias que se articulam a interessantes representações de leitura que circularam em épocas passadas.*

Assim, algumas dessas imagens de leitura constituíram-se de desenhos que ilustraram a publicidade de instituições ligadas à cultura, na década de 1950 (exemplo da figura 9). Outras representações de leitura são encontradas em fotos que simplesmente incluem a presença de livros, jornais, revistas, assim como outras onde há “encenações” de ações com tais objetos de leitura, ora publicizando a leitura, ora publicizando a própria revista.

Fraisse *et alii* (1997) nos informam sobre o aumento de anúncios publicitários que teriam passado a utilizar cenas de leitura, nos últimos anos do século XIX. A emergência de tal intensidade teria sido impulsionada pelo grande momento que a imprensa vivia, obrigando-a buscar novos mercados e novos públicos e, portanto, buscando a criação de “novos” leitores.

---

leitura alertam, entretanto, que não há nada de muito errado nisso. Acontece. Já outros estudiosos dirão, também, que não é uma questão de “certo ou errado” e sim algo habitual.

Nas *Seleções* analisadas, do acervo que possuo, além das peças publicitárias que anunciavam a venda de livros e enciclopédias<sup>68</sup>, explorando, habitualmente, a imagem dos próprios livros e/ou de bibliotecas, identifiquei outras, matérias publicitárias que se utilizam de imagens e de “cenas de leitura”. Selecionei algumas destas para as discussões, a seguir, pois reconheço que as representações aí veiculadas corporificam, de alguma forma, determinadas “identidades leitoras”.

Início com uma das propagandas veiculadas na *Seleções*, na edição que circulou em abril de 1959.

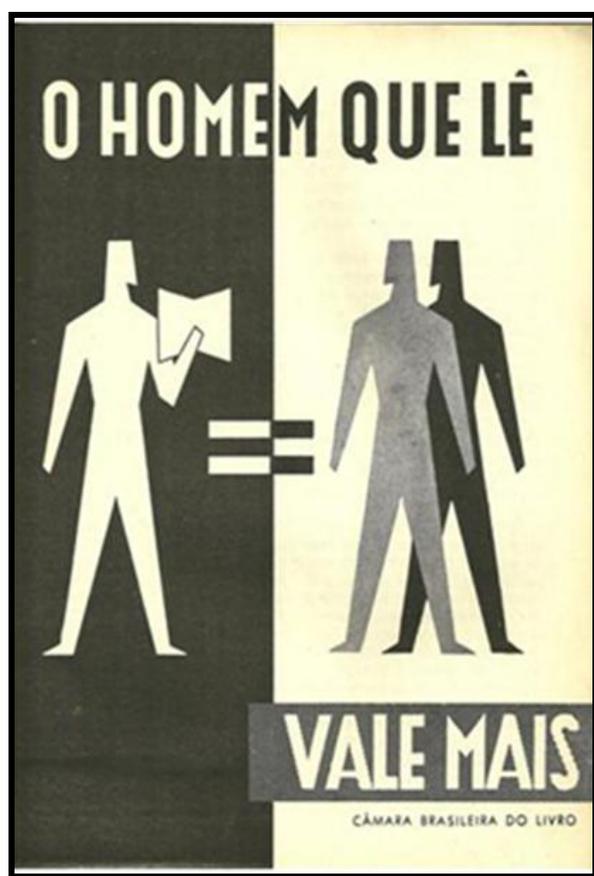


Fig. 9 – Anúncio Câmara Brasileira do Livro – *Seleções*, abril de 1959

Com o slogan “o homem que lê vale mais”, ladeando – um desenho esquemático: de um lado um homem com o livro na mão e, após o sinal de igualdade, o

---

<sup>68</sup> Um dos mais lucrativos produtos do *Reader's Digest*, conforme informações de seu editor-chefe Sérgio Charlab, está na comercialização de livros, enciclopédias, CDs, DVDs (esses dois últimos, atualmente).

desenho de dois homens, a peça publicitária mostra uma convergência semântica entre o texto escrito e o texto imagético. Ambos parecem partilhar da mesma mensagem. Dessa forma, o anúncio da Câmara Brasileira do Livro<sup>69</sup>, vinculando a leitura a uma fórmula matemática, presentifica uma representação de leitura, que na década de 1950 estaria colocando o sujeito leitor em uma dimensão diferenciada. Observo a generificação identitária, qual seja: quem lê é o homem, significando a espécie, coerente com os padrões da época. Reconheço que o discurso veiculado na peça publicitária analisada pode ser aproximado aos discursos recorrentes e ainda atuais sobre leitura. Algo do tipo: “o que a leitura pode fazer por nós” ou mesmo “ler faz bem, torna a pessoa melhor”.

Outro texto interessante, que circulou na edição de *Seleções* de abril de 1967, se insere na campanha publicitária da própria revista que, ao mesmo tempo em que incentivava o investimento em publicidade, delineava outros aspectos identitários de seus leitores, os quais seriam pertencentes a *Famílias jovens de sólida tradição, de horizontes amplos e de gosto pela leitura*, conforme podemos ler, bem ao centro, da imagem abaixo (figura 10).

---

<sup>69</sup>Registra-se que a Câmara Brasileira do Livro marcou presença nas páginas da *Seleções* durante várias décadas. O investimento em campanhas publicitárias, possibilitado pela chegada de novos associados, fez com que a CBL ganhasse representatividade junto às entidades governamentais, possibilitando maiores benefícios ao setor. Em 1950, a CBL obteve de diversos governos estaduais a isenção do IVC, o então Imposto sobre Vendas e Consignações, para todo o comércio livreiro. Também se solicitou formalmente ao governo federal a facilitação e liberalização da importação de livros estrangeiros, bem como do papel usado para a produção editorial.



imagem com capa da *Seleções*; na sequência um automóvel<sup>71</sup> e, por último, a imagem em fotografia de um homem lendo, provavelmente uma *Seleções*, acompanhada da ilustração de um “olho atento”. A juventude à qual se endereça a revista muito provavelmente estaria articulada a dois fatores: o primeiro seria o importante momento de desenvolvimento que o País vivia – que ganhava materialidade pelo comentado avanço industrial; o segundo seria a base da composição etária do país que, naquele momento, era formada de jovens.

Outro aspecto interessante que não poderia passar despercebido é a alusão feita pela peça publicitária ao suposto nível econômico de seus leitores, que provavelmente seriam pessoas ou famílias com “alto poder aquisitivo” a julgar pelas ilustrações utilizadas. Assim, automóvel, jogo de tênis, estudos científicos, como se sabe, não eram de fácil acesso à maioria das famílias brasileiras naquele período<sup>72</sup>. Conforme veremos nesse estudo, o “perfil econômico” da maioria dos leitores de *Seleções* que encontrei<sup>73</sup> abrange leitores pertencentes às mais diversas condições econômicas. Os exemplares da revista que os entrevistados liam eram, em grande parte, encontrados em algum local público ou particular (porões, casa de parentes, consultórios médicos), emprestados ou recebidos em doação. Alguns dos entrevistados compravam a revista na banca ou em sebos; poucos foram aqueles que referiram que a própria a família ou eles próprios eram assinantes.

Identifiquei, em outras edições, que determinadas cenas de leitura integram cenários domésticos de vida em família, a partir do modelo social configurado naquele momento. Ilustro tal informação com a imagem da propaganda que aparece a seguir (figura 11), a qual sugere que a família se beneficiaria do uso das lâmpadas *Philips* para valorizar o conforto de *gente feliz*. Vejamos.

---

<sup>71</sup> Conforme Mello e Novais (1998), o automóvel, nesse período, seria o símbolo maior do americanismo.

<sup>72</sup> Para Mello e Novais (1998), nas décadas de 50 e 60, o Brasil teria conseguido um grau significativo de industrialização, contudo, o modelo de crescimento industrial adotado não significou uma melhora nas condições de vida da maioria da população. Ao contrário, tal processo teria gerado, ao mesmo tempo, uma acumulação de riqueza em larga escala, sem resolver os problemas relacionados com a pobreza, ao contrário, teria agravado.

<sup>73</sup> Não só aqueles que fizeram parte desse estudo, mas também os de outros dos quais recebi indicação, sendo que esses, porém, não foi possível entrevistar. Tive indicações de que eram leitores de *Seleções*: donos de editoras, médicos, professores, zeladores de prédios e faxineiras.

**LUZ  
CONFORTO  
GENTE FELIZ...**

**COM ILUMINAÇÃO PHILIPS**

Casa bem iluminada, vida mais bonita! - Ilumine melhor o seu lar com lâmpadas Philips Argenta — as lâmpadas opalinas, de luz suave e sem sombras.

A Philips fabrica todos os tipos de lâmpadas. Consulte pois, qualquer que seja seu problema de iluminação, o Depto. de Luminotécnica da S. A. Philips do Brasil - C. Postal - 8681 - S. Paulo

**LÂMPADAS PHILIPS - MELHOR NÃO HÁ!**

*Fig. 11 – Anúncio Philips – Seleções, março de 1963*

Nesta cena da matéria publicitária da Philips, veiculada na edição de março de 1963, além do produto, no caso da lâmpada, é possível identificar outras tantas representações, como as de família e leitura. Quanto à família, a imagem (figura 11) sugere a constituição de uma família nuclear com papéis sociais definidos. O homem, como “pai de família” e filho menino, a mulher nos papéis de mãe – prestativa e cuidadosa, e de avó – doce e generosa, fazendo seu tricô. Tais imagens comporiam o cenário de uma família “classe média”, típica dos anos 60. Quanto à leitura, a cena é bem peculiar. Percebo que o ato de leitura foi preponderantemente atribuído ao gênero masculino, com o homem e o menino aparecendo na cena como leitores e as mulheres

como coadjuvantes. O homem aparece sorridente e atento, lendo uma revista – ou jornal, que em função da qualidade da imagem, não conseguiu identificar pontualmente, enquanto o menino, por sua vez, aparece com uma revista em quadrinhos nas mãos.

Gostaria de tecer alguns breves comentários acerca da revista em quadrinhos, por entender a pertinência de sua relação com as discussões que, provavelmente, estariam sendo feitas naquele momento acerca desse gênero de leitura.

A leitura das revistas em quadrinhos, ou HQs, também conhecidas por alguns como “gibis”<sup>74</sup>, recebeu inúmeras críticas por algum tempo, por serem identificadas como sendo leitura de “menor valor”. Conforme Moya (1996)<sup>75</sup>, na década de 60, as histórias em quadrinhos foram muito criticadas por professores e profissionais da educação quanto aos prejuízos que este tipo de leitura poderia trazer a um leitor em formação. O argumento utilizado era de que o predomínio da imagem, em detrimento da palavra, prejudicaria o esforço do ler, pensar e julgar, enfatizando uma leitura puramente visual e levando os alunos a priorizar o ver em detrimento do ler e estudar. Discutia-se também a função da imagem e os problemas advindos do conteúdo das histórias, em função da proliferação de HQs estrangeiras, que se alastravam no Brasil, as quais eram consideradas como incentivadoras de violência. Também se aludia aos interesses de tais revistas e, por causa disso, não se acreditava que elas pudessem colaborar para o aperfeiçoamento cultural e moral do leitor em desenvolvimento.

Uma abordagem de tal problemática pode ser identificada na edição de *Seleções* de abril de 1959<sup>76</sup>, em que localizei em uma mensagem editorial assinada pela Abril – endereçada aos pais brasileiros, sobre a leitura de revistas em quadrinhos. A mensagem versou sobre a importância da escolha de uma leitura recreativa para os filhos e sobre o quanto as crianças demonstravam entusiasmo com a leitura desse tipo de revistas. A partir de um discurso autorizado, citando os estudos feitos sobre as HQs nos Estados Unidos e na Europa, naquele momento, a matéria defendia que a leitura das *boas histórias em quadrinho* tenderia a estimular a leitura de livros. O texto defende que tais leituras permitiriam que a criança fosse *descobrimdo o mundo maravilhoso que a*

---

<sup>74</sup> No Brasil, depois de uma fase em que alguns analistas propuseram a oposição “estórias” e “histórias” teria se consagrado a expressão “histórias em quadrinhos” (normalmente abreviada para “HQ”) como a de maior preferência; no entanto, muitos leitores antigos e grande parte dos novos continuam ainda a utilizar o termo *gibis* quando se referem às revistas de histórias em quadrinhos de uma maneira geral, reproduzindo uma apropriação linguística semelhante à ocorrida no território espanhol, pois *Gibi* foi também uma popular revista de histórias em quadrinhos publicada no país (MOYA, 1996).

<sup>75</sup> Ver MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

<sup>76</sup> *Seleções*, abril de 1959, p. 31.

*aguarda na página impressa.* Sendo assim, ao crescer, essa criança começaria a buscar cada vez mais leituras substanciosas de modo a *satisfazer o seu desenvolvimento mental.* Ao final da mensagem, lemos que o problema da leitura recreativa infantil encontraria *uma feliz e completa solução nas páginas, primorosamente impressas, de “O PATO DONALD” e MICKEY*”<sup>77</sup>. Com isso, sinalizo algumas das várias nuances que uma simples matéria publicitária, como a da Philips, por exemplo, poderia disseminar ao trazer diversas representações daquele contexto cultural.

Presentes em maior número, se comparado ao das matérias publicitárias, encontrei vários artigos com cenas de leitura que aparecem em histórias envolventes, e em alguns dos depoimentos – é claro, de pessoas famosas – fazendo um verdadeiro incitamento à leitura e à revista.

Como já vimos, histórias envolvendo relações e ambiente familiar são facilmente encontradas na *Seleções* desde as suas primeiras edições. Pincei algumas para análise, sobretudo, aquelas em que pude identificar o quanto as cenas de leitura estão presentes em seu enredo. Por outro lado, pode-se inferir que a seleção de tais histórias estaria em convergência com a linha editorial da *Seleções* no Brasil, qual seja, a exaltação de uma escala de valores e formas de viver estadunidense, – pautada em instituições como família, religião e trabalho, e sua expansão para os demais países.

Vejamos uma dessas histórias selecionadas das primeiras edições de *Seleções*, em 1942.

*Curioso! As cousas que um homem lembra quando a vida fica de repente reduzida a escombros [...]*<sup>78</sup>. Assim inicia a narrativa – em terceira pessoa – de Michael Foster, autor *The American Dream*, sobre as lembranças de um pai, americano, de classe média que, assoberbado pelo trabalho, não dá atenção à “filhinha”,<sup>79</sup> Marge. Dentre os muitos olhares que podem ser lançados sobre essa história, está presente a visibilidade do modo capitalista de ser – representado pelos trabalhadores americanos que já estariam assoberbados com o excesso de trabalho e sem tempo [muito característico nos dias atuais, um *workaholic*<sup>80</sup>, talvez?], um pai sem o tempo que a sociedade julgaria adequado para dar atenção à filha. A história enfatiza justamente tais

<sup>77</sup> Preservei a forma em caracteres maiúsculos, conforme aparece na publicação.

<sup>78</sup> *Seleções*, julho de 1942, p. 61.

<sup>79</sup> A narrativa enfatiza a personagem criança do gênero feminino de “graciosas maneiras”, sobretudo ao tocar a mão do pai com seus “dedinhos tímidos”.

<sup>80</sup> Expressão americana que teve origem na palavra *alcoholic* (alcoólatra). Serve para denotar uma pessoa viciada, não em álcool mas em trabalho.

elementos. O pai, que estava em seu escritório conferindo o relatório dos últimos doze meses de trabalho, após um dia de intenso de trabalho, recebe a filha pequena que lhe solicita a leitura de uma história. No diálogo entre pai e filha, estabelece-se a cena:

- Olhe papai.

Ele ergue os olhos apenas para dizer:

- Livro novo, hein? Bonito, minha filha.

- É lindo, papai. O senhor quer me ler aqui uma história?

- Não queridinha. Agora não posso.

Marge ficou escorada na cadeira, e ele continuou lendo um parágrafo em que explicava aos acionistas a substituição de certas máquinas na fábrica. E a vizinha de Marge, cheia de tímidas inflexões de esperança, voltou à carga:

- Mas mamãe disse que o senhor lia, papai.

Ele olhou-a por cima da página:

- Desculpe, minha filha. Talvez mamãe possa ler pra você. Veja só, eu estou muito ocupado neste momento.

- Não (tornou Marge delicadamente), mamãe está muito mais ocupada lá em cima. O senhor não quer mesmo ler para mim, nem que seja só essa história curtinha? Olhe – não é bonito o boneco, paizinho?

- Que beleza! Mas esta noite eu tenho muito o que fazer. Fica para outra vez, sim?<sup>81</sup>

Mais adiante na narrativa descreve-se a insistência da filha para que o pai leia o livro, a que o pai se recusa, alegando sempre o mesmo argumento, isto é, a falta de tempo. Ao final, o leitor fica comovido, pois o que foi narrado foram lembranças de um pai que estava preparando-se para ir ao funeral da filha numa situação melodramática.

Por um lado, temos aqui um texto chamando a atenção para a necessidade de conceder importância à criança, dedicando um tempo de compartilhamento de uma atividade, sobretudo a atenção específica que “deveria” ser oferecida pelo pai. Dito de outro modo, o que chama a atenção na história apresentada na revista está ligado ao comprometimento que o pai “deveria” ter na sua relação com a filha. Sobretudo, o atendimento ao pedido da filha de que ele realizasse o papel de leitor e contador de histórias, que, como sabemos, algumas vezes, seria destinado às mães. Aqui não podemos deixar de pensar sobre os discursos envolvidos em questões de gênero que estariam emergindo e se constituindo naquele momento<sup>82</sup> e, que, ao mesmo tempo neste

---

<sup>81</sup> *Seleções*, julho de 1942, p. 61.

<sup>82</sup> Perrot (1998) nos lembra que os movimentos de mulheres pela sua emancipação remontam a uma época muito anterior aos anos de 1960, data emblemática para o feminismo mundial. Já no século XIX, conforme a autora teria-se assistido a diversas experiências de organizações que questionaram o papel social das mulheres, exigiram direitos civis, como o acesso à formação superior, ao voto e à participação política. As ativistas vinculadas a essa luta ficaram conhecidas como “sufragistas”, e suas manifestações

estudo, podem ser cruzados com as narrativas dos entrevistados – que serão discutidas mais adiante – dessa pesquisa.

Voltando à análise da narrativa selecionada, destaco, também, o modo de tratamento respeitoso ao pai. Em vários momentos, a filha dirige-se ao pai com o tratamento de “senhor”. O tratamento de “senhor”, presente na tradução, pode ser reconhecido, na interlocução entre pais e filhos, como uma antiga forma de tratamento, denotando respeito e distanciamento. Também não posso deixar de sublinhar certa artificialidade no diálogo apresentado, que pode ser identificada em expressões que aparecem no diminutivo como: “queridinha”, “filhinha”, “vozinha” e pelo uso de expressões de cortesia como “desculpe”, “o senhor não quer mesmo” etc. É possível evidenciar, ainda, a denotação do sentido de carinho e afetividade com o apelo estilístico que reforçaria a situação melodramática apresentada.

Vê-se, assim, que o incentivo à leitura na revista *Seleções* é facilmente encontrado em vários artigos, aparecendo em histórias dos mais diversos tipos: alegres, satíricas, engraçadas, comoventes, melodramáticas. Julgo interessante, assim, trazer mais uma dessas histórias, por entender que desta forma estarei abrindo perspectivas para as discussões que serão apresentadas na próxima seção.

*Cultivando o hábito da leitura*<sup>83</sup> é matéria assinada por John Kord Lagemann, e apresenta uma narrativa com intenções explícitas de “modelo” com o objetivo de ensinar como lidar com os filhos acerca de sua relação com a leitura. O enredo se desenrola em uma família que adotou há dez anos um “programa de leitura”, cujos pais – personagens da narrativa – queriam que seus filhos não perdessem a benção de que eles desfrutavam, qual seja: *a leitura como prazer*. Assim, *Pinocchio*, *Guerra e Paz*, de Tolstói, *o Paraíso perdido*, de Milton, *A Ilha do Tesouro*, de Stevenson, *Robson Crusoe*, de Daniel Defoe, *Heart of Darkness*, de Joseph Conrad, e *Sonhos de uma noite de verão*, de Shakespeare, foram alguns dos títulos indicados pelo casal e lidos por seus filhos. A mensagem final da narrativa sublinha a importância da leitura na vida dos filhos, pois seria um *abre-te-sésamo* para a maioria das coisas boas que os filhos desejassem. E, ao mesmo tempo, fazia um chamamento aos pais no que se refere ao seu compromisso em atuarem como agentes mobilizadores e incentivadores dos processos que transformam os filhos em “filhos leitores”. Para o autor *as crianças não mergulham*

---

foram ouvidas no “Velho” e no “Novo Continente”. França, Estados Unidos e mesmo o Brasil registraram a experiência de mulheres contrárias aos padrões de feminilidade da época. (PERROT, 1998).

<sup>83</sup> *Seleções*, julho de 1960, p. 167-174.

*na leitura a fim de colhêr os resultados anos mais tarde. Êles leem porque gostam, e a melhor maneira de fazê-los apreciar a leitura é apreciá-la com êles (p.174).*

Diante dos perfis de leitores traçados por *Seleções* – tanto os que já eram assim identificados, quanto aqueles que estavam por se tornarem – me interessei em entender como os entrevistados dessa pesquisa, que foram leitores dessa revista – alguns, por curto tempo, outros por um longo período e outros, ainda, até hoje – iniciaram a leitura e quais considerações faziam sobre a leitura em sua vida. Veremos, então, que lembranças emergiram através deste olhar para o passado.

## 1.2. O aprendizado da leitura

*O passado é uma invenção do presente. Por isso é tão bonito sempre, ainda quando foi uma lástima... A memória tem uma bela caixa de lápis de cor.*  
Mário Quintana

Falar do passado, daquilo que vivemos, sentimos, experimentamos, permite um constante reinventar-se hoje. Inspirada em Quintana reconheço que se trata de um passado que é presente. Faço minhas as palavras do poeta: *O passado não reconhece o seu lugar, está sempre presente* (QUINTANA, 2006: p.174). É com um olhar do hoje que se procura uma visão do passado, uma construção composta de um ir e vir entre presente e passado, numa busca de sentidos sobre nossas aspirações.

A cada tentativa de aproximação com o passado, este ganha novas cores e nuances, e isto se deve ao fato de que a memória não é estática, fixa: ela é uma produção marcada por movimentos de instabilidade e seletividade dos acontecimentos. (Re) Inventar-se. (Re) Criar-se.

Mas o que poderia ser investigado em uma pesquisa sobre leitura, em que exemplares antigos de uma revista de circulação nacional – como a *Seleções* – são trazidos pela pesquisadora e apresentados aos entrevistados? Ou ainda, quando essa mesma revista é guardada por algum tempo, e é parte integrante do acervo do entrevistado? O que esse artefato aciona quando colocados frente a frente, o entrevistado, a revista *Seleções* e a entrevistadora, e os primeiros falam sobre suas lembranças de leitura, sobre um determinado momento de sua vida? Relembro que as entrevistas realizadas trouxeram histórias pessoais que são fontes de representação e que

aqui, nesse estudo, se ajustam à sua dimensão singular, podendo ser reconhecidas como *relatos de vida e de leitura*.

Tais relatos serão aqui entendidos, conforme nos propõem Fraisse *et alii* (1997), como sendo relatos retrospectivos em prosa, que uma pessoa faz de sua própria existência, ao pôr em destaque sua vida individual, sendo, portanto, relato de aprendizado feito por aprendizes que já alcançaram a maturidade.

Logo que iniciava a entrevista, uma das primeiras propostas era de que os entrevistados contassem um pouco sobre suas lembranças, e sobre como eram os hábitos de leitura em sua família. Seria na família que teriam aprendido tais hábitos? A pergunta não foi feita assim, diretamente. Essa e outras questões foram expressas da seguinte maneira: Que lembranças tinham, em relação à leitura, quando ainda eram crianças? O que pensavam sobre a leitura? Etc., além de outras questões bem específicas que iam surgindo no decorrer de nossa conversa. Enfim, foram questões que buscavam, em um primeiro momento, mapear o contexto familiar de origem dos entrevistados, por entender que foi importante para compor um quadro identitário.

Em alguns desses relatos, identifico, por exemplo, o aprendizado que conduziu os leitores das evocações da infância aos gestos de leitores proficientes na adolescência, na idade adulta e na maturidade. Considerando que o foco dessa tese é a leitura de *Seleções*, julguei importante, primeiramente, localizar a origem individual das práticas de leitura no contexto familiar cotidiano dos entrevistados e, como veremos, a leitura de *Seleções* aparecerá de forma gradativa na sequência das narrativas.

#### A família [nem sempre] como modelo

A figura do leitor como conhecemos hoje, o leitor de texto impresso, pode ser considerada recente, pois surge na Europa, aproximadamente, no século XVIII, quando a impressão dos livros passa do modo artesanal para o empresarial, possibilitando assim um maior acesso e um número de livros um pouco maior do que no período anterior (CHARTIER, 1998). A expansão da leitura tanto na Europa quanto no Brasil encontraria lugar devido à sua transformação em prática social e a sua conseqüente valorização pela família.

A importância da família como modelo para produzir (bons) leitores encontra aporte, sobretudo, em debates atuais de diferentes áreas das Ciências Humanas. Aliás, já se pode encontrar, de alguma forma, também, em 1649, em Comenius, que com sua *Didática Magna*, teria idealizado uma possível aliança entre a família e a escola (NARODOWSKI, 2004).

Conforme abordado nas análises apresentadas, *Seleções*, já desde suas primeiras edições, também corroborava entendimentos semelhantes, nesse caso, sobre família e leitura. A família, ao ser comparada a uma “miniatura da sociedade”, se fortaleceria como espaço privado de vivência, podendo contribuir para a intensificação do gosto pela leitura.

O gosto pela leitura, conforme vasta literatura sobre o tema, parece se desenvolver no contexto de privacidade doméstica. Assim conforme os resultados do último relatório *Retratos de Leitura do Brasil*, já citado anteriormente, de 2012, 93% dos leitores costumam ler em casa.

Outro dado interessante do relatório *Retratos de Leitura do Brasil* surge da solicitação para os respondentes assinalarem sobre quem mais os influenciou a ler<sup>84</sup>. De longe, em primeira e segunda colocações, respectivamente, estão os professores<sup>85</sup>, com 45% e as mães com 43%. Outro dado interessante é que dentre os “não leitores”<sup>86</sup>, 63% alegaram nunca terem visto a mãe lendo e 68% nunca viram o pai lendo, sendo que dentre esse mesmo grupo – o dos “não leitores” – 10% viam sempre a mãe lendo e 7% viam o pai. Nessa mesma pesquisa, ao serem perguntados sobre quem influenciou a leitura, o pai aparece com o mesmo percentual que do item “ninguém”, ou seja, com 17% de influência. São dados que corroboram discursos que colocam a família como instituição capaz de um importante auxílio no incentivo à leitura.

Embora, conforme comentado anteriormente, nem todos os entrevistados tenham se considerado leitores assíduos atualmente, suas narrativas permitem evidenciar muitos dos aspectos de suas *experiências cotidianas de leitura*.

---

<sup>84</sup> A referida pesquisa considera leitor aquele que leu, inteiro ou em parte, ao menos um livro nos últimos três meses.

<sup>85</sup> Na pesquisa anterior, de 2007, as mães foram citadas como responsáveis pelo incentivo à leitura de 49% dos leitores, e os professores 33%. Um fato a comemorar é que, muito provavelmente, os/as professores/as estão incentivando cada vez mais a leitura.

<sup>86</sup> A referida pesquisa considera “não leitor/a” aquele/a que não leu nenhum livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido nos últimos doze meses.

A análise das falas fez emergir outros resultados interessantes sobre o aprendizado da leitura a partir de alguns modelos, os quais passo a apresentar.

### O pai como modelo de leitor

Conforme comentei anteriormente, Alda, Irene e Vanda são as três entrevistadas que apontaram seus pais como modelos e grandes estimuladores de sua atividade leitora ao serem questionadas sobre as primeiras lembranças que têm sobre leitura; imediatamente surgem enunciados emocionados enaltecendo a figura do pai. Vejamos o que elas nos dizem sobre isso.

*[..]Jo hábito da leitura vem de muito tempo porque o pai lia para a gente. Meu pai era um pedagogo nato. (Alda)*

*Meu pai era um assíduo leitor [...] Lembro de meu pai deitado na cama lendo a revista ou mesmo lendo livros... (Irene)*

*O hábito de ler antes de dormir veio de meu pai que se despedia com um: “boa noite, vou ler um pouco” (Vanda)*

A figura de um “pai leitor” e ainda “contador de histórias” – como lemos através do relato de Alda, não parece ser tão comum, mesmo nos dias de hoje, ao levarmos em conta o resultado apresentado no relatório *Retratos de Leitura no Brasil (2012)* – em que apenas 17% dos que se consideram leitores disseram ter sido influenciados pelo pai. Interessante pensar que na década de 1930, época em que Alda viveu sua infância, já era possível encontrar homens que assumiam a função de contar histórias infantis para seus filhos, ainda mais não sendo um professor com formação para o ofício, como a própria depoente informou no decorrer do seu relato. Seu pai era militar e trabalhava na Brigada. Para Alda, seu pai foi modelo de um “bom” leitor, pois era crítico, assíduo e competente, características importantes para ele que, segundo ela, contribuíram para o desenvolvimento de sua inteligência e para o aprimoramento de sua aptidão pedagógica. Tanto que, mal havia iniciado o curso de contabilidade na UFRGS, já ingressara como professor de matemática na Brigada Militar, sem ao menos ter formação própria para o desempenho dessa função.

A figura do pai lendo histórias para seu filho pode parecer algo que só recentemente vem sendo incentivado, acompanhando as reestruturações familiares pelas quais a sociedade tem passado nos últimos vinte anos, pelo menos.

Um dado interessante e recorrente nas narrativas dos entrevistados – não somente em relação ao exemplo de leitor que o pai foi, mas também a mãe, o tio e o irmão – tem a ver com o “hábito”.

Entendo que tomar a leitura como algo habitual, seria entendê-la como repetição de um determinado modo de agir, uma prática que provavelmente produziu um tipo específico de contato entre os sujeitos, pois aprendi que se pode ensinar através do exemplo. Recordo que esse foi um dos meus aprendizados adquiridos com as leituras de Sócrates, em minhas primeiras aulas de filosofia, no curso de Pedagogia. Sabe-se, igualmente, que alguns estudos da área da psicolinguística reiteram tal compreensão ao afirmarem que as crianças aprendem *com o objetivo de atribuir significado a alguma coisa, e especialmente quando existe um modelo a ser seguido* (SMITH, apud SILVA, 2012, p. 77)

Marilene deixa claro em sua narrativa que o hábito de leitura se formou em casa. Sendo uma “leitora apaixonada” desde a infância, mesmo não tendo escutado histórias contadas por sua mãe, se transformou em uma mãe que lê muito para suas filhas – uma delas também é uma “leitora inveterada” – e em uma avó contadora de historinhas para sua neta. Assim ela afirma suas convicções em relação a não só criar o hábito da leitura em casa, mas também como despertar o gosto por tal atividade:

*Eu li para elas [filhas], e leio para minha neta agora e continuo contando, lendo, contando e lendo, histórias, contos de fadas, isso aí tudo. E eu pegava [os livros] nas escolas onde eu trabalhava, nas bibliotecas. A Cristina, eu acho que ela leu aqueles livros infantis, e depois aqueles para jovens, a Luciana também. A Luciana também é uma “inveterada”. A Luciana ela gostava muito dos gibis, do Cebolinha, do Cascão, da Mônica, e eu lia para ela... E eu tinha muita facilidade para contar história e eu dramatizo. Ainda leio também, histórias em quadrinhos... Às vezes quando me cai alguma nas mãos, sabe? Às vezes eu compro para ler para a Vitória [neta de cinco anos]. Ela não lê ainda, mas é outra apaixonada pela leitura, tu tens que ver! Tem que ler de noite, então a gente negocia, né.*  
 – Vó, quantas histórias tu lê hoje? Duas compridas? Ou três curtas? Então ela escolhe, depende...  
 – Quatro, vó! Quatro bem curtinha!”. Então tá, quatro bem curtinha. Então eu acho que é assim que tu forma o hábito. Porque o hábito tu forma em casa. Se tu lê, o teu filho tem tendência a ler. Se tu nunca pega um livro na mão, como é que tu vai motivar ele para pegar. (Marilene)

Podemos encontrar na narrativa de Marilene, sobretudo, na referência no diálogo com a neta, certa influência de um discurso próprio do ambiente escolar muito provavelmente relacionado à sua experiência – até sua aposentadoria, atuou como professora de português e de literatura, trabalhando com crianças. Assim, ao destacar na sua narrativa a “negociação” dialógica feita com a neta, Marilene estaria demonstrando conhecimento de um dos instrumentos mais frequentemente utilizados para o exercício do controle sobre o processo pedagógico, por parte do professor.

Retornando à questão do hábito, identifico que esta referência também aparece, de certo modo, na narrativa de José, no momento em que foi questionado sobre como entendia o ato da leitura. Ele faz uma analogia com o hábito do fumar.

*[...] E a senhora sabe que fumante, se ele sente [que] tem um tempinho... ele já pega o cigarro e... [gestos de levar o cigarro à boca]. Isso que o fumante faz com o cigarro, eu faço com o livro. Parou um pouquinho, eu tenho um livro por perto. (José)*

Penso que tal analogia objetivava explicar como a leitura lhe era importante. Ao menos foi o que me pareceu, reconhecendo, assim, o seu empenho em traçar alguma comparação com o que havia lhe questionado.

Em prosseguimento às análises sobre o aprendizado da leitura narrado pelos sujeitos dessa pesquisa, veremos que, além do pai, a referência ao exemplo da mãe como leitora, ou mesmo ao irmão, possibilita algumas considerações. Vejamos na próxima subseção.

### A mãe como modelo de leitora

Além da figura do pai como estimulador da leitura, na fase inicial do aprendizado dessa prática, para quatro entrevistados, a figura da mãe também foi lembrada: Doroti, Luciano, Karla e Marilene. Percebo que a lembrança da mãe, da maneira como referiram Luciano e Marilene, talvez tenha sido trazida mais para comporem um cenário explicativo de origem familiar, e menos por ela ter sido responsável pelo estímulo à leitura. Mas enfim, apresento algumas narrativas de tais lembranças, por oportunizarem discussões interessantes a esse estudo. Esses dois entrevistados fazem breves comentários sobre suas mães, embora não se refiram a elas como leitoras, mas como professoras, mesmo sem formação.

Assim, as mães de Luciano e de Marilene tiveram uma particularidade em comum: exerceram a função de professoras sem terem a habilitação para isso. A primeira foi “professora rural” com contrato emergencial do governo, e a mãe de Marilene teria sido uma “professora frustrada” por não ter conseguido estudar, mas nem por isso deixou de exercer a atividade por algum tempo. Contudo, para ambos os entrevistados, não teriam sido suas mães quem os incentivou à leitura.

A mãe de Luciano era uma enfermeira que exerceu a função de professora primária, em 1950.

*Bem, eu sou filho de uma professora, né... Na verdade a minha mãe começou a lecionar quando ela chegou no Rio Grande do Sul, porque minha mãe era uma enfermeira, na Bahia. Meu pai era gaúcho. Então minha mãe trabalhava, para uma subsistência, numa base militar como auxiliar de enfermagem. Quando a minha mãe se separou do meu pai, ela ficou com quatro filhos. E aí [já no Rio Grande do Sul] ela procurou a Secretaria de Educação, naquela época, início da década de 50... Eram “professoras rurais” que eles chamavam. Eles faziam contratos com professoras não-concursadas, sem formação específica. Então, na época, o governo do Estado, eles davam curso. Por exemplo: eles contratavam a professora e davam cursos, anualmente, até completarem o curso de “professoras rurais”. (Luciano)*

A mãe de Marilene foi proibida de estudar pela mãe e, mesmo assim, conseguiu trabalhar algum tempo como professora.

*Bem, a minha mãe sempre foi uma frustrada por não ter podido estudar. A paixão dela era ter sido professora, mas ela era filha de uma família muito pobre. O meu avô morreu muito jovem e deixou a minha avó com três filhos pequenos. A minha mãe era a mais velha, tinha seis anos, quando ele faleceu. Ela começou a dar aula em uma escola municipal e o sonho dela era ter se formado. Naquela época era o Complementar, que formava, que seria o nosso atual Magistério. E o sonho dela era ter se formado... Mas a minha avó [a mãe dela], tinha a seguinte filosofia: se uma [filha] estuda, a outra também tem que estudar. Se uma não estuda, a outra também não. Então elas eram em três irmãos, um rapaz e duas moças. E a irmã mais nova da minha mãe odiava estudar. Ela tinha pavor dos estudos. Então ela não quis estudar. Então como ela não quis estudar, a minha avó não deixou a minha mãe estudar. Então a minha mãe se frustrou nesse aspecto, tanto assim, que quando a minha mãe ficou doente... minha mãe morreu de Alzheimer, faz 10 anos. Ela ainda lembrava da mágoa que ela tinha com a mãe dela! A minha mãe morreu com 87 anos e no final da vida ela ainda falava... quando ela não sabia mais nada de nada, ela ainda falava da mágoa que ela tinha pela mãe dela não ter deixado ela estudar. (Marilene)*

A mãe de Marilene teria exercido a docência no final da década de 1930 e a mãe de Luciano, na década de 1950, e parece que foram muito dedicadas à prática educacional. Quem sabe não estaria aí o grande incentivo para a carreira profissional

que Marilene seguiu com muito entusiasmo? Foi professora por muitos anos até se aposentar. E Luciano, embora tendo se formado em Administração, trabalhando atualmente como técnico administrativo de uma Instituição Federal, vem realizando cursos de especialização na área da Educação. Afirma estar cada vez mais envolvido com tal área, manifestando interesse na docência.

Por outro lado, Marilene reconhece o fato de sua mãe, justamente pela sua severidade, ter possibilitado que, de alguma forma, ela descobrisse a leitura ainda quando criança, o que teria a auxiliado, de alguma forma, a ser uma “apaixonada”.

*E a minha mãe... ela sempre foi muito severa com nós. Nós nunca podíamos nem sair, nem nunca levar ninguém para casa. Então, esse fato de nós ficarmos confinadas em casa, nos obrigou a buscar uma alternativa de lazer. E esse lazer foi a leitura. (Marilene)*

A narrativa, ficcional ou não, traz sempre implícita a ideia da invenção. Para Larrosa (2004) aquele que narra transforma sua experiência em linguagem, atividade que, por sua vez, leva à compreensão e ao entendimento da experiência em si. Ao responder a questionamento sobre suas primeiras experiências com leitura, Marilene, inicialmente parece desviar do assunto principal, pois passou a relatar lembranças sobre o caso da frustração de sua mãe por não ter podido estudar. Entretanto, esse fato será justificado, na sequência de suas argumentações, a relação que teria com seu desenvolvimento inicial como leitora. Com isso, por um lado, identifico na narrativa de Marilene algumas nuances de narrativas pedagógicas, próprias dessa sua “experiência de si”.

Por outro lado, após a finalização da história sobre sua mãe, Marilene conduz à sua história de aprendizado da leitura, em que destaca a figura de seu irmão, por ele ter sido seu “exemplo” de leitor.

*E eu tenho um irmão mais velho, que tem agora 72 anos, que ele sempre foi um apaixonado pela leitura. Mas, assim, apaixonado na extensão do termo, sabe? E ele sempre gostou de ler e esse amor dele pela leitura ele transmitiu para nós todas as irmãs. Todas nós gostamos muito de ler. (Marilene)*

Já Luciano prefere reconhecer como “modelo de leitora” a vizinha que dele cuidou quando ficou doente – a Dona Carolina. Dos sete aos quatorze anos, morou em

colégio interno. Aos doze anos foi acometido de coqueluche e precisou de cuidados. Sua mãe morava no interior e não tinha como cuidá-lo...

Vejam algumas recordações desse momento.

*Eu lembro bem que quando minha mãe morou em Porto Alegre, ela morou em frente da Igreja São Pedro. E ao lado da nossa casa tinha uma senhora que era a Dona Carolina. Aliás, eu tenho uma filha que eu coloquei o nome em homenagem a ela. E ela era uma pessoa que quando eu fiquei doente, com coqueluche e tal, ela era quem cuidava de mim. Eu fiquei na casa dela uns três, quatro meses. E ela era assim, uma leitora! [enfaticamente]. Acho que foi uma das maiores leitoras que eu conheci na vida! Ela tinha coleções inteiras de livros. (Luciano)*

Foi na casa dessa vizinha que Luciano disse ter conhecido alguém verdadeiramente apaixonado por livros e por leitura – *uma das maiores leitoras que conheci na vida*, disse ele. A narrativa de Luciano permite evidenciar dois pontos importantes, que o levaram a reconhecer a característica de leitora em Dona Carolina. Um primeiro seria a presença física dos livros em espaços próprios, pois, para Luciano, talvez tenha sido este o primeiro contato com ambientes familiares repletos de livros, além da biblioteca da escola, que conhecia. Talvez estivesse aí sua admiração. Por ter vivido em colégio interno desde os sete anos, conta que, normalmente, aos finais de semana os alunos iam para casa, visitar seus pais. Ele, porém, não saía, pois sua mãe morava no interior e seu pai havia ficado na Bahia. Portanto, era seu costume, conforme relata, passar o fim de semana na biblioteca da escola, pois, segundo ele, era a única coisa que tinha para fazer. Aí também se pode encontrar outra forma de convivência com a leitura, que teria sido como uma companhia nos finais de semana. Sua surpresa, na casa de Dona Carolina, veio do reconhecimento do fato de que as pessoas, em seus lares, poderiam também possuir coleções de livros. Em segundo lugar, também foi importante reconhecer Dona Carolina como uma leitora, em função dos seus hábitos cotidianos de leitura.

Para Karla, sua mãe teria contribuído para que ela e sua irmã desenvolvessem o gosto e o hábito pela leitura. Contudo, ao falar sobre as histórias que ouvia quando criança, Karla destacou que tais histórias não eram contadas por sua mãe. Tendo nascido em uma época mais tecnológica – década de 1980 – as histórias eram ouvidas em aparelhos como “toca-discos” ou “vitrolinhas”, muito comuns na época. As histórias infantis vinham em formato de discos *longplays e compactos*, conforme se pode ler na sua narrativa.

*Nós não tínhamos muitos livros em casa, mas os livros que tinha eram livros com leituras intensas o que fazia parecer que eram histórias diferentes, mas eram os mesmos livros. Eu lembro da época do longplay, que vinha os livros com o disco longplay com as historinhas. Então nós escutávamos muito e acompanhávamos a história pelo livro. Então, eu considero que foi bem pontual essa história de como nos incentivar a leitura quando nós éramos pequenos. Eu e a minha irmã, nós temos dois anos de diferença. Ela também me “puxava”, porque ela lia e conseguia acompanhar, e eu não. Porque tinha uma época que eu não sabia ler. Mas muitas vezes eu disfarçava e tentava, né, tinha que acompanhar de alguma maneira pois ela já estava há dois anos à frente. (Karla)*

Já as recordações de Doroti, sobre seu aprendizado inicial da leitura estiveram recheadas de referência a momentos prazerosos da escuta de historinhas, tanto contadas por sua mãe como as contadas pela empregada da família – numa clássica alusão à “velha empregada” que conta histórias para crianças, referida na bibliografia sobre literatura infantil. Seu relato é emocionado, descrevendo alguns dos ambientes de leitura que ficaram guardados em sua mente.

*Bem, do que eu me lembro da infância, é uma memória muito muito pequena... a mãe lia muito para nós. [...] Todas essas histórias... historinhas infantis: Pinóquio, Alice no País das Maravilhas, Os contos da vovozinha... nós tínhamos “O tesouro da juventude”: que tinha umas histórias, que eu achava depois, até meio macabras. Mas... são essas histórias mais antigas, né? Principalmente quando a gente adoecia, tinha febre, tinha que tomar remédio, naquela época era “suador”. Enrolavam a gente num cobertor para baixar a febre então... ninguém queria, né. Então, aquilo dava uma coceira... Mas a mãe, então, nos acalmava contando histórias. Cada doença, era um livro novo que chegava em casa. Nós tínhamos uma empregada que foi lá para casa, uns cinco anos antes de eu nascer. E ela ficou até meus nove anos. E ela contava histórias tão bem, que ela juntava a gurizada da redondeza e iam todos lá para casa. Principalmente assim, no inverno, naquelas noites bem frias, a gente ia para a cozinha... aquela cozinha bem grande, do interior né, fogão a lenha... Aí ela fazia pipoca, pinhão, essas coisas para nós, e contava histórias. Então, eu sempre sempre fui assim, oh! Apaixonada por leitura, por histórias, por conhecer. (Doroti)*

Doroti até hoje se considera uma “leitora apaixonada”. Continua sendo uma leitora assídua, assinante de revistas, livros, jornais, e faz até uso de outros suportes mais contemporâneos como veremos no próximo capítulo.

Considerando as narrativas dos entrevistados que fizeram referências à literatura infantil, se pode localizá-la como tendo sido importante na sua formação de leitor. Diferentes abordagens sobre a literatura infantil, sobretudo a partir do “discurso renovador da leitura” (SILVEIRA, 2001), discutem a literatura infantil e juvenil na

formação de leitores. Conforme Zilberman (1996) a literatura daria conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura, propiciando importantes elementos para o desenvolvimento pessoal o que, para a autora, é a finalidade implícita de todo o saber. Silveira e Bonin (2011), por sua vez, chamam a atenção sobre as imbricações entre a literatura infantil e a instituição escolar<sup>87</sup>.

Maneiras de contar histórias às crianças, ou mesmo sobre os diferentes modos de ler, também poderiam ser tanto ensinados quanto aprendidos, ao se considerar algumas matérias apresentadas por *Seleções* em 1957. Lemos, por exemplo, referências à *leitura em voz alta*, que, realizada pelos pais para os filhos, que ainda não estivessem em idade escolar, contribuiria *para tornar o amor aos livros uma importante e sugestiva atividade familiar*.<sup>88</sup> Em artigo intitulado *Experiência com a leitura*, Gilbert Chapman – então presidente da Yale & Towne Manufacturing Co. – faz o relato da experiência que realizou, através de sua companhia, ao aderir a um programa experimental de *leitura em voz alta*. Tal programa consistia em colocar à disposição de seus empregados livros infantis, *rigorosamente selecionados*, para que pudessem ser retirados – em sistema de empréstimo – e levados para casa para serem lidos para os filhos. Assim, foi montada a *Estante de Leitura Pública*, em agosto de 1955, em Gallatin, uma cidade dos Estados Unidos. O artigo, ao mesmo tempo que relata a experiência da referida companhia, busca fomentar a valorização do livro, em articulação com outras entidades integrantes da sociedade. Inicia defendendo, enfaticamente, a importância do estímulo à leitura. Vejamos.

A leitura, como o esporte, pode ser um desafio e um prazer. Se fosse possível convencer os pais das vantagens de ler em voz alta para seus filhinhos que ainda não estão em idade escolar, seria maior o número de crianças que, ao entrarem na escola, saberiam que os livros são uma coisa divertida. Não associariam a leitura a coisa enfadonha, mas a prazer, e se dariam pressa em aprender por si próprios. Tal teoria foi discutida pelo National Book Committee, Inc., dos Estados Unidos. Esta comissão, organizada em 1954, reúne homens e mulheres da indústria, da educação, dos setores editoriais e de comunicações a fim de fomentar uma compreensão mais vasta do valor do livro para o indivíduo e para uma sociedade democrática.<sup>89</sup>

---

<sup>87</sup> Essa discussão será retomada na próxima subseção.

<sup>88</sup> *Seleções*, maio de 1957, p. 164-165.

<sup>89</sup> (Ibidem)

O artigo finaliza conclamando outros membros do mundo dos negócios a se disporem a *aplicar um pouco de dinheiro para incutir nos cidadãos de amanhã hábitos de leitura que durarão por toda uma existência.*(ibidem)

Sabe-se que os primeiros contatos da criança com literatura se dá pela oralidade, por meio de histórias contadas e lidas por um adulto e/ou também visualizada pelas próprias crianças. Assim, Doroti lista com um sorriso no rosto as histórias infantis que gostava de ouvir. *Pinóquio, Alice no país das maravilhas, os Contos da Vovozinha e o Tesouro da Juventude* pareciam estar muito vivos em sua memória. Ela foi a única dos doze entrevistados que teve essa recordação bem pontual, enquanto os demais citaram algumas obras infantis, mas a lembrança era da própria leitura.

Alda, por exemplo, muito apreciou as histórias infantis – principalmente os contos de fada – mas já de quando sabia ler. Assim ela conta:

*Eu comecei lendo livros de Contos de Fada. Eu só lia contos de fada! Eu era fanática pelas fadas, a varinha de condão, a magia... Eu tinha toda a coleção da Melhoramentos. (Alda)*

Há consenso atual no discurso pedagógico de que a literatura infantil e juvenil, considerada como arte, propicia o prazer estético e, como conhecimento, possibilita a compreensão do ser e do mundo. Estudos da área da psicanálise afirmam que a criança encontraria o significado do mundo nos contos de fadas, os quais, apesar de serem acusados de “alienantes” por alguns estudiosos, seriam um importante recurso na formação da personalidade da criança, pois corresponderiam, simbolicamente, aos principais conflitos estruturantes de tal personalidade (BETTELHEIM, 1999).

Assim sendo, se pode pensar que passar dos contos de fadas para uma leitura mais “séria” exigiria da criança uma certa adaptação e aceite, às vezes até rejeição ao novo, pois isso estaria significando a passagem para outra fase da vida (período da infância para a adolescência, por exemplo). Tal passagem parece ter ficado bem marcada para Alda, pois ela fez questão de recordar o momento em que passa da fantasia, do “era uma vez”, para histórias do cotidiano. Vejamos.

*Depois [quando já estava no terceiro ou quarto ano da escola] eu tive que mudar [de leitura] e eu resisti em mudar... Meu pai trouxe meu primeiro livro do Monteiro Lobato que se chamava “Geografia de Dona Benta”. Eu não gostei! Eu pensava assim: “ai o meu pai me trouxe um livro do colégio, que coisa chata esse livro!”. Eu não gostava do*

*Monteiro Lobato porque ele ficava ensinando... e eu queria sonhar... Então a gente tinha que mudar dos contos de fadas para uma leitura mais séria. (Alda)*

Alguns pais desenvoltos no “campo das letras”, como no caso de Alda, reconheciam nas histórias de Monteiro Lobato sua capacidade de agradar o mundo infantil. Contudo, Alda tinha opinião própria, e não queria “aprender” com o autor, como lemos em sua narrativa<sup>90</sup>.

Em contrapartida, para Vanda, a importância de Lobato aparece sublinhada em sua fala como sendo um dos autores infantis mais lembrados na infância. Pertencente a uma família com boas condições financeiras, Vanda, já na infância, escolhia e comprava seus livros prediletos. Assim ela explica:

*Os livros eram adquiridos nas livrarias da cidade, geralmente por minha irmã ou por meus pais. Desde cedo, crianças, escolhíamos o que queríamos ler. Monteiro Lobato era de longe o favorito. Lemos todos seus livros para crianças e ainda tenho comigo a maioria deles.(Vanda)*

Escutar histórias infantis quando crianças não foi atividade corrente para a maioria dos entrevistados dessa pesquisa, sendo que alguns nem mesmo tiveram acesso a livros próprios nessa fase, como Amélia, Antônio, Irene, Márcia e José. Argumentam que a razão disso estaria na baixa escolaridade dos pais e nas dificuldades financeiras enfrentadas pela família.

Amélia, por exemplo, conta que só quando já estava casada e com filhos é que foi se dar conta da importância da leitura de histórias infantis para crianças, pois lembra que teria lido em *Seleções* algumas matérias que referiam tal importância.

*Acho que, porque nunca ninguém contou historinhas para mim quando criança, acabei também nunca contando historinhas para os meus filhos. Eu não tive esse hábito de contar histórias. Cheguei a ler na Seleções, histórias em que os pais contavam histórias para seus filhos, mas eu nunca consegui contar para os meus, até porque eu não sabia nenhuma.(Amélia)*

Mais adiante ela relata que, mesmo tendo se dado conta da importância de os pais lerem para os filhos, seus filhos já estavam na escola, e diante disso entendia que a atividade de ler para os filhos já não era mais sua função. A partir do entendimento de

<sup>90</sup> “Geografia de Dona Benta” é considerado, por muito estudiosos, um dos livros mais paradidáticos do autor.

Amélia sobre a função da escola enquanto incentivadora da leitura e aliando-o à narrativa de Alda, destaco um ponto comum entre as duas: a referência à leitura na escola.

Vejamos na próxima subseção as referências que os sujeitos dessa pesquisa fizeram sobre a contribuição da escola na sua formação como leitor.

### A leitura e a escola

A década de 1930 no Brasil foi um período de grandes reformas no setor educacional, as quais foram empreendidas por adeptos da Escola Nova, divulgadores de ideologias pedagógicas que rechaçavam o dogmatismo da educação até então vigente, na qual a criança era o receptáculo de um conhecimento pronto e inquestionável. Os escolanovistas propunham uma forma de ensinar que considerava as experiências da criança, suas necessidades e interesses, tornando-a “agente” de seu próprio aprendizado. Entretanto, nesse período, tais ideias tiveram pouca repercussão no conjunto do sistema escolar brasileiro, ficando restritas a escolas experimentais e congêneres.

A participação efetiva do aprendiz no processo de ensino-aprendizagem e o dinamismo que cercava este processo, na visão dos “pioneiros”, deveriam provocar mudanças significativas no âmbito da leitura escolar: o livro-texto era negado em sua função uniformizadora e a leitura de livros literários era incentivada, valorizando-se a “leitura silenciosa” como forma de respeito ao ritmo particular de cada aprendiz. Como se sabe, há uma grande distância entre as reestruturações idealizadas e algumas vezes propostas para a educação, e a sua transformação em práticas nas escolas.

A narrativa de Amélia sugere que a escola de seu tempo de infância – na década de 40 –, cobrava muito a necessidade de *decorar os pontos que caíam na sabatina*.

*Lembro que a gente tinha muito é que decorar os mapas, as histórias do Brasil, essas coisas... Eu estudei só até o quarto ano. Eu repeti os dois últimos anos por duas vezes. Eu não conseguia decorar os pontos que caíam na sabatina. (Amélia)*

Pensando sobre a escola e seu envolvimento com as práticas, especialmente de leitura, suscitadas pelos comentários de Amélia, encontro uma interessante abordagem em matéria assinada por Clarence Budington Kelland – um “conhecido romancista” – que circulou em *Seleções*, na edição de junho de 1950. Além dos vários elogios à

revista, o autor destaca a importância da leitura estimulada em casa, pela família e a responsabilidade da escola na formação do leitor. Informa ter conhecido *Seleções* por intermédio do pai e que o aprendizado e incentivo recebido em casa o teriam conduzido a desenvolver o amor à “boa” leitura, mesmo antes *de ter idade suficiente para aprender a ler*<sup>91</sup>. Vejamos nas palavras do autor:

Graças à inspiração que me dava meu pai, descobri bem cedo que ler em casa não só diverte como educa, mais do que a própria escola pública. Não há aula que nos possa oferecer tanto quanto um livro. A escola será estéril e sem vida, a menos que propicie aos estudantes a oportunidade de escolher suas leituras, leituras da espécie a que a gente se entrega por prazer [...]

Identifico aproximações entre a matéria da revista apresentada e as discussões que venho desenvolvendo até o momento, com alguns pontos que podem ser assim sintetizados: a presença da família e a crítica à escola – pela relação com as práticas de leitura que estaria realizando, e ainda as referências à leitura, enquanto atividade que diverte, ensina, educa e apaixona.

Algumas matérias de *Seleções*, como a apresentada anteriormente, identifico como alinhadas a discursos recentes, que ainda estavam sendo gestados naquele momento. Conforme Chartier e Hebrard (1995), as discussões sobre a necessidade de uma maior valorização da leitura na escola caminharam muito lentamente até 1970, sobretudo, nos países europeus. Tal temática, afirmam os autores, esteve ausente de estudos monográficos até o fim dos anos 1950.

A partir da década de 1970, o reconhecimento da grande implicação social da atividade de leitura, assim como novas condições sociais, passavam a exigir uma maior competência leitora e fizeram então a escola e o ensino assumirem uma responsabilidade maior que o próprio processo de alfabetização: eles deveriam voltar-se para a formação dos hábitos e atitudes de leitura de seus alunos. A missão da escola passa a ser de instruir e fomentar a leitura; entretanto, o destaque dos autores se volta para a dificuldade que os professores [ainda] encontram em conseguir que os estudantes se entreguem à leitura (CHARTIER;HEBRARD, 1995).

É possível identificar, através da narrativa de Márcia, que na década de 70, havia indícios de que a escola já estaria inserida efetivamente nesse “novo” discurso, considerando o incentivo que dava, de certo modo, ao uso da biblioteca, apesar da manutenção de práticas que começavam a ser criticadas.

---

<sup>91</sup> *Seleções*, junho de 1950, contracapa.

*Eu sempre gostei muito de ler. Quando eu entrei na escola eu era chamada de “ratão” porque eu vivia na biblioteca. Eu lia, lia, lia. Na minha época, na escola, a gente tinha que ler um livro por semana e fazer o resumo. Quarta, quinta série já tinha que fazer ficha de leitura. E foi ali que foi... aquela coleção da Borboleta Atíria<sup>92</sup>, que era da Ática. (Márcia)*

Referindo-se às “novas” concepções sobre leitura que vieram à tona a partir da publicação, no Brasil, da tradução do livro “Como incentivar o hábito de leitura”, autoria de Bamberger (1977), Silveira (2001) destaca esse fato como deflagrador da ênfase na concepção da leitura como um hábito, uma atividade que, mesmo na escola, não deveria se restringir à leitura dos clássicos, não deveria ser objeto de avaliação (fichas de leitura), e deveria ser orientada para a formação do leitor. A mesma autora chamará de *discurso renovador da leitura na escola* aquele

que emanou primordialmente das esferas acadêmicas, espalhando-se por documentos oficiais, recomendações curriculares, revistas de divulgação pedagógica e mídia, e passou a constituir uma arquitetura de representações de professor, aluno, leitura e escola diretamente implicadas entre si. (SILVEIRA:2001, p. 106)

Para Silveira e Bonin (2011), ainda que do ponto de vista da Crítica Literária e dos estudos literários, a literatura infantil seja considerada uma literatura de menor valor, haveria evidências, nas últimas décadas, da sua gradativa entrada na escola, permeando as práticas escolares, com as mais distintas finalidades, indo dos aspectos didático-pedagógicos de controle, ensino e aprendizagem ao incentivo à criatividade, imaginação, gosto pela leitura, entre outros (SILVEIRA; BONIN: 2011).

Ávila (2008), uma socióloga portuguesa, em sua obra a *Literacia dos adultos: competências-chave na sociedade do conhecimento*, nos apresenta um minucioso estudo no qual discute e identifica os perfis de literacia portuguesa<sup>93</sup>, analisando as novas dinâmicas de bloqueio ou desenvolvimento da literacia e de outras competências-chave na *sociedade do conhecimento e da informação*. Como resultado defende que tal

---

<sup>92</sup> *O caso da borboleta Atíria*, de Lúcia Machado de Almeida, é considerada, por alguns autores, como um clássico de quem viveu a infância e a pré-adolescência nos anos 70-80, faz parte da Coleção Vagalume, uma série de livros que marcou época.

<sup>93</sup> Trata-se de uma pesquisa densa de mais de dez anos que foi sendo realizada junto a órgãos federais responsáveis pela educação naquele país. Censos, dados etnográficos, pesquisas e estatísticas geradas por tais pesquisas foram minuciosamente cruzados.

sociedade implicaria, cada vez mais, competências generalizadas, para todos os indivíduos e em diferentes dimensões da vida social.

Algumas incursões na obra da autora me auxiliaram a encontrar subsídios que se aproximam dos estudos que realizei sobre a educação de jovens e adultos.<sup>94</sup> Embora em se tratando de Portugal, no caso daquela pesquisadora, encontrei aspectos relevantes que podem ser transpostos para alguns entendimentos da Literacia, ou mesmo – mais conhecido – do Letramento<sup>95</sup>, no Brasil. Encontrei aproximações do referido estudo, também nessa tese, pois ao focalizar a leitura e a escrita na vida cotidiana de pessoas adultas alfabetizadas, a autora propõe interessantes reflexões. Vejamos.

Uma das dimensões apontadas pela autora tem como referência os estudos de Singly (1993) para o qual a leitura é cada vez mais importante na sociedade contemporânea, pois tem implicações diretas na *construção da identidade pessoal* (AVILA, 2008, p. 74). Para esse autor trata-se da função da leitura que se encontra intrinsecamente ligada ao individualismo contemporâneo e que emerge de forma bem marcada quando se estudam as práticas de leitura de livros dos jovens e idade escolar. Alguns estudiosos de tais práticas tendem a opor dois tipos de leitura, *a pessoal e a escolar*, reforçando a *existência de uma dualidade de funções, como liberdade e fruição pessoal num caso, e como imposição ditada por parte da escola por outro*. (ibidem).

Tal dualidade entre as leituras escolares e as não escolares, a que se refere o parágrafo acima, pode ser ilustrada através dos comentários de Alda, na passagem em que alude às leituras que, na escola, não lhe eram interessantes. Porém, mais adiante em suas recordações, ela expressa uma mudança de opinião sobre as leituras que a escola indicava. Alda lembra que foi o ambiente escolar que a incentivou à leitura na sua próxima fase da vida – momento em que passou para a adolescência.

---

<sup>94</sup> Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia (2004), UFRGS, tendo o título “*Alfabetizando/as em outro espaço escolar*” e minha Dissertação de Mestrado (2008), PPGEDu UFRGS, tendo o título “*Programa Alfabetiza Rio Grande: a ‘importância de voltar a estudar’ na produção textual de alfabetizando adultos*”.

<sup>95</sup> No Brasil, o termo Letramento tem sua origem documentada no campo das ciências linguísticas e da educação a partir da segunda metade da década de 1980. Em recente trabalho intitulado *Práticas pedagógicas em alfabetização, espaço, tempo e corporeidade*, Piccoli e Camini (2012), apresentam um panorama das discussões que vêm envolvendo os termos alfabetização e letramento ao longo dos últimos anos. Concordo plenamente com as autoras quando dizem que o maior ganho do uso do conceito do termo “letramento” estão sendo as luzes que tem conseguido lançar sobre um aspecto fundamental da leitura e da escrita, qual seja, a sua origem nas práticas sociais.

*Quando a gente terminava o ginásio, eles [os professores da escola] davam de presente para os primeiros lugares um livro que se chamava assim: não era “A moreninha... as mocinhas, não... era “As mulherzinhas”<sup>96</sup>, que era um livro de uma autora que eu nem lembro do nome dela. Esse livro era um livro bastante diferente porque falava de gente real. Contava sobre as paixões das adolescentes e tal... eu achei um “barato” aquilo, entende? Aí eu comecei a me interessar por romances. Porque aí eu saí dos contos de fada para a ficção. Ficção para jovens, né. (Alda)*

Diante dos relatos sobre a aprendizagem da leitura dos entrevistados, identifico o destaque para a presença da família que, de alguma forma, conduziu os processos iniciais de aprendizagem da leitura. Embora, através dos depoimentos dos entrevistados, percebamos que, em alguns casos, a leitura não tenha sido referida como socializada no núcleo familiar, identifico seu valor simbólico e social traduzido em estratégias e esforços familiares na aquisição desta competência. Dessa forma, entendo que a leitura, para os entrevistados em geral, tenha sido um valor familiar, dispusesse ou não essa família do hábito da leitura, tivesse ou não livros em casa. Com exceção de Antônio, José e Maria, todos os demais entrevistados referiram algum componente da família como representante leitor. O pai, a mãe e o irmão, para alguns, foram como que modelos de leitor – para Alda, Amélia (mesmo não aludindo a “modelos de leitor”, referem a leitura de jornais e a leitura da *Seleções* que seus pais faziam), para Irene, Doroti, Marilene, Luciano e Vanda.

Já a escola como incentivadora da leitura apareceu de maneira bastante secundária em suas memórias. Reconheço que o provável apagamento de tais recordações esteja ligado a alguns fatores: ou ao fato dos entrevistados possuírem uma longa trajetória de vida; ou a que a escola não tenha sido importante para eles; ou mesmo, pelo foco da entrevista cujo direcionamento principal era a leitura da *Seleções*.

E será, mais especificamente, sobre a leitura de *Seleções*, com breves informações sobre outras leituras realizadas pelos entrevistados, que outras problematizações serão apresentadas a seguir. Ao referir os aspectos pessoais da leitura dos entrevistados, veremos sua possível articulação com determinadas maneiras de ser, tanto pessoais quanto profissionais, que podem ser reconhecidas nesse estudo como *experiências cotidianas de leitura*.

---

<sup>96</sup> *Mulherzinhas* é considerado um dos primeiros romances realistas escritos para adolescentes. Este clássico da literatura juvenil é baseado na vida da própria autora, Louise May Alcott, e conta a história de quatro irmãs que vivem na Nova Inglaterra do século XIX.

## 2. Experiências cotidianas de leitura

[...] a leitura é sempre uma prática encarnada por gestos, espaços e hábitos.  
(CAVALLO & CHARTIER, 1999, p. 6)

Uma história das maneiras de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem os leitores e as tradições de leitura. Aprendi com Chartier que ler é pôr em jogo o corpo, a inscrição num espaço, as relações consigo e com o outro. Por isso, segundo o autor, não há texto fora do suporte que lhe permita ser lido (ou ouvido); não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor. Assim, a partir de tais considerações problematizo, nessa seção, algumas relações entre leitor e material de leitura, narradas pelos entrevistados dessa pesquisa. Início com a matéria a seguir, extraída da *Seleções* que circulou na edição de maio de 1957, por entender sua articulação com tal proposta.

S B

## *Devem Todos Fazer as Suas Condensações de Livros?*

André François Emile Allix  
*Reitor da Universidade de Lyon, na França*

UM COLEGA intelectual me censurou recentemente, com uma expressão de pretensa surpresa, pelo que considerava o meu ato pouco intelectual de ler condensações de livros no Reader's Digest. Procedeu como se eu fôsse um estudante relapso que êle houvesse encontrado a colar nas provas.

—Pense nos seus hábitos de leitura—repliquei.—Quando tem tempo de ler um livro da sua especialidade, não pega do lápis e do papel para tomar notas? Não é assim? Que vêm a ser, então, as suas notas? Uma condensação, é claro!

—Mas ao menos as notas são minhas—continuou agressivamente o meu crítico.

—Até em seu setor próprio—insisti—o especialista médio raramente pode rivalizar com a habilidade que têm os experimentados redatores do Digest de suprimir o que não é essencial e de acentuar o que o é. Nos muitos outros setores que é preciso conhecer mais ou menos bem para ser um

homem instruído, o não-especialista perde sempre em qualquer competição com os redatores do Digest. O que acontece é que eu sou um só, em condições de dar apenas um pouco do meu tempo de folga à leitura, em comparação com as dezenas dos melhores redatores do mundo, que dedicam o seu tempo integral de trabalho exclusivamente a ler, extrair e harmoniosamente dar forma aos mais diversos conhecimentos em meu benefício.

—Submeto às vêzes as condensações do Digest a uma prova severa. Compro ou pego na biblioteca da universidade os livros que já li em forma condensada. E raramente acho que a versão completa acrescenta alguma coisa essencial ao que eu já sabia.

Pouco depois dessa conversa com o meu intelectual amigo notei que o meu Digest havia desaparecido da minha mesa. No interesse da educação, resolvi que era melhor comprar outro do que sair à procura do exemplar que se transviara.

*Fig. 12 – Seleções, maio de 1957, contracapa*

Busco, através do texto escrito pelo reitor da Universidade de Lyon, que tece elogios explícitos à *Reader's Digest* pela qualidade de suas “condensações”,

problematizar as *experiências cotidianas de leitura*, materializadas em alguns dos hábitos, gestos e modos que cada um de nós tem, enquanto leitor.

Ao estabelecer um suposto diálogo com um colega “intelectual”, o autor do referido texto explica que, ao fazer sua leitura, tem como hábito tomar notas e fazer marcações, que seriam, segundo ele, algum dos seus *rituais de leitura*. Argumenta que em função do pouco tempo para dedicação à leitura, se lança ao ato de fazer apontamentos tendo como objetivo retirar o melhor das leituras que realiza. O foco de sua argumentação recai sobre o trabalho dos especialistas do *Reader’s Digest* que seriam os *melhores redatores do mundo capazes de extrair harmoniosamente das leituras os mais diversos conhecimentos em seu benefício* (sic).

Diante do exposto, poderia perguntar: os entrevistados dessa pesquisa também possuiriam tais hábitos? Seguiriam esses ou outros *rituais de leitura*? Teriam aprendido com *Seleções*? De que modo apresentam suas *experiências cotidianas de leitura*?

A análise das narrativas sobre hábitos, modos e gestos que compunham determinadas cenas de leitura – envolvendo tanto a revista *Seleções* quanto outras leituras – foi possibilitada através dos dois principais tópicos propostos no roteiro elaborado para essa pesquisa: tópicos sobre a circulação da revista nos ambientes domésticos, compra, guarda, manutenção, leitores, etc e tópicos sobre a relação mais estreita do entrevistado com a revista, já apresentadas na seção da metodologia<sup>97</sup>. E, com as tantas questões que foram estrategicamente tecendo a conversa entre pesquisador e depoente, foi possível uma densa coleta de dados. Algumas respostas “renderam” mais, abrindo espaços para outras questões; outras, nem tanto; tiveram respostas curtas e diretas. Ao apresentar as narrativas dos entrevistados, nessa seção, destaco que optei por compô-las em texto único de cada um, transformado em pequenas histórias, a partir das respostas transcritas, sem a presença das perguntas desencadeadoras. Em outros momentos, porém, quando houver necessidade, para um maior entendimento, serão apresentadas as perguntas seguidas das respectivas respostas. É preciso dizer, ainda, que essa seção foi pensada de forma a permitir, também, a visibilidade de perfis leitores, mapeando, de algum modo, as “identidades leitoras” daqueles que participaram desse estudo.

---

<sup>97</sup> No capítulo I, na seção 4 intitulada “Navegar é preciso” ou das ferramentas para a constituição dessa tese, especialmente nas páginas 38 e 39.

Tal forma de apresentação dá visibilidade às lembranças, sentimentos, opiniões e histórias. São histórias de vida que narram [des]encontros de leitores com a revista *Seleções*, ou seja, são narrativas que permitem entendimentos de *experiências cotidianas de leitura*.

## 2.1. Conhecendo e lendo *Seleções*

O período em que os sujeitos dessa pesquisa tiveram conhecimento de *Seleções* e iniciaram sua leitura apresenta variações. Tais situações são descritas e enfocam tanto a circulação da revista pela casa ou mesmo sua presença em bibliotecas, porões – e/ou lotes para doações, ou ainda diretamente na banca – quanto a atração que os entrevistados referem ao evocarem lembranças de alguma matéria que lhes tivesse chamado a atenção. Para alguns entrevistados, tal encontro foi narrado como tendo acontecido na infância, outros, na adolescência e outros ainda na idade adulta. Alguns foram leitores de *Seleções* por pouco tempo, outros, por um tempo maior, e outros, ainda, seguem atualmente como leitores e assinantes da revista. Além da *Seleções*, a leitura de outras revistas, livros e jornais, compôs o material de leitura citado pelos entrevistados, em determinadas fases da sua vida, as quais emergiram em suas lembranças. Leio na narrativa de cada depoente alguns desses momentos. Vejamos como são descritos.

Alda informa ser professora aposentada e, entre lembranças e esquecimentos, diz que conheceu *Seleções* desde pequena, por volta de seus nove anos e relata algumas situações e, em especial, as lembranças que a entrevista lhe deflagrou em relação a seu pai. Alda chegou a ser uma leitora assídua da revista, mas destaca que sempre foi uma leitora muito crítica na escolha das temáticas, escolhendo sempre a que mais lhe agradava. Através de seu relato podemos ler sobre o quanto a opinião de amigos, na adolescência, teria interferido nas suas escolhas de leitura. Tal situação fez com que quando adolescente, vivesse uma contradição: em casa tinha a revista *Seleções* indicada e valorizada por seu pai; na escola, especificamente no segundo grau, o “tipo de leitura” que fazia foi imperiosamente criticado por seus colegas. Leiamos os relatos da depoente.

*Meu pai começou a assinar a revista já na década de 1940, bem na época que ela começou. Um sucesso, naquela época! Na década de 1950 só se falava na Seleções.[...] As leituras do Reader's Digest eu não lembro de muitas mas a revista*

*em si me traz recordações do meu pai. Assim como eu também esqueci os contos de fadas, os romances, essas leituras assim, também esqueci.*

*[...]No momento que o pai mandou eu ler a revista eu já fiquei meio desconfiada, né. Coisas de horror, nunca! Coisas de terror, nunca! Tinha uns contos aqui... e tinha uns de ficção também, que tinha personagens que eu não tinha identificação. E quando aparecia aquelas coisas de guerra... os heróis de guerra... eu não gostava. Ninguém aguentava mais sobre guerra. Mas meu pai gostava de ler matérias sobre a guerra, ele tinha ideias muito conservadoras.*

*Por exemplo, uma coisa nova que ninguém falava naquela época, era coisa de alimentação. Ninguém falava de alimentação. E a Reader's Digest trazia assuntos sobre alimentação, saúde. Também tinha algumas coisas sobre as mulheres e eu lia no índice, se me interessava eu lia.*

*Aí quando eu entrei no Júlio [de Castilhos] era tudo uma politicagem... E eles diziam que eu tinha que parar com minhas leituras. E nessa época eu também tinha as leituras da Seleções do Reader's Digest que meu pai colecionava. Antes de eu entrar no Júlio [de Castilhos] eu lia também. Quando eu entrei nesse colégio o pessoal dizia: "mas Alda como que tu lê essa coisa [a revista] americana. Nós somos macacos que queremos fazer tudo o que os americanos fazem?... Para com isso!". Então tudo que eu tinha lido do Reader's Digest eu comecei a deixar de lado. Deixei de lado essa revista, deixei de lado os livros espíritas e comecei a me interessar por romances mais sérios. Mas eu detestava as leituras que falassem de política. O Júlio de Castilhos eu não sei como está agora, mas naquela época era um antro de politicagem, né. Então, tudo que era passeata, reivindicação era no Júlio... Então leituras do Reader's Digest eu me lembro de poucas, porque eu queria esquecer aquilo ali.*

(Alda)

Antônio informa ser eletrotécnico aposentado, casado, dois filhos e dois netos, natural de Curitiba, no Paraná, proveniente de família pouco escolarizada. As poucas lembranças que relata da leitura que fazia da *Seleções* estão vinculadas a um episódio que deixou marcas profundas em suas aspirações e gostos. Ao perder o pai muito cedo, conta que veio de avião para Porto Alegre – com sua mãe, quando tinha nove anos, em 1945. Esse foi um momento especial para ele. A partir dessa viagem começou sua paixão profunda pela aviação e, por consequência, a admiração pelo país reconhecido e considerado, naquele tempo, como o maior fabricante de aviões: os Estados Unidos. Sua narrativa destaca tais momentos articulando-os ao reconhecimento de que *Seleções* lhe era uma revista muito interessante.

*Não tínhamos hábito nenhum de leitura. Minha mãe nunca frequentou o colégio, aprendeu a ler e a escrever sozinha. Meu pai, também, acho que nunca frequentou o colégio também. Não lembro da existência de nenhum material de leitura na minha casa. Eu morei em Curitiba até os meus nove anos, mais ou menos. E depois vim para Porto Alegre.*

*Eu não estudei muito. Eu tive o primário, eu não sei se foi completo. Acho que não. Eu só lembro que o que eu estudei, mais tarde, foi por conta própria. Eu já morava aqui em Porto Alegre. Fui buscar um estudo, porque eu sempre tive vontade de saber alguma coisa, de aprender. Fiz o artigo 91, em um colégio na Andradas, que era o ginásio em um ano. Acho que era Gosch o nome do colégio. Eu não cheguei a fazer*

ginásio. Eu fazia esses cursinhos rápidos que tinham. Eu nunca fiz um curso completo, inteiro. Esse do artigo 91 era ginásio, mas eu não consegui completar pelo grau de dificuldade que eu tinha. Eu tinha pouco estudo. Acho que aprendi alguma coisa, mas não fui até o fim [...]

A Real Aerovias foi a primeira companhia aérea que eu voei, foi quando eu vim de Curitiba para Porto Alegre. Eu era bem pequeno. Vinha eu e minha mãe. Ai eu pedi para a aeromoça se eu podia ir na cabine. [...] o comandante mandou me buscar. Então ele me sentou no lugar dele, aquilo foi tudo para mim!

[...] Eu comecei a me interessar pela revista *Seleções* devido às reportagens que ela trazia. Eu mesmo, por conta, vi a revista na banca, me interessei e comprei. Comecei a ler e comecei a gostar das reportagens que lia. Tinha muita coisa sobre aviação, isso me chamava a atenção. Sobre viagens, aviões, histórias. Então eu gostava de ler sobre esses assuntos na *Seleções*. E tinha várias outras coisas que eu também lia. Eu comprava a revista e ia primeiro direto naquelas leituras que eu gostava, aquelas que falavam da aviação, dos aviões, das viagens. Nessa época eu deveria ter uns 15 anos, por aí.

[...]Depois, quando eu casei, voltei a comprar a revista, daí, então, minha esposa também lia. [...] eu gostava muito de músicas americanas, sempre que tinha alguma reportagem de cantores ou orquestras americanas eu gostava muito. Isto eu gostava também de ler. Os Estados Unidos! Ah! Eu sempre gostei das coisas que faziam referência a esse país. Eu sempre tive o sonho de morar nos Estados Unidos. Uma das primeiras fotos que tirei do meu filho, foi ao lado da bandeira americana. Isso foi no ano de 1958. Quando o presidente Kennedy foi assassinado, fiquei de cama uma semana, de tão triste que fiquei, parecia que era um parente próximo a mim que havia morrido. Eu achava que as coisas aqui no Brasil nunca eram tão boas, 100 por cento. Inclusive no trabalho, em tudo. Na minha lembrança, eu gostava de ler essa revista justamente por que falava das coisas lá dos Estados Unidos e eu sempre admirei os americanos. Por isso eu acho que a *Seleções* me chamava a atenção. Acho que por isso nunca me interessei em procurar outras revistas. A *Seleções* trazia aquilo que eu gostava! (Antônio)

Amélia informa ser casada, dona de casa, tem dois filhos e dois netos, natural de Porto Alegre. Proveniente de família com pouca escolarização, relata como *Seleções* apareceu em sua casa. Informa que a revista era lida, também, por suas primas e tia. Comenta brevemente sua vida de trabalho, desde muito cedo, não tendo conseguido seguir os estudos. Amélia destaca seu apreço e preferência sobre as leituras que fazia em *Seleções*, apreciava muito *histórias bonitas, romances e histórias de amor*.

Eu nasci em 1938, acho que entrei no colégio com 7 anos. De materiais de leitura eu não lembro de nada... Eu estudei só até o quarto ano. Eu repeti os dois últimos anos por duas vezes. Eu não conseguia decorar os pontos que caíam na sabatina. Minha mãe estudava comigo, no outro dia ela sabia toda a matéria e eu tinha esquecido tudo. Aí eu não consegui ir para o ginásio, então comecei a trabalhar. Fiz um curso de datilografia e fui trabalhar. Meus pais também não tiveram estudo. Que eu saiba eles estudaram muito pouco. Acho que só aprenderam a ler e escrever. Lembro que minha mãe teve que ensinar um pouco meu pai, pois parece que ele tinha menos estudo ainda e mal sabia escrever. [...] Eu conheci a revista *Seleções* quando ainda era solteira. Meus pais começaram a comprar a revista na banca. Não sei onde

*compravam, mas sei que chegavam em casa com a revista. E a revista ficava ali para ler. Eu gostava de ler histórias bonitas, romances, histórias de amor. Sobre medicina também. Lembro que na revista sempre vinha alguma coisa sobre saúde e medicina. Eu gostava de saber como é que eram algumas comidas, algumas doenças. Sempre tinha alguma receita, culinária. Mas nunca fiz nenhuma receita que vinha ali na revista. Eu trabalhava o dia todo, quando chegava em casa eu tinha todo o serviço da casa para fazer, pois tinha que ajudar minha mãe. Então não tinha tempo de fazer essas receitas. Lembro que minhas primas e tias também liam Seleções. Minha tia Neca gostava muito de ler, estava sempre lendo. (Amélia)*

Doroti é viúva, dona de casa, três filhos, natural de Encruzilhada do Sul –, é uma das entrevistadas que tem o maior tempo de leitura da revista *Seleções*. Conta que a revista a acompanha até hoje, desde seus dez anos de idade, portanto por mais de seis décadas. Os primeiros contatos com *Seleções* se deram por intermédio de um tio e, posteriormente, ao adquirir um lote de revistas antigas, passou à sua leitura diária. Após um período de longos anos de leituras de revistas antigas, se tornou assinante. Vejamos como Doroti narra essas lembranças.

*[...] mas a revista Seleções foi assim: eu tinha um tio, que morava no Rio. E ele, assinava Seleções. Eu deveria ter uns dez anos, isso em 1945. Eu lia muito “O Cruzeiro”, eu adorava a revista “O Cruzeiro”. Nossa! [...] Mas a Seleções, começou a chegar, lá em casa. O meu tio que morava só, lia a Seleções e mandava para uma tia minha aqui em Porto Alegre. Porque lá [em Encruzilhada do Sul] nós não tínhamos acesso a revistas. Ele mandava a Seleções para a tia, ela lia e enviava para nós. Eu esperava o correio com ansiedade. Era a mesma Seleções que meu tio lia e comprava, mandava para minha tia, ela lia e mandava para nós. E aí eu lia. Quando casei, eu fui morar no campo, então lá era muito difícil ter acesso a leituras. Eu normalmente lia jornal do mês passado... Mas porque sou assim alucinada por leitura, não deixava de ler. Então, nesse meio tempo eu tinha um tio que foi criado pelos tios dele... Ficou sem mãe muito cedo. E ele tinha algum problema que hoje eu não sei qual seria a doença dele. [...] Possuía uma infinidade de livros e tinha uma quantidade enorme da Seleções que sua mãe havia guardado para ele. Ele era uma pessoa que não trabalhava, mas ele lia, lia, muito, também. Quando a mãe de criação dele faleceu ele teve que ir morar com um irmão, em Encruzilhada. [...] Aí eu pensei, assim: eu vou trazer a Seleções dele e vou guardar. A hora que ele quiser, se ele quiser eu devolvo... E a Seleções que ele tinha era cheia de anotações das coisas que ele lia. Ele lia e fazia observações. Eu recebi Seleções marcadas e até escritas assim do ladinho, sempre tinha uma observação, alguma coisa escrita. E fiquei anos com aquelas Seleções. Quando eu saí de Encruzilhada – deixa eu ver, vai fazer dezessete anos – e vim para Porto Alegre eu trouxe as Seleções. Mas depois, por falta de espaço e tal, acabei me rendendo à ideia da minha filha, e me desfiz das revistas. [...] Comecei a andar lá pelo centro e tal... Foi onde encontrei um monte de sebos. E eu pensei: é aí que eu vou encontrar. Encontrei nos sebos as revistas Seleções das antigas. As antigas, porque as novas eu comprava, de vez em quando. [...] Daí quando foi o ano passado, ou o ano atrasado, minha filha, no Natal, eu recebi uma assinatura. [...] porque ela sabia o quanto eu gostava. Então, ela fez a assinatura para mim. (Doroti)*

Irene informa ser casada, dona de casa, ter duas filhas, ser natural de Cachoeira do Sul – conta que seus pais tinham apenas o ensino primário, o que não impediu que ambos se transformassem em bons leitores. Para Irene, seu pai foi um exemplo de leitor a ser seguido, sendo reconhecido pelo hábito rotineiro que tinha de ler deitado na cama. Na narrativa de Irene se pode ler sobre algumas das matérias de que mais gostava e, também, sobre a lembrança de uma das histórias que a marcou muito e que foi lembrada no momento em que eu a questionava sobre possíveis lembranças de alguma matéria da revista. Um dado interessante, na narrativa de Irene, se refere ao fato dela considerar que a assistência à televisão tenha lhe tirado o lugar da leitura da revista por um determinado momento em sua vida – década de 1980. Por outro lado, seu interesse pela revista retornou em tempos atuais, nos momentos em que acompanha as idas do marido ao médico, descobrindo, também, que além de comprá-las poderia trocar os exemplares já lidos por outros, inéditos.

*Que eu me lembre de a gente ter Seleções em casa eu era adolescente. Isso na década de 1960, eu nasci na década de 1940, tinha uns 15 ou 16 anos. Meu pai já era leitor assíduo da Revista, ele comprava. Meu pai era um assíduo leitor. Nós morávamos em Cachoeira do Sul e ele assinava a Revista Seleções. Lembro de meu pai deitado na cama lendo a revista ou mesmo lendo livros... mais tarde quando eu trabalhava e já comprava os meus livros e revistas, aí a gente disputava no tapa [risos] quem ia ler primeiro. Era um incentivo para a gente. [...] a revista chegava lá em casa e todo mundo lia. Eu sempre gostei de ler... aquela coisa [Seleções] estava ali mesmo, era para ser lida... Tinham as histórias grandes... como era assinatura, algumas continuavam na próxima. Aí a gente ficava aguardando a próxima vir [...]*

*Eu gostava e gosto ainda, muito de História. Comentávamos também sobre casos... Eu lembro muito sobre um caso de sequestro que teve em Illinois nos Estados Unidos e que um sequestrador colocou uma moça numa caixa... Na revista tinha desenho e foto dessa caixa ... “e ele a enterrou assim” [vinha como título da matéria]. E ela ficou uns oito dias, quinze dias, não sei bem. Até a polícia descobrir. Eles procuravam insistentemente... Ela sobreviveu. Aquilo, então me marcou profundamente. Eu era adolescente e a gente não estava acostumada com esses horrores, brutalidade... Eu não lembro de que ano era isso. Mas isso foi algo que eu lembrei logo quando perguntaste sobre as leituras que eu fazia na revista Seleções. [...] Isso não era do meu cotidiano. Me chamava a atenção justamente por não ser do meu cotidiano. [...]*

*Até 1980 eu assinava, depois eu não assinei mais. Tinha a televisão, por isso, né! Eu via na TV e depois é que aparecia na revista. Eu gostava da revista porque ela trazia novidades, descobertas científicas ou história...*

*Eu era assinante porque eu queria... e mesmo quando eu não assinei mais, eu ainda comprava nas bancas. Por muito tempo, assim... quando dava... por exemplo, uma vez por mês, quando não tinha nada para ler e ia levar o meu marido no médico, eu ia ter que esperar, né, aí eu comprava, passava numa banca e comprava. Em vez de comprar uma revistinha assim ... comprava uma Seleções, que sempre tem coisas melhor para ler. Pois tem assuntos diversos... Nas bancas eu trocava também. É essas bancas de revista em que eles trocam revistas usadas por novas. Aí eu levava uma pilha lá, vamos dizer, dez Seleções, quinze Seleções, eles pagavam tanto e eu trazia as novas. (Irene)*

José informa ser divorciado, ter três filhos, maçom, hoje é aposentado, tendo sido em sua vida profissional pedreiro, carpinteiro, agricultor, sapateiro. Atualmente é proprietário de um sebo em Porto Alegre, próximo à Usina do Gasômetro, sendo conhecido, segundo ele, como “José dos Livros”. José é um grande “contador de histórias”, como ele mesmo gosta de se denominar. E com razão! Sua entrevista foi a mais longa de todas, recheada de longas histórias pessoais que às vezes se misturavam com menções a autores como Shakespeare, Platão, Santo Inácio de Loyola, Fagundes Varela, Castro Alves, Rui Barbosa e outros<sup>98</sup>. Sua entrevista teve que ser realizada em duas etapas, com duração total próxima a seis horas de gravação. José declara nunca ter frequentado escola, afirmando, orgulhosamente, ser um autodidata. É membro integrante e frequentador da Casa do Poeta Rio-Grandense e do “novo” Partenon Literário<sup>99</sup>. Nasceu no interior do município de Tapes e atualmente, mora em Porto Alegre. Foi criado desde pequeno por diferentes famílias, pois sua mãe não tinha como cuidá-lo devido à situação precária da família e aos seus 14 filhos. Relata que algumas vezes era maltratado nas famílias onde ficava, e acabava fugindo. Aos doze anos foi convidado a participar de um grupo de leituras esotéricas que eram feitas em reuniões secretas, no porão da casa em que trabalhava como pedreiro e esse momento teria marcado o início do seu interesse por leitura. Conheceu *Seleções* desde a década de

---

<sup>98</sup> Todos esses autores, e mais alguns, foram citados. Algumas citações, além de serem articuladas à sua história de vida – no caso da vida de Santo Inácio de Loyola e o livro Fernão Capelo Gaivota de Richard Bach –, foram acrescentadas por trechos declamados de obras – no caso de Shakespeare. Em alguns momentos, pediu-me autorização para ler diretamente no livro alguma passagem selecionada.

<sup>99</sup> Em 18 de junho de 1868 foi criada a Sociedade Partenon Literário. Criada por José Antônio do Vale Caldre e Fião e Apolinário José Gomes Porto Alegre, teve a colaboração de pensadores como Bibiano Francisco de Almeida, Carlos von Koseritz, Lobo da Costa, Luciana de Abreu, Amália dos Passos Figueroa, entre outros. Mais do que um local em que florescia a literatura e o conhecimento, o Partenon promovia ideias abolicionistas, republicanas e feministas. Sua atuação ultrapassou a divulgação literária, oferecendo também cursos noturnos para adultos e criando uma biblioteca e um museu. A sociedade teria sido extinta por volta de 1925, mas já deixara de existir em 1885, quando paralisou os trabalhos associativos. Depois de 112 anos, um grupo de intelectuais decidiu “refundar” a entidade, em 1997, em Porto Alegre. O atual Partenon Literário declara primar pela liberdade literária e artística, tendo entre seus sócios pessoas das mais diversas formações e profissões. Além da Revista Literária (na verdade livro), o Partenon Literário publica outros seis títulos: *Coleção Autores Reunidos*, *Coleção Prata da Casa*, *Coleção Nossas Letras*, *Coleção Letras Jurídicas*, *Coleção Palestras do Partenon* e a *Coleção Arquivo e História*.

Disponível em: <http://biblioteconomiaepatrimonio.blogspot.com.br/2009/06/partenon-literario-em-18-de-junho-de.html> Acesso em 10/09/2012.

1950, mas começou a sua leitura e a sua coleção na década de 1970, ao adquirir um lote com muitas revistas antigas. As várias pessoas que conheceu ao longo da sua vida, o auxiliavam em indicações sobre leitura, fazendo com que se transformasse em um leitor assíduo. Para José, seu conhecimento foi adquirido através dos livros, e isso lhe permitiu trânsito livre em vários ambientes, além de amizades duradouras com pessoas das mais variadas origens sociais.

*Eu nasci no interior do interior, em Sentinela do Sul. Eu morei lá no interior e saí de lá com 16 anos. Eu tinha 12 anos e minha mãe fazia limpeza no pátio da casa de uma senhora, a Dona Inês. Minha mãe capinava o jardim, o pátio. Na casa dessa senhora havia um porão onde estava uma adega para vinhos, porque nesse lugar a temperatura é fresquinha... Aí um servente que trabalhava lá havia batido com uma pá em cima do pé, e ficou machucado, então o pedreiro estava sem servente. E a Dona Inês, então, pediu se eu podia ser servente de pedreiro. E aí eu estou lá servindo de pedreiro e coisa e tal... E ela olhou para minha cara, gostou da minha cara e perguntou se eu guardava segredo. Eu não sabia do que se tratava, mas ela pediu, de certo eu guardo. Então é o seguinte: “uma vez por semana eu me reúno aqui com as pessoas aqui da vila...”. Então eu fui ao tal encontro. E eu me sentei na cabeceira de uma mesa, onde estavam reunidos, e ela fazia leitura em voz alta para nós todos. Não tinha criança na mesa eram só pessoas adultas. Ela disse para mim: “tu és a primeira criança que eu estou convidando, não sei porque estou te convidando”.*

*Bom, o primeiro livro que eu comprei eu não sabia ler. Eu comprei porque eu achei bonito o livro. Eu comprei e depois o livro se extraviou. Aí eu readquiri o livro para poder ter aquela memória. É um livro sobre psiquiatria “Na ladeira da memória”...*

*[...] eu tinha um certo relaxamento com a leitura. Se eu tivesse lendo, tava lendo. [...] Ela passou a me dizer que a gente tinha que ler conteúdos permanentes, conteúdos que deixem alguma coisa para sempre. E não uma coisa só para aquele momento. Bem, nós tínhamos muita leitura esotérica. E depois ela me indicava autores, como: Machado de Assis, fui conhecer com ela. E tive um apreço por José de Alencar foi com ela. Ela me auxiliou muito na escrita também, com muito boa vontade. Muito boa capacidade que ela tinha, muito bem preparada que ela era. [...] E depois vim para Porto Alegre e aí eu me tornei um cara de obra, de construção civil. A senhora vai ter muita dificuldade de que um operário, alguém que seja 100% operário, tenha conhecimento de quem é Shakespeare, que tenha conhecimento de uma porção de coisas... [...] Teve um período que eu estava no meio de pessoas que liam muito Seleções. Eu ganhei muitas, pouco eu comprei. Muita gente era assinante de Seleções. Até agora, tem gente que assina. Eu tenho revistas Seleções bem antigas. Seleções tinha sempre assuntos muito bons. A maioria eram traduções bem feitas. Eram histórias condensadas. E outra coisa, a maioria dessas histórias da Seleções depois eram transformadas em filme. Tem muitos filmes baseado em histórias das Seleções.[...] Eu inclusive tenho muitos exemplares da revista na casa da minha ex mulher. Então nessa casa eu tenho várias coleções da Seleções, desde o início. (José)*

Karla é casada e tem uma filha. Natural de Porto Alegre é formada em Biologia e tem Mestrado na área. A grande diferença entre Karla, enquanto leitora da *Seleções* e os demais entrevistados, além da idade, está no fato de ter iniciado a leitura da revista após formada, já com Mestrado em curso e não na infância e juventude. Outro fato que

a diferencia dos demais se dá pelo encontro com a revista, o qual é explicado pelo alcance da estratégia de marketing utilizada pela *Seleções*. Karla conheceu *Seleções* na década de 1990, quando se sentiu estimulada em fazer a assinatura a partir de uma correspondência recebida em casa, convidando-a a participar do “grande concurso” da *Reader’s Digest*. Acreditando poder ser, talvez, uma das ganhadoras, assinou a revista durante três anos e depois desistiu de “concorrer”. Por outro lado, leio também na sua narrativa que seu interesse por *Seleções*, naquele momento, estaria no desejo de se sentir atualizada, pois atuava como professora. Depois desse tempo relatou que aos poucos foi perdendo o interesse pela revista, buscando se apropriar de outras leituras, em especial, os títulos indicados por amigas.

Vejamos como Karla narra algumas lembranças.

*[...] depois da faculdade, entrei no Mestrado e, aí sim, como já no final da graduação, eu já estava como professora, dando aula de Biologia, aí claro eu sentia uma obrigação de ter um acompanhamento maior de atualização, aí eu comecei a comprar um monte de enciclopédias, na época não tinha ainda essa coisa de internet... a internet estava começando. E foi aí que entraram as diferentes revistas [década de 1990]. Entre elas, apareceu um belo dia uma correspondência na minha casa e foi assim que esta revista [Seleções] entrou lá em casa. Por uma correspondência. Se não me engano, veio um encarte e uma correspondência. Na correspondência vinha que eu poderia ganhar muitas coisas, foi aí que me interessei. Aí eu comecei a ler e a gostar da revista. Aí tinha a parte que eu sempre utilizava e gostava que era sobre saúde. Foi neste momento que esta revista começou a ser frequente na minha casa. Eu usava muito a parte de informações sobre saúde, hábitos alimentares, algumas doenças que havia a descoberta de tratamentos, e sempre tinha os casos de alguém famoso que tinha passado por alguma doença... Eu gostava do tamanho, da praticidade, era objetiva. E quando nós estamos na faculdade, ou mesmo quando estava no mestrado e tinha horrores de coisas para ler, e ainda viajava, pois tinha projetos fora, a revista era uma proposta de leitura prática, prazerosa, então... as vezes precisava de alguma coisa diferente... na revista havia. Eu lia para consumo próprio e após minha leitura, emprestava para minha mãe, para minha avó. Eu socializava as questões práticas da revista Tem um assunto que me marcou... como minha sogra tem lupus... veio uma matéria especificamente sobre o lupus, com artistas que traziam soluções práticas... que as vezes minha sogra não queria fazer alguma coisa, com receio, isso eu me lembro bem. Eu lembro que aí sim que eu aprendi mesmo sobre a doença, né. E passei tudo para ela. (Karla)*

Luciano informa ser divorciado, ter uma filha, atuar como técnico, formado em Administração. Nasceu na Bahia e mora em Porto Alegre desde os nove anos, sendo que estudou em internato desde os sete anos. Foi na escola que descobriu a leitura, pois passava os finais de semana na biblioteca, uma vez que não tinha como ir para casa, pois sua mãe residia em outra cidade. Luciano relata que, na infância e adolescência –

décadas de 1950 e 1960 – encontrava *Seleções* com facilidade na escola e também na casa de parentes. Atualmente, faz coleções de revistas antigas em casa, e *Seleções* é uma dessas. Informa que de vez em quando ainda pega uma das *Seleções* antigas para reler. Identifica-se, também, como um “contador de histórias”<sup>100</sup>. Vejamos algumas das suas lembranças.

[...]Antes de eu ir para o [colégio] Champagnat... peraí... agora eu pulei aí, uma coisa. Antes de ir para esse colégio, eu estudei cinco anos no Colégio Dom Bosco. Eu fui para o colégio com sete anos de idade. Era um internato, também, colégio de Salesianos. Então lá, a gente lia muito também. Ali eram todos alunos muito pobres. Então, a gente não saía da escola. Ficava no colégio, mesmo. Dia e noite lá. Ali tinha internato e externato. Eu estava como interno. Dali é que a minha mãe conseguiu transferência para o Champagnat. Porque esse era um dos melhores colégios de Porto Alegre [...]

Primeiro, eu me adiantava muito nas matérias da escola: matemática, português, e tal. Então, se eu encontrava alguma revista no colégio, assim e tal... eu lia. Se existia alguma, era *Seleções*. Naquela época não era de produção de muita revista. Tinha “O Cruzeiro”, então, mas era uma revista cara. Eu não tinha acesso a essas revistas. E, também... vamos dizer assim... a parte editorial, não existia uma tecnologia de fotografia... Eu comecei a leitura na escola e aí quando eu ia na casa de tios eu lia também, pessoas da família possuíam a revista...

Foi nessa época que eu comecei... E aonde tu chegava na casa de pessoas que tinham... porque naquela época se vendia livro por metro... As pessoas compravam “O tesouro da juventude”, quando tinham criança, compravam aquelas coleções... eram vendidas em casa. E as *Seleções* era por assinatura que o pessoal fazia. Então muita gente, da classe média, acho que em Porto Alegre e em outros lugares... assinavam, justamente, por conta da facilidade de receber em casa. E o interessante [no caso das *Seleções*] é que eram condensados de livros americanos, né? Não sei como eles faziam esses condensados...

O primeiro livro que eles distribuíram [a Companhia de Petróleo Ipiranga, início de 1970], eu acho que eles devem ter tirado da *Seleções*, tinha o título de “As calcinhas cor-de-rosa do capitão”<sup>101</sup>. Que era a história de um condensado da *Seleções*<sup>102</sup>, entendeu. Esse livro tinha assim umas doze histórias e a história que mais me chamou a atenção na época era a respeito de uma aposta da pessoa que mais comia, numa refeição, no mundo. E dizia: “condensado de uma história americana”. Essa história do livro era a que mais me chamava a atenção. Isso foi nos anos... início dos anos 70. Eles deveriam ter copiado da *Seleções*. Olha, o interessante é que talvez seja daí que tenha surgido o hábito de eu ler revistas antigas. Provavelmente eu lia a *Seleções* dos anos 40, na casa dessas pessoas que eu ia. Eu me lembro que eu chegava na casa de amigos, conhecidos, e tal, e tinha assim, numa mesinha num canto, aquelas pilhas de revistas. E tinha muitas *Seleções* ali.

<sup>100</sup> Durante a entrevista faz um longo relato com detalhes de duas histórias lidas na *Seleções*: uma sobre uma “aposta de comida” – com temática de superação, e a outra sobre a história de um advogado recém formado – com temática relativa ao bom desempenho profissional.

<sup>101</sup> Livro com vários contos humorísticos estrangeiros, da Editora Ipiranga, traduzidos por Luis Fernando Veríssimo, tendo seu primeiro exemplar distribuído pelos postos Ipiranga em 1973.

<sup>102</sup> Conforme pesquisa na internet, a única referência comum entre o livro e a revista *Seleções* é que ambos são da Editora Ipiranga.

*Bem, a Seleções, até mesmo em consultório médico, dentário... só se via isso aí, entende? A nível de histórias, assim, o que eu lembro de interessante... Na Seleções, que me chamou a atenção foi a história de uma velhinha... A história, na verdade é de um advogado, um estudante de direito, americano, quando ele foi trabalhar no escritório como estagiário. [...]Eu lia a Seleções na década de 60, 70 e 1980 acho que ainda lia... Mas essas antigas [manuseando algumas revistas que levei] tinham histórias mais interessantes. (Luciano)*

Mariana é casada, tem duas filhas, e é contadora aposentada. Nasceu em Porto Alegre. Conta que foi criada, desde bebê até quatorze anos em um orfanato, com freiras da ordem religiosa das franciscanas. Após esse período, conseguiu bolsa em uma escola também confessional, em Gravataí, onde, em um determinado período, teve que trabalhar para as mensalidades, já que o governo havia deixado de enviar a bolsa para a escola. Seu trabalho consistia em auxiliar as freiras nas atividades desenvolvidas na biblioteca da escola. Nessa escola, Mariana estudava pela manhã e passava as tardes lendo na biblioteca. Atribuiu a tal experiência sua desenvoltura posterior, na fase adulta, quando iniciou a trabalhar como secretária. Conheceu *Seleções* na década de 1960, através do marido, no período em que eram namorados, quando passou a ser leitora assídua da revista. O marido, outro<sup>103</sup> apaixonado pelos Estados Unidos, foi assinante da revista desde 1961 até a década de 1990, quando o casal decide ir morar nos Estados Unidos. Seu marido mora lá até hoje; ela ficou por três anos.

*[...] Bem na verdade eu não fui criada com meus pais, eu fui criada em um orfanato com freiras da Ordem religiosa das franciscanas. Eu fui para esse orfanato com oito meses, aqui em Porto Alegre, na Pia Instituição Chaves Barcelos. E nesta ocasião eu era muito criança e lembro que eu gostava muito de brincar. Quando bem pequena, não tinha o hábito da leitura. A leitura começou bem depois. Este orfanato onde eu fui criada, só havia até a quinta série. E nós, as crianças, só estudávamos lá até o quinto ano, que naquele tempo se chamava, pois era o que tinha naquele orfanato. Não havia ginásio. Então a gente estudava até o quinto ano e ficava parada. Aos quatorze anos fui para Gravataí, na Escola Dom Feliciano, eram “Filhas de Maria” as freiras lá. Também só meninas, no internato. E, neste lugar eu fiquei dois anos. Foi em 1961 e 1962. E, aí, o que eu tinha lá? Quem é que pagava meus estudos? Pois era uma escola particular. Era o governo, através de uma bolsa de estudos. E ocorreu que lá pela metade de 1961, uma das freiras chegou para mim e disse que não tinha sido pago nenhum mês da minha bolsa e perguntou o que é que a gente podia fazer com essa situação. Eu disse para ela que não gostaria de sair dali e pedi: “Arruma um trabalho aqui dentro para mim. De manhã eu estudo e de tarde eu trabalho”. Aí ela disse: “ah, já sei um trabalho bom para ti... Tu vais adorar, é na biblioteca! É que eu*

<sup>103</sup> Antônio, depoente dessa pesquisa, também se reconhece como “apaixonado” pelos Estados Unidos.

*preciso de uma pessoa lá para catalogar os livros, para emprestar, receber de volta, estas coisas todas”. E foi isto que eu fiz durante quase dois anos. E foi aí que eu comecei a adorar ler. Uma das coisas que eu fiz foi ler todos os volumes que havia naquela biblioteca. E existiam muitos livros lá. Não lembro se havia Seleções, acho que não. Isto eu não lembro. Mas foi ali que eu adquiri o hábito da leitura. Por mim mesmo. Comecei a ler e aí devorava um livro atrás do outro.*

*[...] Conheci Seleções através do meu marido, na década de 60. Quando eu tinha 18 anos, nós dois já trabalhávamos no mesmo edifício, o da Mesbla. Ele lia e gostava tanto das Seleções que ficou com vontade de ir para os Estados Unidos. Tudo por causa das Seleções. Ele assinava e eu lia tudo. Algumas vezes, quando lhe dava preguiça mental, ele não lia, mas pedia para que eu lesse e comentasse com ele o que tinha de interessante. E eu lia e comentava com ele e conversávamos sobre as matérias.*

*[...] em janeiro de 1991 nós fomos para lá [Estados Unidos]. Ficamos três anos. Lembro que muita coisa foi pelas Seleções. E sobre as viagens que a gente lia... Aqueles casos verídicos, assim que contavam sobre grandes incêndios, de grandes catástrofes, lembro daquele que falava sobre o Rio Mississippi que transbordou e as pessoas se segurando nos galhos da árvores. Todos esses episódios, que eram publicados na revista, aconteciam lá nos Estados Unidos. E a gente tinha muita vontade de conhecer tudo lá e aí nós fomos. Por isso eu acho que a Seleções foi muito interessante, foi muito boa para mim, para nós. Ela mostrava, assim, um estilo de vida completamente diferente do nosso. E a gente tinha vontade de conhecer. Eu, porém, voltei para o Brasil depois de três anos e nunca mais quis voltar para os Estados Unidos. O meu marido ficou lá. Ele ficou oito anos direto, voltou para o Brasil, ficou três anos aqui comigo e depois foi embora novamente e nunca mais voltou. Já vai fazer doze anos, já desta segunda vez. E ele adora aquilo lá. E todo mundo que olha para ele diz que ele é americano mesmo, ninguém diz que ele é brasileiro. Ele é primo de alemão e tem aquele cabelinho espichadinho, escovinha, que nem dos americanos. (Mariana)*

Márcia é casada, tem uma filha, é formada em Letras, e é dona de casa. Atua como voluntária lendo histórias para crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, através do Programa *Amigos da Escola* em uma escola de Gravataí. De origem simples e família numerosa, é filha de pais trabalhadores e com pouco estudo. Iniciou a leitura de *Seleções*, ainda criança, no porão da casa de um tio, na época em que tinha entre nove e onze anos. O encontro com *Seleções*, nesse momento, foi marcado pelo encontro com o idioma inglês. As revistas traziam algumas matérias em inglês, inclusive tendo testes de vocabulário, ao final. Tal situação lhe teria despertado o interesse de mais tarde, ao fazer a faculdade de Letras, ter optado pela língua inglesa. Leu a revista por um bom período, naquele tempo. Mais tarde, voltou a encontrar *Seleções*, na década de 1990, por intermédio do marido que era assinante. Atualmente é leitora assídua da revista, além de possuir uma organizada biblioteca de *Seleções do Reader's Digest* que, além de revistas encadernadas, contém livros e DVDs adquiridos

através dos encartes de *Seleções*. A biblioteca, segundo Márcia, continua sendo montada, pois será “uma herança” para a filha que hoje está com 11 anos de idade.

*Na minha família, o meu pai e a minha mãe não liam. Tinham que trabalhar muito para sustentar todo mundo, né! Somos sete irmãos. Minha mãe estudou até o quarto ano. Meu pai, acho que foi próximo a isso. Meus pais são da região Noroeste do Estado. [Comecei a ler] por causa dos meus irmãos mais velhos. Eu era bem criança. Eu tenho dois irmãos mais velhos, eles já estavam na escola e eu ainda não. Eu tinha cinco anos e eles já estavam na escola. E quando o meu irmão estudava, eu ficava do lado dele e toda a letra que ele escrevia eu perguntava o que é que era. Como é que fazia. Aí em seguida eu fui para a escola. Mas foi antes de fechar os seis. Mas aí eu parei porque não conseguia acompanhar o ritmo do ano letivo. Eu era muito pequena, não tinha aquela coordenação. Mas eu aprendi a ler muito cedo. Quando eu estava com cinco, seis... Eu sei que antes de eu entrar na escola com sete eu já sabia ler. Eu entrei lendo. Sempre fui muito apaixonada por ler. O meu irmão mais velho até foi um tempo... Depois não tinha mais estudo lá [na cidade do interior que moravam], ele fez MOBRAL, e depois saiu de casa.*

*[...] Eu pegava um livro na biblioteca e gostava de ler para todos. Eu lia em casa para os meus irmãos... Foi nessa época que [Seleções] também caiu na mão. Porque foi lá, no porão do meu tio que encontrei as primeiras. Até hoje eu me lembro... E me chamaram a atenção porque tinha uma parte em inglês<sup>104</sup> né? E depois desse período, eu fui encontrar a Seleções novamente, quando eu conheci o meu marido há vinte anos atrás [década de 90]. Porque aí ele já tinha alguma em casa, tinha assinado um tempo, depois tinha parado. E depois começou a assinar de novo. E até hoje, agora é direto.*

*[...] o que me chamou a atenção [na Seleções], a primeira coisa foram as histórias... As histórias reais, né? Aqui, por exemplo, nessa aqui, [mostrando um exemplar de uma revista de 2009] tem a história do voo dos bebês, que ela foi lá [em um país africano] e buscou os bebês... Ela adotou os órfãos lá, entendeu. Então, a parte que mais me chamava a atenção na Seleções eram essas histórias reais, as que realmente tinham acontecido.*

*[Na Seleções] Tem uma parte que eles botam em inglês... Isso me chamou a atenção e aí fui gostando da coisa. E aí me interessei pelo inglês e foi sempre, sempre, eu tinha uma facilidade também, com o idioma. Nas revistas bem mais novas tem. Sei que eles publicavam umas histórias em inglês também, faziam em português e inglês... Aqui oh...[encontrando um exemplar]. As mais antigas tinham mais coisas.*

*Fazia os testeinhos ia olhando, ia vendo. Hoje eu to muito por fora do inglês. Como na escola eles tem o projeto... me interessou mais ir para a área da literatura. Porque eu gosto muito de ler. Eu tô lendo todo o tempo...*

*Mas foi numa Seleções que eu aprendi a fazer o desengasgo de uma pessoa. Como é que tu tens que proceder? Acho que tá numa das que eu emprestei. E, aconteceu aqui em casa, né. A Bruna pegou uma carne e se engasgou. Ela tinha uns cinco ou seis [anos]. Aí saiu da mesa, mas ninguém viu. E eu vi que ela engasgou. E aí a primeira coisa que eu fui fazer foi apertar aqui por trás, para ela soltar. São coisas que tu aprendes aqui [apontando para a Seleções].*

*Lembro que as primeiras Seleções que chegaram na minha mão foram tiradas do lixo, né. Quando eu era criança. A revista não tinha capa, nada. Mas tinha as partes interessantes. Esses dias minha filha disse: “ai mãe não vai catar no lixo!”. Esses dias*

<sup>104</sup> Localizei matérias bilíngues, explorando a língua inglesa, em *Seleções*, nos anos finais da década de 1970, porém apareciam de forma esporádica, tornando-se mais frequentes a partir da década de 1990, passando a integrar uma das seções da revista.

*nós vínhamos da escola e eu estava passando em um lixo... E aí tinha ali: Machado de Assis, Dom Casmurro, Policarpo Quaresma e outros. Aí a gente juntou e trouxe para casa. Eu acho um crime isso! Eu tenho uns livros na garagem lá que eu tenho que organizar direitinho e doar. (Márcia)*

Marilene é casada, tem duas filhas e uma neta. Professora aposentada, formada em Letras. Nasceu em Caxias do Sul, cidade em que continua residindo. Sua família, mesmo com poucas condições econômicas, valorizava e estimulava os estudos dos filhos. Foi leitora assídua da *Seleções* de 1955 a 1961, a partir do momento em que seu irmão ganhou uma assinatura de presente em 1955, no seu aniversário, sendo que seu pai renovou a assinatura até 1961. Após esse período, até iniciar o Magistério, não leu mais. Durante o Magistério retomou novamente a leitura das revistas da época em que seu pai assinava, resgatando as revistas que haviam sido guardadas em um armário, na sua casa. Mas nesse momento, observa que sua leitura já era diferente. De uma forma mais crítica, fazia outras leituras da revista. Marilene identifica-se como sendo uma “leitora inveterada”. Destaca que por ter descoberto muito cedo sua paixão pela leitura, passou a valorizar muito as bibliotecas. Até hoje utiliza intensamente os espaços públicos de empréstimos de livros, como forma de suprir sua necessidade leitora.

*E eu tenho um irmão mais velho que tem agora 72 anos, que ele sempre foi um apaixonado pela leitura. Mas assim, apaixonado na extensão do termo, sabe? E ele sempre gostou de ler e esse amor dele pela leitura ele transmitiu para nós todas as irmãs. Todas nós gostamos muito de ler. Ele nasceu em 1940. Quando ele fez 15 anos, então em 1955, ele ganhou de presente de um dos convidados, uma assinatura da revista *Seleções*. Eu lia [o nome da revista] “*Seleções do Reader’s Digest*” [com ênfase na pronúncia em português]. Até hoje que eu leio assim. Então ele começou a receber essas revistas em 55, e quando a revista chegou lá em casa, assim, foi uma coisa maravilhosa! Foi um presente para nós! Ele lia e, depois que ele lia eu lia, e passava. E a minha mãe... ela sempre foi muito severa com nós. Nós nunca podíamos nem sair, nem nunca levar ninguém para casa. Então esse fato de nós ficarmos confinadas em casa, nos obrigou a buscar uma alternativa de lazer. E esse lazer foi a leitura.[...]*

*Lia e entendia. Eu acho que eu entendia sim, porque eu lia com prazer e voltava a ler. E, depois, conforme eu fui crescendo... as revistas ficavam guardadas em casa, num armário, muitos anos depois, quando já tinha uns 14 ou 15 anos, quando eu já tinha terminado o ginásio... Naquela época era o primário e depois o ginásio, né! Quando eu entrei para o magistério, eu voltei a ler a *Seleções*. Então eu pegava, assim [gesticulando com a revista nas mãos] e já sabia o que eu queria ler, procurava. Então eu lia os artigos, assim, com mais profundidade... Mas o que eu amava ler [com entusiasmo] é essa parte aqui [localizando na revista antiga] da *Seção de Livros*. Que em todas as edições vinha uma “condensação”. E esses livros “condensados” eram sempre da literatura ou americana ou inglesa.*

*[...]Nós não tínhamos condições de comprar livros. Mas eu sou uma leitora inveterada, até hoje, mas eu pego na biblioteca pública, que eu sou sócia, ou eu pego emprestados. A minha biblioteca é muito pobre. Eu tenho muito poucos livros. Mas eu*

*tenho assim... o que eu já li de livro, tu não faz ideia! E eu leio pelo prazer de ler. Para mim ler é essencial, sabe? Eu não admito passar um dia sem ler [enfaticamente]. Eu leio continuamente e leio, praticamente, tudo o que me cai nas mãos. E quando eu casei, o meu marido ele é professor de história e geografia, ele é outro apaixonado pela leitura. Com ele eu aprendi o gosto pelo jornal. Então nós lemos todos os dias o Correio do Povo e o Pioneiro, porque eu sou de Caxias do Sul, moro lá e lá tem o Pioneiro que é o jornal diário. Então eu leio o Pioneiro, assim, do começo ao fim. Só não leio a parte de esportes, porque eu não gosto. Eu sinto assim, uma necessidade, assim... intrínseca, sabe? Aquilo assim, é meu, sabe? Eu preciso ler! (Marilene)*

Vanda<sup>105</sup> é casada, em sua narrativa não há informação sobre os filhos. Formada em Letras Anglo-Germânicas. Nasceu em Petrópolis, Rio de Janeiro, proveniente de família com bom nível cultural e econômico. Leitora, escritora e poetiza, atualmente é presidente da Academia Brasileira de Poesia de Petrópolis – Casa Raul De Leone<sup>106</sup>. Lembra de *Seleções* circulando em sua casa e na casa de seus primos desde quando era muito pequena. Seus pais tinham assinatura da revista e sempre compravam os livros que vinham indicados. Conviveu em ambiente com farta presença de livros, revistas e jornais. Desde muito cedo, fazia todo o tipo de leitura sem qualquer restrição quanto à idade. Leu a revista *Seleções*, provavelmente, desde a década de 1960 até o início da década de 1970. A oportunidade de participar da pesquisa fez emergir certa sensação, descrita pela depoente, como a de que seria possível articular *Seleções* e sua escolha profissional. Conforme Vanda, além de *Seleções* ter aberto portas para leituras mais consistentes e para uma cultura estrangeira anglófona, reconhece-a pela forma especial que a revista fazia as condensações de histórias. Vejamos o que nos conta Vanda.

*Meu pai nasceu no Líbano e veio para o Brasil aos 14 anos. Tinha frequentado a escola em sua terra natal, mas não sei como classificar seu nível de estudo em relação aos nossos padrões. Falava e escrevia um pouco de francês além do árabe o que lhe facilitou o aprendizado do português que lia e escrevia corretamente e falava sem sotaque. Minha mãe era filha de libaneses nascida em Minas Gerais. Estudou no Colégio Santos Anjos no Rio de Janeiro. Meu pai tinha uma fábrica de tecidos para decoração. Nasci em Petrópolis em 1943. Aqui resido desde então. [...] Meus pais eram de origem libanesa. [...] A revista Seleções era muito conhecida e lida em muitos lares da cidade.[...]*

*Jornais [que circulavam em casa] O Globo, Jornal do Brasil e Tribuna da Imprensa, comprados diariamente e lidos por todos, crianças também. [Quanto às Revistas] O Cruzeiro, Manchete, Vida Doméstica e os correspondentes para crianças: Vida Infantil*

<sup>105</sup> Relembro que esta foi a única entrevista realizada por e-mail após contato pessoal que tivemos em um evento em Portugal – *I Congresso Internacional de Cultura Lusófona Contemporânea* cujo tema foi "A mulher nas artes e na literatura" – ocorrido nos dias 11 e 12 de junho de 2012.

<sup>106</sup> Informações através do site: [http://www.rauldeleoni.org/academicos\\_titulares/Vanda\\_abad.html](http://www.rauldeleoni.org/academicos_titulares/Vanda_abad.html) Acesso em 04/12/2012.

e *Vida Juvenil*, *Querida*, e depois *Cláudia* (guardei por muito tempo os primeiros números) e, claro, *Seleções do Reader's Digest* da qual tínhamos uma assinatura. Algumas revistas eram compradas por minha mãe, ou minha irmã. Eu me tornei uma “revisteira” compulsiva depois dos quinze anos. Queria ficar em dia com moda, costumes, e também com os autores cronistas de que gostava muito: Rubem Braga, Pongetti e outros que escreviam para *Manchete*.

Os livros eram adquiridos nas livrarias da cidade, geralmente por minha irmã ou por meus pais. Desde cedo, crianças, escolhíamos o que queríamos ler. Monteiro Lobato era de longe o favorito. Lemos todos seus livros para crianças e ainda tenho comigo a maioria deles.

Livros eram presentes de aniversário, Natal, formatura, tudo. Tenho só uma irmã e ela é 5 anos mais velha que eu. Hoje tal diferença é nada, mas quando se tem 12 e 17, os interesses são diferentes. Pois quando recebíamos presentes de livros, os líamos indistintamente. Li “*Guerra e Paz*” aos onze anos!

Na minha infância e adolescência, *Seleções* teve um papel importante no meu desenvolvimento cultural. Abriu portas para leituras mais consistentes e para uma cultura estrangeira anglófona que veio a determinar minha profissão.

Fica difícil imaginar que a revista tenha tido influência na minha vida como mulher, pois tive outras leituras e seguramente uma educação mais abrangente quanto a tal aspecto. Havia em *Seleções* o apelo pela realização feminina dentro do lar como esposa e mãe, como de resto, nas outras revistas ditas femininas.

Se segui meus estudos e abracei uma carreira foi por determinação de meus pais e por minha própria vontade. Curioso que *Seleções* tenha sido um ponto de partida para minha escolha profissional.

Analisando hoje a produção da revista tenho que reconhecer a excelência da tradução que nunca me pareceu forçada e a maestria na difícil arte de se fazer resumos.

Há muito tempo não tenho um exemplar de *Seleções* em minhas mãos. (Vanda)

## 2.2. Garimpando “identidades leitoras”

A transcrição editada das respostas às questões iniciais da entrevista possibilitou a montagem das narrativas acima, através de excertos<sup>107</sup> retirados do material coletado. Através dessas narrativas foi possível mapear alguns aspectos culturais, sociais e econômicos, de origem do entrevistado que me auxiliaram nas análises realizadas. Curioso que *Seleções* tenha circulado dentre famílias tão díspares em tantos aspectos.

A análise das narrativas dos sujeitos dessa pesquisa permite mapear algumas das relações que podem ser feitas entre comportamentos, situações, atitudes, ambientes e materiais de leitura que envolveram seu processo de formação como sujeito leitor. As *identidades leitoras* garimpadas através dessa análise têm sua singularidade, pois se referem a sujeitos pertencentes a diferentes universos, sejam eles culturais, sociais e/ou econômicos.

<sup>107</sup> Tal como os redatores de *Seleções*, tive que selecionar e montar os relatos.

## O leitor iniciado

Há, entre os entrevistados, leitores que relatam ter iniciado sua aprendizagem como sujeitos leitores já na infância, pelo incentivo à leitura, seja através de exemplos e/ou através do contato farto com materiais de leitura e oportunidades que se abriram. Nas narrativas apresentadas, leio que alguns dos entrevistados desenvolveram muito cedo o gosto pela leitura, dentre os quais estão aqueles que tiveram o exemplo de pais, irmãos e tios – Alda, Doroti, Irene, Marilene e Vanda, como já abordado.

Em um perfil diferente, talvez por sua juventude, se comparada com as idades dos demais entrevistados, localizo a *identidade leitora* de Karla que vivenciou na infância a mediação, no acesso a narrativas da indústria cultural. Conforme leio na sua narrativa, no seu tempo de criança – quando ainda não sabia ler, escutava historinhas, porém quem desempenhava a função de “contador” era a “vitrolinha”, que vinha com discos de vinil. Não há como negar, como no caso de Karla, que as condições econômicas favorecem, em alguns casos, o provimento de material estimulante para leitura, aquisição de livros, revistas, dentre outros materiais.

Aliar boas condições econômicas a boas condições culturais<sup>108</sup>, como no caso de Vanda, representa uma possibilidade propiciadora à desenvoltura para um determinado tipo de identidade, que chamo uma identidade leitora “certificada”. Vanda já publicou os seguintes livros: *Deliciosa Herança*, sobre a colonização germânica em Petrópolis/RJ, *Cartas para Mariana*, um romance epistolar sobre a juventude dos anos sessenta e *Dona Cotinha e os segredos da caixa de costura*, livro em que narra o dia a dia das interações estruturadas no meio familiar e nas relações amorosas de várias mulheres.

Inspirada em Fraisse *et alii* (1997) identifico em Vanda, algumas nuances de aproximação a uma identidade leitora “certificada”, conforme nos propõem os autores, fazendo uma ressalva, entretanto, em relação às referências desses autores, pois seu estudo faz menção a autores de prestígio incontestado. Ao proceder às análises sobre as escritas biográficas de Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, François Mauriac, Michel Ragon e outros, Fraisse *et alli* (1997) relacionam-nos ao que seria uma conclusão do

---

<sup>108</sup> Além do capital cultural herdado da família, Vanda conviveu em um ambiente social de alta valorização cultural, conforme se pôde ler na sua narrativa.

processo de aprendizagem de representação de leitura que conduziria o leitor, por consequência, à *certificação* dessa trajetória.

Para eles, a passagem para a escrita seria identificada como sendo uma *nova relação com o livro*, após o processo que ocorre de aprendizagem da leitura. Foi considerando, especialmente, tais aspectos que localizei o caso de Vanda.

### **O leitor “apaixonado”**

Dos doze entrevistados dessa pesquisa, cinco deles – Doroti (afirma ser apaixonada por leitura), José (para ele, ler além de ser apaixonante, seria também uma das formas de “aprender”), Irene (por considerar-se apaixonada por leitura, seria uma “leitora voraz”), Márcia (afirma que “ama ler”) e Marilene (informa que teria aprendido com seu irmão o amor pela leitura), adjetivaram-se, de alguma forma, como “apaixonados” por leitura.

Alguns foram além, como Márcia, Vanda e Marilene, afirmando reconhecerem a leitura como algo intrínseco, próprio, sendo que não se imaginariam vivendo sem ela. Poderíamos perguntar, então, de onde é que viria essa “paixão” pela leitura.

Karla direciona a sua resposta ao meu questionamento sobre o que pensa acerca da leitura. Ela assume gostar de ler, embora reconheça que ainda esteja buscando ampliar esse hábito. Comenta ela:

*Eu invejo as pessoas que consomem aqueles livros... Aí elas vem: ah! Eu li o “Promessas”, ah tu já leu tal? Por exemplo... Eu não tenho nem o domínio de autores nacionais, internacionais... isto eu gostaria, mas eu vejo que é algo que eu ainda não consegui descobrir, o meu ponto. Embora eu esteja fazendo leituras... é como se estivesse faltando um ajuste. (Karla)*

O que destaque no enunciado de Karla – além de não se reconhecer como uma “leitora apaixonada”, como alguns entrevistados citados nos parágrafos anteriores –, é seu entendimento sobre o que considera como sendo “boa” leitura. Para ela uma “boa” leitura seria a literatura escrita por autores (re)conhecidos e títulos que estariam no topo das listas dos “dez mais”. Ou seja, para Karla, um “bom” leitor que “domine” títulos e autores, tem uma posição diferenciada em relação àquele sujeito que não tenha tal domínio, como no seu caso. Seu relato, muito provavelmente, estaria atrelado a

discursos que reiteram a autoridade da tradição, vinculando atitudes “culturais e ideológicas”, conforme nos explica Petrucci (1999). Para o autor, a listagem de obras aconselhadas, *muitas vezes reafirmadas por catálogos, revistas, enfim, todo um aparato normativo e pedagógico que os agentes do livro (autores, editores e funcionários editoriais, “intelectocratas”, jornalistas, bibliotecários, etc.)* derrama sobre o leitor real ou potencial um determinado ideal, considerando que aquele *se quer formado no uso de uma cultura escrita que se quer, antes de mais nada, vendável e, além disso, substancialmente homogênea.* (PETRUCCI, 1999, p.208)

Por outro lado, o fato de alguns entrevistados pertencerem à família com poucas ou medianas condições econômicas não impediu que se transformassem em “leitores apaixonados” ou “leitores inveterados”; como no caso de Alda, Doroti, Irene, Luciano, Mariana, Márcia e Marilene, os quais descobriram que havia espaços próprios que forneciam material para suprir seu desejo por leitura: a biblioteca. Alguns conheceram a biblioteca por falta de opção de lazer em dadas circunstâncias, como no caso de Luciano e Mariana, que, por serem alunos internos em suas escolas, não tinham onde ir no final de semana. Lembro que a entrevistada Mariana refere à biblioteca, também, como um local de trabalho, pois nela precisou trabalhar no momento em que a bolsa de estudos que a mantinha na escola foi suspensa. Para outros, ainda, a descoberta de um lugar como a biblioteca se deu pelo simples fato de ali encontrarem um lugar capaz de saciar sua “voracidade” leitora. Penso que a narrativa de Doroti ilustra seu apreço pela biblioteca.

*E eu invés de ir para o colégio, porque a gente parava em um pensionato de irmãzinhas, era uma ordem brasileira, e estudava em uma escola pública Olavo Bilac... Mas...eu, esperava a minha irmã sair, a que parava comigo, e aí ao invés de eu ir para o colégio eu ia para a biblioteca pública. Eu sou “rato” de biblioteca [risos].* (Doroti)

Desse modo, para esses entrevistados, a biblioteca se transformaria em agente de *leitura pública* como aparece nos estudos de Chartier e Hébrard (1995).

Embora não referindo a aspectos específicos em relação ao trabalho da bibliotecária ou mesmo ao incentivo da escola para tal prática, o que se pode pensar é que discursos sobre o papel das bibliotecas, muito provavelmente, estariam entrando em

circulação, também no Brasil<sup>109</sup>, considerando também as discussões anteriormente apresentadas a partir do artigo intitulado *Experiência com a leitura*, de Gilbert Chapman – presidente da Yale & Towne Manufacturing Co.

No século XIX, conforme estudos de cem anos de leitura na França – 1880 a 1980, Chartier e Hébrard (1995) identificam discursos que aparentemente defendiam posições contrárias em relação à leitura, mas que progressivamente constituir-se-ão em um discurso unificado, onde a leitura passaria a ter valor universal. No capítulo que dedicam à *leitura pública*, mostram a trajetória de aspectos circunscritos à leitura – no espaço das bibliotecas, especificamente, em relação aos “novos públicos” e aos “novos” locais que estariam surgindo. Aos “novos” públicos, representados por sua multiplicidade identitária (adolescentes, crianças, imigrantes, iletrados, desempregados) somar-se-iam os idosos e os “deficientes”. Paralelamente, o papel da bibliotecária também passaria a ser diferenciado, pois ela não estaria mais na sua biblioteca: *visita o hospital, a prisão, a empresa, o ‘bairro do habitat social’* (CHARTIER; HEBRARD, 1995, p.234). Com isso, Chartier e Hébrard (ibidem) argumentam em favor da *leitura pública*, estando não apenas reduzidos ao espaço da biblioteca, mas também como uma atividade cultural possível para todos, em diferentes espaços: *lugares onde há vida, trânsito, trabalho, lazer podem tornar-se locais de depósito e empréstimo de livros* (CHARTIER; HEBRARD, 1995, p.234). Nesse sentido, é que se poderia pensar em uma dimensão social da formação de leitores, a biblioteca – extraescolar ou não - significaria um dos pontos de encontro entre comunidade e leitura.

Se, por um lado, Karla reconhece que precisa desenvolver ainda mais suas atividades como leitora – lendo mais, conhecendo mais autores e títulos – Antônio não demonstra nenhuma preocupação com isso. A espontaneidade e, talvez, a sinceridade de Antônio, diante de uma entrevistadora que busca saber informações sobre leitura, chama atenção. Não fez rodeios para dizer que não gostava muito de ler, alegando sentir sono. Por isso preferia palavras cruzadas e a internet, que ainda está descobrindo e aprendendo a usar.

Alda, Amélia e Mariana afirmam que há tempos atrás se consideravam leitoras mais constantes e assíduas, porém, atualmente, alegam ter outras preferências, dentre

---

<sup>109</sup> Retomo, de certo modo, a discussão apresentada anteriormente a partir do artigo intitulado *Experiência com a leitura*, de Gilbert Chapman – presidente da Yale & Towne Manufacturing Co., (voltando-me, nesse momento, porém, para as bibliotecas) páginas 97, 98 e 99.

essas: o cinema, no caso da primeira, os filmes que passam na televisão, no caso da segunda, e o telejornal e as palavras cruzadas no caso da terceira.

### **O leitor que transforma seu horizonte**

Outras *identidades leitoras* podem ser identificadas, também, naqueles provenientes de famílias com pouca ou nenhuma escolaridade, ou seja, famílias sem “capital cultural”. Essa situação, em especial, é narrada por quatro dos entrevistados: Antônio, Amélia, José e Márcia, o que me permitiu algumas considerações.

Tenho como pressuposto que não se pode fazer uma relação direta entre a baixa escolaridade dos pais dos entrevistados e o tipo de leitor em que se constituíram. Esses entrevistados nos mostram, através de sua narrativa, a desenvoltura para transpor os obstáculos que enfrentaram: no trabalho, na criação dos filhos, no seu próprio aperfeiçoamento enquanto leitores, e enquanto escritores – como no caso de José, enfim, na busca por saberes que vêm permeando sua existência. Todos eles, de alguma forma, vêm fazendo uso da leitura ao seu modo.

Destaco ser relevante a proximidade encontrada entre as narrativas dos entrevistados dessa pesquisa e a minha própria. Tal encontro pode ser marcado pela semelhança da “herança cultural” familiar e pelo deslocamento comportamental evidenciado. Explico, no meu caso, tal deslocamento que pode estar no fato de ter sido a única da família<sup>110</sup> até o momento a ser mestre em Educação e a buscar um doutoramento.

Busco inspiração em Fraisse *et alli* (1997), para entender um pouco mais esse processo de um possível deslocamento – como esses vividos pelos entrevistados citados nos parágrafos anteriores e por mim própria – que incorporam outras práticas culturais, diferentes daquelas que constituíam o ambiente onde cresceram. Conforme o autor, tal deslocamento só será possibilitado pela mudança de horizonte, onde haverá rupturas e desconstruções. Nas palavras do autor:

Se ler verdadeiramente é poder ler algo que ainda não conhecemos, aqueles que não nasceram no mundo dos livros terão necessidade de nada menos que uma

---

<sup>110</sup> Considerando as duas irmãs que tenho e os doze primos, todos esses com idades que variam, atualmente, entre 27 e 52 anos.

reestruturação de seu horizonte cultural de referência para aí chegar. (FRAISSE et alii, 1997, p. 15).

Penso que o excerto selecionado da narrativa de José<sup>111</sup> permite visualizar a mudança pela qual teria passado – de analfabeto e desescolarizado (pois alegou nunca ter frequentado escola) para um sujeito que se considera “versado em letras” por conta do seu “talento” – e as consequências desse processo de reestruturação.

*Minha mãe ganhou 14 filhos e criou 12. A minha família não me procura e quando eu vou procurá-los, eles simplesmente me suportam. Eles só me suportam. Eles me recebem e tudo, mas eu sei que eu não sou querido. E é tudo por essa coisa de livro e tal. Eles acham que eu sou esnobe. Eles acham que eu sou isso e aquilo que eu não sou. Mas o [Giuseppe] Ghiaroni tem um soneto, sobre o talento de algumas pessoas e diz assim: o nome desse soneto é “O Advogado”.*

Bom cliente, não sei porque receias.  
Seduziu a mulher do seu amigo?  
Eu o absolvo e ainda consigo meter o seu amigo na cadeia.

Matou sua irmã?  
Se ela era feia? Parou de sofrer, não tem castigo.  
Rica? Salvou-a de um perigo, salvou-a da ganância alheia.

Confesse-me seu crime tenebroso.  
O tribunal do juri é generoso, diante das fraquezas de um vilão.  
Diga-me, confesse, estou atento.

Como? Então seu crime é ter talento?  
Fuja! Não terá perdão! (citado pelo depoente).

*Então ele deve ser um cara de talento em uma família obscura, uma família que nem a minha, então ele não é uma pessoa querida porque não é um igual. Uma pessoa como eu, numa família como a minha... quem leu o Fernão Capelo Gaivota, entende bem isso aí. Eu era uma gaivota igual as outras, porém, eu tinha imaginado uns voos diferentes. Tinha inventado explorar melhor a capacidade das suas asas, inventado de dar mergulho, fazer uma porção de coisas, que os outros não tinham coragem de fazer. (José)*

José encontrou muitos “pares” na sua trajetória de vida, os quais fizeram intervenções pontuais na sua maneira, gostos e escolhas de leitura e até no aprendizado da escrita, a que também declara estar se dedicando ultimamente. Foram as intervenções de seus “pares” que o auxiliaram nesse processo de reestruturação de horizonte. Assim,

---

<sup>111</sup> Esse excerto não aparece nos quadros que apresentam a narrativa dos entrevistados, no início dessa subseção. Resolvi trazê-lo como recurso ilustrativo para minha argumentação.

desde os doze anos, José relata ter encontrado pessoas que o conduziam por caminhos onde a leitura, o estudo e o aprendizado tiveram presença constante.

### **O leitor encantado e o crítico**

Outros perfis identitários emergem da leitura das narrativas dos entrevistados. Entre os comentários elogiosos a *Seleções*, alguns entrevistados, em tom confessional, referem apreciar a revista justamente por ser uma produção de origem norte americana e pelo apreço que nutriam por aquele país. Essa foi uma situação peculiar marcada nas narrativas de Antônio e na de Mariana, que reiteraram sua admiração pelos Estados Unidos. Antônio refere a convicção de que “o povo americano era perfeito em tudo o que fazia”. Mariana conta que ela e o esposo gostavam tanto daquele país, que um dia decidiram se mudar para lá, sendo que ela voltou para o Brasil e ele permanece lá até hoje, entre idas e vindas, por mais de 20 anos. Ou seja, a crítica que, por vezes, alguns analistas faziam a *Seleções* por enaltecer o *american way of life*, parece justamente ser fortalecida por tais episódios. Alguns até se aproximaram de *Seleções* especificamente por esse motivo, conforme comentado.

O relato de Alda ilustra algumas das críticas que *Seleções* recebia em relação à sua estreita vinculação com intuítos doutrinários, já na década de 1950, críticas essas, aliás, reiteradas por Scherer Junior (2004), que, ao investigar as matérias publicitárias veiculadas na revista entre 1942 e 1945, concluiu que a difusão da ideologia norte americana seria um empreendimento planejado e executado com o fito de cooptar os “corações e mentes” da sociedade brasileira da época da Segunda Guerra Mundial, ou seja, seriam estratégias para “americanizar” os brasileiros.

Pereira (2006) nos alerta, porém, para o fato de que a suposta “americanização” no Brasil não teve início com a entrada das revistas estrangeiras lançadas em meados do século XX, mas muito antes, como mostra, por exemplo, a crônica de Lima Barreto, “Nosso ianquismo”, publicada na *Revista Contemporânea*, no Rio de Janeiro, em 22 de março de 1919. O autor afirma que, já naquele período, havia uma série de denúncias de que os brasileiros estavam ficando cegos com as “coisas americanas”. O mesmo autor destaca alguns dos elementos que compunham o “americanismo”: a *ideia de democracia, sempre associada aos heróis americanos, e em especial aos ideais de liberdade, de direitos individuais e de independência*, que seriam garantidos a todo o povo, superando diferenças entre classe, credo e raça, e o *progressivismo*, como

componente ideológico mais importante do americanismo, *ligado ao racionalismo, à idéia de um mundo de abundância, e à capacidade criativa do indivíduo americano* (PEREIRA, 2006, p. 16). Tal afirmação vai ao encontro dos sentimentos de Antônio, pois para ele, o povo americano era “perfeito em tudo o que fazia”, conforme lemos na sua narrativa.

Por outro lado, uma leitura crítica e desapaixonada de *Seleções* nos é apresentada por Vanda, que embora se debruce sobre um artefato lido há décadas atrás, pontua aspectos que corroboram a opinião dos estudiosos da revista. Assim ela nos explica:

*Os artigos da revista traziam hábitos e assuntos tipicamente americanos. Acredito que não tínhamos, como adolescente que éramos, consciência do quanto ou do que estávamos absorvendo. Havia muita correspondência nos valores morais, cristãos, mas havia também modismos e apreço por heróis americanos que não eram os nossos. Aprendi a história de Daniel Boone antes de saber a de Tiradentes. Na década de 50, principalmente, a revista trazia ainda muitos artigos sobre a participação americana na guerra, exaltando seus heróis militares. (Vanda)*

Penso que a crítica de Vanda esteja subsidiada, dentre outros fatores, na sua formação cultural. O fato de desenvolver atividades profissionais ligadas à cultura – há um bom tempo, e de ser uma estudiosa da área, talvez tenha lhe facilitado a construção dos elementos analíticos que a levaram às conclusões apresentadas.

Vejamos outra análise. Agora feita por José, que é leitor assíduo de obras clássicas da literatura. Ao tecer críticas a *Seleções* atuais, sobretudo as publicadas a partir de 2000, José destaca que as mais antigas eram muito mais interessantes, pois traziam algumas leituras mais consistentes de livros que estavam por ser lançados, ou que já haviam sido lançados. Considerava que nessas edições antigas, havia histórias ricas, com enredos envolventes e bem escritos. Na sua opinião, a *Seleções* atual é muito jornalística com assuntos que normalmente estão “pipocando” em muitas outras mídias. Ou seja, ela apresentaria o que poderia ser encontrado em muitas outras revistas, ao contrário das antigas, em que os assuntos eram diferenciados. O grande interesse que o aproxima de *Seleções*, hoje, está na possibilidade de comercializá-la, como dono de sebo, pois há sempre leitores que procuram as edições mais antigas.

Doroti, embora assinante atual da revista, comenta sobre não ter tanto interesse pelas temáticas abordadas atualmente. Aproximo sua crítica à de José sobre o caráter mais jornalístico das *Seleções* atuais. Vejamos sua argumentação.

*Mas hoje, reconheço que eu não tenho tanto interesse na Seleções. Acho que é pelos temas que eles abordam. Os artigos, o tipo de matérias, eu não sei se eu sou antiga, não é que eu não aceite mudança não... Eu gosto bastante de acompanhar e compreendo que tudo muda, mas... Assim oh... nas revistas antigas eles não falavam em saúde assustando a gente. Hoje só fazem alertas: “tu não pode comer isto, tu não pode comer aquilo...”. Olha essa manchete aqui: “corantes: você sabe o que está comendo?”(Seleções, abril de 2012). Assim... tu não pode comer isto por causa da pressão, tu não pode comer aquilo por causa do colesterol... É um imposição! Essa aqui [pegando a revista atual] para dizer como eu estou perdendo o interesse, essa aqui eu abri ontem e ela é do mês de abril. Pra mim, atualmente, ela não me chama mais muita atenção.*

*As Seleções antigas tinham sempre histórias interessantes, fatos e coisas bonitas que aconteciam com as pessoas... Havia artigos de como era a vida das pessoas, como as pessoas conviviam com os animais, as histórias, várias coisas muito bonitas. Tinha assim oh, como é... “Meu tipo inesquecível”, essa seção eu lia sempre, desde pequena. Eu achava muito legal! Eu acho que essas histórias, ajudam a formar a consciência das pessoas, do mundo em que a gente está vivendo. Esse era o tipo de leitura que eles proporcionavam para gente. (Doroti)*

A referência de Doroti ao modo como os cuidados com a saúde estariam sendo diferenciadamente expostos na contemporaneidade, em comparação com épocas atrás, denota, de certo modo, aspectos envolvendo a política da vida. Ou, sob inspiração *foucaultiana* poderíamos dizer que a narrativa de Doroti alude aspectos referentes à biopolítica e ao bio-poder. Pois, conforme os estudos de Foucault (2008), é a partir da transformação dos mecanismos de poder que o direito à vida passa a ser imposto. Assim, seria preciso investir na vida e isso se fará através dos corpos dos indivíduos, os quais serão os novos alvos do poder que se exercerá em duas direções complementares: a do corpo máquina e a do corpo espécie. Conforme o autor seria preciso adestrar os corpos, torná-los dóceis e úteis mas, ao mesmo tempo, garantir sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos. No entanto, o poder necessitaria também exercer-se num outro âmbito, mais amplo, sobre o corpo enquanto suporte de processos biológicos. Para tanto, é necessário garantir a vida, a saúde e a proliferação da espécie, estabelecendo-se intervenções e controles para regular tais processos, e as condições para fazê-los variar: *as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida* ou seja: o bio-poder. (FOUCAULT, 2008, p.131). Assim, o cuidado de si através da imposição de normatividades, como referido por Doroti, exemplificaria tais discussões.

A crítica sensível e perspicaz em relação aos conteúdos atuais, sua clareza em relação às modificações operadas pelo tempo e o destaque pontual por sua preferência

de leitura – as *histórias interessantes* que *Seleções* abordava – traçam o perfil de uma boa leitora.

Dos doze entrevistados que participaram desse estudo, apenas duas continuam sendo assinantes da revista: Márcia e Doroti. As justificativas para o abandono da leitura da revista são das mais variadas: interesse por outras leituras; outras revistas; jornais impressos; interesse por leituras mais consistentes em livros; entendimento de que as revistas atuais já não são mais tão interessantes como as antigas; interesse por outras mídias<sup>112</sup>: cinema, televisão, filmes em vídeo e internet.

Prosseguindo ao esquadramento sobre a leitura de *Seleções*, vejamos que leituras os entrevistados dessa pesquisa destacaram

### As seções preferidas

Respondendo a questionamentos sobre as preferências de leituras na *Seleções*, os entrevistados citaram ao longo da entrevista, algumas das seções que apreciavam e, portanto, aquelas que mais lembravam. As seções lembradas foram as seguintes<sup>113</sup>: *Enriqueça seu vocabulário*; *Flagrantes da vida real*; *Meu tipo inesquecível*; *Piadas de caserna*; *Rir é o melhor remédio*; *Seção de livros*; Assuntos de saúde: *Eu sou o coração de João...*<sup>114</sup>; As receitas<sup>115</sup>; *Notícias do mundo da medicina*.

---

<sup>112</sup> A ser discutida no próximo capítulo.

<sup>113</sup> Observo que os comentários sobre as seções já foram apresentados na segunda parte dessa tese, no capítulo II, na seção 2.1, páginas 67 e 68. Entretanto, uma delas: “Eu sou o coração de João...”, será caracterizada.

<sup>114</sup> Uma série criada pela *Reader's Digest* americana, que teria aparecido em 1972, na *Seleções* brasileira. Em vários artigos órgãos do corpo humano descreviam suas funções como se falassem na primeira pessoa. Os artigos partiam de entrevistas com médicos, e eram bem escritos, na opinião de Rui Castro, sendo “assinados” pelo próprio órgão, Jonh ou Mary, na versão norte americana, ou João e Maria, no caso do Brasil. Rui Castro, em seu artigo intitulado “V\*\*\*\* proibidas”, que circulou na Folha de São Paulo em 14 de setembro de 2012, tece comentários a cerca da polêmica surgida na época, quando a seção referiu-se aos órgãos genitais de João e Maria: “Eu sou o pênis de João”, “Eu sou a Vagina de Maria”. A censura Brasileira liberou os títulos, mas nas edições de Portugal foram censuradas. Os títulos tiveram que ser trocados para “Eu faço de João um homem” e “Eu faço de Maria uma mulher”. CASTRO, Rui. V\*\*\*\* proibidas. Folha de São Paulo, edição de 14 de setembro de 2012, Seção: *Editoriais*.

<sup>115</sup> Não é título de nenhuma seção da *Seleções*, porém, ao serem questionados sobre quais as seções que mais gostavam na revista, alguns entrevistados aludiram simplesmente “as receitas”.

LEITOR	“Enriqueça seu vocabulário”	“Flagrantes da vida real”	“Meu tipo inesquecível”	“Piadas de caserna”	“Rir é o melhor remédio”	“Seção de Livros”	Assuntos de saúde: “eu sou o coração de João...”	As receitas	“Notícias do mundo da medicina”
Alda	X		X			X			
Antônio		X							
Amélia			X					X	X
Doriti	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Irene		X	X	X		X			
José	X		X		X	X	X		X
Karla									X
Luciano		X		X		X			
Mariana	X		X		X				X
Márcia	X	X	X		X	X			
Marilene		X	X	X		X		X	
Vanda		X	X	X		X			

Fig. 13 – Quadro Seções preferidas.

O quadro acima permite visibilizar as seções mais lembradas, o que favorece a ampliação da compreensão do perfil leitor daqueles entrevistados.

Início pelas seções mais citadas: *Meu tipo inesquecível*, (nove dentre doze entrevistados lembraram dessa seção) e *Seção de Livros* (oito dentre doze entrevistados a referiram). *Flagrantes da vida real* e *Enriqueça seu vocabulário* ficaram com uma indicação de lembrança um pouco menor. Em se tratando, especialmente da *Seção de livros*, entendo que a tal “condensação” tão comentada, não só pelos próprios editores da revista, mas também pelas pessoas ilustres que assinaram matérias na *Seleções*, encontrou reconhecimento elogioso também dentre os “leitores comuns”, como foi possível ler nas narrativas de Luciano, José, Karla, Marilene e Vanda. Vale a pena ler novamente:

*Eu tenho revistas Seleções bem antigas. Seleções tinha sempre assuntos muito bons. A maioria eram traduções bem feitas. Eram histórias condensadas. E outra coisa, a maioria dessas histórias da Seleções, depois eram transformadas em filme.*(José)

*Eu gostava do tamanho, da praticidade, era objetiva. E quando nós estamos na faculdade, ou mesmo quando estava no mestrado e tinha horrores de coisas para ler, e ainda viajava pois tinha projetos fora, a revista era uma proposta de leitura prática, prazerosa, então...* (Katia)

*Então muita gente, da classe média, acho que em Porto Alegre e em outros lugares... assinavam, justamente, por conta da facilidade de receber em casa. E o interessante [no caso das Seleções] é que eram condensados de livros americanos, né? Não sei como eles faziam esses condensados...*(Luciano)

*Mas o que eu amava ler [com entusiasmo] é essa parte aqui [localizando na revista antiga] da Seção de Livros. Que em todas as edições vinha uma “condensação”. E esses livros “condensados” eram sempre da literatura ou americana ou inglesa.*  
(Marilene)

*Analisando hoje a produção da revista tenho que reconhecer a excelência da tradução que nunca me pareceu forçada e a maestria na difícil arte de se fazer resumos.*  
(Vanda)

Tais fragmentos ilustram a maneira como as “condensações” eram recebidas por alguns e, ao mesmo tempo, materializavam o objetivo de que a revista fosse prática, dinâmica e atendesse às necessidades dos leitores, ou seja, opiniões que reiteram aquilo que os editores vêm afirmando sobre a revista há 70 anos.

Conforme as narrativas, tais “condensações” muitas vezes funcionavam como uma porta para leituras mais consistentes, ou até mesmo para a aquisição dos livros que vinham anunciados nos encartes.

Ao selecionar e editar o que julgavam de interesse “permanente e universal”, os redatores de *Seleções* provavelmente buscavam passar uma imagem de universalidade e de atemporalidade da revista. Porém, evidencio que, pela leitura de seus exemplares, sua intenção era também de “formar” um público leitor, ao dirigir determinados entendimentos da leitura, conforme discussões apresentadas no início desse capítulo. Assim, ao completar o processo de edição e síntese da chamada “condensação”, a leitura estaria “pronta” para ser absorvida por seus leitores. Mas, como bem observa Certeau, o leitor constrói uma outra leitura, independente da intenção do autor, e de acordo com a maneira por meio da qual se apropria do texto (CERTEAU, 1994). Penso que as narrativas dos entrevistados ao longo desse estudo são bem ilustrativas nesse sentido.

Marilene expõe sua visão sobre o modo como eram realizadas as “condensações” da *Seleções*.

E – É, realmente, o que mais me marcava era a seção de livros, o que depois eu tive a oportunidade de ler os exemplares originais.

P – E a senhora lembra se chegou a notar alguma diferença em relação aos da revista que eram condensados?

E – Sim! Tinha muita diferença... Claro! Na condensação se perde um monte, mas a essência da história permanecia a mesma. Só que não tinha os detalhes, né. É uma coisa que me chamou a atenção, isso eu notei depois, tu sabes que eles procuravam eliminar os diálogos [na condensação]. Ela se tornava mais narrativa. Essa aqui até tem diálogos oh! [apontando para uma das seções de

livros que aparece na edição da Seleções de 1953]. Mas bem menos do que tu encontraria no livro. Olha aqui, oh!

Ou seja: uma estratégia editorial específica (a eliminação dos diálogos) foi identificada pelo olhar crítico retrospectivo de uma boa leitora.

Ao tomar os resultados do quadro1, identifico indícios de quanto a revista *Seleções* está bem presente na memória de Doroti, pois foi a única dos entrevistados que lembrou da maioria das principais<sup>116</sup> seções da revista que foram citadas. Tal fato deveu-se, provavelmente, à sua condição de leitora assídua (das revistas antigas) e assinante.

Por outro lado, chama a atenção o fato de que Antônio lembrou de uma única seção. Resgato sua narrativa no momento da entrevista:

*Eu gostava de uma parte que acho que era “Flagrantes da vida real”. Eu gostava das historinhas curtas. Eu não gostava de textos muito longos. Eu não tinha muita paciência para ler. (Antônio)*

Ao analisar a narrativa desse entrevistado, considerando o seu todo, arrisco dizer que Antônio teria uma “identidade leitora” bastante díspare da maioria dos entrevistados. Parece-me se tratar de um perfil identitário “pouco leitor”; conforme dito por ele mesmo, quando perguntado sobre quais as leituras que fazia hoje, *Eu leio pouco*.<sup>117</sup>

Em sua narrativa se pode encontrar alguns traços do ambiente em que teriam desenvolvido seus aprendizados, dentre esses, o da leitura. Um ambiente onde havia pouca [ou nenhuma] leitura, seja por consequência da sua baixa escolaridade, seja pela necessidade de trabalhar logo cedo, ou mesmo por ser proveniente de uma família que, segundo informou, não teria frequentado escola. Contudo, buscou em cursos de formação por correspondência<sup>118</sup> uma maior qualificação para o trabalho e o sustento da

<sup>116</sup> *Seleções* possui ainda outras seções, mas como não foram citadas por nenhum depoente, não aparecem no quadro.

<sup>117</sup> Transcrito da entrevista de Antônio.

<sup>118</sup> Antônio informou que fez o curso por correspondência para técnico em eletrônica do Instituto Rádio Técnico Monitor, porém, não soube precisar a data, parece ter sido no final da década de 1960. Conforme informações encontradas no site do *Instituto Radiotécnico Monitor*, suas atividades no Brasil tiveram início em outubro de 1939, oferecendo diversos cursos profissionalizantes, por correspondência. Na década de 50 o método teria sido difundido e copiado por diversas escolas. O Instituto Monitor, como teria ficado conhecido, também teria propiciado a formação de técnicos para atuarem no conserto, manutenção e comercialização de componentes em geral utilizados no conserto de rádios, televisores e equipamentos eletrônicos em geral. Atualmente, teriam mais de 55 mil alunos espalhados em todo o Brasil. Disponível em: <http://www.institutomonitor.com.br/Quem-somos.aspx> Acesso em 01/12/2012.

família. Interessante pontuar que, por ter feito um curso por correspondência, obviamente deve ter precisado de muita leitura. Teria essa leitura também lhe causado sono? Possivelmente, não. Era uma leitura própria de outro gênero: material instrucional. Antônio observa, em sua narrativa, que estudava os manuais e testava os conhecimentos aprendidos fazendo pequenos consertos em rádios e aparelhos que chegavam às suas mãos. Logo, considero que a narrativa de Antônio faz ecoar alguns dos muitos discursos circulantes sobre aprendizagem, os quais defendem estar na prática a sua possibilidade de aquisição. Ao mesmo tempo, o gênero de leitura, referido por Antônio, permite pensar nas múltiplas funções da leitura, materializadas nos múltiplos artefatos de/para leitura, bem como na complexa singularidade de relações que pode ser estabelecida com seu leitor.

### **O leitor risonho**

Retornando ao quadro 1, veremos que as seções “Piadas de Caserna” e “Rir é o melhor remédio” também foram bem lembradas. Antes de ser convencida pelos colegas da escola a parar de ler a revista taxada como “americanóide” – no caso, *Seleções* – Alda admitiu sua preferência por um tipo de matéria que a continua agradando: as piadas e anedotas. Vejamos.

*Piadas eu sempre gostei. Eu sempre lia aquelas histórias engraçadas e curtinhas. Piada era o que eu mais gostava. E, agora mesmo, que eu fui visitar uma exposição sobre a imprensa que está lá no Gasômetro... o que eu me ri olhando e lendo aquelas charges, aqueles cartuns... isso eu sempre gostei. Essa era uma das seções das Seleções que eu sempre gostei... o humor. Eu sou muito a favor da coisa bem humorada. (Alda)*

Algumas seções da *Seleções* mudaram, ao longo das décadas, mas, conforme já foi comentado nessa tese, nove seções permanecem sendo editadas. Dentre essas, as seções de humor, como é o caso de “Rir é o melhor remédio”, “Piadas de caserna” e “Ossos do ofício”. Não bastassem essas, nas revistas atuais foi acrescentada mais uma seção de humor – em formato de charge – a qual recebeu o título de “Sorriso final”.

Há consenso atual de que o riso esteja associado não somente com o alívio de tensão induzido pelo perigo com sinalização não agressiva, mas também com a expressão de emoções positivas. Isto talvez tivesse sido a base para a expressão bem conhecida e talvez, por isso, explorada por *Seleções* de que “Rir é o melhor remédio”.

Algumas pesquisas científicas têm mostrado que esta noção faz sentido. O riso parece diminuir estresse e ansiedade, reforça a imunidade, relaxa a tensão muscular e diminui a dor. A Medicina moderna estaria começando a tirar vantagens destes efeitos positivos, pois há discursos “científicos” que referem que crianças hospitalizadas que veem palhaços brincando permanecem menos tempo nos hospitais que aquelas que não veem.

Encontro em Bakhtin (1999) algumas considerações sobre o riso, considerado pelo autor como importante manifestação, desde os gregos. Numa perspectiva antropológica, o autor afirma que o riso seria decorrente do processo de carnavalização, tomando como suporte para seu estudo sobre *Rabelais* a Idade Média e o Renascimento. As manifestações da cultura popular – ritos, espetáculos, festas, obras cômicas orais e escritas, vocabulário familiar e grosseiro - baseados no princípio do riso, traduziriam de alguma forma, uma visão de mundo específica, marcada pela subversão dos valores oficiais, pelo caráter renovador e contestador da ordem vigente.

Em defesa do riso e do lúdico como linguagem de comunicação, especialmente, na escola, Lulkin (2007) observa que atitudes em favor do riso, ao nutrirem o bom humor, seriam sustentadas pelo aspecto de “sanidade”, ou seja, conforme o autor o bom humor estaria relacionado à inteligência e à alegria, e, dessa forma, auxiliaria a manter o ânimo diante das dificuldades, criaria distensões, relaxaria e favoreceria a comunicação, compondo com o trágico uma forma de ser humano que se conta em movimento, em *aístesis*<sup>119</sup> (LULKIN, 2007, p. 3).

Com isso se pode entender a pertinência da presença abundante de seções de riso na *Seleções*, pois estariam, de certo modo, entretendo e incentivando a alegria e o bom humor de seus leitores.

Ao discorrer sobre os perfis descritos, argumento inspirada em Rose (2001) que cada *identidade leitora* foi sendo constituída ao seu modo, subjetivada pelas forças, práticas e relações que a transformaram – ou operaram para transformá-la – em várias formas de assumir as identidades de um sujeito leitor.

---

<sup>119</sup> “Faculdades de sentir” ou compreensão pelos sentidos”.

### 2.3. Selecionando lembranças e leituras

Ao responderem à questão: *que outras leituras, fora a Seleções, costumava fazer?* os entrevistados fizeram o exercício de lembrar suas leituras. Alguns lembraram e citaram leituras da infância, adolescência e juventude – considerado como período em que os entrevistados tinham entre os cinco e os dezoito anos, respectivamente. Um maior número de referências de leituras foram aquelas realizadas mais recentemente. Outros tiveram maior facilidade em lembrar histórias marcantes lidas em *Seleções* e em alguma outra revista. A maioria deles, no transcorrer da entrevista, ia comentando sobre as leituras mais interessantes que fizeram, citando, inclusive, alguns dos autores preferidos que leram ao longo da vida ou ainda aqueles escritores que hoje eram seus preferidos. Para alguns desses, o folhear de algumas das edições antigas da revista possibilitou seu reencontro com lembranças de histórias que lhes haviam chamado a atenção.

Em relação à fase da infância e adolescência, alguns entrevistados afirmaram não lembrarem dos livros que liam. Nessa fase identifiquei recorrências de alusões a determinadas revistas da mesma época de circulação inicial da *Seleções*, como é o caso de “O Cruzeiro”, *Cláudia* e ainda, *Life* e *Elle*, que também foram citadas.

Quanto aos livros, Monteiro Lobato, *livros de contos infantis, histórias em quadrinho e o Tesouro da Juventude* predominaram dentre as indicações de leitura na fase infantil, no período próximo à adolescência (entre nove e doze anos) de seis dos entrevistados – Alda, Doris, Luciano, Márcia, Marilene e Vanda. Mesmo na infância, alguns informaram que liam livros considerados impróprios para sua idade. Vanda, por exemplo, informa ter lido “Guerra e Paz” de Tolstói, destacando que não havia censura alguma às suas leituras. Também não havia cobranças quanto ao que era lido. Por outro lado, Doroti, aos doze anos, foi censurada por sua leitura, considerada “imprópria” para padrões cristãos, mas nem por isso deixou de retomar a mesma leitura quando na idade, supostamente, apropriada. Assim, Doroti narra a situação.

*E depois eu fui lendo livros... com doze anos eu li “Memórias de um médico”, que é do Alexandre Dumas, e o pai tinha quatorze volumes, parece. Eu li doze. Daí meu irmão chegou, de férias, porque ele morava aqui em Porto Alegre, aí ele disse para a mãe: “mas como tu deixas, ela está lendo um livro desses... esse autor é condenado...”. Era proibido, porque a igreja, né... Aí, então, eu me assustei com aquilo, eu sempre fui muito medrosa, eu não quis ler mais, embora eu não achasse que tivesse lido nada de*

*mal até aí. A história da França é linda, a Mariana Antonieta... aí eu parei. Fiquei com medo e parei. Depois, com dezesseis anos eu terminei de ler.* (Doroti)

Já Marilene, embora criança, também fazia leituras densas para a idade, como veremos abaixo, todos os livros citados foram lidos em versões condensadas de *Seleções*.

Demarcando preferências, notadamente vinculadas às questões de gênero<sup>120</sup>, as entrevistadas destacam algumas de suas lembranças, identificadas como sendo representações de possíveis fatores e condições que as foram constituindo não só como mulheres românticas, solidárias e humanas, mas também, críticas.

Marilene, por exemplo, assim narrou sua preferência de leitura:

*Então eu li, por exemplo: “A cabana do pai Tomaz”, “O morro dos ventos uivantes”, o que mais que eu lia naquela época... “Mulherzinhas”<sup>121</sup>, da... eu não lembro o nome da autora... E era sempre esse tipo de livro. Por exemplo, esse aqui: “A aventura maravilhosa de Ralph Edwards”<sup>122</sup>, esse eu já não gostava. Eu gostava quando vinha histórias assim, mais de amor, sabe? De mistério, também. As vezes vinha da Agata Cristie, alguns textos condensados. Sempre uma condensação. E tanto assim, que depois, quando eu me tornei adulta, eu li, então, os originais. [...]Eu me lembro que em uma das Seleções veio a história de Anne Frank! E depois eu li o livro e vi o filme também. Era a mesma história! Eles gostavam muito de publicar histórias... (Marilene)*

Doroti também refere a leituras próprias para as moças da época.

*Naquela época a gente lia muito assim oh... aqueles romancinhos “água com açúcar” Madame Delly... umas coisinhas assim.* (Doroti)

Por serem consideradas extremamente atrativas e prazerosas, algumas entrevistadas referiram leituras de livros ou romances que ocupavam um lugar significativo em suas vidas e muito provavelmente, na formação das moças daquela época – décadas de 1940, 1950 e 1960. Entre os livros lembrados estão os da *Coleção da Biblioteca das Moças*, e outros, como *Madame Delly*, *Pollyana* e *Mulherzinhas* (figuras 14, 15 e 16).

<sup>120</sup> Maiores discussões acerca de gênero serão apresentadas no próximo capítulo.

<sup>121</sup> *Mulherzinhas* é considerado um dos primeiros romances realistas escrito para adolescentes. Este clássico da literatura juvenil é baseado na vida da própria autora, Louisa May Alcott, e conta a história de quatro irmãs que vivem na Nova Inglaterra do século XIX.

<sup>122</sup> *Seleções*, agosto de 1957, nº 187, pgs. 162 – 214.

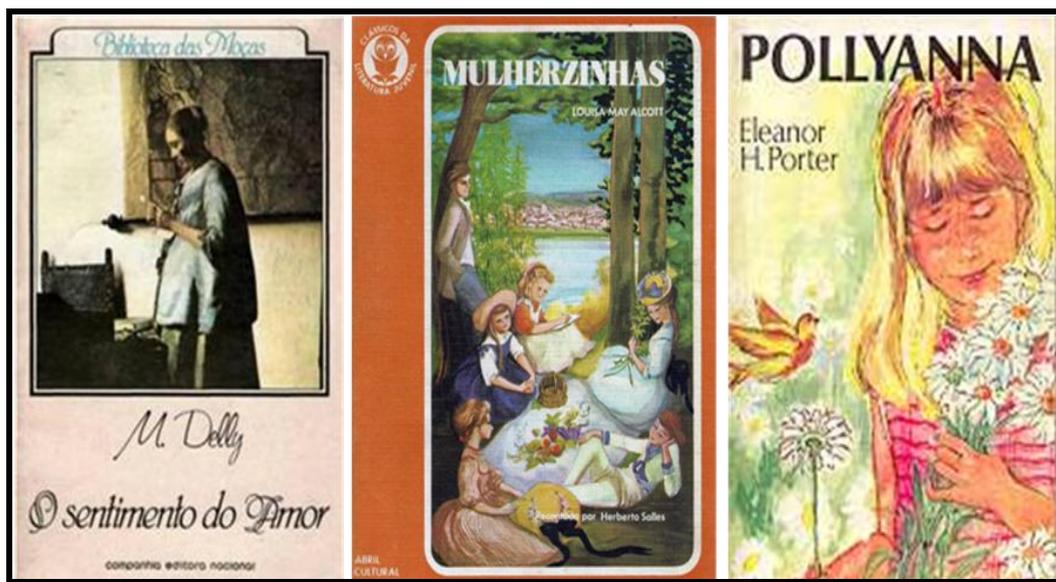


Fig. 14, 15 e 16 – Capas: Madame Delly, Mulherzinhas e Pollyana

A *Biblioteca das Moças*<sup>123</sup> era composta por tradução de obras de literatura de entretenimento, com 175 volumes que foram traduzidos principalmente do francês. Os autores mais difundidos eram M. Delly (pseudônimo literário de um casal francês), Concórdia Merrel, Gruy Wirta, etc. M. Delly era quem tinha mais títulos publicados – cerca de trinta volumes.

Cunha (1994), no estudo *Biblioteca das Moças: contos de fada ou contos de vida?*, explica que *as histórias narradas nesses romances remontavam a um passado europeu vagamente localizado entre a segunda metade do século XIX até o início do século XX*. Os protagonistas dessas histórias seriam, na maioria das vezes, homens e mulheres membros da aristocracia europeia, que viviam em *castelos suntuosos, onde havia constantes festas, saraus e bailes*. *O ambiente e o enredo favorecia um clima de fantasia, uma forma de continuação dos contos de fada*. (CUNHA, 1994, p. 140)

A mesma autora nos dirá que a *Biblioteca das Moças* fez muito sucesso de público e vendas e sua leitura era bastante incentivada nos colégios religiosos, em especial, os dirigidos por congregações religiosas de procedência francesa, *os quais marcariam significativamente a educação feminina da classe média brasileira* (ibidem).

<sup>123</sup> Fonte: <http://classicosdaliteraturajuvenil.blogspot.com/> Acesso em 10/11/2012

Se o reencontro com edições antigas de *Seleções* fez emergir nos entrevistados preferências de leitura, também propiciou referências a leituras que eram evitadas, por alguma razão específica. Marilene fez questão de pontuar cada um desses aspectos.

*Tu podes ver essa aqui é de janeiro de 1957, e nessa época eu já lia. Olha aqui oh [apontando para o sumário da revista]: “Os médicos devem dizer a verdade aos doentes”; essas coisas eu lia; “Aí vem o jacto de passageiros... mas devagar!”; “O assassino, a mãe e o garoto”; “Porque não poderá haver outra guerra”; “Aumenta o contingente de mulheres que trabalham”; “Como a mocidade húngara lutou pela liberdade”; “Vendedor de sonhos e saberes”; que provavelmente eu lia; “Elias, o cavalo eremita”, isso também; “Duas nações constroem o maior canal do mundo”; também eu devo ter lido... Ah!! Isso eu gostava! Teve uma época que vinha e depois passava os filmes, que é aquela história que o missionário americano sempre foi casado, né? Então eles iam para a Índia, para a China, para esses lugares assim. Bah! Eu achava o máximo ser filha de missionário e ir para longe, sabe? Então, olha aqui oh! “Um missionário ocidental no oriente”; Viu? “Ideia que construiu dez milhões de casas”; “Atenção, Sr. Emergência! A Rússia recruta...” não, não, da Rússia eu não lia nada! Por que era comunista, Deus me livre! (Marilene)*

Na continuidade de nossa conversa me interessei em saber maiores informações sobre as representações que Marilene lembrava ter sobre o comunismo no momento em que fazia suas leituras de *Seleções*. Nosso diálogo explicita algumas dessas representações.

P – Mas por que a senhora não lia sobre o comunismo? A senhora sabia do que se tratava?

E – Porque eu tinha medo! A minha avó era fanática por religião. Era católica assim, ao extremo. E para ela falar em comunismo era assim uma coisa terrível. O comunismo era uma ameaça que Deus me livre!

P – Mas não sabia o porquê? Só sabia que era algo ruim...

E – Claro que não. Vou saber eu, comunismo! [risos]. Então todas essas ideias que falavam do comunismo e Rússia, eu já abolia.

P – Existem alguns estudiosos da *Seleções* que falam justamente sobre isso, que a *Seleções* também tratava os comunistas assim, como algo execrável.

E – [risos] Viu, como eu não tô te mentindo [risos]. É exatamente! Tu sabes que durante muitos anos eu tive um sonho recorrente que eu enxergava aqueles... Eu não lembro o que minha avó contava do tal dos comunistas, devia contar horrores. Porque nós morávamos, nossa casa ficava na beira da BR 116, lá em Caxias, perto do monumento do Imigrante. Morávamos praticamente do lado. E eu lembro que nesse sonho eu via os comunistas chegarem. E isso eu via daqui [apontando para a *Seleções*]. Eram sempre representados por soldados. Era um batalhão de soldados armados, com os fuzis apontando para as pessoas.

Penso que a narrativa colorida de Marilene é ilustrativa do impacto que as ideias anticomunistas tinham na época e se conecta com os resultados de alguns dos estudos que foram realizados sobre *Seleções*, como a tese de Doutorado de Pereira (2006) e três

dissertações de Mestrado: Raad (2005), Scherer Junior (2004) e Beghetto (2004). Tais estudos tecem conclusões semelhantes entre si no que tange às matérias sobre o comunismo que eram publicadas na revista, seguindo nítidos ideais anticomunistas, através da associação do mesmo com o *mal*, o pecado, o ateísmo, ou seja, utilizando representações que estimulassem o sentimento de medo dos seus leitores. Em outras palavras, poderíamos entender que *Seleções* passava uma visão maniqueísta das sociedades, ou seja, o *bem* era personificado no modelo do cidadão democrático e cristão, cumpridor de seus deveres para com a pátria e a família, enquanto o *mal* estaria personificado na figura do comunista ateu, ao qual outros “vícios” eram agregados.

A única depoente que referiu se considerar “a favor do comunismo” naquela época é Alda. Assim como havia leituras atacando os ideais comunistas, dentre essas, as divulgadas por *Seleções*, havia outras, que, ao contrário, buscavam disseminar tais ideais. Nesse sentido, conforme Alda, as leituras de Marx e de Lênin, eram como que obrigatória entre seus colegas de colégio. Porém, embora não realizando tais leituras, Alda as reconhecia por intermédio de seus pares, e, assim, identificava aproximações com outra de sua convicção: o espiritismo. Conforme já mencionado, foram seus colegas de escola – Colégio Estadual Julio de Castilhos, em Porto Alegre, na década de 1950 que a alertaram, de forma crítica, sobre as leituras de *Seleções*. Nosso diálogo evidencia tal momento.

E – Foi no Júlio de Castilhos, né. Lá todo mundo se dizia comunista. Então todo mundo lia Marx, Lenin. Eu não lia porque eu achava muito complicado aquilo. Eu dizia: “isso não me interessa”. Até porque eu estava tão interessada no Francês e na literatura francesa, que eu só discutia, entendeu? Eu era a favor do comunismo. Todo mundo era...

P – E na revista *Seleções*, chegaste a te dar conta dessas situações?

E – Eu sei... isso mesmo, eu lembro vagamente dessas ideias, na revista. Eu defendia o comunismo, como te disse, porque eu encontrei nele alguns pontos do espiritismo, que era o pobre, dar para quem tem menos, partilhar... Nada de muito rico, nem muito pobre. Essas ideias...

Amélia, sem fazer qualquer referência ao comunismo ou ao anticomunismo, fez questão de mencionar seu apreço, também, por histórias de solidariedade. Aliás, encontrei muitas dessas histórias na seção *Meu tipo inesquecível* retratando grandes feitos solidários, personificados em padres, pastores, freiras, médicos, enfermeiras ou mesmo heróis de guerra. Eram histórias com enredos permeados de sentimentos humanitários para o auxílio ao próximo, bem ao estilo de narrativas que têm uma

problemática inicial, o desenvolvimento da trama, as consequências e a finalização, normalmente com resultados positivos, encaminhando para um “final feliz”. Um “tipo inesquecível” para Amélia, por exemplo, apresentava – na edição de março de 1942 – a história de um padre<sup>124</sup> que ajudou uma comunidade inteira com seu gesto de generosidade e colaboração.

*[...] eu gostava de ‘Meu tipo inesquecível’, que contava histórias de pessoas interessantes. Muito bonito eu achei uma história de um padre que foi cuidar de um lugar no interior, que não tinha nada. Não tinha igreja, não tinha condições nenhuma. E nesse lugar havia muitas pessoas humildes que tinham muitas dificuldades. Havia nesse lugar, muitas senhoras que estavam grávidas, mas não tinham roupas para seus bebês. Esse padre, então, conseguiu linhas, agulhas, tecidos, e uma pessoa para ensinar essas senhoras a costurar roupas de nenê. Aí foram conseguindo cada vez mais recursos e doações para fazerem roupinhas para crianças. Eu sei que dali o padre conseguiu melhorar a vida dessas pessoas. Construíram uma igreja, foram fazendo tantas roupas que formaram uma comunidade que além de fazerem para o consumo próprio conseguiam vender aquilo que produziam. Essa história que está em uma das Seleções, bem antigas, não lembro direito. Foi uma das histórias que eu me lembro e gosto muito. Porque traz uma mensagem bonita. Sempre as pessoas só querem fazer é ganhar dinheiro, e esse padre foi para lá e trabalhou junto para o bem de várias pessoas. O ordenado que ele recebia ia todo para as obras. (Amélia)*

A impressão possível de que as matérias veiculadas em *Seleções* eram “reais”, passando uma sensação de acontecimentos vividos, aumentava o prazer e o interesse de leitura, conforme é possível ler na narrativa de Márcia, que afirma que se sentia representada nessas histórias.

*Olha, o que me chamou a atenção [em Seleções], a primeira coisa foram as histórias... As histórias que contam... As histórias reais, né? Aqui, por exemplo, nessa aqui, [mostrando um exemplar de uma revista de 2009] tem a história do voo dos bebês, que ela foi lá e buscou os bebês... Ela adotou os órfãos lá, entendeu. Então, a parte que mais me chamava a atenção na Seleções eram essas histórias reais, as que realmente tinham acontecido. [...]“Flagrantes da vida real”, por exemplo. Às vezes tem umas histórias dessas que a gente se identifica, né? Umas coisas que acontecem com a gente, também.(Márcia)*

Além de estarem presentes na seção *Meu tipo inesquecível*, muitas histórias com temática sobre solidariedade, heroísmo e cooperação também costumavam a aparecer

<sup>124</sup> Localizei a história contada por Amélia publicada na edição de março de 1942, página 39 à 41. Com o título “Um milagre de fé e energia”, condensado de *The American Magazine*, escrito por Jonh F. Cogswell, conta a história de um padre *incansável que, na luta contra a miséria, fez vista grossa a considerações de ordem sectária*, propondo trabalhos cooperativos, inclusive com os fiéis e os pastores de igrejas protestantes. Conforme informações trazidas no artigo, a história se passa na cidade de St. Jonh Valley, Estado de Maine, nos Estados Unidos.

em matérias específicas, fora das seções nomeadas, e algumas vezes também as encontrei na *Seção de livros*.

Os homens entrevistados dessa pesquisa, além de citarem as mesmas seções, também teceram comentários sobre alguma das histórias de que lembravam. Os “contadores de histórias”, como gostam de se autodenominar Luciano e José, declaram ter preferências por relatos de aventuras, histórias autobiográficas e histórias engraçadas. Luciano, por exemplo, contou duas longas histórias, já comentadas anteriormente<sup>125</sup>. José fez todo o seu relato articulado a outras histórias que leu de autores e personagens reconhecidos no mundo literário<sup>126</sup>. Antônio foi o único que não fez referência a nenhum tipo específico de histórias que apreciava, preferindo destacar apenas os seus temas prediletos representados nas matérias sobre aviação e sobre os Estados Unidos.

Interessante destacar também que nenhum dos três homens fez, para além da leitura da *Seleções*, qualquer referência à leitura de jornais, ao contrário das mulheres, em que o jornal apareceu citado por seis das nove entrevistadas.

Ao pensar sobre as representações da leitura de jornal, parece-me que já há algum tempo esse portador de notícias impressas não vem sendo objeto de leitura exclusivo dos homens – como sugerem Fraisse et alii (1997) em relação às representações do século XIX. A partir de suas análises na pintura, os autores sugerem que o *jornal, mais do que o livro, é, por excelência, a leitura masculina* (FRAISSE et alii, 1997:69). Entretanto, parece que os jornais agora têm estado e, muito, também nas mãos de mulheres. Eis alguns dos jornais que foram referidos pelas entrevistadas dessa pesquisa: *Correio do Povo* (citado por Alda, Amélia, Doroti, Márcia e Marilene), *Folha da Tarde* (citado por Amélia), *O Pioneiro* (citado por Marilene) e *O Globo, Jornal do Brasil e Tribuna da Imprensa* (citado por Vanda).

O ato da leitura é sempre acompanhado por determinados gestos e por determinados modos de ler estabelecidos em espaços e lugares. As narrativas dos entrevistados sugeriram algumas dessas situações que compuseram o cenário no qual vivenciaram suas leituras. Vejamos.

---

<sup>125</sup> A do escritório de advocacia e a da aposta de comida.

<sup>126</sup> Referências à história de vida de Santo Inácio de Loyola, Shakespeare e a história do livro *Fernão Capelo Gaiivota*.

### 3. Cenários de leitura: gestos e modos

Para muitos, pode ser surpreendente saber que as formas de ler possam ter se alterado desde que o homem inventou maneiras de registrar signos por escrito e formas de decifrá-los.<sup>127</sup> O entendimento mais corrente sobre tais formas talvez seja o de que a leitura, em materiais impressos, tenha se dado primordialmente em silêncio e solitariamente, de modo a favorecer a concentração e o recolhimento. Pode-se supor que, em todas as épocas, ler implicava pensar sobre textos e interpretá-los, exigindo habilidades superiores à capacidade para decifrar os sinais gráficos da escrita.

Entretanto, *as formas e os modos de ler mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler*. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem, colocando em jogo a relação entre o corpo e o livro (CHARTIER, 1998, p.77)

Apoio-me em Cavallo e Chartier (1999), ao observarem que as práticas de leitura definem-se a partir de maneiras de ler, que se constituem de gestos, hábitos e espaços, organizam-se diferentemente nos diversos grupos de leitores e dependem de fatores como competência para ler, normas e convenções que estabelecem usos legítimos do livro e de outros suportes, maneiras de ler e interpretar e, ainda, expectativas e interesses.

Como se sabe o desempenho de uma ação leitora não transcorre de modo espontâneo, nem ingênuo ou natural, já que cada pessoa carrega consigo gestos e disposições construídas ao longo de sua formação, para os quais a escola, muitas vezes, tem grande contribuição.

Assim, ao desenvolverem suas formas particulares de leitura, localizo na narrativa dos leitores de *Seleções* algumas regularidades, encontradas em gestos e modos, que encontram ressonância em normas para uma “boa” leitura. São elas: leitura iniciando pela análise do índice; uma exploração prévia do material de leitura – que pode ser realizada através de uma leitura prévia considerando imagens, os principais títulos e conteúdos e a seleção de matérias por interesses, além da escolha do local e do momento próprio para esse ato.

A análise do índice para a possível seleção dos títulos constitui-se de um modo bastante comum de iniciar uma leitura. Praticamente todos os entrevistados dessa

---

<sup>127</sup> Destaco que aqui estou fazendo referência apenas aos materiais impressos, pois os escritos que se utilizam de outras tecnologias, como as digitais, por exemplo, são integrantes de outros comportamentos.

pesquisa comentaram iniciar a leitura da revista dessa maneira. Assim, uma vez selecionado o título ou conteúdo, iam diretamente ao que lhe interessava, em busca de seu objetivo de leitura. Aliás, a estrutura de *Seleções* facilitava muito tal ação, pois por muitos anos, até a década de 1970, ela manteve o índice na capa ou na contracapa. Mesmo em edições atuais que apresentam capas bem ilustradas com imagens e chamadas de conteúdos específicos, o índice aparece colocado nas primeiras páginas, facilitando a seleção da leitura. Vejamos como Marilene e Amélia explicam sua maneira de ler:

*Eu lia o índice e eu procurava aquilo que me interessava mais. Eu ia direto naquelas seções. Depois eu lia o que sobrava, e que talvez não fosse muito do meu interesse, mas como era a única coisa que eu tinha para ler naquele momento, eu lia aquilo também.*(Marilene)

*Quando eu pegava a revista para ler, eu ia vendo o que me interessava, o que eu gostava mais e ia lendo... Eu ia direto na capa, ou na parte de trás, onde vinha toda aquela lista com os títulos das histórias, e a partir daí via aquilo que me interessava e ia lendo.* (Amélia).

Ao considerarmos os aspectos cognitivos da leitura, Kleiman (2002) nos dirá que *a compreensão de um texto é um processo de conhecimento prévio* (KLEIMAN, 2002, p. 13). Nesse processo o leitor utiliza os diversos níveis de seu conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que direcionarão a construção de sentido do texto. Segundo a mesma autora, haveria evidências experimentais que mostram que o que lembramos mais tarde, após uma leitura, seriam as inferências que fizemos durante essa leitura. Ou seja, não lembramos literalmente o que o texto dizia.

Dentre os muitos aspectos que vão sendo acionados para a compreensão do texto, especialmente no caso da revista *Seleções*, identifiquei – conforme referido por alguns entrevistados, que estaria o projeto gráfico. Acerca disso, destaco mais algumas referências (além das de Amélia e Marilene, apresentadas em parágrafos anteriores), como alguns comentários elogiosos à sua forma<sup>128</sup> e estrutura, que seriam considerados como incentivadores de leitura. Primeiramente, vejamos o comentário de Alda:

---

<sup>128</sup> Além das “condensações” já discutidas em outro momento dessa tese.

*Agora essa ideia que eles [editores de Seleções] tiveram de fazer essa revista desse tamanho... o tamanho da letra... tudo favorece a leitura. Quer ver uma coisa! Todos os artigos aqui são fáceis de ler. Pô, tu pega um jornal nosso, às vezes tu não consegue ler... Os caras põe letra amarela em cima de cor de rosa! Olha só que coisa bem feita [folheando algumas revistas], mesmo que seja em cima de uma cor é bem claro. O tamanho da letra... Isso aqui para uma pessoa velha... É importante para que ela consiga ler. Olha só, dividido em colunas, separados por título... (Alda)*

Os elogios de Alda em relação ao projeto gráfico da *Seleções* chamam a atenção por se tratar de uma leitura especialmente atenta, sendo que a entrevistada parece demonstrar conhecer elementos importantes de diagramação referindo aspectos sobre cor, colunas e segmentação do texto.

Já Karla entre os aspectos destacados refere o tamanho e a objetividade da revista, que seriam importantes para uma leitura “prática”.

*Eu gostava do tamanho, da praticidade, era objetiva. E quando nós estamos na faculdade, ou mesmo quando estava no mestrado e tinha horrores de coisas para ler, e ainda viajava pois tinha projetos fora, a revista era uma proposta de leitura prática, prazerosa [...] (Karla)*

Entretanto, iniciar a leitura pelo índice da revista, conforme alguns entrevistados referiram, não é comum a todos. Doroti, por exemplo, refere uma outra maneira de iniciar sua leitura; afirma ela *Eu tenho uma coisa que eu não sei o que há comigo... Qualquer jornal, revista que eu pegue, eu leio primeiro a última página. Começo do fim para o princípio...* Observo que isso não significa uma leitura desatenta, pois essa seria a maneira que encontrou de organizar suas preferências em relação às matérias. Assim descreve como fazia a leitura da revista.

*Eu tenho esse hábito. Eu começava pelo fim. Eu começava olhando assim, do fim... Só que esse aqui do fim [referindo-se à “Seção de livros”] eu reservava pro fim que era mais gostoso, né... E aí primeiro eu lia essas leituras menores, aquelas historinhas pequenas, depois “Flagrantes da vida real”, “Piadas de Caserna”, “Enriqueça seu vocabulário” eu adorava ler... eu fazia um teste comigo. O que eu sabia, o que é que eu não sabia, o significado das palavras, era bem interessante. E aí a palavra que eu não sabia o significado, eu ia... primeiro eu perguntava para minha irmã mais velha, eu recorria a ela. Aí as vezes ela dizia: “vai procurar o dicionário”. Aí eu comecei a consultar. (Doroti)*

A narrativa de Doroti dá visibilidade à natureza metacognitiva de sua leitura, representada pelas atividades que realizou juntamente com a leitura, isto é, exercitando a reflexão e o controle consciente sobre o próprio conhecimento, sobre o próprio fazer,

sobre a própria capacidade. Conforme Kleiman (2002), as atividades de natureza metacognitiva, se oporiam *aos automatismos e mecanicismos típicos do passar do olho*, que muitas vezes é tido como leitura (KLEIMAN, 2002, p. 44)

Apreciar uma leitura, deixar-se levar pelos caminhos propostos por um texto, através de sua história pode estar articulado a uma ambientação própria, com lugares, espaços, momentos, gestos, etc.

### 3.1. Os espaços de leitura

Manguel dedica um capítulo inteiro de sua obra à relação da leitura com o espaço onde ela se realiza. Diz o autor que *com frequência, o prazer derivado da leitura depende em larga escala do conforto corporal do leitor* (MANGUEL, 2004: p.281). Em suas pesquisas, utiliza-se das representações – obra de arte e texto literário; por isso, consegue fazer uma trajetória da história social da leitura, oferecendo curiosos testemunhos de suas relações com os ambientes e com a corporalidade do leitor. Elenco alguns breves apontamentos em que o autor narra alguns dos testemunhos sobre a relação inextricável entre o ato de ler no tempo e o ato de ler no espaço.

‘Tenho procurado a felicidade em toda parte’, confessou Thomas Kempis no início do século XV, “mas não a encontrei em nenhum lugar, exceto num pequeno canto, com um pequeno livro.” Mas qual cantinho? E qual livrinho? Quer escolhamos primeiro o livro e depois o cantinho apropriado, quer encontremos o canto e depois decidamos qual o livro adequado ao clima do lugar não há dúvida de que o ato de ler no tempo requer um correspondente ato de ler no espaço, e a relação entre os dois atos é inextricável. (MANGUEL, 2004, p. 282. Grifos do autor)

Diante de tais considerações, tal relação entre o tempo e o espaço, na qual o leitor estaria imerso – em que momento, como e qual escolha: salas, quartos, varandas, banheiros, dentre outros – auxiliaria não só no conforto do corpo, mas na maneira como o leitor deixa-se envolver pelo texto, criando também os seus espaços para significação.

As narrativas dos entrevistados indicam, além do espaço na biblioteca – já comentado em seções anteriores –, alguns outros espaços e tempos em que a revista *Seleções*, ou mesmo outras leituras eram/foram/são realizadas. Vejamos.

*Para ler, gostava de ir para o porão. Eu tinha uma poltrona lá e eu ficava as tardes lendo, ninguém atrapalhava e eu ficava lá. Atualmente eu leio bem sentada em um sofá, na sala, quando meu marido não está vendo o futebol, nas quartas de noite. Nos*

*dias em que não tem futebol, acho que é muito cedo para deitar, então eu fico ali, lendo.* (Irene)

*O meu tio, tinha o poder aquisitivo melhor que o nosso... quando eles não queriam mais [as revistas] eles deixavam no porão. E a gente ia brincar... Ele tinha uma serraria e a gente ia brincar no meio das vigas, né, e de repente eu sumia... Eu entrava dentro do porão... Um calor infernal e eu estava lá dentro, metida nos livros e nas revistas velhas. Lendo, lendo. Lia livro, lia fotonovela, lia Seleções...*(Márcia)

As narrativas de Irene e Márcia ilustram, de certo modo, o isolamento pelo qual optavam para desfrutarem a leitura, ao abrirem um espaço no seu tempo para se destinarem a tal prática.

Vejamos o que Marilene narra sobre seu tipo de isolamento.

*Sozinha, no meu quarto. Ficava ali, quietinha, lendo. Eu lia à noite, um pouco, antes de dormir, que esse hábito tenho até hoje. E lia nos finais de semana. Eu me lembro que eu sentava... eu tinha um quarto só meu, tinha uma escrivaninha, e eu sentava ali e lia. Eu me lembro que até as vezes quando a coisa me interessava muito, eu fugia da minha mãe e me escondia no quarto e eu botava a revista no meio dos meus livros de aula. [risos] Como se faz hoje em dia, né? Eu botava a revista ali e ficava com meu livro de aula em cima, né! Quando eu ouvia os passos dela [da mãe] eu botava o livro em cima e era a aluna mais aplicada! [risos]. E outras vezes então, quando eu tinha minhas horas de folga, então eu lia também.* (Marilene)

Já na narrativa de Marilene, além do isolamento, há referência à censura, pois a leitura de *Seleções* talvez não fosse considerada, por sua mãe, apropriada para uma adolescente em fase escolar.

Ao mesmo tempo, observo que, especialmente nas narrativas de Márcia e Marilene, há a demarcação de outro lugar como possibilidade de ampliação dos sentidos que envolveram seu ato: o da transgressão. A fuga de cenas corriqueiras, como o brincar – para a Márcia – e o estudar – para Marilene, materializa atos transgressores, que seriam próprios da adolescência. Vinculo tais referências ao pensamento de Anne-Marie Chartier para quem *se a infância é o tempo das leituras em voz alta, a adolescência é a de divisões mais secretas, compondo cenas de leitura solitária, às escondidas, que inauguram as transgressões emancipatórias. Cada um se procura procurando “seu” livro.* (CHARTIER, 2003, p. 37).

Na fase adulta, os espaços e os tempos se diversificam nas narrativas: ora em casa – no conforto do quarto, da cama, ou na sala, no sofá, ora na ida para o trabalho – no ônibus mesmo, e ainda, depois dos afazeres domésticos, entre uma tarefa e outra, ou à noitinha.

Para algumas há uma referência à rapidez da leitura, já que o que não era permitido era perder tempo. Para Irene era preciso estar em dia com a leitura da revista.

*Eu sou uma leitora voraz. Se eu levasse uma semana para ler uma Seleções caía o mundo... Eu lia até em ônibus quando ia trabalhar. Eu ia de ônibus para o serviço e ia lendo. Eu gostava muito. Eu sempre gostei. (Irene)*

Sobre a leitura no ônibus, encontro em Manguel (2004) referências ao romancista inglês Alan Sillitoe o qual considerava que o melhor momento para ler uma história seria quando se estivesse viajando sozinho em bonde, trem, ônibus ou metrô [...] *com estranhos em volta e um cenário desconhecido passando pela janela (ao qual você lança um olhar de vez em quando)*. Pois esse era o modo *como a vida cativante e intrincada que sai das páginas possui seus próprios efeitos peculiares e inesquecíveis* (MANGUEL, 2004, p. 284)

Relembro, também que Karla<sup>129</sup> foi outra depoente que referiu fazer a leitura da revista em viagens, conforme já comentado, devido à praticidade e objetividade, oferecida pela *Seleções* que facilitava suas leituras nas viagens que costumava fazer quando cursava o mestrado.

Na fase em que algumas entrevistadas já eram adultas, casadas, algumas trabalhando fora, somavam-se os compromissos de dona de casa e mãe. Assim sendo, algumas entrevistadas referem um lugar de leitura, um tanto inusitado para tal prática: o banheiro. Seria um lugar reconhecido como sendo apropriado para o tipo de leitura que *Seleções* oferecia, dada a sua estrutura. Vejamos.

*Olha teve épocas... que quando eu não tinha empregada e depois eram quatro filhos, e depois quando eu tive a Taís que foi bem depois, para ler, ela não me deixava. Eu tinha, assim, que vigiar as 24 horas do dia, né [risos]. Porque era arteira e a gente tinha medo, era tudo aberto e era para fora... Então eu não tinha muito tempo para ler. Eu lia antes de deitar e as vezes eu lia no banheiro, porque eu pedia [aos filhos mais velhos] fiquem com ela aqui que eu já volto. E aí eu aproveitava e lia um pouquinho [risos]. Porque a Seleções tem histórias curtas, facilita. Uma seção, uma historinha... era o que me alimentava. (Doroti)*

Leitura após arrumar a cozinha, à tardinha e à noite antes de dormir, foram citados como sendo outros momentos mais propícios destinados ao referido ato.

---

<sup>129</sup> Embora não tenha referido o tipo de transporte.

*Geralmente à tardinha, de noite. Quando eu trabalhava, eu lia à noite. Depois que eu casei, tinha um pouco mais de tempo, então, à noite, lia, antes de dormir.*(Amélia)

A leitura à noite, antes de dormir, pode ter inconveniente quando as pessoas de convívio não partilham a mesma ação.

*O hábito de ler antes de dormir veio de meu pai que se despedia com um: “boa noite, vou ler um pouco”. Eu tinha uma discussão por noite com minha irmã que gostava de dormir cedo enquanto eu queria ficar com a luz do quarto acesa para ler até tarde. (Carma! O mesmo se repete com meu marido até hoje!)* (Vanda)

Através das narrativas de alguns entrevistados foi possível visualizar algumas cenas e espaços em que a leitura da revista *Seleções* propiciava um envolvimento muito grande entre leitor e texto. Seja no porão, no sofá da sala, no ônibus ou até no banheiro, o fato é que tais espaços serviriam, de certo modo, *como isolamento do mundo urbano que seria autorizado e requerido por [aquela] leitura*, tal como referiu Fraisse et alii (1997) ao analisar as pinturas de André Kertész. (FRAISSE et alii, 1997, p. 84-85).

Por outro lado, os espaços e os modos de leitura referidos pelos entrevistados ilustram de certa forma, um tipo de leitura ambígua e mista, pois é realizada em um *espaço coletivo, mas ao mesmo tempo ela é privada, como se o leitor traçasse*, em torno de sua relação – no caso desses entrevistados, com a revista *Seleções*, *um círculo invisível que o isola* (CHARTIER, 1998, p. 144).

### 3.2. Colecionando Seleções

Chartier (1998) inspira-me por afirmar que o livro carregaria em sua materialidade não só o conteúdo, ou seja, as histórias, os exercícios, as ilustrações, mas todas as circunstâncias, de um tempo, de um lugar, de pessoas.

Algumas narrativas dos entrevistados dessa pesquisa me autorizam a transpor os entendimentos do referido autor para pensar sobre a revista, pelas relações que teria estabelecido com seus leitores. Assim, como veremos mais adiante, além de a revista circular pela família, e possuir espaços próprios, reservados em casa – em estantes, mesinhas, entre outros – para guardá-la e receber cuidados para não “maltratá-la”, ela também era encadernada, tal como se fosse um livro, com capa dura e com letras

douradas. Alguns entrevistados fazem referências ao hábito de colecionar a revista, que eles mesmos ou algum componente da família possuía.

Colecionamos, normalmente, algo que tem valor para nós. Imagino que para alguns estudiosos, as coleções poderiam ser sinônimos de farto material de pesquisa que ajudariam a compor um possível perfil do colecionador. Não é minha intenção mapear as características do colecionador de *Seleções*, porém algumas atitudes narradas pelos entrevistados, em relação à sua coleção de revistas, referem características recorrentes tais como: busca incessante pela revista – alguns aguardavam ansiosamente sua chegada; procura em sebos e em outros locais, e ciúme em relação à sua coleção. Alguns desses colecionadores preferiam expor a sua coleção; outros preferem guardá-la e cuidá-la.

O hábito de encadernação era incentivado e promovido pela própria *Seleções*. Matérias publicitárias (figuras 17 e 18) como a veiculada em *Seleções* de janeiro de 1949 – convidando *o leitor que coleciona carinhosamente os exemplares de Seleções* a valorizarem sua coleção de revistas, encadernando-a *em lindas capas de percalina*, dividindo-as por semestres – ou na *Seleções* de julho de 1967 – que oferece encadernações que manteriam sempre arrumados *os exemplares da revista mais colecionada do mundo*, aparecerão com frequência até a década de 1980. Leremos repetidos elogios à montagem de uma “biblioteca” como a de *Seleções*. A partir da década de 1980, é possível identificar a intensificação de um maior número de produtos oferecidos por *Reader's Digest*, publicizados pelo comércio desenfreado de enciclopédias, livros, CDs e filmes.

Encadene você mesmo  
sua coleção de  
"Seleções"



Você deve ser um dos milhares de leitores que colecionam carinhosamente os exemplares de "Seleções". Para valorizar essa coleção e sua estante de livros, você pode agora, pessoalmente, encadernar, por semestre, os seus exemplares, em lindas capas de percalina.

**VEJA COMO É FÁCIL ENCADERNAR!** — A capa vem pronta para seis números. E em menos de dois minutos, sem cola, sem tesoura, sem costuras, sem danificar uma só página, sem cortar, você colocará os exemplares, que poderá retirar quando queira.

**DECORATIVAS E PERMANENTES.** — Um verdadeiro livro para cada semestre, elegante na sua biblioteca, esta capa protege os seus exemplares, conserva-os limpos e novos.

**ECONÔMICAS.** — Cada capa semestral custa apenas Cr\$ 18,00 e dura toda a vida!

**INDIQUE O SEMESTRE.** — Ao fazer o pedido de uma ou várias capas, indique sempre quais os semestres que deseja encadernar. Há uma para cada semestre, desde o 1º de 1942 até o 2º de 1948.

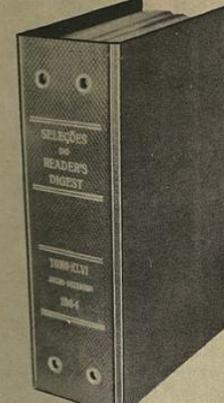
**ATENÇÃO!** — Não remeta dinheiro em carta. Mande cheque, vale postal ou remessa registrada com valor declarado. Todos os agentes de Seleções têm estoque destas capas. Se não as encontrar em sua localidade, dirija-se a

**FERNANDO CHINAGLIA**  
Av. Presidente Vargas, 502-19º andar  
Rio de Janeiro

**A INTELLECTUAL LTDA.**  
Viaduto de Santa Efigênia, 281  
São Paulo



Fig. 17 – Seleções, janeiro de 1949.



**Indispensável a todo colecionador de "Seleções"**

por somente

**NCr\$ 1,69**

O preço, no caso, é o que menos importa. O que interessa, mesmo, é a conservação dos seus exemplares de Seleções. E V. tem, agora, uma Encadernação para proteger a sua preciosa coleção. Resistente. Sóbria. Prática. Ela lhe permitirá guardar, juntos, os números de um semestre inteiro, conservando as revistas como novas. A lombada é gravada a ouro de 23q e lhe indica o conteúdo de cada tomo, facilitando a busca de qualquer exemplar mais antigo que V. deseje reler.

Com esta Encadernação, V. terá sempre à mão e sempre arrumados, os exemplares de Seleções, a revista mais colecionada do mundo!

À REPRESENTAÇÕES PEGASUS LTDA.  
RUA TEODORO DA SILVA, 907 - 4.º ANDAR - RIO - GB  
Queiram enviar-me as Encadernações abaixo especificadas:

1.º semestre de:                      ano                      ano                      ano

2.º semestre de:                      ano                      ano                      ano

Nome \_\_\_\_\_

Enderço \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_



Fig. 18 – Seleções, julho de 1967

Márcia, conforme já comentado, possui uma biblioteca organizada de *Seleções* (figura 19), pois ela e o marido entendem que tal ato reverterá em uma boa “herança para a filha”. Durante nossa conversa, paramos algumas vezes para que ela fizesse demonstrações sobre a quantidade – de revistas, livros, CDs, DVDs, que havia em sua biblioteca de *Seleções*. Conduziu-me, também, ao quarto da filha de 11 anos, para mostrar a outra biblioteca de *Seleções*, que a filha possuía, no caso dela, de livros de literatura infantil e juvenil, todas essas da *Seleções*.



Fig.19 – Acervo de Márcia: Biblioteca Seleções.

Além da biblioteca, Márcia relata um hábito, um tanto inusitado que tem, ela e o esposo, de após a leitura de uma revista ou livro assinarem e colocarem a data.

*A gente costuma assinar e botar a data. Para lembrar que tu leu. Eu assino e ponho a data. Digamos que daqui a 50 anos, ela [Bruna a filha de 11 anos] abra o livro e “ah o meu pai leu esse livro, minha mãe leu esse livro”, entendeu? (Márcia)*

O ato de colecionar algumas matérias selecionadas também integrava algumas maneiras de leitura narradas pelos entrevistados.

Doroti refere a preferência que tinha pelas receitas e, ao mesmo tempo, o sentimento que passou a ter em relação à revista.

*Eu recortava as receitas e fazia um caderninho... da Maisena, da Royal, Swift... todos tinham receitas muito boas, não eram coisas inventadas. Depois eu comecei a pegar amor e não queria mais judiar da minha Seleções. Primeiro, eu gostava do que lia, depois eu comecei a gostar da revista. Então, eu não queria maltratar minha revista, eu não recortei mais [...] (Doroti)*

Irene se reconhece, também, como colecionadora. Conforme seu relato, ela ficava aguardando ansiosamente a publicação ampliada de algumas das matérias que lhe interessavam. Lembrando que *Seleções* publicava em livro, muitas das histórias que apareciam primeiramente condensadas, na *Seção de Livros*, Irene fala com orgulho desse hábito, exibindo os seus livros encadernados de *Seleções*.

*... eu selecionava e recortava as histórias que eu gostava, depois essas histórias eram publicadas mais na íntegra, uma coisa mais completa, nos livros encadernados. Essa aqui era a história do povo maia, Tutancâmon, a história dos egípcios, de Atlântida, etc... eu acho isso fascinante, aí eu ia atrás. E olha só, esse aqui é o papel da Seleções e esse aqui do livro é um papel melhor... Encerado, colorido... (Irene)*

Conforme as narrativas dos depoentes, identifico que o início da leitura da revista, para a maioria, teria sido a partir de coleções da família ou de amigos. Entretanto, cabe destacar que alguns colecionavam a revista e outros apenas a guardavam. Relembrando: Alda contou que seu pai foi um colecionador exemplar da *Seleções*; comenta ela que o pai *tinha tudo encadernado, ele colocava de cinco em cinco, com uma capinha assim...* [manuseando uma das encadernações das revistas *Seleções* de 1944, que estavam à sua frente] *e vinha com um elástico que a gente podia retirar a revista se quisesse. [...]Todas encadernadas com papel vermelho e letra dourada. Era assim: em letras douradas ele mandava escrever “Seleções do Reader’s Digest de janeiro de 1955 até junho de 1955”*; Doroti iniciou a leitura a partir de um acervo que seu tio colecionava; Marilene conta que a partir da assinatura que o irmão recebeu, o seu pai passou a ser assinante e durante seis anos todas as revistas foram guardadas dentro de um armário, possibilitando que, assim, mais tarde, se pudesse reler o acervo; Mariana conta que seu marido também era um colecionador da revista e foi na casa dele que ela passou a conhecer a revista e se tornou leitora; Vanda também comentou sobre os exemplares guardados em casa, e também aqueles colecionados por um tio, dos quais volta e meia lançava mão de alguns para (re)leitura.

Aliás, a releitura era um hábito também comum dentre alguns entrevistados. Eles costumavam reler, sobretudo, as mais antigas, quando havia alguma matéria ou artigo mais interessante, como forma de ampliar a visão sobre aquela leitura. Vejamos o comentário de Marilene:

P – A senhora comentou sobre releitura... A senhora lembra se costumava reler algum material que havia sido lido na *Seleções*?

E – Alguma coisa das que me impressionaram, sim. Aí eu voltava e lia... Aí eu descobria, às vezes, coisas novas. Por exemplo, se foi alguma coisa assim que eu li há muito tempo, tu tens outra visão. Embora seja a mesma história, a gente tem outra visão.(Marilene)

Identifico que tais referências aludem ao caráter atemporal de algumas histórias trazidas por *Seleções*, verificando-se que, conforme algumas narrativas dos entrevistados, o próprio fato de colecioná-la já evidenciava tal característica.

A releitura era considerada uma estratégia para entender melhor algum assunto, ou mesmo, para “reavivar” a memória com alguma história interessante que se havia lido mas esquecido.

*Eu gosto muito de reler. [...] Porque muitas vezes eu me esqueço do que aconteceu. Então eu leio de novo. E eu não me canso. Isto acontecia com as histórias das revistas que eu gostava, eu lia e relia.* (Mariana)

Conforme já referido, o hábito comum de ler *Seleções* e passar adiante para conhecidos, parentes e amigos, foi recorrentemente citado nas entrevistas. Devido a isso, alguns entrevistados afirmam que não gostavam de fazer marcas durante a leitura. Vejamos a explicação que Irene nos dá, ao ser questionada se tinha como hábito fazer alguma marcação.

P – A sua leitura era marcada?

E – Não. Eu nunca gostei de “machucar” o livro, a revista. Justamente, porque eu gostava de passar adiante. Quando tu marca, tu deixas a marca da tua leitura induzindo a outra pessoa a ir por ti. Nem em livro. Tem pessoas que escrevem, anotam... eu não gosto de fazer isto. (Irene)

Foram tantos os colecionadores de *Seleções*, que José transformou esse ato em negócio. Foi a partir de um lote de *Seleções* antigas que recebeu em 1970, que ele iniciou seu negócio de venda de livros e revistas usadas. Para José, muito além de ser um bom negócio, há mais de 40 anos, *viver em um ambiente rodeado de livros é um privilégio*.

A narrativa de uma entrevistada em especial, Doroti, leitora mais antiga de *Seleções*, traz sua preferência pelas revistas antigas que têm conseguido em sebos. Na sequência de sua fala se pode ler sobre seu descontentamento em relação às edições atuais.

*Quando eu vim para cá [Porto Alegre] eu trouxe as minhas Seleções. Mas depois, por falta de espaço e tal, acabei me rendendo à ideia da minha filha, e me desfiz. [...] Daí eu comecei a andar lá pelo centro e tal... Encontrei um monte de sebos. E eu pensei: é aí que eu vou encontrar... aí eu vi que eles tinham Seleções. E é aí que eu vou encontrar as antigas. Porque as novas eu comprava, de vez em quando, mas elas não são... elas não eram tão interessantes como as bem antigas, né? Aí eu comecei a comprar.*  
 [...]Olha “Meu tipo inesquecível”, histórias lindas! Hoje não tem mais. Hoje eles estão pedindo que os leitores mandem histórias; olha! nem as piadinhas do “Rir é o melhor remédio” não são aquelas que vinham...Tem uma coisas assim, meio... [expressões denotando depreciação]. (Doroti)

Doroti, embora continue como assinante da revista, tem clareza sobre suas preferências de leitura e o modo como *Seleções* modificou o enfoque de suas matérias.

A relevância e pertinência da crítica de Doroti é resultado do seu grau de reflexão, alcançado, provavelmente, através das muitas leituras que há anos vem realizando da revista, assim como a de outras leituras que contribuíram para ampliar seu repertório de conhecimentos e saberes.

Os cenários de leitura referidos pelos sujeitos dessa pesquisa corroboram, de alguma forma, entendimentos sobre determinadas funções da leitura de *Seleções* em suas *experiências cotidianas*, quais sejam: entretenimento e informação.

Utilizando-me dos estudos de Fraisse et alii (1997) e de Manguel (2004) para pensar os cenários de leitura<sup>130</sup> discutidos nessa seção, identifico, por um lado, a continuidade de algumas práticas comuns de leitura, cenários puderam ser exemplificados tanto a partir dos espaços – público e privado em que cada um referiu realizar a leitura da revista, como a partir dos modos encontrados para realizar o ato de leitura. Contudo, ao considerar o hábito de colecionar e/ou guardar *Seleções* – ou mesmo a possibilidade de montar uma biblioteca com seus exemplares – aponto para um possível deslocamento de práticas para outra dimensão. Agora, não mais a do universo da “alta cultura” como aqueles referidos nos estudos de Fraisse *et alii*, mas sim a do universo da *cultura de massa* que adentra as dimensões do social, permeada, igualmente, por relações de poder. Assim, nos cenários apresentados, possuir uma biblioteca, mesmo que seja com revistas encadernadas, parece aliar-se a boas práticas de leitura com hábitos diários em que leitores buscam sempre entendimento e atualização, traduzindo-se, dessa forma, em algumas das possíveis materialidades de representação de leitura na contemporaneidade.

Outras práticas de leitura na contemporaneidade também serão discutidas na próxima seção, considerando que elas podem ser feitas com outros artefatos culturais de gêneros diversificados, através das propagandas e de outras mídias como o rádio, a televisão e o computador com os usos da internet. São leituras que igualmente promovem construções de sentido, ensinam e posicionam nosso lugar no social.

---

<sup>130</sup> Da *Seleções* e de outras leituras realizadas pelos entrevistados dessa pesquisa.

## CAPITULO IV

### TEXTOS E TRAMAS

São muitos os textos e as tramas possíveis de serem feitas a partir do *corpus* desse estudo. São muitas as histórias para contar, tanto aquelas veiculadas em *Seleções*, quanto aquelas contadas pelos seus leitores, entrevistados dessa pesquisa... Alguns fios teceram o terceiro capítulo no qual foram feitas discussões focalizando, mais especificamente, “Leitores e Leituras”. Esse quarto capítulo, ao buscar mais alguns desses fios, faz algumas tramas para falar da leitura de *Seleções*. Assim, ao (re)ver determinadas edições e ao falar de imagens, cores, sons e momentos que foram sentidos, vividos, (re)criados, enfim, se falará de momentos que foram lembrados na vida dessas doze pessoas que se dispuseram a contribuir com esse estudo.

A partir da densa produção de dados desencadeada pelo roteiro de perguntas e pelas conversas que fluíram durante a entrevista, foi possível estabelecer alguns tópicos analíticos para esse capítulo. Considerando as recorrências encontradas nas entrevistas, em articulação com a leitura de *Seleções*, opto por dividi-las em dois tópicos, quais sejam: **“Leituras” da publicidade: o gênero em questão** e **“Leituras” de outras mídias**.

## 1. “Leituras” da publicidade: atravessamentos e gênero em questão

*Eu me lembro... olha aqui a Ava Gardner! [risos]. Teve um tempo que eu lia até esse tipo de propaganda assim. Eu gostava!*

*[...]Tudo isso aqui fez parte da minha infância. Sabe quando a gente recebe aqueles e-mails... “dependendo de quantas coisas você reconhece, você indica sua idade”. [risos] Eu me lembro assim, perfeitamente, de tudo, de tudo. (Marilene)*

Ela diz: "Você não acha Ava Gardner um encanto?"  
 Ele diz: "Sim!... e Você é tão encantadora que...

Para ele Você é tão linda quanto uma "estrela" de cinema

Ele a ama. Por isso, vê em Você todos os encantos de uma "estrela". Não o decepcione! Cuide carinhosamente de sua pele tomando-a, cada dia, mais fresca e juvenil. Siga o exemplo de Ava Gardner, que diz: "Eu uso Sabonete Lever!"

As "estrelas" conhecem segredos de beleza.

Se Ava Gardner, considerada uma das mulheres mais lindas do mundo, recomenda Lever, é porque conhece os resultados. Seguindo o seu conselho, Você estará no caminho certo para se tornar ainda muito mais encantadora.

Nova fórmula Lever de grande durabilidade

Ao pertence delicado, à macia e abundante espuma e à puríssima brancura, os técnicos da Lever acrescentaram nova vantagem: a extraordinária consistência que faz de Lever o sabonete mais duradouro e... o mais econômico.

Usado por 9 entre 10 "estrelas" do cinema

SABONETE LEVER

Ava Gardner

"estrela" do filme "Uma Garçon e Dois Anjos" do Metro Goldwyn Mayer

Fig. 20 – Anúncio Lever - Seleções, agosto de 1957

Os excertos que abrem essa seção foram escolhidos como sendo o prenúncio da problemática que será nela analisada, qual seja, a das possíveis reverberações da indústria<sup>131</sup> midiática. Tal indústria tem na globalização e na tecnologia seus suportes, os quais há algum tempo vêm mantendo sua produção direcionada ao consumo, implicando em práticas e constituições identitárias, desde a simples lembrança de um tempo eternizado em uma peça publicitária – rememorado por Marilene transcrito no

<sup>131</sup> Utilizo o termo *indústria*, ao longo desta seção, tal como Freire Filho (2006), por entender que a palavra *indústria* está sendo compreendida, aqui, tanto em seu sentido figurado (“invenção, astúcia, engenho”) como em sua acepção econômica (“atividade de produção de mercadorias, especialmente de forma mecanizada e em grande escala”; “o conjunto das empresas industriais”), ambos os sentidos registrados pelo Dicionário *Aurélio*.

excerto acima –, à possibilidade ou não do seu consumo no momento em que a mesma circulou – momento em que a entrevistada passava da infância para a adolescência. Com isso, introduzo o objetivo dessa seção, que é apresentar e discutir a “leitura” das peças publicitárias que os leitores de *Seleções* fizeram/fazem no tempo em que eram leitores da revista.

Ao serem questionados sobre as lembranças que tinham da revista *Seleções*, parte dos entrevistados dessa pesquisa – oito dos doze – apontaram justamente as propagandas que circulavam nas edições e que lhes chamavam muita atenção nesses tempos passados. Muitos desses momentos foram lembrados com alegria, curiosidade e certa nostalgia de um tempo que passou.

O exemplo de Marilene, no excerto de abertura dessa seção, expressa o seu modo de olhar as propagandas naquele momento. Quando criança ela tinha o entendimento de tratar-se, simplesmente, de “textos” interessantes para serem lidos, conforme narra: *Eu me lembro... olha aqui a Ava Gardner!* [risos]. *Teve um tempo que eu lia até esse tipo de propaganda assim. Eu gostava!*

Os estudos de Fraisse et alii (1997), sobre as representações de leitura na pintura, na fotografia e no cartaz – 1881 a 1989 – mostram a ênfase na pluralidade dos objetos de leitura que se passa a ter, sobretudo, a partir de 1989. Tudo é leitura: ler livro, jornal, folheto, faixas publicitárias, cartaz, imagem, mapa da cidade, caderneta de endereço, tela de computador, cardápio, etc. Para os autores *a leitura é, ao mesmo tempo, recreativa, de trabalho, de informação, de cultura* (FRAISSE et alii:1997, p. 93)

Articulando a narrativa de Marilene, as discussões de Fraisse et alii (1997) às discussões sobre consumo e identidade, penso que, obviamente os “textos” publicitários, melhor dizendo, as peças publicitárias veiculadas na revista *Seleções* – no período analisado, almejavam muito mais do que apenas serem “lidas”. Por um lado, o objetivo era incentivar o consumo dos produtos que tal publicidade estava vendendo/anunciando, pois era o momento em que o país se esforçava para estabelecer determinados padrões de consumo e, obviamente, as empresas visavam à venda e ao lucro. Por outro, ao pensar no consumo de produtos, não posso deixar de pensar nos aspectos identitários aí implicados.

Apoiando-me em alguns autores selecionados – Freire Filho, Debord, Foucault, Bauman e Kellner – problematizo, nessa seção, a temática mídia, publicidade e consumo, buscando sua articulação às análises do corpus dessa pesquisa.

A publicidade, de um modo em geral, e em especial as propagandas, seriam as engrenagens de uma *indústria da identidade*, conforme nos explica Freire Filho (2006), própria da condição em que nos encontramos nessa modernidade tardia, pois, ao estarmos

Impelidos a escolher, construir, sustentar, negociar e exhibir quem devemos ser ou parecer, lançamos mão, de maneira estratégica, de uma variedade fenomenal de recursos materiais e simbólicos, selecionados, interpretados e disponibilizados pela publicidade, pelo marketing, pela indústria da beleza e da moda e pelos sistemas de comunicação globalizados.(FREIRE FILHO, 2006:104)

Debord (1997) nos apresenta explicações acerca disso, ao traçar um panorama interessante sobre o atual momento como, por exemplo, aquele sugerido por Freire Filho. Segundo ele, a sociedade passou por duas fases distintas: na primeira para “ser” era preciso “ter”. Talvez esse fosse o momento vivenciado por alguns dos entrevistados dessa pesquisa. A segunda fase, mais indicada ao cenário atual, conforme estudos do autor, seria a *sociedade do espetáculo*, em que é preciso “ter” para “parecer”, e isso seria uma das formas de dominação de uma razão econômica dentro de um modelo entendido como capitalista. Contudo, afirma o autor que as normas são ditadas pelo aspecto econômico e já estariam consolidadas, por isso, se teria agora a dominação pela imagem, onde a mídia exerceria uma relação poderosa. É a mídia quem estaria ordenando o que se precisa ter e consumir e, ao mesmo tempo, organizando o tempo e o lazer das pessoas.

Apoio-me em Foucault (FOUCAULT, 1988) por entender que, se chegamos até aqui, como descrito por Debord, obviamente, foi pelas intrincadas relações de poder que teriam a mídia como um de seus dispositivos implicados nessa “mecânica”. Ou seja, não se trata mais de conceber o cotidiano social a partir de direcionamentos de indivíduos ou grupos dominantes que perturbam e/ou obscurecem as condições de existência de modo a fazer valer as relações de dominação do poder, mas, sim, de enfatizar as condições que possibilitam a transitoriedade do poder e as circunstâncias que o caracterizam na intrincada rede de construção da identidade que cada indivíduo entende como própria.

Tais discussões conduzem a alguns dos possíveis entendimentos sobre o quanto a publicidade, com objetivos ligados ao consumo, e suas imbricações na *indústria* estariam fornecendo modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente, ou seja, de identidades desejadas ou repelidas, mas que estariam aí para, de alguma forma, serem consumidas. Vejamos, a

seguir, como estariam imbricadas tais problematizações, a partir do corpus de análise desse estudo.

### 1.1. Mulheres, publicidade e Seleções : alguns apontamentos

Ao folhear muitos exemplares da *Seleções* que circularam entre as décadas de 1940 e 1970, especialmente, é possível localizar uma farta utilização de imagens de mulheres anunciando/vendendo produtos.

A oportunidade de vendas que a utilização de imagens de mulheres potencializa é conhecida e explorada pelo campo profissional do *marketing* e da propaganda até nossos dias<sup>132</sup>. De acordo com pesquisas realizadas em 2007 sobre quem tem o poder de decisão na hora da compra de algum produto ou serviço, pela Consultoria de Inteligência de Mercado especializada no público feminino, as mulheres são as responsáveis por 80% das escolhas dos produtos que uma família inteira consome. Ou, mesmo, se a mulher não compra diretamente, influencia em pelo menos 70% dos casos.

Já a relação entre revistas e a mulher vem sendo evidenciada e estudada desde há algum tempo. O trabalho de Dulcília Schoeder Buitoni (2009)<sup>133</sup> intitulado *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina*, nos oferece determinada visibilidade sobre tal relação. Na obra a autora volta seu olhar para a representação da mulher na imprensa feminina brasileira, desde o século XIX até os dias atuais. Através da análise de textos selecionados dos diferentes estágios percorridos pela imprensa feminina brasileira, a autora buscou captar a imagem da mulher construída pela imprensa especializada. Suas análises enfatizam as articulações existentes entre os mecanismos de divulgação, a sociedade e o feminino, propondo que tais articulações estariam impondo uma imagem que é um produto já preparado por um “certo horizonte” de expectativa marcadamente “ideológico”. Ou seja, para a autora, representa-se “aquela mulher” que a sociedade dirigida pelos homens espera ver representada.

---

<sup>132</sup> GECORP. Gestão Estratégica da Comunicação Organizacional e Relações Públicas. *Mulher é quem decide a compra*. Disponível em: <http://gecorp.blogspot.com/2007/07/mulher-quem-decide-compra.html> Acesso em 10/01/2012.

<sup>133</sup> O trabalho original foi publicado em 1981, revisado e reeditado em 2009.

Embora a revista *Seleções* não tenha sido uma publicação destinada exclusivamente ao público feminino, é interessante localizar algumas possíveis aproximações com os estudos apresentados por Buitoni (2009), sobretudo, no que se refere a algumas representações da mulher condizentes com a época.

Inicialmente, não podemos perder de vista que muitas das identidades relativas às mulheres que são veiculadas em matérias publicitárias são identidades construídas pelo masculino e que, por isso, podem não perceber a condição socio-sexual, cultural e/ou individual das mulheres (BUITONI, 2009).

### 1.1.1. Incentivando o consumo, impulsionando o progresso...

No final da década de 1940 e início da década de 1950, o *merchandising* explícito e admitido do *Reader's Digest* passa a introduzir em suas edições – ora localizada nas primeiras páginas, ora no meio, ora nas últimas páginas –, uma matéria assinada por *Nancy Sasser*<sup>134</sup>. Inicialmente ocupando duas páginas, a matéria foi ganhando mais espaço, atingindo cinco páginas, e poderia ser caracterizada como uma mistura de carta aos leitores, por um lado, conselhos e, por outro, publicidade. Intitulada *Falando de compras com Nancy Sasser*, com o subtítulo *Uma crônica de anúncios para a mulher brasileira*, a matéria apresentava um conjunto de pequenos textos com tópicos variados. *Nancy Sasser* era uma personagem criada para responder às dúvidas das leitoras sobre como resolver problemas de casa, com os filhos, assuntos de beleza e utensílios para o lar, conforme nos explica o publicitário Edeson Ernesto, que trabalhou nos escritórios do *Reader's Digest*, no Brasil, nesse período.

Eu mesmo cheguei a escrever algumas notinhas para a Nancy Sasser. Era uma tabela paga, aberta, assumida, e eu acho que até estava escrito “Informe publicitário”, e a Nancy Sasser dava conselhos. “Se você tem problema com o cabelo, se a roupa enruga e não passa, se esse está queimando, se está dando brilho, ou se o chão precisa encerar e eu não sei”, ela explicava tudo. Então, o anunciante dava as referências e nós lá no *Reader's Digest* fazíamos. Seriam quase dicas. As cartas eram verdadeiras: “Experimentei tal coisa, quero agradecer à senhora.” Essa Nancy Sasser já existia nos Estados Unidos. Seria a tia Chiquinha, a vovó Estela. As cartas eram voluntárias. O *Reader's*

---

<sup>134</sup> Encontrei essa mesma seção nas edições da revista que circularam até o final da década de 1960.

*Digest* vendia espaço como se fosse publicidade, mas era uma sessão de quatro, cinco páginas. Isso aí foi a primeira maneira aberta de *merchandising*. Não tinha logotipo nem ilustração nem nada. Era texto. Só que eram textos em blocos. Não contava uma história toda e enfiavam os anúncios, feito novela de televisão.<sup>135</sup>

---

<sup>135</sup> COELHO, Edeson Ernesto. *Edeson Ernesto Coelho (depoimento, 2004)*. Rio de Janeiro, CPDOC, ABP – Associação Brasileira de Propaganda, Souza Cruz, 2005. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historiaoral/arq/Entrevista1213.pdf> Acesso em 10/12/2010.

# Falando de Compras com Nancy Sasser



Uma crônica de anúncios para a mulher brasileira

**Haverá satisfação** maior do que v. se sentir tranquila quanto ao seu futuro e ao dos seus entes queridos? Parece quase impossível que haja um meio de v. poder multiplicar suas economias. Pois existe sim, querida amiga: O FUNDO DE "ACCEPTANCE". CBI, a maneira mais segura e rendosa que v. poderia desfrutar! Porque guardar, apenas, não basta — v. *precisa* aplicar bem suas economias, sentir que elas estão rendendo... mesmo! E só CBI pode garantir a v. uma verdadeira *segurança econômica*. Que tal começarmos hoje?



**Quanto mais o tempo passa**, mais eu fico convencida de que o ÓLEO A DONA DA SWIFT é, realmente, sem igual! Desde que comeci a usá-lo, minhas receitas ficaram ainda mais supinças... simplesmente deliciosas! V. precisa, *também*, fazer do óleo A Dona a "constante" de sua cozinha porque, somente assim, v. conseguirá frituras mais sequinhas e douradas, malinestas bem leves e cremosas, saladas saborosas, enfim... quitutes de regalar! Faça como eu, querida amiga, porque "na cozinha nada igual ao óleo A Dona"...



**Num clima como o nosso**, é preferível que o bebê se acostume com pouca roupa: muito agasalho predispõe a resfriados e inflamações da garganta. Além disso, a criança sente-se melhor com roupas leves e folgadas, principalmente se a mamãe envolveu seu corpinho no suave TALCO GESSY. Finíssima e perfumada, o Talco Gessy assegura real proteção contra assaduras e irritações, oferecendo ainda uma prolongada sensação de bem-estar. Por isso recomendo sempre: Talco, só Gessy — o melhor para o bebê... e para o adulto também!



**Um dos segredos** de juventude e bem-estar é um corpo cabelo e elegante. E, graças a CHA LAX, v. poderá se conservar sempre esguia e bem disposta. Sem qualquer dieta, Chá Lax fará v. manter suas linhas... basta uma colher de Chá Lax em 1/4 de l. de água fervente, deixar descansar, coar, beber e... ficar elegante. Se v. quiser receber um folheto explicativo, escreva-me para Droguaria Veigou S. A., Cx. Postal 684, Porto Alegre, RGS. Chá Lax, símbolo de elegância e bem-estar, é encontrado em farmácias e drogarias.

**No campo**, na praia ou na cidade, minha amiga, possos olhos "sofredem" com a poeira e o sol intenso nesta época do ano, e ficam sujeitos a constantes irritações. Justamente para evitar *tais* aborrecimentos faço uso diário de LAVOLHO, o medicamento indispensável para conservar os olhos saudios, tranqüilos e limpidos. E é tão fácil aplicar Lavolho! Com 2 gotas em cada olho *está* solucionado o problema. Faça você o mesmo. Temha sempre em casa um vidrinho de Lavolho e verá como brilhárá os olhos de toda sua família.



Creio que as novas resoluções não sejam necessariamente cocêtas! Por que, então, são torná-las elegantes? Planeje um reunião diferente, aprenda a fazer tricô, "descoberto" um novo côbe, use uma nova côr. Procure fazer uma coisa diferente cada mês novo ano e v. estará contente, assim, em 1960 "colorido" — um ano de novos conhecimentos e inovações!



**Neste começo de ano**, minhas queridas amigas, mais uma vez, quero agradecer-lhes a atenção que vocês vêm dedicando a esta minha coluna de sugestões de compras. As inúmeras cartas que venho recebendo são a melhor manifestação do carinho e da amizade que desenvolvemos no correr de quase sete anos. É graças a êste estímulo, que continuo todos os meses conversando com vocês, trazendo-lhes novidades e recomendações de produtos para o seu lar. Continuem mandando as suas sugestões, pois eu as receberei com um prazer sempre renovado.



**Minha amiga**, v. sabia que LISOKIN substitui todo e qualquer produto de limpeza, desde o sabão grosso até o sabonete para banho, e por menos da metade do preço? LISOKIN lava, limpa, alveja, esteriliza e desodoriza roupas, fraldas, sapatos e utensílios domésticos, mesmo quando lavados em água fria. LISOKIN representa economia de tempo e dinheiro. "Para lavar ou limpar, não é preciso esfregar — basta LISOKINAR!" Experimente-o! Um produto da Proquima S. A., R. México, 119 - Gr. 1304 - Tel. 32-7473 - Rio de Janeiro.



**Agora, vou contar a você**, querida amiga, de que maneira você pode, enfim, conseguir aquele assalho brilhante, lúcido e sem manchas, com que você sempre sonhou: LUSTRASOL, a cêra líquida que faz o assalho brilhar de verdade! Lustrasol, além de seu efeito duradouro, tem ação dupla: limpa e brilha... ao mesmo tempo. Eis a fórmula infalível para que seu assalho fique resplandecente, com um mínimo de trabalho: derrame Lustrasol e espalhe-o; dê-lhe, então, suavemente, um pano macio. Você terá um assalho "espehante" por dois meses.



**Vale a pena v. ser sócia da Biblioteca de Seleções**. Faça como eu e todas as minhas amigas que seguiram êste meu conselho. V. receberá em sua própria residência um lindo e atraente volume, luxuosamente encadernado, contendo quatro famosos livros, inéditos, condensados! Terrei o máximo prazer em inscrevê-la como sócia. Basta v. escrever aos cuidados de Nancy Sasser para Seleções do Reader's Digest, e eu lhe mandarei, imediatamente, todas as informações que v. deseja. Av. Presidente Vargas, 592 - 19.º andar — F. Chinaglia — Rio de Janeiro.



Fig. 21 — Seleções, março de 1954

O contato direto com os leitores através de cartas muito provavelmente encontraria semelhanças com alguns modelos de *merchandising* considerados “inovadores”, adotados pela imprensa na França e, posteriormente, introduzidos nos Estados Unidos, no início da década de 1940. Mira (2001) nos explica que a revista *Confidences* configurava-se como um exemplo. Era reconhecida como revista que inaugurou o gênero confessional, porque explorava os sentimentos, e, de certa forma, servia como catarse às suas leitoras, pelas respostas que dava a correspondências que delas recebia – na década de 1940, na França. Tal fórmula de contato com os leitores teria sido um importante elemento a ser incorporado na publicação de revistas, na época. A revista *Confidences*, conforme Mira (*ibidem*), caracterizava-se por não considerar mais a mulher como uma boneca a ser vestida ou meramente mãe de família, mas teria se tornado “uma companheira da mulher”, conversando com ela sobre seus problemas cotidianos.

De forma semelhante, a coluna de *Nancy Sasser*, na revista *Seleções*, propõe uma “interlocução amigável” através do seu contato com a leitora, que ora escrevia contando seus problemas e situações particulares, ora escrevia pedindo ajuda para solucionar algum problema de ordem doméstica. Nancy Sasser dirigia-se às leitoras através do tratamento de “minha amiga”, ou algumas vezes “minha querida amiga”, conforme podemos ler através do texto selecionado para a ilustração. Seleciono partes do texto que compõem a peça publicitária, como exemplos desse direcionamento à leitora: o primeiro alude a uma pretensa rede de amizade; o segundo, sugere o consumo de determinado produto. Vejamos:

As inúmeras cartas que venho recebendo são a maior manifestação do carinho e da amizade que desenvolvemos no decorrer de quase sete anos. É graças a esse estímulo que continuo conversando com vocês, trazendo-lhes novidades e recomendações de produtos para o seu lar. Continuem mandando as suas sugestões, pois eu as receberei sempre com prazer um prazer renovado. (*Seleções*, março de 1954)

Ainda no mesmo material, se pode ler sobre aprovações e indicações de consumo que *Nancy Sasser* fazia:

Quanto mais o tempo passa, mais eu fico convencida de que o óleo A DONA DA SWIFT, é realmente sem igual! Desde que comecei a usá-los, minhas receitas ficaram ainda mais supimpas... Simplesmente saborosas! (*Ibidem*)

Muito provavelmente a criação e a inserção da coluna de *Nancy Sasser*, na revista *Seleções*, conforme apresentado no parágrafo anterior, estaria imbricada em aspectos conjunturais de um momento que propiciaria seu sucesso.

Apresento mais alguns exemplos de discursos e suas possibilidades de articulação entre gênero e consumo.

Matérias que publicizavam a necessidade de investimentos em propaganda, por exemplo, eram frequentes na revista em suas edições brasileiras, conforme podemos ver na figura a seguir.

**A PROPAGANDA AUMENTA AS RENDAS DA NAÇÃO**



**ÊSTES CARRINHOS TAMBÉM  
CARREGAM ESCOLAS. ESTRADAS. HOSPITAIS...**

Êles carregam suas compras: os produtos de toucador e higiene e os seus produtos enlatados. Êles carregam, também, escolas, hospitais, estradas... e melhores salários para os servidores públicos. Quando a força de convicção da Propaganda leva os consumidores a adquirirem êste ou aquêle pro-

duto, uma parte apreciável das vantagens da venda dêsse produto pertence diretamente aos cofres da Nação, através dos impostos que arrecada. Provocando mais vendas, estimulando a produção, a Propaganda aumenta a participação do próprio Govêrno na prosperidade geral.

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROPAGANDA**

Fig. 22 – Anúncio da Associação Brasileira de Propaganda – *Seleções*, Maio de 1963

Algumas dessas matérias, ao reiterarem aspectos do consumo, teriam como pano de fundo o próprio crescimento da indústria brasileira e a necessidade de maiores investimentos em publicidade.

Na matéria da Associação Brasileira de Propaganda (figura 22), por exemplo, identifico que há um incentivo explícito à necessidade de investimento em publicidade, sendo essa apontada como uma espécie de alavanca (ao impulsionar o consumo) para a *prosperidade geral da Nação*. Por isso, conforme pode ser lido no material, os *carrinhos de compra*, também representados na imagem, de supermercado, estabelecimento que então começava a se expandir pelo Brasil, muito além de *carregarem nossas compras*

carregam também escolas, hospitais, estradas... e melhores salários para os servidores públicos. Quando a força de convicção da propaganda leva os consumidores a adquirirem este ou aquele produto uma parte apreciável da venda desse produto, pertence diretamente aos cofres da Nação, através dos impostos que arrecada. Provocando mais venda, estimulando a produção a propaganda aumenta a participação do próprio governo na prosperidade geral (*Seleções*, maio de 1963).

Marilene narra com alegria os momentos de modernidade que o país vivia, representados pela mudança no atendimento aos clientes que, antes, era feito no balcão por atendentes, passando, então, para os “modernos” supermercados<sup>136</sup> que inauguravam o “self service”. Era o momento em que os supermercados chegavam no país e também na cidade de Caxias do Sul.

[...] *quando em Caxias apareceu o primeiro mercado de self service foi baseado nas revistas americanas, né? Porque aqui no Brasil não tinha. A gente ia no balcão e o balconista te servia. E aí quando veio o primeiro mercado que a gente se servia, bah! Aquilo foi um negócio! Era como tinha na revista. O brasileiro sempre foi campeão em imitar o americano! Então a gente fazia exatamente como tinha ali.*(Marilene)

<sup>136</sup> Conforme Carvalho (2006) o varejo supermercadista surge no Brasil em 1953, com a inauguração do primeiro supermercado brasileiro em São José dos Campos, São Paulo. Os supermercados brasileiros foram baseados no varejo supermercadista norte americano, surgidos naquele país na década de 1930. Os destaques do setor ficam por conta da transformação da Doceria Pão de Açúcar, fundada em 1948, em supermercado e da Cia. Zaffari, fundada em 1960, que são destaques no setor até nossos dias. CARVALHO, Alexey. A utilização da tecnologia da informação: Proposta de Um Modelo de Maturidade. (2006)

Disponível em:

<[http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/posgraduacao/Trabalhos/Dissertacoes/DM\\_Tecn\\_Alexey\\_Carvalho.pdf](http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/posgraduacao/Trabalhos/Dissertacoes/DM_Tecn_Alexey_Carvalho.pdf) Acesso 10/12/1012.

Ao voltar meu olhar para a propaganda da Associação Brasileira de Propaganda (figura 22), identifico uma articulação entre os discursos do poder público e os interesses das indústrias produtoras de bens e, ainda, das próprias agências de publicidade, que chegavam até o consumidor. Penso que isso ficará mais claro na sequência.

A partir da matéria apresentada a seguir, publicada alguns anos antes, já é possível identificar tal relação. O anúncio da Editora Ipiranga (figura 23), publicado na edição de outubro de 1951 de *Seleções*, informa que, ao ser realizada uma pesquisa com 600 leitores, representando *sérios (sic) grupos sociais* foi dirigida a pergunta: “O sr. lê a seção de anúncios da *Seleções*?”, 81% dos entrevistados responderam que sim! Ao solicitarem que os leitores elessem dois anúncios publicados em *Seleções* e os comparassem com anúncios de outras revistas, foi concluído<sup>137</sup> que os anúncios de *Seleções* ficavam *duas vezes mais gravados* na mente do leitor em comparação com as outras publicações. O anúncio finaliza com *Anuncie em Seleções, peça a visita de um representante.* (*Seleções*, outubro de 1951)

---

<sup>137</sup> O anúncio não explica qual metodologia que utilizaram para chegarem a tais conclusões.



**Anúncios que ficam gravados no espírito do leitor!**

Os leitores dispensam maior atenção aos anúncios publicados em *Seleções* e os gravam melhor em sua mente. Prova? Veja só:

*Perguntamos a 600 leitores, representando vários grupos sociais: "O sr. lê a seção de anúncios em Seleções?"*

**RESPOSTA: 81% responderam SIM**

*Pedimos aos mesmos leitores que citassem espontaneamente alguns anúncios publicados em Seleções e noutra revista de grande circulação.*

**RESPOSTA: Os anúncios de Seleções ficaram DUAS VEZES MAIS GRAVADOS** na memória dos leitores do que os da outra revista.

*Quer que seus produtos fiquem gravados no espírito do leitor?*

**RESPOSTA: Anuncie em Seleções. Peça a visita de um representante.**

**EDITORA YPIRANGA S. A.**

Em São Paulo: Saulo Guimarães - Rua da Conceição, 58 - 14.º andar - Telefone 33-1135  
No Rio: D. F. Duque - Praça Pio X, 98 - 11.º andar - Telefone 43-9402

Fig. 23 – Fonte: Capa *Seleções*, Outubro de 1951

Ao mesmo tempo, é possível identificar a correlação estabelecida entre *Seleções*, o momento de industrialização que o país vivia e seus anunciantes. A peça publicitária sugere a necessidade de “satisfação” dos desejos do consumidor que aparecem representadas por seus sonhos. Assim, ao utilizar a cena de casal dormindo, a matéria sugere que o homem sonha com uma máquina de escrever e a mulher sonha com uma máquina de costura. Ou seja, os sonhos de consumo representados aliam-se ao possível momento de modernização da indústria brasileira. A mensagem subliminar do texto

imagético é reforçada pelo texto escrito, ou seja, através da publicidade *os anúncios ficam gravados na mente do leitor!*.

Na edição de agosto de 1954, encontrei mais subsídios para entender o quanto a publicidade estava articulada às questões de gênero. Evidencio que na década de 1950 é a própria revista que faz tal reconhecimento. Através de um artigo especial, intitulado *Carta aberta a nossas leitoras*, os editores da revista anunciam, com entusiasmo, que o número de mulheres leitoras da revista, naquele momento, ultrapassava o meio milhão e que tal fato levou-os a realizar um *inquérito entre o público leitor feminino*. Leiamos o que diz a matéria:

[...] Mas a perspectiva de enfrentar a opinião de meio milhão de mulheres nos deixou aterrados e, por algum tempo, nada fizemos no sentido de concretizar o propósito que tínhamos em mente. Pois foi exatamente uma dessas leitoras, pessoal da casa, aliás, (a nossa secretária, para sermos mais verdadeiros), quem nos sugeriu que usássemos este espaço para perguntas que desejávamos fazer. Devemos confessar, foi uma notável vitória da intuição feminina. Os resultados compensaram plenamente, e por isso agora, quando *Seleções* é lida por mais de um milhão de mulheres, julgamos oportuno voltar a pedir opinião de nossas leitoras. (*Seleções*, agosto de 1954: 110)

As perguntas às leitoras versavam sobre os seguintes aspectos: quais os tipos de artigos que *Seleções* deveria publicar? Quais os anúncios de produtos que prenderiam maior atenção e seriam lidos com maior agrado por elas? E, por último, se haveria permissão para a publicação de excertos extraídos dessas respostas.

Podemos articular tal estratégia com outras matérias encontradas nas revistas. *Seleções assegura vida mais longa para seu anúncio!*, e, na sequência: *Sim. Porque Seleções é uma revista que se coleciona*<sup>138</sup>. Essa era a chamada de uma das matérias que incentivava os investimentos na publicidade, pois, segundo os editores da revista, não haveria um *número antigo de Seleções*, já que, sendo uma revista colecionada, seria constantemente relida e os anúncios teriam vida longa. Além disso, o mesmo interesse que os leitores destinariam às matérias da revista seria destinado aos anúncios, através das consultas e dos cupons resultantes da publicação.

Trata-se de substanciais argumentos que me conduzem ao entendimento de que a publicidade foi e continua sendo um dos grandes negócios de *Seleções*, como já comentado nessa tese. Tanto que encontramos permanentemente nas revistas atuais

---

<sup>138</sup> *Seleções*, março de 1956, p. 148.

desde 2010, uma seção destinada exclusivamente ao *Mundo da Propaganda*, em que se pode entrever o duplo endereçamento da matéria: aos anunciantes e ao consumidor “comum”. A seção, assinada pela jornalista Renata Ruffato, traz entrevistas e informações sobre o mercado publicitário, *mas de uma forma leve, voltada ao entretenimento*<sup>139</sup>. Parodiando seções consagradas da revista *Seleções*, a coluna traz, mensalmente *Flagrantes da Publicidade*, que aborda os bastidores de campanhas ou personagens famosos da propaganda. Em *Ossos do Ofício Publicitário*, um profissional do mercado mostra seu “lado B”, com detalhes da sua carreira; na seção *Minha Campanha Inesquecível*, um publicitário ou executivo de marketing aponta a campanha que o marcou e explica o motivo; e *Entre Aspas*, que destaca frases de publicitários ou anunciantes na seção. Como exemplo dessa última temos Washington Olivetto, publicitário que ganhou por três vezes o Prêmio Marcas de Confiança da Revista *Seleções*. Assim ele descreve sua relação com *Seleções*:

Aprendi a ler com 4 para 5 anos de idade. Meus principais professores foram os livros de Monteiro Lobato, as páginas do Estadão, da Gazeta e a Revista *Seleções*. A mesma *Seleções* que neste ano, completa 70 anos de Brasil com a minha admiração e gratidão. (*Seleções*, março de 2012, p. 26)

Bauman me auxilia a pensar sobre o consumo e suas intrincadas relações, analisando-o do ponto de vista não apenas econômico, mas também e, fundamentalmente, sobre seus efeitos sobre a vida cotidiana. Em algumas de suas obras<sup>140</sup> o autor nos oferece inúmeras pistas para pensar os complexos meandros em que tais ações estariam envolvidas. Em especial, em *A sociedade individualizada*, o autor aborda diversos aspectos, complexos e invisíveis, que dizem respeito às nossas decisões e ações individuais cotidianas, que estariam conectadas às razões mais profundas dos problemas e medos com que nos deparamos: o modo como vivemos, as condições sob as quais agimos, os limites socialmente impostos à nossa imaginação. O autor defende que vivemos em uma sociedade permeada pelo fenômeno da ambivalência. *Ambivalência, ambiguidade, equivocidade...* Essas palavras, segundo ele, transmitem um sentimento de mistério e enigma, sinalizando, também o problema da incerteza,

<sup>139</sup> Disponível em [http://mais.selecoes.com.br/publicidade\\_mundo\\_propaganda.asp](http://mais.selecoes.com.br/publicidade_mundo_propaganda.asp) Acesso em 10/12/12.

<sup>140</sup> *Globalização: as consequências humanas (1998); Comunidade (2000); A sociedade individualizada (2008). Modernidade líquida (2000).*

próprio da sociedade contemporânea (BAUMAN, 2008, p. 78), incertezas que afetam e conflituam nossas escolhas, desarmonizando o que “eu quero” e o que “eu posso”.

Na sociedade moderna, conforme o autor, tínhamos uma estabilidade – onde se podia prever e planejar com clareza e uniformidade o espaço da sociedade, do comportamento humano, etc; a “mão invisível” do mercado seria o guia a mostrar horizontes para o “Estado firme”, o “Estado ponderado”, o “Estado do Equilíbrio”, o Estado da completa satisfação, conforme estabelecido pelos primeiros economistas modernos. Porém, tal estratégia moderna de combater a ambivalência fracassou, conforme argumenta o autor. Ou seja, para ele a ambiguidade do contexto de vida é “funcional” para a condição pós-moderna. A permanente desarmonia entre o “eu quero” e o “eu posso”, e mais exatamente o excesso de carências para satisfazê-las está se transformando no princípio guia do estabelecimento social da formação identitária, integração social e reprodução sistêmica (ibidem). Potencializar os consumidores seria, então, a estratégia de uma sociedade de condição pós-moderna, pois, para ele,

medimos o “crescimento econômico” e a “saúde” total da economia por uma demanda crescente de mercadorias, e o sucesso econômico por um crescente “poder gastar”. Em tempo de recessão e produção em baixa, escutamos falar “da recuperação guiada pelo consumidor” (BAUMAN, 2008, p. 78).

Inspirada pelo pensamento do autor, adentro a próxima seção, que abordará algumas questões desse consumo cotidiano a que a publicidade nos incita e as decisões que muitas vezes tomamos na nossa “esfera individual”, que não seria tão individual assim, considerando suas intrincadas relações com o mundo social.

## **1.2. Publicidade: aprovação e resistência**

Durante as entrevistas da pesquisa, o ato de reconhecimento de algumas propagandas veiculadas em edições antigas da revista – ao se folhearem exemplares antigos –, fez com que alguns entrevistados evocassem alegres lembranças, contextualizando, de alguma forma, a época experienciada. Vejamos.

<p><i>Seleções corroborava o que víamos nas telas de cinema: o “American way of life”. A juventude queria usar meias soquete, mascar chicletes, dançar rock and roll.</i></p>
---

*Decorávamos letras de música em inglês, tínhamos ídolos entre os artistas de cinema e os músicos da época: James Dean, Frank Sinatra, Elvis Presley. Estudar inglês em cursos fora do colégio era mais moda que necessidade cultural. Frequentávamos lanchonetes, comíamos waffles e banana split. Cachorro quente era hotdog e Coca-cola a bebida preferida.*(Vanda)

*Tinha muitas propagandas com coisas para o lar, a Coca-cola, tinha propaganda da Varig...*(Doroti)

*Mas olha!! O tipo de cabelo, aquele tipo de cabelo que a gente enrolava, aquele “se a vaca voasse” [risos]. Eu nunca usei cabelo comprido, então para mim esse tipo aqui [apontando para uma imagem na revista da década de 1957] eu achava o máximo! Botava os rolos assim... E as saias rodadas, então? Tu podes ver, essas aqui [as imagens que aparecem nas revistas da década de 1950] a maioria eram com saias de armação. Eu usei muito a saia de armação nas décadas de 50 e 60, depois saiu fora a saia de armação e não tinha mais nada. Também tu podes ver [folheando a revista, abrindo na página de um anúncio do produto Sardinhas Coqueiro] as comidas. Inclusive, eu lembro que quando eu casei, a primeira vez que eu fui fazer o rancho com o meu marido, eu vi no mercado... olha é o tipo da coisa assim... de adolescente! Isso eu já tinha 30 anos quando casei. A sopa Campbell's, te lembra? Eu tinha visto na revista Seleções. Numa dessas aqui, a bendita da sopa em lata! E eu comprei a tal da sopa. Eu acho que ficou uns três anos lá no armário a bendita da lata e depois eu nem sei o que fiz. Nem sei se eu cheguei a comer a tal da sopa [risos]. Era como tinha na revista. O brasileiro sempre foi campeão em imitar o americano! Então a gente fazia exatamente como tinha ali. Os tênis que eles usavam, a calça cigarette, o rabo de cavalo... Eu lembro que lá em Caxias tinha assim, alguns filhos de ricos, que tinham os conversíveis, então aquelas gurias ricas iam no domingo à tarde, desfilavam nos conversíveis. Aquilo tudo eu via aqui [apontando para a Seleções] também! [risos] Ao vivo e a cores!* (Marilene)

Embora tais lembranças analisem o passado com o olhar de hoje, as narrativas das entrevistadas reiteram a influência da cultura norte americana sobre a brasileira, no período – décadas de 50 e 60. As alegres lembranças narradas por Vanda, Doroti e Marilene visibilizam, de certa forma, o cenário brasileiro da época, ditados pelo estilo musical, hábitos alimentares, comportamentos e atitudes do *American way of life*, o qual teria sido cotidianamente vivido pelas entrevistadas, sendo que, segundo Marilene, tais padrões e jeitos de ser também poderiam ser encontrados em *Seleções*.

A perspectiva de que seria possível promover o desenvolvimento de “50 anos em 5”, conforme o lema do presidente Juscelino Kubitschek, embalava os sonhos da classe média urbana, no Brasil na década de 1950. É deste período, também um forte processo de êxodo rural, ampliação da população urbana e a busca de novos confortos domésticos. Os eletrodomésticos começaram a penetrar mais nos lares brasileiros e a ser vendidos a prestação, passando a ser vistos nas casas de grande quantidade de trabalhadores urbanos. A presença de anúncios de eletrodomésticos nas revistas

*Seleções* que circularam nessa época fazia, portanto, parte do mesmo otimismo modernizante que também estava presente nos discursos do poder público.

DUPLA  
HASTE —  
DUPLA  
FIRMEZA !

era melhor  
e mais  
opressa!

MAIS PRÁTICA —

**NOVA  
ARNO**

MAIS RÁPIDA — V. FAZ TODO O TRABALHO EM MENOS TEMPO E SEM ESPORÇO!

**uma só escôva** — rendimento superior  
— maior superfície de polimento que nas  
enceradeiras comuns com 3 escôvas!

**faz tôdas as operações** — raspa, espalha a cêra,  
encera, lustra e dá brilho — sem troca de escôva!

**contrôle centralizado** — facilita o manejo!

\* pode ser equipada com  
espalhador de cêra eletro-automático.

 — A MARCA DIZ TUDO!

Fig. 26 – Anúncio Arno – *Seleções*, abril de 1953



Fig. 27 – Anúncios veiculados em Seleções, março de 1951

As matérias publicitárias, ao fazerem apelo ao consumo de eletrodomésticos, não tinham apenas em vista as mulheres. Com os slogans, “o sorriso dela diz tudo” – dos produtos da Arno, e “presentes úteis” – da General Eletric, fica explícito o direcionamento ao sexo masculino, cabendo ao homem – o “provedor do sustento da casa”, presentear sua esposa. Há uma alusão clara ao compartilhamento de um suposto padrão de vida próprio de um país que estava se industrializando e se desenvolvendo naquele momento, reiterando, também, o “lugar” da mulher – dona de casa – na sociedade naquele período.

Vejamos algumas outras lembranças narradas pelos entrevistados.

*Olha isso aqui da tal da “Panex”, oh! Todas essas coisas aqui eu me lembro bem. Das propagandas... Isso aqui também, eu me lembro que eu lia esse tipo de propaganda com textos. Não é só aquela chamada, que nem as propagandas que tem hoje. Que é só a chamada e a imagem é que é mais importante... Naquela época o mais importante ainda era o texto. Ah... isso é que eu ia te dizer... Quando eu vi aqui essa*

propaganda aqui “24 horas na vida de uma mulher”<sup>141</sup> [figura 28]... Olha aqui oh: “De manhã ela resolve a limpeza, em dois tempos. Durante o dia ela não perde tempo”... À tarde, até mesmo o trabalho de passar roupa é maravilhoso! [ironizando ao mostrar e ler algumas partes do texto do anúncio]. E depois, de noite, ela espera seu marido sentadinha com seu drinque na mão, bonita, perfumada [risos]. O estilo de vida americano... Essa aqui não tem... Mas eu me lembro que tem algumas outras revistas em que aparece essa mulher de noite, com aquelas camisolas estilo Rita Hayworth, ela então com aquela camisola e o marido com aqueles pijamas listrados. Ele deitadinho na cama, ela sentada na penteadeira com a escova [risos]. Então eu acho sim, que essa visão americana eles passavam nessa revista sim. E também nessa época, eu fiz algumas aulas de inglês no Centro Cultural Brasileiro Norte Americano, lá em Caxias. E eles faziam questão de ressaltar essa imagem da mulher americana perfeita. A esposa perfeita. (Marilene)



Fig. 28 – Anúncios GE: em *Seleções*, agosto de 1957

Marilene, ao ser perguntada se, no tempo em que lia esses anúncios chegava a fazer alguma comparação com as mulheres que conhecia, a resposta foi rápida. *Sim!* Comparava as mulheres apresentadas nos produtos da *General Electric*, por exemplo, com a sua mãe. O resultado? Considerava sua mãe *uma coitada!*

<sup>141</sup> *Seleções*, Agosto de 1957, encarte com quatro páginas entre as páginas 108 e 109.

*Lógico! Porque olha aqui, oh, como é que é a mulher americana, até hoje eles têm essa ideia, né? A mulher americana tem que ser uma mulher bonita, capaz de fazer tudo, ela tem que ser boa esposa, boa mãe, estar sempre arrumada esperando o marido, os filhos sempre impecáveis e a casa perfeita! E, geralmente, sem empregada! [risos] Porque então, ela tem tudo o que é eletrodoméstico, ao dispor dela. Então eu achava isso a coisa mais maravilhosa... E aí eu comparava com a minha mãe. Por que a minha mãe tinha sempre uma figura de coitada, sabe? Mal vestida, despenteada. Já viu alguma americana mal penteada? Não existe. Isso é coisa de pobre! [risos] Então essas coisas... eu olhava, eu lia assim, fascinada, sabe! Eu lia fascinada.(Marilene)*

Enquanto Marilene relembra o fascínio que as “mulheres perfeitas” dos anúncios provocavam nela, outros entrevistados relembram outras sensações em relação ao apelo publicitário. A consciência que tinham das dificuldades financeiras que a família enfrentava favorecia sua resistência aos anúncios e talvez, por isso, a publicidade não lhes chamasse tanta atenção, como nos relatam Alda e Amélia.

*Lembro que na Seleções, além das histórias, havia também propagandas de sabonete, pasta de dente, roupas, coisas para casa. Mas eu não me importava com tudo isso, pois tínhamos uma vida bem difícil então, eu tinha consciência de que não podia comprar nada daquilo. Acho que por isso é que eu olhava as propagandas muito rápido, passava os olhos só. (Amélia)*

*Nunca dei bola para propaganda. Primeiro: não tinha dinheiro para comprar nada que era anunciado. Eu, inclusive, não vejo televisão por causa da propaganda. Eu não sei como as pessoas conseguem ficar vendo essas propagandas. Minha mãe via televisão e eu perguntava: “como tu consegues?”. E ela dizia: “mas sem propaganda, não tem televisão”. Aí eu dizia: “então baixa o volume!”. Até hoje. Aquilo lá [apontando para a tv coberta com um pano] está sempre assim.(Alda)*

Encontro em Kellner (2001), Canclini (1999) e também em outros autores, o entendimento de que nem sempre a mídia atinge seu objetivo de “manipulação”, e desta forma, não se pode atribuir a ela um poder de determinação das ações dos espectadores, pois *o público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se* (KELLNER, 2001, 11) dos produtos midiáticos. Segundo este autor, a mesma mídia ofereceria os instrumentais para que o sujeito se oponha aos modelos hegemônicos. O consumo é uma das formas de nos constituirmos como sujeitos, de nos igualarmos ou nos diferenciarmos do outro, conforme já abordou Canclini (1999). O sujeito não obedece a normas rígidas de consumo, sendo constituído por inúmeras instâncias e condições.

Articulando publicidade, gênero e consumo, identifiquei algumas das representações da mulher veiculadas na revista *Seleções*, especialmente, no período referido pelos entrevistados dessa pesquisa.

### **1.3. A mulher “tradicional”: casamento, maternidade e cuidados com a casa**

No Brasil, na década de 1950, as distinções entre as regras para sujeitos femininos e masculinos eram nítidas; a moral sexual diferenciada permanecia forte e o trabalho fora de casa da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos, sendo visto como subsidiário ao trabalho do homem, o “chefe da casa” (BASSANEZI, 2012). Assim sendo, tradicionalmente o regramento dirigido ao feminino seria casar, ser mãe e cuidar da casa.

Na família-modelo dessa época, os homens detinham a autoridade e o “poder” sobre as mulheres. Os homens eram responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e os cuidados com os filhos e com o marido – e das características próprias da *feminilidade*, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. O casamento, como um ideal romântico, apresentava-se como objetivo último para o qual as mulheres haviam sido preparadas. Em reverberação a esse discurso, seria possível entender por que o consumo de determinados artigos fariam da mulher uma “dona de casa feliz”.

Algumas peças publicitárias ilustram tal representação.

bas  
n-  
de  
t-  
le  
o  
s-  
e  
y  
b

# No caminho da felicidade

o  
*Guia Domus*  
a ajudará a  
resolver os  
problemas  
grandes e  
pequenos

**GUIA  
DOMUS  
1954**  
PARA A DONA DE CASA

*Será  
ainda mais  
perfeito  
que o de 1953,  
e custará  
sempre* **cr\$ 40,00**

**S**EA UMA DONA DE CASA  
MODERNA E COMPRE  
UM GUIA DOMUS

Procure-o na banca ou na livraria de sua  
preferência. Se não encontrar peça-o à  
**EDITORIAL DOMUS DO BRASIL S/A.**  
Rua 7 de Abril, 230 - SÃO PAULO  
**FERNANDO CHINAGLIA DISTRIB. S/A**  
Av. Presidente Vargas, 502 - RIO DE JANEIRO  
"EXPEDIÇÃO CONTRA REEMBÓLDO POSTAL"

Fig. 29 – Anúncio *Guia Domus, Seleções*, maio de 1954

Uma vez casada, a mulher deveria preocupar-se com os cuidados que devem ter para serem “boas mães” e as “boas esposas”. Para isso, manuais eram constantemente comercializados como o *Guia Domus* de 1954 (figura 29), por exemplo, que prometia ajudar a dona de casa a resolver seus problemas grandes e pequenos. Encontraremos com frequência, nas edições da revista no período analisado, matérias que anunciavam/vendiam artigos próprios para o lar, tanto para antes do casamento – para preparar o enxoval, quanto para após – para a manutenção de um “lar feliz”, conforme propõe o grupo *Santista* (figura 30).

\*\*\*\*\*  
 ela é  
 uma  
 dona-de-casa  
 feliz...  
 \*\*\*\*\*



...ela usa  
 Lençóis e Fronhas *Santista*



Agora em nova embalagem pronta

Feliz — assim como a senhora, porque sabe cuidar bem da casa e da família. Cada gesto para com os seus demonstra carinho; cada detalhe da casa revela seu bom gosto. Os lençóis e as fronhas, por exemplo, são Santista. Macios, de alvura incomparável e confecção esmerada, são feitos com tecido especial para lençóis e fronhas. Há 3 qualidades para a senhora escolher: OURO, PRATA e PALÁDIO (ex. Areal), em 6 medidas diferentes para lençóis e 3 medidas para fronhas. Lençóis e Fronhas Santista —



Fig. 30 – Anúncio Santista, *Seleções*, julho de 1954

Veremos que várias matérias publicitárias utilizam-se das representações próprias do feminino circulantes naquele momento: *feminilidade*, vida matrimonial, maternidade, romantismo, domesticidade. Intrínseca a essa representação, a atenção volta-se, também, para a alimentação do marido e filhos e a publicidade soube aproveitar essa perspectiva ao invadir as páginas de *Seleções*, sobretudo, a partir do final da década de 1940 com inúmeros produtos de empresas do ramo alimentício —

Royal, Quaker, Nestlé, Maizena, Swift, dentre outras – a reiterar tais representações (figura 31).

Quando eu quero um bôlo bem gostoso, fofinho, no ponto... eu mesma faço tudo.

É verdade... o bôlo sai com aquele jeito de coisa feita em casa, com carinho e amor.

**TUDO FEITO POR VOCÊ... CARINHOSAMENTE!**

**BÔLO DE NEVE** - 1/2 xíc. de manteiga  
1 1/2 xíc. de açúcar - 2 1/2 xíc. de farinha de trigo peneirada  
4 colh. (chá) de Fermento em Pó Royal - 1/4 colh. (chá) de sal  
1 xíc. de leite - 1 colh. (chá) de baunilha - 4 claras em neve.  
Peneire juntos a farinha, o fermento e o sal. Bata em creme a manteiga com açúcar. Acrescente os ingredientes secos, alternando-os com o leite e a baunilha. Misture levemente as claras. Coloque em forma untada e leve ao forno moderado por 40 a 50 minutos. Desenforme e use a cobertura de sua preferência.

... E para garantir o resultado, o segredo é **FERMENTO EM PÓ Royal**. Mais um produto de qualidade da Standard Brands of Brazil, Inc.

**Para os meus... LEITE NINHO**  
-o melhor do mundo!

Molho o leite de leite para preparar, de este leite, produtos com o melhor gosto, para os pequeninos do "bebê" e para os adultos, para os "pequenos" e para os "adultos".

Molho o leite sempre fresco porque este leite contém os nutrientes mais completos para o crescimento harmonioso. É rico em ácidos gordurosos e proteínas para a saúde.

Molho o leite sempre fresco para obter o seu leite sempre fresco e saudável. Molho o leite sempre fresco para obter o seu leite sempre fresco e saudável. Molho o leite sempre fresco para obter o seu leite sempre fresco e saudável.

Para os meus... **LEITE NINHO**

À venda em latas de 454, 1.000 e 1.800g (3oz, 1lb e 4oz). Consulte em seu comércio habitual.

Fig. 31 – Anúncios veiculados em *Seleções*, maio de 1954

Os slogans e as imagens que ilustram determinadas matérias publicitárias desse período (fig. 30 e 31) evidenciam a “vocação” feminina prioritária para a maternidade e a vida doméstica. Estas também seriam as *marcas da feminilidade*. Na *ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina*, algo que não poderia ser contestado (BASSANEZI, 2012, p. 608). Ou seja, havia uma (re)afirmação de discursos que apoiavam o entendimento de que a mulher que não seguisse esse caminho (pré)determinado, estaria indo contra a natureza e, desta forma, não poderia ser feliz. Contudo, paralelamente a essa *vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica*, outras representações vão sendo agregadas constituindo novos modos de ser mulher nas décadas de 1950 e 1960. Conforme

veremos na próxima seção, algumas dessas outras representações propõem rompimento com tais preceitos.

Penso que as duas narrativas a seguir ilustram de certo modo, as discussões apresentadas. Na primeira, ao lembrar da trajetória como mulher, no momento em que passava da adolescência para a idade adulta, Doroti materializaria, através de seu relato, algumas possíveis reverberações dos discursos circulantes naquele momento, sobre a condição feminina. No seu caso, esse momento foi vivido na década de 1950. Vejamos.

E – É... a mulher era preparada para o casamento, mulher que trabalhava fora, eram só professoras, alguma médica talvez...

P – A senhora lembra de alguma leitura que fazia e que talvez focalizasse tais questões? Lembra das opiniões que tinha acerca disso?

E – Eu achava assim... que era o máximo que uma mulher poderia querer era casar. Era muito romance, as histórias eram muito românticas, a vida era linda, maravilhosa... ao lado da pessoa que a gente amava... A vida em família era maravilhosa... E eu tive uma família maravilhosa. Meu pai e minha mãe, assim oh... eu nunca vi um discussão dentro de casa. Claro que eles deveriam ter alguma divergência deles, nada é tão perfeito. Assim, oh... eu tinha uma tranquilidade, uma segurança lá na minha casa. Embora como eu te disse, o meu pai não era o advogado, nem o farmacêutico, era um bancário, mas eu me sentia assim oh, super protegida, muito bem, nada me faltava. E então, eu acreditava nesse romantismo, nesse amor sem fim... E eu acreditava.

Na segunda, Alda deixaria claro sua contrariedade em relação aos costumes da época e às normas sociais vigentes, já um pouco antes, ainda na década de 1940, como podemos ver a partir do diálogo estabelecido.

P – Retornando, então... que recordações a senhora tem sobre as leituras da *Seleções*, antes dessa aversão que começou a ter pelo modo americano de vida? O que lhe interessava, na revista?

E – Por exemplo, uma coisa nova que ninguém falava naquela época era coisa de alimentação. Ninguém falava de alimentação. E a *Reader's Digest* trazia assuntos sobre alimentação, saúde... Também tinha algumas coisas sobre as mulheres e eu lia no índice, se me interessava eu lia. Pois tu sabe né? Naquela época a mulher tinha que casar virgem... era preparada para o casamento... o namorado era para casar! Então, eu não queria nada de namorado, eu não queria compromisso, eu queria estudar! Eu queria viajar, meu pensamento era totalmente contrário do pensamento da época. Então eu sempre ficava de escanteio. A moda, por exemplo... Eu não gostava de moda. A moda naquele tempo era para quem tinha dinheiro. Agora não, qualquer um pode ter.

#### 1.4. A mulher “moderna”

Estudos de Buitoni (2009) e Töpke (2007)<sup>142</sup> nos oferecem mais alguns pontos importantes que mostram um panorama das décadas de 1950 e 1960, no Brasil. Conforme as autoras, em 1950, com a chegada da televisão ao Brasil, há uma maior ênfase em aconselhamentos sobre os cuidados com a beleza da mulher. As imperfeições físicas deveriam ser dissimuladas e a publicidade mostraria o sofrimento da mulher que não é bela e que, por essa razão, teria dificuldades em encontrar um marido. No final da década de 50 a beleza começa a aparecer como um “direito” e na década de 60 dá-se início ao movimento de “libertação” da mulher.

Sobre essa década, como se pode ver pelo relato de Mariana, surgem outras possibilidades de se pensar a condição de mulher. Embora a entrevistada afirme tratar-se de uma opinião pessoal, sabemos que a década de 1960 foi um marco para as mudanças na condição social da mulher urbana pelo feminismo.

*Eu vivi uma época em que as mulheres iniciavam muitas mudanças na sua maneira de vida, pois eu comecei a trabalhar fora desde cedo. Eu não fui educada para ser “dona de casa”, como muitas naquela época, até porque eu não vivi em uma família com pai, mãe, irmãos, etc... As discussões dessa época em que as mulheres estavam mudando sua maneira de viver, em nada influenciavam minha maneira de pensar. Eu já tinha assim a minha própria direção que eu já tinha na minha vida. Na verdade eu não queria me casar e nem ter filhos. Sei que a revista Seleções trazia essas coisas da família, ainda mais a família americana que tinha uma carrada de filhos. Mas eu não queria isso para mim. Na verdade eu nem pensava em me casar... me levaram a isso. Tanto que eu conheci meu marido quando eu tinha 21 anos e nós fomos nos casar quando eu estava com 29 para 30 anos. Eu fui praticamente posta na parede para eu me casar com ele. E foi a família dele quem fez isso.(Mariana)*

Mariana alude à obrigatoriedade do casamento para a mulher daquelas décadas, porém, seu relato destaca alguns “pontos de fuga” que estariam relacionados ao fato de não ter sido “educada para ser dona de casa”, de trabalhar fora e de não ter sido criada em uma família. Tais situações, para ela, seriam indícios da sua condição diferenciada como mulher, na sociedade daquele momento – década de 60.

Em relação ao Brasil, é no governo JK (1956-1961) que a mulher entra no mercado de trabalho de forma mais intensa. A TV seria a responsável por disseminar novos modelos de feminino e possibilidades de “libertação da mulher” (uso de

<sup>142</sup> Denise Rugani Töpke, da Faculdade de Comunicação Social do Rio de Janeiro, nos apresenta, em sua Dissertação de Mestrado intitulada “Miss anos dourados: as representações da mulher nos anúncios da Seleções do Reader’s Digest” um interessante estudo em que toma como corpus de análise vinte anúncios – de higiene e beleza – da revista Seleções que circularam na década de 1950.

anticoncepcionais, lei do divórcio, etc). Fala-se na construção de uma beleza autêntica. A mulher que é feia ou seria feia, não teria se esforçado suficientemente para tornar-se bonita; portanto ela não amaria a si mesma.

Observo, porém, que os anúncios veiculados em *Seleções* desse período não tratavam somente a beleza feminina. Os cuidados com a beleza masculina também eram publicizados; contudo, havia a utilização da imagem da mulher, na maioria desses anúncios, possibilitando o entendimento de que era do olhar feminino que partiria a aprovação ou não da beleza masculina. E essa prerrogativa seria utilizada como argumento da publicidade de produtos endereçados ao público masculino, conforme podemos ler no slogan da *Aqua Velva*: *elas admiram o homem que usa*.



*Elas admiram  
o homem que  
usa —*

Não há nada que se compare à conservação de uma aparência jovial e saudável. Por isso mesmo, cada dia mais e mais homens usam Aqua Velva.

Umhas gotas de Aqua Velva, depois da barba, ativam a circulação, estimulam a pele e dão ao rosto uma sensação agradável e refrescante. Fragrância vigorizante que distingue. Experimente-a, amanhã mesmo.

A loção para após a barba mais popular do mundo!

Fig. 32 – Anúncio *Áqua Velva* – *Seleções*, janeiro de 1953

De forma semelhante, encontrei em muitas outras peças publicitárias a imagem da mulher associada a anúncios de carros, óleo, pneus, dentre outros produtos destinados “para eles”, como ilustram as imagens e as discussões a seguir.

**Uma atriz se faz, não nasce feita ...**

Quando Rose Stevens, notável atriz da Ópera Metropolitana, iniciou sua gloriosa carreira, contava com o melhor dos dons da Natureza: talento extraordinário. Mas esse talento era apenas a base para o bom êxito. A Natureza necessita de ajuda para fazer uma atriz famosa como também necessita de ajuda para criar um lubrificante famoso como "Advanced" Custom-Made Havoline."



**... e o melhor óleo lubrificante não nasce feito - tem de ser feito**

Assim, para prevenir os desgastes nos motores modernos de alta velocidade, necessitava-se um lubrificante melhor e TEXACO o produziu: "Advanced" Custom-Made Havoline" - refinado segundo especificações rigorosamente observadas, protege realmente o motor contra o desgaste durante toda sua vida útil, pois que o conserva limpo mais tempo, livre de sedimentos e ácidos que corroem os mancais. Com Havoline no carter V, obterá maior quilometragem por litro de gasolina.

**THE TEXAS COMPANY**  
e seus distribuidores



**UM PRODUTO SUPREMO** **TEXACO**



Fig. 33 – Anúncio Texaco – Seleções, janeiro de 1958



*Porque seu carro em evidência!*

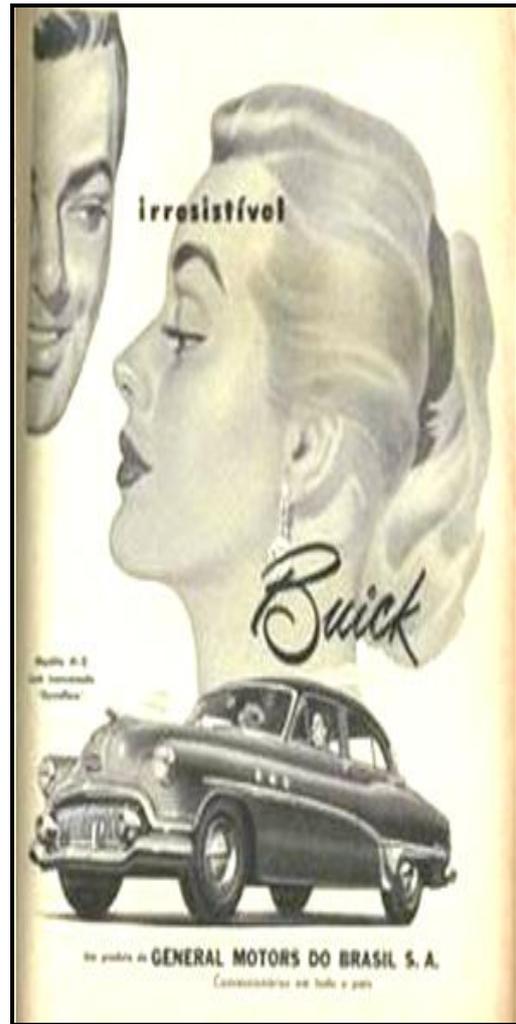
Todos dizem que seu carro é um espetáculo!  
Por isso mesmo, Você precisa  
presenteá-lo com um jogo de pneus ULTRA  
SEGURO faixa branca - o pneu mais  
elegante até hoje fabricado!

Entre outras vantagens, tem mais  
esta: um ressalto protetor  
impede que a faixa branca roce  
o meio-fio. Realmente, seu  
carro merece o ULTRA SEGURO  
faixa branca - o mais  
bonito pneu que você pode comprar.

**PNEUS  
GENERAL**

*vão longe para fazer amigos*

.150



irresistível

**Buick**

Modelo 4-2  
com motorizado  
"Turboflex"

no produto da GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.  
Concessionários em todo o país

Fig. 34 e 35 – Anúncios veiculados em *Seleções*, janeiro de 1953

As três peças publicitárias, acima, veiculam anúncios de produtos direcionados ao consumo dos homens. No primeiro deles (figura 33), lemos que o óleo *Texaco*, para ser utilizado em carros, é especialmente produzido para *prevenir os desgastes dos motores modernos*.

A matéria utiliza um trocadilho ao aproveitar-se da imagem de uma atriz americana para tecer comentários sobre sua relação com a necessidade de “elaboração processual” com o óleo *Texaco*. Em ambos os casos, o que estava em questão era que a *natureza necessita de ajuda seja para fazer uma atriz famosa, seja para criar um lubrificante famoso como “Advanced” Custom Made-Havoline*, o óleo *Texaco*, conforme aparece na citação contida na peça publicitária.

Ao publicizar os *Pneus General*, o anúncio (figura 34) traz a figura de uma mulher ao lado do carro. Ao fazer a leitura da imagem, associando-a ao texto verbal, poder-se-ia inferir que, ao se utilizar os *Pneus General*, o homem estaria colocando não somente o *seu carro em evidência*, mas também a si próprio ou ainda a sua companheira, namorada ou esposa. Nesse sentido, com a chamada, no texto verbal, *Todos dizem que seu carro é um espetáculo!* (figura 35) e, considerando, também, a imagem da mulher em uma pose requintada para a época, estaria se (re)afirmando representações comuns ao universo masculino, ou seja, a necessidade de exibir-se – nesse caso, o homem – por estar sendo acompanhado de mulheres exuberantes.

De forma semelhante no terceiro anúncio, publicizando o automóvel da marca *Buick* (fig. 33), da *General Motors* do Brasil, com a imagem da mulher ilustrando a parte central da peça publicitária, chamo a atenção para o jogo conotativo com o adjetivo *irresistível*, o que me desafia a pensar sobre quem seria irresistível: O carro? A mulher ou o homem que possuir aquele carro?

Retomando as reflexões sobre a beleza referidas no início desta subseção, ao proceder à análise de algumas matérias, vejo que a beleza aparece acrescida do ideal de “ser moderno”, e pode ser encontrada em várias matérias sobre o embelezamento de si. Nelas, os perfis femininos são representados, em sua maioria, por mulheres diferenciadamente marcadas pelo estilo hollywoodiano. Isso tudo parece ser descrito como fazendo parte do *desejo de ser mais feminina*, conforme aparece em alguns textos publicitários enaltecendo a feminilidade. Seria o “novo” estado de ser da mulher que, naquele momento, alinhava-se também ao “novo” - que impregnaria os mais variados anúncios de produtos. A julgar pelos slogans, veremos que há um constante apelo à novidade: o “novo”. *As novas maquiagem para os olhos de Helena Rubinstein* (*Seleções*, janeiro de 1960); *as novas receitas de Maizena* (*Seleções*, janeiro de 1960); *a sua chance depende de um novo Westclox* (*Seleções*, novembro de 1957); *conheça o novo modelo da Walita* (*Seleções*, junho de 1955); *nova embalagem das Sardinhas Coqueiro, novo sabor para seus pratos* (*Seleções*, fevereiro de 1953); *Exclusivo! Novo Chevrolet* (*Seleções*, fevereiro de 1963); *Nova escova York* (*Seleções*, outubro de 1960). Ao lado do “novo”, alguns anúncios incorporavam também o termo “moderno”, como por exemplo: *Frigidaire, modernos aperfeiçoamentos, novos detalhes de qualidade* (*Seleções*, março de 1963); *Insuperáveis e modernos eletrodomésticos Lorenzetti* (*Seleções*, março de 1963); *Controles automáticos da Honeywell, símbolos do conforto moderno* (*Seleções*, junho de 1944); dentre outros tantos.

PARA A SENHORA,  
**FRIGIDAIRE**  
MARCA REGISTRADA  
 uma linha de 4 refrigeradores  
 de beleza incomparável a sua escolha?



Es o ODR-96 Luxe, de 9,5 pés cúbicos  
 — um dos 4 modelos Frigidaire.  
 Um super-congelador, 2 hidrantes para frutas e  
 legumes, grandes prateleiras internas  
 e na porta, assegurem o máximo espaço  
 útil para maior economia em suas compras.  
 Todos os modelos Frigidaire, possuem o famoso  
 compressor Pumps-Correns, o mais perfeito  
 mecanismo de refrigeração até hoje construído.

**FRIGIDAIRE**  
 a marca do refrigerador mais vendido em  
 todo o mundo, é produzida exclusivamente pela

**GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.**

Fig. 36 – Anúncio Frigidaire – *Seleções*, janeiro de 1957

Os anúncios de *Frigidaire* (figura 36) “de beleza incomparável e a sua escolha”, endereçados às senhoras, conforme ilustra a figura acima, eram presença constante nas edições de *Seleções*, em especial na década de 1950. Porém, adquirir um produto novo para “modernizar” a casa, como uma geladeira, por exemplo, não era para todos os “mortais” daquela época, como nos conta Doroti das lembranças que tinha da leitura feita quando criança, dos anúncios publicitários veiculados na *Seleções*.

*Porque eu achava assim... por exemplo: na minha cidade tinha coisas que não era para todos os “reles mortais”. Eram para pessoas... refrigerador? A gente chamava de Frigidaire, porque era uma marca da época. Isso quando eu era bem criança, bem pequena. E quem tinha Frigidaire nesta cidade? Eu tinha um tio que era advogado, ele tinha fazenda e tal, era o dono da farmácia, também, que tinha o poder aquisitivo bem alto... e o médico, eram as três pessoas que tinham geladeira na cidade. O pai era bancário, tinha representações das lojas Renner, plantava arroz... Ele se virava porque nós éramos cinco [filhos]. Então, para estudar, os gurus estudaram aqui no [Colégio]*

*Anchieta, e a gente saía para estudar, depois, né. Então, o pai sempre trabalhava muito. Mas ele não era daqueles mais... então a gente não tinha ninguém que tivesse geladeira, inclusive minhas coleguinhas do colégio... só essas minhas primas é que tinham Frigidaire em casa. (Doroti)*

Buitoni (2009) nos mostra que o termo “moderno”, que passa a ser utilizado pela imprensa de um modo generalizado – décadas de 40 e 50 – estaria representando o “novo”. Conforme a autora o “novo” surge idealmente na década de 1900 (a mulher é o “novo” bom que há em todas as coisas), para começar a se delinear mais claramente na década de 1930 (a nova mulher, profissional independente) e ir crescendo nas etapas seguintes, 1940, 1950, sendo que o termo “moderno” passa a ser bastante utilizado a partir desse período.

Contudo, esse “novo” não seria vanguarda, não inovaria. Tratar-se-ia, sim, do novo que não pertence à arte e sim ao consumo. Dessa forma, em especial no final da década de 1940 e início da de 1950, a mulher estaria sendo *instada a renovar-se dia a dia, da cabeça aos pés. A mulher, então, não pode ser bela, sensível, alegre por si só. Ela só conseguirá essas qualidades se “tiver” determinados objetos. Para “ser” ela precisa “ter”*. (BUITONI, 2009, p. 196).

Vejamos, nas ilustrações a seguir, dois exemplos que sintetizam o direcionamento das campanhas de beleza do período, em que a aparência *hollywoodiana* emerge como padrão nas inúmeras matérias publicitárias, inclusive com a reiteração de uso da expressão “estrelas do cinema”. Assim, podemos ler na matéria da Gessy Lever: *As estrelas sabem por que usam Lever... e você?* e *Para ele você é tão linda quanto uma estrela de cinema*.

As “estrelas” sabem  
por que  
usam

**LEVER**

...e Você?

As “estrelas” do cinema, as mulheres mais lindas do mundo, usam Lever! Elas sabem que não existe outro sabonete tão branco, tão puro e tão deliciosamente perfumado! E você? Já pensou que Lever pode ser seu melhor cuidado diário de beleza? Use Lever e ouça, do “alguém” que Você ama, uma frase maravilhosa...

Ver é o meu sabonete!” diz PIER ANGELI - M.G.M.

“Para mim,  
Você é tão  
linda quanto  
Pier Angeli!”

USADO POR 9 ENTRE 10  
“ESTRÊLAS” DO CINEMA!

LINTAS - ITS 306

Fig. 37 – Anúncio sabonete Lever – *Seleções*, novembro de 1958

Estudos da área da comunicação apontam para o efetivo *interacoplamento entre a indústria cinematográfica norte americana e as revistas* – nas décadas de 1940 e 1950 e se estendendo na década seguinte –, na promoção de um gosto e de uma moral, através da constante presença dos astros de Hollywood nas páginas das últimas. Mira (2001), citando o estudo de Meneghelo, no qual a autora enfatiza o modo como se materializaria o elo entre cinema e revista, argumenta que tais modos estariam expressos na:

[...] maneira de se viver, de arrumar a casa, de conquistar o amor, de se vestir, de viajar, de ter uma família. Felicidade, simplicidade, glamour e sofrimentos são desenrolados como em um romance no “depois dos filmes” pelas publicações, fotos, músicas. Os modos de ser hollywoodianos são vários, e longe de estarem isolados para o momento do “tempo dos sonhos”, estão altamente cotidianizados. Percebe-se como o cinema norte-americano efetivamente tem seus canais interagidos, de maneira a promover a

formação de um gosto e de uma moral, agenciando processos de subjetivação. (Meneghelo *apud* Mira, 2001: p. 31)

Ao analisar alguns dos anúncios de produtos para a higiene pessoal, presentes nas edições analisadas, veremos associações entre a higiene do corpo, a beleza e a sedução. Tais representações estendem-se também ao espaço doméstico, motivo pelo qual talvez se encontrem várias matérias reiterando a importância da limpeza desse espaço. Tais representações impulsionam, sem dúvida, o consumo de equipamentos modernos que, aos poucos e acompanhando os ideais de embelezamento, iriam tornando-se fonte de conforto e não mais de sacrifícios, liberando o tempo da mulher, para cuidar dos filhos, do marido e de si própria. Isto permite o entendimento de que, efetivamente, as representações sobre a mulher “moderna” circulantes nas matérias publicitárias analisadas, aliam-se, em certo sentido, às da mulher “tradicional”, que vimos na seção anterior.

### **1.5. A mulher “livre”**

A última reflexão dessa seção se desenvolve sobre uma temática própria do universo feminino: a suposta “libertação”. Para tanto selecionei algumas peças publicitárias por entender que tais artefatos fazem circular alguns dos discursos sobre a “libertação” da mulher. Essas questões foram de grande efervescência, especialmente, entre 1950 e 1960 e tais discursos foram muito utilizados, obviamente, também como argumento de venda. A exemplo disso veremos circular em *Seleções*, desde o final da década de 1940 até a década de 1960, um intenso número de anúncios dos absorventes higiênicos *Modess*.

**ELA É MODERNA...  
Ela sabe viver...**



É uma lã - na água, no vento, no calor. É a proteção higiênica, ela exige Modess.

Porque ela exige conforto e segurança em tudo que ela faz - sua modesta... com a suavidade que a água e o sol dão - a higiene de Modess basta uma vez a cada hora. Assim, ela é indispensável. É o suficiente para um mês não custa mais que um vidrinho de esmalte.

**BASTA PEDIR**



JOHNSON & JOHNSON

**ELA É MODERNA...  
Ela sabe viver...**



Para ela, sempre o melhor! Principalmente quando se trata de sua proteção higiênica. Então é certo escolher Modess, porque Modess é prática e confortável! É usado uma só vez, eliminando o problema desagradável de lavar.

É também bastante econômica - o suficiente para um mês não custa mais que um vidrinho de esmalte!

**BASTA PEDIR**



JOHNSON & JOHNSON

Fig. 38 – Anúncio Modess: em *Seleções*, novembro de 1958

**Eu sou secretária do gerente...**



**(preciso estar sempre em forma!)**

Uma posição importante e um ótimo chefe (mas exigente!) É necessário estar sempre alerta e bem disposta. Por isso, confie em Modess para esta condição "supersuper-moderna". Modess é super-absorvente e adapta-se tão bem ao corpo!

De concepção moderna, Modess é higiênicamente feita para ser usada uma vez a cada hora.

Com Modess, até a mais exigente Modess é possível a sua higiene pessoal com uma segurança e conforto.



**Gratis!**

Para você ou sua filha? Um interessante livro de 25 páginas que ajuda as mulheres a passarem os dias úteis com descontração e conforto!

Nome: \_\_\_\_\_

Rua: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

*Eu trabalho no balcão de uma loja...*



**(O meu dia é longo: das 9 às 6!)**

Ficar de pé o dia inteiro não é tarefa simples. Especialmente "nos dias de calor". Mas, graças a Modess e ao Cinto Modess, estou sempre tranquila - Modess é tão macia e absorvente que me deixa perfeitamente à vontade. E a ótima proteção segura contra manchas e odores...

Além disso, é muito mais higiênica: usado uma vez, joga-se fora! Você aceita pôr isso Modess? Experimente este mês.

Com Modess, até a mais exigente Modess é possível a sua higiene pessoal com uma segurança e conforto.



**Gratis!**

Para você ou sua filha? Um interessante livro de 25 páginas que ajuda as mulheres a passarem os dias úteis com descontração e conforto!

Nome: \_\_\_\_\_

Rua: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Fig. 39 – Anúncio Modess: *Seleções*, janeiro de 1953 e em junho de 1959

Tenho como pressuposto que os absorventes higiênicos *Modess* ilustram, com riqueza, algumas das questões sobre a suposta “libertação” da mulher em relação a muitos de seus papéis sociais, naquele momento. Em várias das revistas foi possível localizar até dois anúncios do produto em uma mesma edição. Considero que tais representações estavam alicerçadas nos discursos circulantes no período, sobre o suposto rompimento com as tradições que “aprisionavam” as mulheres em determinados lugares considerados “tradicionais”, no caso, ligados a uma condição natural do corpo feminino, ao mesmo tempo em que apresentavam a possibilidade delas traçarem seu próprio caminho, sendo *modernas e sabendo viver*. Esse *saber viver* (figura 38) vinculado ao uso dos absorventes *Modess*, conforme veiculado nos anúncios, preconizava a *segurança e conforto* de que tanto a mulher necessitaria naquele momento em que, de forma mais intensiva, saía de casa. A conquista dessa liberdade estaria representada pelas tomadas individuais de decisões, pela possibilidade de trabalhar fora, etc, ou seja, pelas conquistas da modernidade que ofereciam vantagens, leveza, além do *conforto e segurança*. O “trabalhar fora” ainda era visto com certas reservas naquele momento, pois argumentava-se que, quando a mulher trabalhasse fora de casa (figura 39), ela deixaria seus *afazeres domésticos* e suas atenções e cuidados com seus filhos e marido, delegando algumas funções a outros. Outro perigo alegado seria a perda da *feminilidade e dos privilégios do sexo feminino – respeito, proteção e sustento garantidos pelos homens*.

Marilene é quem vai lembrar de alguns dos momentos em que *Seleções* e a publicidade – no caso dos absorventes higiênicos *Modess* – foram importantes em sua vida, naquele exato momento, dos seus doze anos.

O *Modess*, mesmo! E eu lembro quando eu fiquei mocinha... Eu fiquei mocinha com 12 anos. E eu não sabia nada! Então eu levei um susto o dia em que eu fiquei mocinha. E não falei nada para ninguém. E eu fui para a aula, pingando, bem como se dizia naquela época, né... E minha mãe notou, porque eu usei para me limpar um paninho que tinha no banheiro. E ela notou ele ensanguentado. Aí quando eu voltei da escola ela me perguntou. E eu morri de vergonha e disse que sim. E ela perguntou se eu sabia. Eu disse que alguma coisa eu sabia porque na escola se comentava, né. Entre as meninas se comentava. Eu estava na 5ª série, no quinto ano. Porque naquela época era de primeiro a quinto, e depois de primeira a quarta série, né. Eu tinha doze anos, estava no quinto ano. Eu sabia o que tinha mas não sabia como é que era. E aí uma coisa interessante... Veio numa revista, numa *Seleções*, veio propaganda de *Modess*. E, pasme! Veio um bônus! A gente escrevia o bônus e ganhava um livrinho chamado “como ser mulher e ser feliz”. (Marilene)

Na sequência do nosso diálogo, foi possível localizar em *Seleções* as referências dos comentários de Marilene.

*Sua filha pode ter*  
**receio de**  
**perguntar...**

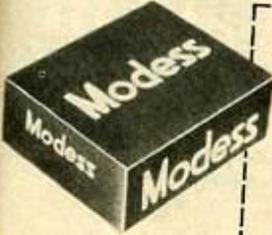


**M**as, ela precisa conhecer "certos fatos" relacionados com a vida feminina. Sua filha lhe agradecerá, mais tarde, se a senhora a preparar desde já para receber como normais certas transformações que ocorrem na vida de toda mulher. Explicações sobre o organismo feminino, apresentadas de forma simples e compreensível, são encontradas no livrinho que abaixo oferecemos.

Ela também ficará sabendo que Modess é o método moderno de

proteção sanitária: é mais higiênico (usa-se uma só vez), é mais conveniente (não precisa ser lavado todos os meses), é invisível (não aparece mesmo sob os vestidos mais leves) e devido à sua super-absorvência, sua filha adquirirá toda a segurança e tranquilidade tão necessárias "naqueles dias"

Custa caro? Apenas lhe diremos que custa muito menos do que vale o seu conforto e o de sua filha. E... ao comprar, basta dizer Modess.



**GRÁTIS!** "Ser quase mulher... e ser feliz".  
 Um livrinho respondendo a muitas perguntas que fazem sobre a menstruação. Anita Galvão,  
 Cx. Postal 5030 - Depto. 25-CCCC - S. Paulo

Nome \_\_\_\_\_  
 Endereço \_\_\_\_\_



Fig. 40 – Anúncio livrinho Modess – *Seleções*, abril de 1956

Conforme seu relato, Márcia, embora tenha vivenciado a adolescência e a juventude nas décadas de 1970 e 1980, parece não ter percebido padrões sociais tão diferentes daqueles das décadas de 1950, em relação à condição da mulher como esposa e dona de casa. Ela conta que também foi difícil aceitarem sua rebeldia por não querer

casar, optando pelo trabalho e pelo estudo. Lembra que os comentários eram negativos a seu respeito, ainda, pois, em tom de menosprezo, diziam que ela “não queria nada com nada” porque só queria estudar. A sua entrada na faculdade rendeu maiores recriminações, ainda. Pois até aquele momento não pensava em namorar e fazia questão de deixar isso bem claro. Contudo, para aquelas pessoas da sua região – interior de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul – não poderia ser “normal” uma mulher não querer casar.

Márcia chama a atenção para uma mudança que vemos hoje em relação às opções de determinadas mulheres, nas suas conclusivas palavras; *hoje em dia, quem não quer estudar é que a gente diz “ela não quer nada com nada” [risos]. É bem o inverso...*

Ao proceder à análise desse último grupo de anúncios publicitários, considero que as representações aí identificadas apontam para o entendimento de que, naquele momento, estaria havendo uma ressignificação da imagem da mulher, considerando-se que os apelos para ser uma mulher “moderna” buscavam romper com a tradição, de certa forma, imposta, situação essa que era detectada e bem explorada pela publicidade.

Encontro em Bauman (2008) abordagens sobre o papel da propaganda na contemporaneidade, argumentando que hoje a criação de necessidades está tomando lugar da regulamentação normativa, e, nesse sentido, a propaganda estaria substituindo a “doutrinação ideológica”, e a sedução estaria ocupando o lugar do policiamento e da coerção. Diante disso, a maior parte da população estaria integrada à sociedade contemporânea em seu papel de consumidora, não de produtora, e uma integração desse tipo só pode se manter enquanto as carências excederem o nível de suas satisfações atuais (ibidem, p. 92). Assim, o mercado mantém a ambivalência viva, que mantém o mercado vivo. Não há saída para esse círculo vicioso. (BAUMAN, 2008, p. 94).

O pensamento do autor, exposto sinteticamente nos parágrafos anteriores, permitiu-me pontuar alguns dos discursos identificados neste estudo, em especial aqueles ligados ao gênero e ao consumo. Sua veiculação nas matérias publicitárias há mais de 50 anos mostrou a emergência de certas tendências que, possivelmente, estariam tomando vulto na época tais como os deveres estéticos, a necessidade de atualização e a obrigatoriedade da felicidade.

Articulo tal entendimento aos referidos por Rocha (2006)<sup>143</sup>, que, ao analisar as representações do consumo, através na publicidade, argumenta que é ela que dá sentido ao consumo já que está entre os principais produtores de sistemas simbólicos presentes em nosso tempo. Tal explicação se sustenta, segundo o autor, porque o consumo perpassa a vida social com uma força que poucos fenômenos possuem, adquirindo através do sistema publicitário *um sentido social, pois as marcas, os bens, os produtos e serviços ganham as suas identidades nesse discurso, e, com elas, uma existência concreta em nossas vidas* (ROCHA, 2006,12). É o mesmo autor que afirma, ainda, ser a publicidade a base do sustento, em larga escala, da possibilidade de *sermos os alegres receptores cotidianos das diferentes mídias*. (ibidem)

---

<sup>143</sup> Outras discussões podem ser encontradas em ROCHA, Everardo. *Representações do consumo: estudos sobre a narrativa publicitária*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

## 2. “Leituras” de outras mídias

*Saudades de Matão*<sup>144</sup>

Neste mundo eu choro a dor,  
 Por uma paixão sem fim  
 Ninguém conhece a razão  
 Porque eu choro num mundo assim  
 Quando lá no céu surgir  
 Uma peregrina flor  
 Pois todos devem saber  
 Que a sorte me tirou foi uma grande dor  
 Lá no céu, junto a Deus  
 Em silêncio a minha alma descansa  
 E na terra, todos cantam  
 Eu lamento minha desventura desta pobre dor  
 Ninguém me diz  
 Que sofreu tanto assim  
 Esta dor que me consome  
 Não posso viver  
 Quero morrer  
 Vou partir pra bem longe daqui  
 Já que a sorte não quis  
 Me fazer feliz

Início a última seção desse capítulo com o saudosismo e o romantismo expressos no excerto de *Saudades de Matão*, citado como uma lembrança marcante e muito especial para Doroti, uma das leitoras mais assíduas, e de longa data, da *Seleções*. A rotina da leitura de *Seleções*, como vimos nas histórias contadas no capítulo III – *Experiências cotidianas de leituras* – era dividida com outras *experiências cotidianas*, que assim como a leitura, estavam relacionadas com lazer, entretenimento, emoções, aprendizado, etc. Tais experiências, por exemplo, são marcadas pela escuta do rádio – em especial, as radionovelas – e a televisão. Outras mídias ainda, próprias da contemporaneidade, como a internet e suas redes sociais, também apareceram nas narrativas dos entrevistados, e serão trazidas, nessa seção, para algumas breves discussões.

---

<sup>144</sup> *Saudades de Matão*, considerado, por estudiosos da música, como um clássico da música sertaneja, originalmente era uma valsa que foi composta por Jorge Galati em 1904, quando era maestro da banda ítalo-brasileira de Araraquara. Em 1938, a música recebeu letra de Raul Torres, que a gravou ao lado de seu sobrinho Serrinha, obtendo grande sucesso no Rio de Janeiro, posteriormente, espalhando-se pelo Brasil. Carlos Galhardo, intérprete muito conhecido do público, na época, também gravou essa mesma música, duas vezes, em 1941 e em 1958. A música se transforma rapidamente em um clássico sertanejo, na voz de intérpretes conhecidos como: Luiz Gonzaga (1946), Tonico e Tinoco (1958), Inezita Barroso (1972), Teixeira (1977), dentre outros.

## 2.1. O rádio, a radionovela e as “cenas longe dos olhos”<sup>145</sup>

Retomo a narrativa de Doroti, no momento em que mencionou a importância do rádio nas suas lembranças, para, na sequência, encaminhar a primeira temática dessa seção: o rádio e a radionovela.

Na infância, ao lado de sua mãe, escutar suas novelas preferidas constituiu momentos especiais retratados por Doroti. A leitura das diversas temáticas e pontos de vista de sua narrativa evidencia que ela pode ser reconhecida como uma mulher “moderna” e atualizada, que acompanha as tecnologias dispostas no seu tempo. Leitora assídua – de *Seleções* e outras revistas e livros, apreciadora do rádio e do cinema, ela demonstra como ao longo de sua vida foi se apropriando e utilizando aquilo que a tecnologia colocava ao seu dispor. Familiarizada, também, com a internet, destaca os usos que tem feito das ferramentas dessa mídia, direcionando-as no sentido de serem o alimento para suas lembranças. Apresento alguns fragmentos de sua narrativa, por entender que sintetizam as discussões apresentadas.

*Inclusive, assim oh... Eu gostava das novelas de rádio, por quê? Porque eu conseguia imaginar o ambiente que as pessoas estavam... a fisionomia de cada um pela voz. Era do meu jeito. E assim oh... a gente gostava dos personagens que nem agora o pessoal gosta... oh fulano, oh!! Mas eram novelas... que hoje mesmo... tinha uma que eu não me esqueço e eu era pequeninha. A mãe ouvia, sempre, depois do almoço eu sentava com ela perto do rádio... “Esmeralda no vale das sombras”. E aí tocava uma música...[olhar pensativo e distante, nesse momento] “Saudades de Matão”... Peguei agora [apontando para o computador] na minha fase saudosista. Lá fui eu lá pegar na internet. (Doroti)*

O rádio, a televisão e o computador foram alguns dos artefatos citados pelos entrevistados desse estudo, sendo o rádio o mais aludido por suscitar lembranças significativas. Em algum momento, durante a entrevista, onze dos doze entrevistados teceram comentários acerca desse artefato. Somente Karla, a mais jovem, não fez nenhuma menção ao rádio, embora tenha comentado sobre músicas, a partir de outro artefato, as “vitrolinhas” ou toca-discos. Alguns entrevistados fizeram comentários

---

<sup>145</sup> Na busca de maiores informações sobre o rádio encontrei esse *site* planejado pelo Laboratório de Hipermídia da UFPE (Virtus) o qual apresenta informações bem elucidativas sobre a época “áurea do rádio no Brasil”. O trabalho está em rede e pode ser acessado através do endereço [www.virtus.ufpe.br/novosite/historiadoradio](http://www.virtus.ufpe.br/novosite/historiadoradio). Acesso em 10/11/2012.

breves sobre o rádio, indicando escutarem músicas e notícias. Entretanto, alguns entrevistados e, em especial, Doroti e Marilene especificaram com mais detalhes o tipo de programação que costumavam ouvir, mostrando o quanto as lembranças desses momentos eram marcantes para elas.

O rádio, presente no Brasil desde as primeiras décadas do século XIX, teve reconhecida sua densa presença no cotidiano dos lares brasileiros entre as décadas de 1940 e 1950, época apontada por estudiosos da história do artefato como sendo a “era do rádio”. Ou seja, até a chegada da televisão – entre 1950 e 1960 – o rádio era o veículo de mídia com maior alcance, definido por seu imediatismo e pelo que representava de modernidade e desenvolvimento naquele momento.

A primeira transmissão de rádio no Brasil<sup>146</sup> foi ao ar em 7 de setembro de 1922, porém, o veículo demorou a se tornar popular, em razão do preço do aparelho e a demora na implantação de retransmissoras. Quando as dificuldades físicas foram superadas, a forma encontrada para popularizar sua programação foi lançar mão do mesmo recurso que os jornais, quando da invenção da imprensa escrita: a *narrativa folhetinesca*.

Nasceriam, assim, as primeiras transmissões de radionovelas no Brasil, fruto da dramatização de tramas literárias. A primeira radionovela transmitida no Brasil teria sido feita pela Rádio Nacional, com adaptação de Gilberto Martins, *Em busca da Felicidade* era a versão brasileira do original cubano de Leandro Blanco. Também são consideradas pioneiras as radionovelas “Fatalidade”, escrita por Oduvaldo Vianna e a radionovela "Mulheres de Bronze", baseada num folhetim francês.

Assim, a popularização do rádio - que na década de 40 tornou-se um produto acessível e assumiu um caráter de entretenimento – encaminhou a consolidação da radionovela. Para se ter uma ideia do sucesso alcançado, entre os anos de 1943 e 1945, a Rádio Nacional transmitiu 116 novelas, confirmando a aceitação do povo à nova aposta – na época - da programação das rádios. As adaptações de tramas internacionais perdurariam por anos, sobretudo das cubanas. Aliás, o maior sucesso em radionovela de todos os tempos foi “*O Direito de Nascer*” (1951), do cubano Félix Caignet, que ficou três anos no ar e que chegou a ser chamada popularmente de "O Direito de Encher".

---

<sup>146</sup> Disponível em:

<http://www.abert.org.br/site/images/stories/pdf/AHistoriador%C3%A1dionnoBrasiVERSaO%2020112.pdf>  
f Acesso em 10/11/2012.

Conforme Alves e Moraes (2004), um dos gêneros mais expressivos da *Época de Ouro do Rádio*, a radionovela possibilitava ao ouvinte imaginar situações e ambientes, desenvolvendo sua capacidade de criar imagens, pois, contando com o apoio de imagens, *os atores davam tudo de si nas interpretações, pois era o único meio de passar toda a emoção de uma “cena”*. (ALVES;MORAIS, 2004, p. 3)

As cenas que Doroti referiu, através das quais conseguia *imaginar o ambiente que as pessoas estavam... a fisionomia de cada um pela voz*, são ilustrativas da fruição possibilitada pelo rádio. Cada cena poderia ser imaginada pelo ouvinte e cada um, à sua maneira, poderia atribuir rostos e figurinos aos personagens e móveis e decorações às casas. Assim, a criação dos cenários era de certa forma, individual, tendo como único estímulo a voz dos atores e a sonoplastia da produção. O rádio possibilitava, então, recriar as *cenar longe dos olhos*.<sup>147</sup>

Alves e Moraes (2004) argumentam que, mesmo com a abrangência de temas que as radionovelas poderiam explorar, os autores brasileiros insistiam na antiga fórmula: o melodrama, como o dramalhão “Madalena”, apresentado pela Rádio Nacional.

As novelas de cunho religioso também fizeram muito sucesso. Exibidas às 18h, esses folhetins atraíam um público diversificado podendo ser exemplificado pela série “A Vida dos Santos” (Rádio Nacional).

Direcionadas às donas de casa, a temática das novelas girava, na maioria das vezes, sobre dramas; mais conhecido também como “rádio Lágrimas”, esse tipo de novela sempre fazia muito sucesso, atingindo o grande público feminino.

Por outro lado, a literatura teria também sua vez nas radionovelas, e diversas adaptações foram sendo feitas de grandes romances da literatura. Havia ainda as de fundo histórico, que retratavam episódios da história do Brasil; as regionais, que falavam do homem do interior; as de aventura, dirigidas ao público infanto-juvenil e, finalmente, as novelas de cunho religiosos, acima citadas, que compunham o horário

---

<sup>147</sup> Para Alves e Moraes (2004), essa questão da criação de imagens a partir da manipulação de sons teria sido por muito tempo levantada e discutida pelos estudiosos da Comunicação principalmente quando se dedicaram a entender o fenômeno radiofônico do século passado que imprimia sim, uma realidade provocada pela imaginação. As autoras argumentam que ainda haveria muito interesse nas discussões sobre o rádio, em pleno século XXI.

dedicado às histórias bíblicas, como a vida dos santos e contos de milagres (ALVES;MORAIS, 2004).

Marilene, outra entrevistada que aludiu a rotinas de escuta radiofônica, nos conta que o hábito de ouvir rádio era da família toda. Contudo, nem todos escutavam as radionovelas. Ela e sua mãe tinham preferência pelas novelas e costumavam ouvir juntas, mas ela, em especial, também apreciava as novelas de aventura, que passavam no horário das 18 horas. Já seu pai preferia o noticiário e a música. Ao detalhar um desses momentos que ficaram em sua lembrança, Marilene nos fala sobre o quanto o rádio esteve presente no seu cotidiano, sendo descrito a partir de modos de escuta.

P – E o que a senhora escutava no rádio?

E – Bom, o meu pai escutava noticiário e escutava música. E eu escutava “O direito de nascer” [risos] e escutava uma série que tinha às seis da tarde chamado “O bandoleiro do Capão dos Negros”. Era tipo de um “Zorro”. Eu sentava em uma cadeirinha que eu tenho até hoje, que a Vitória está com ela, uma cadeirinha de madeira, desse tamanho assim [mostrando uma cadeira pequena da neta de 04 anos], menor, mas cadeirinha mesmo, eu sentava assim oh [encenando com postura que sugere estar bem perto do rádio] tirava os óculos...

P – A senhora já usava óculos quando criança?

E – Eu uso óculos desde os 12 anos, tenho miopia. Botava o ouvido aqui, bem baixinho [o volume do rádio] não sei por que, escutava bem baixinho, e escutava a tal da novelinha. Isso todos os dias, as seis da tarde. (Marilene)

O fato de Doroti e Marilene serem apreciadoras das novelas de rádio, ainda na infância, me permite algumas discussões que passo a fazer.

Doroti, durante a entrevista, sentiu necessidade de expor sua opinião comparando as novelas que ouvia no seu tempo de infância e as novelas de hoje, evidenciando o espírito em relação ao que elegia como artefato para seu lazer, desde muito pequena. Isto estaria relacionado aos hábitos cultivados desde cedo, tanto em relação à escuta de histórias quanto ao desenvolvimento de seu hábito de leitura? Penso que sim. As novelas atuais, em comparação com a que ouvia no tempo de infância, *não eram as novelas da Globo* [risos]. *As cenas das novelas... naquela época... a gente tinha uma educação diferente de hoje, né. Então eram novelas bem leves que qualquer criança podia ouvir. E eram histórias, né...* (Doroti). Por outro lado, também, fica evidente a emergência de representações de uma infância como sendo uma fase pura, ingênua, comuns aos muitos discursos circulantes sobre a criança e que eram dominantes na década em que viveu sua infância.

Ao atentarmos a teorizações, discussões e debates que vêm, há algum tempo, abordando a temática de “ser criança”, nos deparamos com estudiosos, pensadores e até mesmo com pessoas não vinculadas às investigações acadêmicas (pais, mães, professores, educadores, cuidadores, etc.) que se esforçam em descrever, caracterizar, entender que tipo de criança, ou mesmo infância, estaria habitando nosso mundo na contemporaneidade. Alguns autores, como Ariès, Postman, Steinberg, dentre outros, discorrem sobre temas que vão desde o “desaparecimento da infância” (ARIÈS, 1974; POSTMAN, 1999) até a fabricação desses indivíduos contemporâneos como seres integrantes de “uma nova era da infância”, denominada, por alguns de “kindercultura” (STEINBERG, 1997).

Na contemporaneidade, é comum encontrar, em determinados discursos, representações de que as crianças estariam cada vez mais “adultizadas”, precoces, com pensamentos, responsabilidades e atitudes de “gente grande” além de desejantes de dinheiro e preocupadas com sua aparência. A exemplo disso, na mídia televisiva, especificamente, se podem elencar alguns dos papéis interpretados por crianças em folhetins novelescos, em que, muitas vezes, são as personagens infantis que determinam quando e como seus pais e demais pessoas adultas deveriam agir<sup>148</sup>, assumindo comportamentos tidos como próprios de adultos.

O estranhamento e a não concordância de alguns com tal situação emergem porque estamos acostumados a pensar a infância como a idade da pureza, da espontaneidade, do brincar e do descompromisso. Aliás, como bem observa Bujes (2003), isso acontece porque fomos constituindo as nossas maneiras de conceber a infância numa perspectiva moderna: *pensando-a como um dado universal e atemporal, realizando-se para todos/as da mesma maneira, seguindo os mesmos passos*, com problemas semelhantes para todos os indivíduos que por ela passam. Ou seja, teríamos na infância *uma idade de ouro*, um período marcado por uma progressão linear e *uma incrível tendência a mudanças – contínuas, graduais, cumulativas e previsíveis* (BUJES, 2003, p. 2).

---

<sup>148</sup>A interpretação de uma atriz criança como sendo vilã em uma novela da Rede Globo, durante o primeiro semestre de 2010, no horário nobre, provocou acalorados debates.

Utilizo-me novamente de Bujes (2003), por concordar com que, se as verdades estabelecidas sobre determinada “realidade” são coisas deste mundo, e se elas são sempre provisórias e problemáticas, *precisam ser constantemente inquiridas, submetidas a uma dúvida sistemática*. Nesse sentido, a mesma autora vai nos dizer que *o que é preciso pôr em questão são os regimes de verdade estabelecidos, os raciocínios amplamente aceitos, os modos de falar corriqueiros, tornando a linguagem um alvo de problematização* (BUJES, 2003, p.6).

Retomando as discussões sobre as preferências de escuta no rádio, faço um destaque para os diferentes estilos de escutas e os atravessamentos de gênero que encontrei no corpus dessa pesquisa. Explico. Para as mulheres parece haver uma preferência pelas radionovelas. Os homens, que referem também o rádio como artefato de entretenimento, o fazem a partir do seu interesse em ouvir músicas e notícias, tal como a preferência do pai de Marilene. Não se pode perder de vista, no entanto, que as preferências de programas no caso do rádio, por exemplo, podem se ligar a singularidades dos sujeitos. Elenco alguma dessas.

Para Antônio, por exemplo, o rádio, assim como o cinema, trazia-lhe maiores referências que nutriam seu imaginário sobre os Estados Unidos e o povo americano. Vejamos os seus comentários.

*Pelo rádio eu escutava muita coisa sobre os americanos. Inclusive, naquela época tinha rádios à válvula, tinha ondas curtas. Eu escutava pelo rádio as músicas, as orquestras americanas, as notícias. Na época não tinha televisão, o que tinha na época era o cinema. E o cinema mostrava muita coisa bonita dos Estados Unidos. Eu gostava muito dos filmes musicais também! [...] Eu trabalhei alguns anos em um escritório de contabilidade, que ficava no próprio prédio do cinema. Era do genro do dono do cinema. Inclusive eu trabalhava, às vezes no cinema, trabalhava na bilheteria. Então eu tinha acesso de graça, via todos filmes... (Antônio)*

Já o relato de José me permite entender que a audição de seu gênero preferido de música, na rádio escolhida, expressava, de alguma forma, um perfil próprio, que apontava para um “novo” horizonte de vida alcançado na sua trajetória, conforme discutido no capítulo III – ou mesmo, aquele que ele queria me mostrar na entrevista. A narrativa do momento em que conhece um poeta, com quem posteriormente criaria fortes laços aproximando-o ainda mais dos livros e da escrita, aponta para evidências de questões ligadas à sua construção identitária. Vejamos como ele nos conta.

[...] *E aí eu estou com o rádio ligado na rádio da Universidade, a rádio que toca só clássico. E ele [um cliente] chegou lá para levar um sapato para arrumar, nunca tinha ido lá. E chegou com a mulher dele, no balcão. E disse para ela: “tu vês, o cara é sapateiro e tá ouvindo clássico!” [risos]. Aí eu olhei para ele e ri e disse para ele: “mas eu gosto de clássico! Eu não estou impedido de gostar de clássico, né?” E aí começou minha amizade com o Jacildo. E o Jacildo ficou amigo mesmo, muito afetivo. Por causa da leitura e o gosto pela música. Ele era poeta, tinha muito livro publicado. E ele foi um dia lá em casa e me entupiu de livros[...].(José)*

Há imbricadas relações entre identidade e as construções possíveis de serem feitas por cada um de nós. Com base em Hall (2006), ao analisar as narrativas de Antônio e José, entendo-as como expressando identidades, construídas com objetivos de preenchimento do espaço entre o "interior" e o "exterior"— entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costuraria o sujeito à estrutura, estabilizando tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2006). Uma ressalva a fazer é que essa reflexão sobre identidade cultural tomada para analisar as narrativas de José e Antônio se nutrem de uma concepção sociológica de identidade, conforme propõe Hall (2006); contudo, penso ter sido produtiva para entender a construção feita pelos entrevistados naquele momento.

Por outro lado, relações entre identidade e música também vêm sendo bastante investigadas e discutidas ultimamente, em várias áreas, em especial na psicologia, na comunicação e nos Estudos Culturais. Dentre alguns desses estudos a que tive acesso, destaco a tese de doutorado, defendida no PPGEdU da UFRGS, intitulada: *Identidades musicais de alunas da pedagogia: músicas, memória e mídia*, de Maria Cecília Torres (2003). A tese traz um interessante estudo que lança luzes sobre as preferências musicais e a constituição identitária de pedagogas em sua fase de formação. Uma breve referência me possibilitou entender as narrativas de José e Antônio acerca de sua preferência musical, como não derivadas da fantasia, mas diretamente vivenciadas. Conforme a autora, a música nos daria uma experiência real do que o ideal poderia ser (FRITH *apud* TORRES, 2003, p. 53).

Finalizo essa seção com alguns comentários sobre a questão da publicidade entendendo que é ela a responsável pelo sustento de toda a produção das radionovelas e dos programas de rádio tão lembrados pelos entrevistados.

A publicidade, através do patrocínio, era quem mantinha novelas e os seus extensos elencos. Grandes empresas como Gessy Lever, Colgate-Palmolive, Kolynos, Guaraná Fratelli Vita, Produtos Eucalol, Sidney-Ross (produtos Melhoral), Royal e Biotônico Fontoura viam, na radionovela, um filão para ampliar o mercado de consumo feminino (ALVES;MORAIS, 2004). Um fato relevante de ser apontado é que os principais patrocinadores das radionovelas, nas décadas entre 1940 e 1960 são os mesmos anunciantes que encontrei na revista *Seleções*. Com exceção do Guaraná Fratelli Vita, todos os demais anunciantes possuem uma farta quantidade de material publicado nas revistas *Seleções* da época.<sup>149</sup>

Alves e Morais (2004) explicam que a *Standard* Propaganda, por exemplo, produziu a radionovela “Em busca da Felicidade”, do cubano Leandro Blanco, com 300 capítulos que foi ao ar em 1941 na Rádio Nacional. Como eram multinacionais, essas empresas apresentavam a mesma novela em vários países, como foi o caso de “O Direito de Nascer” transmitida em Cuba, México, Colômbia, Bolívia e Brasil. Podemos pensar na globalização de gostos, estilos e modos de ser que através dos enredos das radionovelas estariam desencadeando processos subjetivos, na sociedade daquele momento.

Estratégias mercadológicas de contato com o público desde muito tempo já eram exploradas. As agências de publicidade também se utilizavam de promoções junto a seus ouvintes. Em algumas dessas promoções, o ouvinte que enviasse o rótulo de algum produto – normalmente do patrocinador do programa – respondendo perguntas sobre o enredo, ganharia algum prêmio. Uma novela que obteve muito sucesso com essa fórmula foi “O Maestro”, na Rádio Jornal, patrocinada pela empresa Eucalol. Essas promoções também foram muito utilizadas no início da televisão e algumas continuam até hoje, em programas de variedades.

---

<sup>149</sup> Certamente os mesmos anunciantes, ou seus pares, patrocinariam, posteriormente – nas décadas de 1970 em diante –, as novelas da TV, mas isso são discussões para outros estudos.

### 2.3. O cinema, os apreciadores e os cinéfilos

Destaco agora outra mídia referida pelos entrevistados: o cinema. Retomo a narrativa de Vanda, já discutida no capítulo anterior, por sua referência ao cinema, reconhecido como mídia marcante em sua geração.

[...] tínhamos ídolos entre os artistas de cinema e os músicos da época: James Dean, Frank Sinatra, Elvis Presley. Estudar inglês em cursos fora do colégio era mais moda que necessidade cultural. Frequentávamos lanchonetes, comíamos waffles e banana split. Cachorro quente era hot-dog e Coca-cola, a bebida preferida.(Vanda)

Entre as décadas de 1940 e 1950, a cotidianização dos modos de ser *hollywoodianos*, com presença marcante na indústria cinematográfica, também povoavam as páginas de *Seleções*. Para Mira (2003), conforme já referido, haveria um elo entre cinema e revista.

Encontro na *Seleções* de 1944 imagens ilustrativas de publicidade cinematográfica na revista.

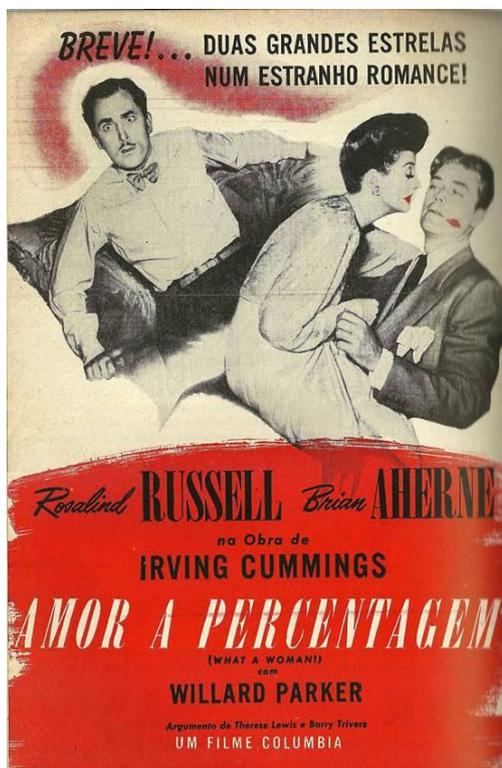


Fig. 41 – Anúncio de filmes: *Seleções*, Abril de 1944

Fig. 42 – Anúncio de filmes: *Seleções*, Maio de 1944

Tal presença se conecta com o fato de que a maioria dos entrevistados indicou o cinema como outro artefato muito apreciado. Para cada depoente, entretanto, o cinema teve representações que foram além do entretenimento. Como veremos, para alguns o cinema foi lugar de trabalho e de encontro com a cultura admirada; para outros, representou uma possibilidade de entretenimento gratuito e para outros, ainda, foi como uma “paixão”. Vejamos.

*Eu frequentava muito o cinema. Acho que foi também porque trabalhei alguns anos em um escritório de contabilidade, que ficava no próprio prédio do cinema. Era do genro do dono do cinema. Inclusive eu trabalhava, às vezes no cinema, trabalhava na bilheteria. Então eu tinha acesso, de graça, assistia a muitos filmes. Filmes de faroeste, musicais, filmes de guerra, vários tipos de filme. Mas os que eu mais gostava mesmo eram os musicais. E tinha muitos filmes musicais naquela época. Então, através desses filmes, eu conhecia a cultura americana. (Antônio)*

*[...]Jeram filmes bonitos, de histórias, de aventuras. Nas terças era mais barato o ingresso, então dava para ir. Era sessões à noite, íamos eu, o pai, a mãe e meu irmão.(Amélia)*

*Eu sou cinéfilo. E eu tenho um filho que é cinéfilo também, é que uma das minhas facetas é entender de cinema. E ele é assim também...(José)*

Meneghello (1996) em interessante trabalho intitulado *Poeira de estrelas*<sup>150</sup> trata das implicações culturais da prática de ver filmes americanos nas cidades brasileiras. Sua abordagem não se prende à análise das influências de uma cultura dominante e “hegemônica” sobre a cultura de um país subdesenvolvido, ou de ideias semelhantes que moldaram a pesquisa sociológica ou a própria história do cinema nacional nas décadas de entre 1940 e 1950, visão que a autora critica. Em seu trabalho ela busca mostrar, a partir da circulação das imagens dos filmes hollywoodianos, como se forma uma rede de produção e consumo de signos que, ao permear o público, “produz o espectador”, segundo a definição da autora. Assim, o cinema produziria a si mesmo e ao seu público numa cadeia que vai desde os seus temas, a propaganda ou a indústria das “estrelas” e o seu culto, até a produção dos ideais de beleza, moda e comportamentos veiculados nas revistas femininas ou de cinema, a cuja existência está diretamente atrelada. Nessa cadeia que não para de se expandir, define-se e pode-se ver projetado

<sup>150</sup> Ver MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de estrelas. O cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50.* Campinas, Editora da Unicamp, 1996.

também o “campo amoroso”, o sexual ou o moral. A partir dessa percepção e desse encadeamento, não haveria uma relação de submissão entre os produtores alienígenas, “descarregando sua ideologia”, e os receptores desavisados, que seriam facilmente modelados pelos filmes. O que haveria seria a produção de um espectador que participa das próprias ideias que consome, incorporando-as conforme suas necessidades e seu universo cultural numa complicada rede, cujo início não estaria exatamente no estúdio de Hollywood nem o seu final, na poltrona ocupada do cinema. Meneguello rejeita as abordagens dicotômicas de um nível de produção de imagens e outro, de recepção das mesmas, mostrando que, na complexidade do funcionamento da cultura da mídia, tanto as imagens de um filme ou as informações inverídicas da vida do seu ator principal, moldadas pelo *star system*, quanto a arquitetura e o cerimonial de uma sala de exibição são igualmente constituintes de um filme. Desta forma, o cinema é tratado pela autora não só enquanto obra estética, mas também como um conjunto de significações que estão dentro e fora da tela ao mesmo tempo.

A importância do cinema no cotidiano do brasileiro parece ter sido representativa a ponto de ser pensada como estratégia comercial, como a referida por Márcia. Por gostar muito de cinema e imaginar que outras pessoas também gostavam, pensou em tornar tal atividade um negócio, montando uma locadora de vídeos, pois pretendia que as pessoas tivessem “cinema em casa”. Porém, chegou à conclusão que o tal negócio não era lucrativo, pois os filmes eram muito caros e demoravam a dar retorno financeiro.

[Cinema] *Sim, gosto muito. Eu achava que poderia ser um bom negócio. A gente teve até uma locadora. Eu e meu esposo. Porém, vimos que não funciona muito. Vídeo é uma coisa que não é um negocio rentável...*(Márcia)

Já a narrativa de Alda merece destaque sobre a alusão a sentimentos e percepções em relação ao cinema. Durante a entrevista, ela enfatizou que seu interesse de longa data pelo cinema foi de tal forma envolvente que a conduziu para além de ser apenas uma simples espectadora “apaixonada” pelo cinema. Afirma que já há algum tempo, trocou a leitura pelo cinema como atividade preferida em seus momentos de lazer. Considerando-se uma cinéfila, chegou até em pensar em fazer um curso de cinema, mas logo desistiu, por não encontrar formação disponível no tempo em que teve tal ímpeto, o que a levou a fazer teatro universitário nos tempos em que cursava a

faculdade. Resulta daí uma estante com muitos livros localizados organizadamente em sua sala de visitas, os quais têm “tudo sobre teatro e cinema”. Destaca que sua admiração *por essa arte*, segundo ela, está cada vez crescendo mais. Durante nossa entrevista, Alda narrou muitas histórias de filmes a que assistiu, de forma a traçar comparativos com sua vida na condição de mulher na sociedade. Seu encantamento pelo cinema a tem conduzido à produção de uma escrita, que pode ser localizada como sendo fora dos padrões canônicos. Transcrevo a seguir o momento em que narra sobre suas escritas, carregadas de representações de uma identidade irreverente que Alda foi constituindo ao longo de sua trajetória.

*Eu tenho um caderno que já está com umas 300 folhas. Escrevo, assim, tudo o que dá na telha, entende? Comentário de algum filme, de um encontro, a carta que alguém me mandou, poesia, tudo o que tu pode imaginar. Não é um diário. Porque diário é outra coisa. Eu quero publicar uma coisa que se chama assim “nexos desconexos”. Que é feito só de títulos de filmes. Um amigo meu que mora na Noruega, chegou assim e disse para mim: “não sei se alguém que não vai muito ao cinema, vai entender”... Porque tinha um cara aqui [outro amigo que havia feito a leitura do material] que não era muito cinéfilo e disse: “mas eu não encontro aqui nenhuma linearidade....” E eu disse: “cara, não procura linearidade, não é uma sequência de narrativas”. Esse caderno, está se desmanchando, acho que deve ter mais de 100 anos. Esse caderno eu ganhei de uma família francesa quando morei lá. (Alda)*

Até aqui, as discussões apresentadas ilustraram alguns aspectos que inseriam o cinema e o rádio no panorama *cultural nacional* que, especialmente, nas décadas de 1940 e 1950, teria o rádio como *centro*, conforme Rocha (2007). Na sequência veremos como a televisão passaria a integrar tal espaço.

#### **2.4. A chegada da TV**

Em janeiro de 1944, a revista *Seleções* publicou um anúncio ocupando uma página, com o título: *A eletrônica trará a televisão ao nosso lar*. A publicidade da empresa General Electric destaca a imagem de uma menina loura apontando uma caixa, onde, em preto e branco, um palhaço ocupa parte da tela; a imagem é acompanhada por um texto que procura explicar as potencialidades técnicas do novo invento, possibilitado pelo desenvolvimento da “eletrônica”, classificada como “uma nova ciência para um novo mundo”. A empresa, deixa claro o anúncio, participa ativamente do esforço

científico de tornar possível a transmissão de imagens em aparelhos domésticos, realizando experimentos no sentido de desenvolver a “nova ciência”.

**A Eletrônica trará a Televisão ao nosso Lar**

MEIO século já transcorreu desde que a primeira mensagem radiotelegráfica foi transmitida. Hoje, a rádio-difusão leva as mais longínquas fronteiras da terra as notas de uma sinfonia ou as últimas notícias das frentes de batalha.

Amanhã, por meio da televisão, presenciaremos, comodamente sentados em nossa casa, um jogo de futebol, ou o vitorioso espetáculo de um corso carnavalesco. Acompanharemos o intrépido explorador e em suas viagens através das selvas ou seguiremos o voo sobre os sismos dos Andes... [...]

Depois da Vitória, graças a experiência adquirida durante a guerra, os receptores de televisão General Electric permitirão V.S. convidar à sua casa, seus amigos e parentes para assistir uma ópera ou um filme cinematográfico transmitido pela televisão. (*Seleções*, janeiro de 1944)

**RADIO • Eletrônica • TELEVISÃO**

**ELETRÔNICA**—Uma ciência nova para um mundo novo.

*Um interessante folheto de 32 páginas, em português, impresso em lindas cores, descreve a história da televisão e outras invenções eletrônicas. Peça-o ao distribuidor local da General Electric ou à International General Electric Co., Inc., Electronic Dept., Schenectady, N.Y., E.U.A.*

**GENERAL ELECTRIC**

Meio século já transcorreu desde que a primeira mensagem telegráfica foi transmitida. Hoje a radiodifusão leva as longínquas fronteiras da terra as notas de uma sinfonia ou as últimas notícias das frentes de batalha.

Amanhã, por meio da televisão, presenciaremos comodamente sentados em nossa casa, um jogo de futebol, ou o vitorioso espetáculo de um corso carnavalesco. Acompanharemos o intrépido explorador e em suas viagens através das selvas ou seguiremos o voo sobre os sismos dos Andes... [...]

Depois da Vitória, graças a experiência adquirida durante a guerra, os receptores de televisão General Electric permitirão V.S. convidar à sua casa, seus amigos e parentes para assistir uma ópera ou um filme cinematográfico transmitido pela televisão. (*Seleções*, janeiro de 1944)

Fig. 43 – Anúncio GE – *Seleções*, janeiro de 1944

A leitura da matéria da General Electric permite algumas considerações: a televisão naquele momento seria a tecnologia que inseriria, definitivamente, o país na modernidade; tal invenção seria decorrente da capacidade inventiva do homem; ampliação da reprodução sobre a forma de verdade das imagens do mundo; a televisão seria o meio mais completo do que a radiotelegrafia, que permitiu a captação das ondas sonoras nos espaços domésticos. Imersa numa imagem de sonho, a televisão apareceria materialmente como próxima ao rádio e ao cinema, um misto e uma superação dos dois.

As promessas de um bem como a televisão causava uma mistura de estranhamento e admiração. Afinal, prometia-se a “reprodução nítida e precisa das imagens” e prometia -se também que, através desses receptores, poder-se-ia “assistir em casa aos mais importantes acontecimentos”. Criava-se, portanto, uma expectativa que estava longe das possibilidades iniciais do meio: as imagens ainda não eram nem precisas, nem nítidas e nem era possível a produção de programas que as transmitissem. Assim, a televisão antes de ser materialidade já estaria povoando o imaginário das pessoas (RIBEIRO et alii, 2010).

A chegada da televisão nos lares brasileiros, sem dúvida, foi também um marco histórico, ficando guardada nas lembranças dos entrevistados dessa pesquisa, como se pode ler na narrativa de Doroti, para qual a leitura que fazia de *Seleções* lhe permitiu, de certa forma, antecipar o futuro.

*Eu li uma vez na Seleções sobre a TV. Que já estavam fazendo... que havia um aparelho assim... Aí eu pensei: bah... eu não vou conhecer isso aí! Deve vir muito, muito [enfaticamente] depois de mim. Porque deve ser uma coisa assim que a gente não acreditava na possibilidade de existir mesmo e todo mundo ter acesso àquilo. (Doroti)*

Essa imaginação permitiria a antevisão do meio como um híbrido entre o rádio e o cinema, e a sua instauração num lugar simbólico multiplicaria as faces desconhecidas e tornaria os acontecimentos do mundo ainda mais próximos. A televisão, considerada, assim, como uma moderna tecnologia da eletrônica, com imagens em movimento, era uma possibilidade de levar ao espaço privado imagens e programas antes disponíveis apenas ao espaço público (RIBEIRO et alii, 2010).

A rede Tupi, criada em 1950, teria sido a primeira emissora de televisão do Brasil e teria sido absoluta ao longo de muitos anos. Conforme Ribeiro et alii (2010) foi Chateaubriand quem teria trazido dos EUA duzentos aparelhos de TV e os teria espalhado pelo Rio de Janeiro, criando um clima “hipnotizante” pelas imagens e sons do mais novo invento a desembarcar em países que estariam se modernizando.

A televisão dos anos 1950 começaria a modelar novas formas de envolvimento coletivo, indicando o avanço do processo de “privatização do cotidiano” e o espírito inicial de improvisação da década de 1950 iria dando lugar à maior profissionalização dos anos 1960, período em que ocorreu uma expansão significativa do mercado televisivo no Brasil. (RIBEIRO et alii, 2010).

Hoje onipresente, a televisão era uma incógnita, quando da sua primeira transmissão, em setembro de 1950; ao longo de sua existência, veio se firmando como a mídia de maior impacto na sociedade brasileira, considerada atualmente a principal opção de entretenimento e de informação da grande maioria da população do país. Para muitos ainda, é a única e suas imagens marcam – e mobilizam em muitas formas – a vida e as ações de milhões de pessoas. A televisão faz parte, enfim, da vida nacional. (ibidem).

Inicialmente o aparelho de TV era um bem considerado caro e, por isso, não era acessível a todos. Marilene recorda que foi só na década de 1960 que sua família adquiriu o bem. Lembra, também, do momento marcante em que a TV passa a ser transmitida em cores.

*A televisão... Quando o meu pai comprou a televisão eu já era adulta. Eu nasci em 44, a televisão era em preto e branco, essa que meu pai comprou... Eu acho que meu pai comprou depois da década de 60. Porque a primeira transmissão em cores foi em 1972, foi da "Festa da Uva em Caxias". Isso eu me lembro daquele dia. Pouquíssima gente tinha televisão. Tínhamos em preto e branco. Mas a cores era assim raríssimo... Até o Pioneiro [jornal de Caxias] fez nesse ano uma reportagem... dos 40 anos da primeira transmissão da TV a cores, né? E eles fizeram uma reportagem com pessoas que naquela época tinham. Era uma meia dúzia, só. Era uma coisa assim caríssima, sabe? (Marilene)*

Para Roger Silverstone, a televisão é um conector basilar do mundo individual do sujeito com o social que o cerca. Segundo o pesquisador, *estudar televisão é o mesmo que estudar o cotidiano* (SILVERSTONE, 2005: 77). Resgatar experiências cotidianas seria fundamental para a melhor compreensão das dinâmicas sociais, políticas e econômicas envolvendo o indivíduo e a sociedade na qual está inserido.

Para Martin-Barbero (2003) a televisão, na América Latina, estaria implicada em dispositivos ideológicos que passariam uma imagem que chama de *democratização desenvolvimentista*. A televisão unificaria, dessa forma, a demanda para expandir o seu mercado hegemônico. O mesmo autor ainda acusa a TV latino-americana de imitar a TV norte-americana, por sua tendência em criar um único público através do qual as diferenças são absorvidas. No entanto, apesar de massificada, o autor defende que imprensa e pesquisadores possam refletir sobre as diferenças culturais e políticas que estariam aí imbricadas.

Focalizando a relação entre a TV e as revistas, observo que há convergência entre estudiosos sobre o fato de um dos impactos da chegada da televisão ter sido a redução do interesse dos leitores em relação a artefato cultural impresso.

Assim, Irene afirma que logo que a televisão chegou em sua casa, na década de 1980, seu interesse por *Seleções* diminuiu e um dos motivos seria a amplitude dos assuntos que a tv trazia.

*Até 1980 eu assinava, depois eu não assinei mais. Tinha a televisão, por isso, né. Eu via na TV e depois é que aparecia na revista. Eu gostava da revista porque ela trazia novidades, descobertas científicas ou História...(Irene)*

Doroti atribui à TV o pouco interesse pela leitura que seus filhos têm – dos seus quatro filhos, apenas uma se interessa – , embora tivesse feito esforços para incentivar o hábito que lhe foi passado pela sua mãe.

*Quando meus filhos eram pequenos eu fiz a mesma coisa que a mãe. Eu contava histórias para eles. Lia bastante. Mas eles pegaram a malvada da era da TV, e aí eram aqueles desenhos, super heróis, então já foi mais difícil de controlar. Isto que eu morava no interior. Ainda eles jogavam futebol, eles brincavam muito, mas a leitura foi ficando mais de lado. Tem um só que gosta. (Doroti)*

Contudo, a televisão também foi citada como não sendo muito apreciada pelos entrevistados. A grande maioria comentou assistir muito pouco, se atendo mais aos noticiários e alguma novela selecionada. Dentre os entrevistados, também encontrei aqueles que dispõem das novas tecnologias que lhes têm permitido uma outra relação com a TV. Sobretudo, aqueles entrevistados apreciadores de cinema disseram encontrar na TV por assinatura uma possibilidade interessante que lhes permite selecionar as programações que mais lhes agradam, mantendo em paralelo sua dedicação à leitura. Vejamos uma dessas narrativas.

*Eu, por exemplo, pego a revista da Net e vejo a programação. Porque o meu horário de ver filme é que nem quando eu era solteira. É o filme das oito! No cinema eu vou sempre no filme das oito. Nunca fui de ir ao cinema muito tarde. E aí eu vejo toda a programação de todos os telecines, o que é que tem as vinte horas. Aí quando não tem nada que presta eu fico no meu Globo News em pauta, no jornal, ou vou ler. E se tem algum filme que eu queira ver nesse horário, então eu vejo o filme. Mas também se eu começo ver o filme e não é como eu imaginava, já desligo a tv e vou fazer outra coisa. Eu não fico vendo só por ver... Eu sou muito chata para filme, sabe? Filme de violência eu não gosto, terror, menos ainda... (Marilene)*

Muitos têm sido os discursos relacionando a diminuição do ato de ler da população ao surgimento do rádio, da TV e, mais atualmente, da internet, conforme já comentado no capítulo II dessa tese. São discursos que afirmam que tais artefatos que exploram sons e imagens cativariam, mais que a leitura, um maior número de pessoas, especialmente as crianças. Contudo, reitero novamente que tais discursos, ao fazerem as comparações, estão considerando a leitura canônica de livros, sendo que não se considera a leitura de jornais, revistas, folhetins, textos em telas de computador, etc. É indiscutível que no século XIX as classes letradas liam muito mais romances que nos dias de hoje, porém, admite-se que, com a modernidade, a mudança da vida e dos costumes, outras formas de leitura foram sendo criadas, outros interesses foram surgindo, o que não significa que as pessoas estejam deixando a leitura de lado.

Um dado que chamou a atenção nessa pesquisa, conforme já referi, é que a maioria dos entrevistados alegaram terem pouco interesse pela televisão. Penso que a frase de Doroti sintetiza de alguma forma, a opinião de vários dos entrevistados: *e o que eu gosto na leitura é que tu podes imaginar... Não é como a TV. A TV não te deixa imaginar, terminou tua imaginação.* Para muitos dos entrevistados a televisão é valorizada apenas em seu aspecto informativo. Por isso, os noticiários é que são normalmente assistidos e alguns programas da TV por assinatura, conforme já comentado. Apenas dois entrevistados salientaram gostar de assistir novelas na televisão: José e Marilene – que faz algumas restrições, referindo assistir apenas algumas das novelas, quando são de época e no horário das 18h. Ou seja, dentre os doze entrevistados, ao compararem TV e leitura, a maioria ainda prefere essa última, conforme ilustram as narrativas de Mariana, Marilene e Doroti.

*Mesmo quando chegou a televisão nas casas, no final da década de 60 e 70, acho que não interferiu em nada nas minhas preferências por leitura, porque eu vejo e sempre vi pouquíssimo televisão. O que eu gosto de assistir na televisão é só o noticiário, para ver como vai ficar o tempo, o que está acontecendo. Mas se repetem muito as notícias!*

*Que nem essas falcatruas políticas, as denúncias de corrupção nas licitações apresentadas no Fantástico em reportagem que foi ao ar no início de março de 2012. Isso fica aí repetindo a toda hora. Aí eu já não me interessou mais. Eu não sou muito de televisão. (Mariana)*

*Eu nunca fui muito chegada em televisão. Ainda hoje eu passo dias e dias que não ligo. Eu não sou muito de TV. [...] quando veio a TV eu assistia assim, algumas novelas, que naquela época eram até boas, era outra coisa. Não tinha essa violência, essa sexualidade, esse erotismo desenfreado de hoje. Naquela época não tinha. Era tudo velado. Eram histórias bonitas. Agora não vejo mais graça nenhuma. Hoje não assisto mais. De vez em quando, quando eu vejo que a novela das seis é uma novela de época, eu gosto.*

*Então eu assisto assim, o meu programa preferido na TV é no canal 40, a Globo News em pauta. Esse é o meu programa preferido. Quando eu estou em Caxias eu assisto todas as noites. Das oito às nove. Eu gosto do apresentador que ou é o Sérgio Aguiar ou é o Grilo, gosto daquelas três pessoas lá que são os comentaristas que são um de Nova York, um de São Paulo e um de Brasília. Gosto de política, gosto muito dos comentários da Cristiana Lobo, do Gerson Camarote, eu gosto muito disso. Então eu assisto esse tipo de coisa. (Marilene)*

*Mesmo quando a televisão passou a fazer parte do mobiliário das casas, não diminuiu meu interesse pela leitura. (Doroti)*

Até aqui, discussões sobre o rádio, o cinema e televisão mostraram, de alguma forma, a relação estabelecida entre tais artefatos e o cotidiano dos entrevistados dessa pesquisa. Ao tomarmos como exemplo suas narrativas, veremos que, como sujeitos “modernos” e pertencentes ao seu tempo, eles vão, paulatinamente, se apropriando e fazendo uso dos artefatos que vão sendo disponibilizados. Assim, da *tecnologia eletrônica*, que pertenceria à *era da informação*<sup>151</sup>, passariam para a *era digital*, conforme Meditsch (1997). Vejamos a seguir.

## **2.4 A era digital**

As transformações pelas quais a sociedade vem passando implicam, de certo modo, as constituições identitárias, conforme aprendi com Hall (2006), e permitem entendermos que tais identidades foram se diferenciando daquelas referidas por concepções iluministas e sociológicas, passando a ser entendidas como *identidades fragmentadas*. Assim, a partir da configuração do mundo, nessa pós-modernidade ou

<sup>151</sup> Meditsch (1997) considerando os estudos de Schiffer (1991), explica que o rádio foi o primeiro artefato eletrônico a penetrar no espaço doméstico. Esta condição eletrônica que estaria na sua origem, muitas vezes, é obscurecida ao se contrapor uma “era do rádio” que pertenceria ao passado a uma outra “era da imagem” a qual definiria o presente e apontaria para o futuro. Como parece evidente, o rádio não terminou com o fim do que seria a “sua era”. A melhor maneira de explicar isto é compreender que não foi nem o som nem a imagem que estabeleceram novas eras, mas sim a *tecnologia eletrônica*: tanto o rádio como a TV pertencem à *era da informação*, e o rádio teria sido a manifestação mais precoce da era eletrônica na comunicação de massa.

modernidade tardia que estaríamos vivendo, interpelados pela globalização e pela tecnologia e, em especial, com a difusão do acesso à internet, todo esse contexto contribuiria definitivamente para os processos de identificação dos indivíduos. Acerca disso, afirma Hall:

quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as Identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (HALL, 2006: p. 75)

Diversos autores com quem dialogo ao longo desse estudo – Hall, Silverstone, Kellner, Bauman, Barbero e Steiberg, dentre outros – apontam o impacto da mídia nos modos de ser e de estar no mundo. E, nesse sentido, se as identidades são impactadas por tais dispositivos, seus efeitos irão se materializar em práticas sociais. Tal situação incidirá também, por exemplo, nas práticas de leitura e escrita tal como as apresentadas por Chartier (1998) em seus estudos. Conforme esse autor, em se tratando de leitor e material de leitura, as formas disseminadas pelas novas tecnologias afetariam também o significados.

Em relação aos discursos sobre os recursos e os benefícios diferenciados que seriam oferecidos por essa nova forma de leitura, a leitura em suportes eletrônicos parece não fazer parte do horizonte da maioria dos entrevistados dessa pesquisa. Ao contrário, em se tratando de leitura, o livro ou a revista – no caso dessa pesquisa – ainda é citado como portador preferido. É bem verdade que isso pode se explicar pela faixa etária da maioria dos entrevistados – entre 66 e 79 anos. Entretanto, mesmo as mais jovens das mulheres – Karla e Marilene – também partilham da mesma consideração.

Karla, ao relatar as diferenças entre a leitura no livro e nos novos suportes tecnológicos, deixa claro seu posicionamento: não tem dúvida, prefere sempre o livro. Sua opinião crítica em relação aos artefatos atuais conduz suas atitudes em relação à oferta de atividades à filha. Através do diálogo estabelecido evidencia-se a cotidianidade de um momento experienciado. Vejamos.

P – E quanto aos novos suportes de textos: leitura no computador, nos tablets, o que achas?

E – Não, não gosto. Eu gosto de ler mesmo no livro ou na revista. Acho que ler no livro tem todo um clima. Tem pessoas que podem pensar: ah, que coisa mais retrógrada... mas acho que tem toda aquela questão... do livro, da meia luz, do clima... Para mim, né. Leio sempre deitada, recostada. Eu curto o marcador, o tamanho do livro, a textura do papel. No livro eu vejo o quanto já li, quanto falta... Na maioria das vezes leio quando estou sozinha, em silêncio.

P – E a tua filha explora estes outros suportes?

E – No computador, ela ama o jogo dos 7 erros. Ela tem dois jogos no computador hoje. Durante a semana ela não usa o computador. Eu procuro fazer ela explorar outras coisas. Esses dias encontramos com uns amigos que tinham uma filhinha de dois anos com um tablet. E os pais pediram a ela: “mostra para a tia Karla como funciona...” e a guriuzinha de dois anos e meio, disse: “olha só tia Karla”... e vai e vai [gesticulando como a menina mexia com destreza o equipamento]. A Bruna [sua filha de seis anos] já está atrasada em relação a esta menina. Eu fiquei chocada, mas não estou triste porque minha filha esteja atrasada. Eu fiquei pensando... nossa! Ela tem dois anos e meio... que lindo ter o domínio, mas aí ela já estava agarrada naquilo, né. Aquilo era tudo para ela... A minha filha quando sai, ela sai com massa de modelar, um caderno com um lápis de cor, mas aquela menina ali... é a geração... A mãe dela, uma menina de vinte anos... ela não vai conseguir fazer diferente, porque ela já recebeu isso. Eu não sou contra a tecnologia, óbvio, mas eu busco conviver harmonicamente com ela.

Márcia também é contrária ao uso do computador para a leitura, sobretudo, pensando na formação das crianças. Explica que ainda não tem computador em casa e que isso não afeta em nada o desempenho escolar de sua filha de onze anos, ao contrário, só auxilia, pois a obriga *ler, analisar e processar*. O fato de possuir uma biblioteca de *Seleções* supriria as necessidades das pesquisas da filha, ao mesmo tempo em que seria um incentivo à pesquisa, à reflexão e à leitura. Informou que muitos dos trabalhos escolares da filha já foram feitos a partir de *Seleções*. Ter uma biblioteca de *Seleções* seria

[...] um dos motivos para a gente não ter computador, por que daí vai procurar e pesquisar aqui [apontando para a *Seleções*]. É muito mais interessante procurar aqui do que tu ir baixar ali no computador. Tá lendo na revista, no livro, entendeu? Porque aqui [na *Seleções*] tu tem que ler, analisar e processar. No computador não é assim. Até pode ter gente que faça né; não vou dizer que eu não vou pegar um texto no computador, não vou ler, não vou localizar direitinho. Mas eles [as crianças] não fazem isso. Eles querem é [gesticulando com o estalar dos dedos] rapidez...

Ao olhar para as narrativas dos entrevistados dessa pesquisa, encontrei resistências ao uso das novas tecnologias, mas também encontrei aprovações em relação a esses “novos” modos de leitura disponibilizados pela *era digital*. Alguns dos entrevistados, mesmo aqueles com mais idade, dentre esses Antônio, José e Doroti

aderiram a essas “novas tecnologias”, sendo que esses poderiam ser encaixados em um novo tipo de “identidade leitora”: aquelas conectadas às redes sociais.

Antônio parece ter encontrado no computador um portador de textos capaz de lhe prender mais a atenção; talvez, por esse motivo admita ler mais agora nesse tipo de artefato, se comparado às leituras no livro ou na revista.

*Atualmente, eu continuo a não ler muito [livros e revistas]. Aprendi a lidar no computador. Fiz um cursinho há uns dois anos e comecei a aprender mexendo nos programas. Por isso, hoje leio mais no computador; quando tenho alguma dúvida, boto lá e procuro para ver como funciona alguma coisa. (Antônio)*

Já José encontrou nas novas tecnologias a possibilidade de continuar expandindo seus relacionamentos sociais, agora virtualmente. Entendo que José tenha encontrado aí, também, alguma forma de obter reconhecimento. No excerto que apresento, ele conta que faz parte de um projeto que ele chama de “uma música por uma poesia”. O tal projeto oportuniza que José divulgue seus autores prediletos: Shakespeare e Camões.

*Eu estava mandando há pouco um soneto do Shakespeare... Eu tenho contatos com muitas pessoas por e-mail... Estava agora mesmo com uma senhora, não sei se é senhora ou é moça, de Passo Fundo... Eu tenho um projeto que é “uma música por uma poesia”. Então ela me manda uma música, escolhida ao gosto dela e eu mando uma poesia. Então eu capricho para mandar o que há de melhor e ela também capricha para me mandar o que há de melhor em música...[risos].(José)*

Doroti nos apresenta uma relação um tanto peculiar com as novas tecnologias. Em tom melancólico, diz ter encontrado nas novas formas de comunicação um apoio para sua vida que, com o passar do tempo, já estaria mais solitária. Como leitora apaixonada que é atualmente ela já não encontrava pessoas com quem trocar suas opiniões e aprendizados. E foi através das ferramentas tecnológicas atuais que Doroti se reencontrou como leitora podendo discutir sobre suas experiências cotidianas. Vejamos.

*E é o que eu sinto falta hoje... a gente vai chegando assim numa época da vida, que até as amigas, as pessoas que a gente conhecia, que viveram contigo tua vida, já vão nos deixando... Então tu não tens muito com quem comentar. E o que eu sinto mais solidão é isso aí, oh! É um livro bom que eu leio e que eu não tenho pra quem dizer “olha eu li esse livro, é bom, assim, assim...”. “Olha eu gostei desse autor, esse aqui, oh...”. “Eu li oh... não sei se vais gostar... eu não gostei...”. Mas eu não tenho com quem fazer isso. Agora aqui [apontando para o computador] eu estou encontrando assim... mas muito poucas pessoas da minha idade. Parece assim, oh... que quando a gente vai perdendo os amigos, eles vão morrendo, tu vai morrendo um pouquinho também. Porque a tua história vai morrendo. Quem te conhece vai deixando de existir. Porque a gente não vive sozinha, a gente... eu não me sinto... eu sou uma pessoa... Eu não sei se eu sei te explicar, mas eu vivo porque eu tenho os meus amigos, eu*

*tenho os meus irmãos, os filhos, as pessoas que eu convivo, aqui o zelador do bloco... Essas pessoas todas fazem parte da minha vida, e então assim, no momento que essas pessoas vão desaparecendo a minha vida vai ficando pequeninha. Porque vai mesmo perdendo sentido. E, principalmente, das lembranças, dessas coisas assim. [...] Isso é uma das coisas que me sustenta um pouco a vida... É relendo alguma leitura que eu tenho desde criança, aqui [apontando para o computador]... Então ela me lembra fases boas da minha vida... No computador, tenho o Facebook, no Orkut, eu nem mexo mais... [...] Na internet eu encontro pessoas. Foi aí que eu comecei a perder o medo de falar com essas pessoas da minha época, que eram pessoas que tinham estudado e agora estavam, aposentados. Foi aí que eu comecei a me relacionar. Tem uma pessoa, que é uma professora aposentada, que eu nunca vi, mas que a gente conversa bastante, porque ela é de uma cidade que eu adoro, que é Tupanciretã. Eu tenho boas lembranças de lá! Então, a gente conversa muito e eu me sinto um pouco próxima dela por isso. Tem uma outra que era colega da aula de informática lá da PUC, que nunca mais a gente se encontrou pessoalmente, mas na internet a gente conversa muito. (Doroti)*

A consistente reflexão de Doroti emoldura, de certo modo, um possível cenário, o qual muitos leitores contemporâneos estariam vivenciando. Dentre os aspectos referidos por ela, destaco, em especial, a alusão ao sentimento de “falta” que estaria sentindo no momento, por não ter com quem compartilhar leituras. Para a entrevistada, a leitura é reconhecida também pelas possibilidades de compartilhamento que propicia, considerado como aspecto importante no seu cotidiano. Vínculo a inteligente reflexão de Doroti às referências de Chartier e de outros estudiosos da leitura, sobre a possibilidade das relações de convívio e vínculo serem estabelecidas a partir da leitura (CHARTIER, 1998, p. 144).

Tais reflexões permitem pensar que a *era digital* estaria apontando novas possibilidades, também para leitores e leituras e, ao mesmo tempo, novas formas de relacionamento, em especial, em se tratando de pessoas reconhecidas como sendo “mais maduras” ou pertencentes à “terceira idade” ou “melhor idade”.

Por fim, como bem nos explica Chartier (1999), independente da pluralidade de existência dos textos, ao considerarmos seu processo de produção de sentido, não se pode perder de vista a trilogia absolutamente indissociável aí implicada. Ou seja, a relação da leitura com um texto depende, é claro, do texto lido, mas depende também do leitor, de suas competências e práticas, e da forma na qual ele encontra o texto lido ou ouvido. Chartier constata que, indubitavelmente, cada forma, cada suporte e cada estrutura de transmissão e de recepção do texto produzem uma diversidade de apreensões, manejos e compreensões múltiplas, diferenciadas e complexas pelo leitor, sujeito inventivo, encarnado e imerso em práticas culturais historicamente concretas e

que vão se transformando. Tais referenciais serviram de mote para o entendimento sobre tantos modos de leitura e de suportes que foram discutidos nessa tese.

Encaminho a seguir o que chamei de *Leituras [e escrita] finais*, para o fechamento desse estudo.

## CAPITULO V

### Leituras [e escrita] finais...

O estudante isola o que leu, repete-o, ruma-o, copia-o, faz variá-lo, recompõe-no, diz e contradiz o que leu, rouba-o, fá-lo ressoar com outras palavras, com outras leituras. Vai-se deixando habitar por ele. Dá-lhe um espaço entre suas palavras, suas ideias, seus sentimentos. Torna-se parte de si mesmo. Vai-se deixando transformar por ele. E escreve. (LARROSA, 2003)

É chegado o momento de finalizar as leituras desse estudo com essa escrita. Pergunto-me: como concluir? Como fechar uma investigação que resultou em muitas leituras, uma multiplicidade de histórias, inúmeros dados, variadas representações? Não há como concluir esse estudo com resultados definitivos, fechados. Até porque esses mesmos discursos podem ter diferentes leituras, outras interpretações e, portanto, outros significados. Entretanto, há necessidade de interrupção do trabalho interpretativo produzido até então. Trata-se do momento de fechar o exercício desse estudo, como propõe Larrosa (2003), evidenciando as transformações operadas por ele. Portanto, não escreverei sobre conclusões fechadas, únicas, finais – até porque não há razão para isso no campo de estudos ao qual me vinculo. Farei uma retomada da trajetória percorrida, das interpretações que fiz, das que farei e dos possíveis “achados” que estão na relação estabelecida entre texto, leitor e materiais de leitura. Entendo que essa seja a maneira de apontar as contribuições que esse estudo dará ao campo da leitura.

A paráfrase de Silverstone (2005) que utilizei logo no início da tese, para pensar sobre “o que fazemos com nossa leitura?” abriu, inicialmente, os caminhos a serem trilhados. Percursos que foram sendo construídos com os aportes teóricos, com as fontes de pesquisa e com a metodologia de trabalho. Destaco essa última pela possibilidade ímpar de contato, tanto com um artefato como a *Seleções do Reader's Digest* – desde seus primeiros números – quanto com a riqueza do encontro com doze de seus leitores. Através desse contato, inúmeros caminhos para a investigação foram abertos. Caminhos trilhados por história, afetos, sentimentos e memória. Foram caminhos que me levaram a entender que a leitura entretém, ensina, faz rir, chorar, lembrar, ter medo, causa raiva, contradição, desenvolve o senso crítico, faz dormir. A leitura amplia pensamentos, nutre a imaginação, a criatividade, faz conhecer o desconhecido, abrindo-se para outras leituras. Entendi um pouco mais sobre o quanto a leitura esteve/está imbricada em relações de poder e o quanto tal fato contribui para sua produtividade através de

diferentes artefatos culturais, que por sua vez estão permeados por discursos. Aliás, a leitura também nos constitui e pode mostrar algumas faces das identidades que vamos construindo a partir dela.

A busca por *entender a trama discursiva de situações e condições sob as quais se estabelecem normas e condutas que acabam produzindo práticas e experiências ligadas à leitura*, pode ser materializada com os “achados” produzidos e apresentados, especialmente, nos dois capítulos de análise dessa tese, o capítulo III e IV – *Leitores e leituras e Textos e tramas*. Contudo, o processo desafiador de construção foi sendo estimulado por todo o seu fundamental entorno, ora elencados: teorias, estudo, vontades, pessoas, e em especial orientação<sup>152</sup>.

Para compor os quatro capítulos dessa tese, optei por escrevê-los da seguinte maneira: no primeiro capítulo, intitulado *Delimitações e apropriações*, busquei situar o contexto da pesquisa: as inspirações e as aspirações que de alguma forma construíram o terreno da investigação. Para tanto resgatei algumas inspirações e apresentei as aspirações, delineando o que pesquisar, o porquê e o como fazer. Primeiramente, ao apontar os objetivos e os focos do estudo utilizei-me de um excerto da narrativa de um dos entrevistados, para abrir a seção – ao comparar o “Banquete” de Platão com a *Seleções* – por entender ser o anúncio do objeto, do tema e ao mesmo tempo das problematizações que buscava construir. A partir da revisão das abordagens de pesquisas sobre leitura, entrelaçando-as com estudos da área da História, fui aprofundando meus conhecimentos da temática sobre a qual me debruçava. Nesse percurso fui acompanhada de autores com quem dialoguei: Chartier, Certeau, Manguel, Silva, Darnton, Lajolo e Zilberman, entre outros. Apropriei-me, portanto, de alguns conceitos e estudos que foram basilares em minhas análises. Dentre esses, o próprio conceito de *apropriação*, usado por Certeau e posteriormente por Chartier, me foi esclarecedor, pois para os autores a leitura é *sempre apropriação, invenção, produção de significados*. Tal conceito tornou-se um dos principais fios condutores dessa tese, dando consistência e materialidade aos rumos que minha tese tomou e suas intenções em contribuir com a produção de “histórias de leitura”.

---

<sup>152</sup> Considero fundamentais a orientação pontual e competente de minha orientadora e o olhar sensível, a condução e os encaminhamentos elucidativos dos componentes da banca de qualificação do projeto – a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Isabel Dalla Zen e Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Lúcia Wortmann, o Prof<sup>º</sup>. Dr. Edgar Kirchof e o Prof<sup>º</sup> Dr. Jorge Alberto Rosa Ribeiro.

As articulações e os recortes necessários para delinear o *corpus* de investigação foram ancorados nos estudos pertencentes à Linha de pesquisa da qual sou integrante – a dos Estudos Culturais. Por isso, em sendo próprio da linha, não trabalhei com uma única área de estudos ou autor específico. Busquei dialogar com um conjunto de autores, muitas vezes de diferentes áreas, cujos pressupostos estivessem alinhados em suas perspectivas e que pudessem me auxiliar nas análises empreendidas. Assim, sobre identidade, representação, cultura, discursos e narrativas dialoguei com alguns dos principais interlocutores nesse estudo, sendo esses Hall, Luke, Foucault, Grossberg, Costa e Woodward.

Nesse mesmo capítulo, julguei importante apresentar um panorama dos estudos e/ou das leituras que já haviam utilizado o mesmo objeto de estudo – a revista *Seleções* na edição brasileira. Tal mapeamento mostrou que, dos oito estudos localizados – duas teses de doutorado, cinco dissertações de mestrado e um trabalho de conclusão de especialização – seis pertenciam à área da História e dois, uma dissertação de mestrado e uma monografia de especialização, pertenciam à área da Comunicação. Com isso, procurei evidenciar a originalidade do trabalho de minha tese, tanto no que se refere ao campo de estudos, área e temática, quanto à sua abordagem metodológica ao explorar densamente a entrevista com leitores da revista.

Os cuidados metodológicos me fizeram atentar para o caráter crucial que tem a entrevista na produção de narrativas, as quais estavam povoadas por memórias, e que estas, por sua vez, implicam invenção e construção identitária. Nesse momento busquei amparo em autores como Arfuch (2002), Larrosa (1994) e Silveira (2007), por entenderem ser a entrevista um modo interessante e produtivo de colher dados e a analisarem de forma crítica. Como parte da metodologia optei por dividir a investigação em seus dois eixos: o primeiro dediquei às análises das edições da revista *Seleções* que fazem parte de meu acervo pessoal – 152 exemplares, distribuídas entre 1942 e 2012 com ênfase nos exemplares que continham matérias e tipos de matérias citadas pelos entrevistados, e o segundo, tomando as entrevistas realizadas com doze leitores assíduos – atuais ou que foram em algum momento de sua vida – da revista. Nesse mesmo capítulo apresentei três pontos importantes de meu estudo: as questões da pesquisa, os entrevistados – que nesse momento tiveram uma breve apresentação, e os tópicos analíticos produzidos, resultantes das recorrências encontradas no material analisado.

No capítulo II, intitulado *Seleções do Reader's Digest*, apresento, com maiores detalhes o primeiro eixo de análise dessa tese: a revista *Seleções*. Nesse capítulo apresento o histórico da revista, contextualizando sua chegada ao Brasil, sua circulação – ao lado de outros periódicos da imprensa –, sua composição, estrutura e as estratégias utilizadas na publicação, para sua divulgação. A produção desse capítulo foi pensada de modo a dar visibilidade ao artefato, de uma maneira geral, do qual alguns aspectos foram referidos nas narrativas dos entrevistados. Mapear a trajetória da revista no país, mostrar como foi estruturada e pensada a partir de seus idealizadores e as estratégias de que lançava mão, o público que imaginava, foi a forma que encontrei para situar contextualmente o artefato. O capítulo foi desenvolvido em diálogo constante com a própria *Seleções* – que foi ao mesmo tempo “objeto” e “fonte”, com os estudos da área da História que tiveram o mesmo objeto de pesquisa, como os de Junqueira (2000), Pereira (2006) e com os estudos da área da comunicação de Duarte (2002) e Töpke (2007). Durante o percurso investigativo, emergiram questões relacionadas aos periódicos e ao consumo, em geral, e à publicidade de um modo específico.

O período de grande circulação da revista – décadas de 1950 e 1960 – coincidiu com a inserção dos brasileiros na “vida moderna”, conforme aprendi com alguns historiadores e estudiosos da comunicação. Os brasileiros da camada média urbana passaram a adotar hábitos e comportamentos comuns aos estadunidenses, configurando-se, assim, o fascínio pelo *american way of life*. Dessa forma, o progresso estaria sendo colado a estilos de vida que, necessariamente, estabeleciam vínculos com o consumo, possibilitando que mesmo no “terceiro mundo” fosse possível sentir-se “moderno”. Alguns autores trilharam comigo tais percursos, os quais me auxiliaram com entendimentos sobre os momentos de maior circulação da revista no país; alguns foram centrais nessas discussões, como Mello e Novaes(1998), Buitoni (2009), Miguel (2009) e Pinsky(2012).

Uma vez mapeado o campo teórico-metodológico, apresentados o objeto, tema, fontes, questões, tendo levantado os primeiros indícios e as articulações possíveis, era chegado o momento de apresentar os “achados” da pesquisa. O terceiro capítulo intitulado *Leitores e leituras* foi produzido para compor o primeiro tópico analítico dessa tese.

Este se constituiu em um dos momentos complexos da tese, pois me vi em meio a muitas histórias: tanto as resultantes da análise das entrevistas da pesquisa quanto as da própria *Seleções*. Era preciso selecionar o que de mais relevante emergia e que, ao

mesmo tempo, estivesse relacionado de alguma forma aos problemas de pesquisa levantados por esse estudo. Diante do que foi encontrado, tive que buscar amparo em mais um grupo de autores para ampliar meu diálogo; são eles Fraisse, Pompougnac e Poulain (1997), que se juntaram às outras contribuições referidas, sobretudo em relação às identidades, práticas e representações de leitura. Com isso, procedi às análises do material, problematizando as representações de leitura que emergiram através das narrativas dos entrevistados e da análise da revista. Tais análises me conduziram para descrições pertinentes a *práticas cotidianas de leitura*. Argumento nesse capítulo sobre a confluência das representações de leitura evidenciadas na narrativa dos entrevistados e na revista, que interpreto como tributárias dos discursos recorrentes de enaltecimento à leitura. No mesmo capítulo, localizei na *Seleções* quais discursos sobre leitura estavam circulando na revista, na época da leitura realizada pela maioria dos entrevistados – décadas de 1940 a 1970. Mostro ao longo do capítulo como os discursos sobre leitura veiculados em *Seleções* foram sendo estabelecidos através da rede de jogos de poderes que lhes são peculiares. Tais discursos deram visibilidade ao “lugar” privilegiado da leitura naquele artefato, ao mesmo tempo em que marcaram a reiteração de um código civilizatório. As representações que emergiram podem ser assim sintetizadas: a leitura é apresentada como “chave do encantamento pessoal” e como responsável pelo desenvolvimento social, cognitivo e econômico. As evidências me levam a sugerir que alguns dos discursos que estavam circulando naquele período em *Seleções* poderiam ser os mesmos a estarem reverberando na contemporaneidade.

Na sequência das análises discorri sobre as *identidades leitoras* que emergiram das narrativas. Tais identidades foram possíveis de ser “garimpadas” pois, ao narrarem suas histórias de leitura, os entrevistados permitiram o mapeamento do seu processo de aprendizado da leitura e de suas práticas posteriores. Identifiquei, a partir daí, que a lembrança do aprendizado que os conduziu à leitura os fez evocar a infância e os gestos de leitores proficientes na adolescência, na idade adulta e na maturidade. Inicialmente, a apropriação da leitura, para alguns dos entrevistados, se deu pelo exemplo da família como do pai, da mãe ou de algum irmão ou tio e, por último, pelo aprendizado na escola. Tais subtópicos me auxiliaram a problematizar as questões de hábito e gosto de leitura, modelos de leitor e sobre o ensino da leitura.

Ainda nesse mesmo capítulo trouxe o que os entrevistados relataram sobre o contato com *Seleções*, as leituras que faziam, as outras leituras, as formas de ler, os espaços, tempos e lugares, enfim, sobre os seus gestos e os seus modos de leitura. Tais

narrativas possibilitaram a emergência de algumas *identidades leitoras* que nomeei como *leitor iniciado*, *leitor “apaixonado”*, *leitor que transforma seu horizonte*, *leitor encantado e crítico*, *leitor “pouco leitor”* e *leitor risonho*.

Na sequência, além das *experiências cotidianas de leitura* e das *identidades leitoras*, discorri, no mesmo capítulo, sobre os cenários de leitura (os gestos e modos de ler) e sobre o hábito de colecionar *Seleções*.

As análises desse capítulo me conduziram a determinados entendimentos sobre o deslocamento de certas práticas de leitura, para uma outra dimensão: agora, não mais a do universo da “alta cultura”, como nos estudos de Fraisse et alii (1997), mas sim para o universo da *cultura de massa*, que adentrou as dimensões do social, permeado, igualmente, por relações de poder. Através das análises desse estudo e a abertura que este propõe a outras discussões, evidencia-se que a mulher leitora passa a ter uma presença predominante em muitos dos cenários possíveis, seja no lar, no trabalho, na maternidade, dentre outros tantos, já que assume o topo na lista dos leitores que leem com maior frequência. Outro deslocamento estaria representado nos materiais que comporiam algumas bibliotecas familiares. Nos cenários apresentados por alguns entrevistados, possuir uma biblioteca, mesmo que seja com revistas encadernadas, parece aliar-se a boas práticas de leitura com hábitos diários, que buscam sempre entendimento e atualização. Tomo tais aspectos como indícios de algumas das possíveis materialidades de representação de leitura na contemporaneidade.

Recebendo o título de *Textos e tramas*, o quarto e último capítulo dá continuidade às análises do *corpus* da pesquisa, apresentando as tramas possíveis de serem feitas a partir das narrativas de leituras na *Seleções* e, em distintos artefatos culturais, em relação à publicidade e a outras mídias como o rádio, a televisão e a internet. São leituras que igualmente promovem construções de sentido, ensinam e posicionam o “lugar” do sujeito no social, seja implicadas em construções identitárias, seja propondo outras formas de relação com a leitura, e/ou na articulação de ambas. Tal produção é apresentada sob dois enfoques: a “*leitura*” da *publicidade: o gênero em questão* e as “*leituras*” de *outras mídias*.

Assim, durante a entrevista, à medida que os entrevistados folheavam as edições antigas, o reconhecimento de determinadas propagandas e as lembranças que tais textos evocavam, sinalizaram interessantes percursos investigativos, também de leitura, mas de outro gênero textual: as peças publicitárias. Para tanto, na primeira seção desse capítulo – a “*leitura*” da *publicidade: o gênero em questão* – estabeleci diálogo com mais alguns

autores como Freire Filho, Debord, Bauman, Kellner e Canclini, que me auxiliaram a problematizar a mídia, suas relações com a publicidade e o consumo, articulando-os às análises do *corpus* dessa pesquisa. Assim, busquei destacar o “algo mais” que tais materiais publicizavam e colocavam em circulação. Ou seja, além dos produtos que anunciavam, a publicidade veiculada na *Seleções* propiciava a circulação de determinadas representações ligadas ao gênero e sua articulação ao consumo. Considero que a leitura das matérias publicitárias refletiu, sobremaneira, a sedução mobilizada pela publicidade, acionando desejos e sonhos, articulados aos objetivos explícitos de produzir consumidores. Mais do que nunca ficou evidente que as matérias publicitárias em questão faziam circular efeitos de sentido que privilegiavam significados não só voltados para a estética do corpo – sugerindo produtos capazes de transformá-lo e embelezá-lo, como também maneiras de ser e de estar no mundo e modos de pertencimento de um determinado grupo social. Assim sendo, sob um olhar crítico reafirma-se que o consumo, na maioria das vezes, não seria motivado por “necessidades” do sujeito, mas por apelos prometendo a satisfação ou a felicidade (que sempre se busca). São esses, segundo Bauman (2008), Freire Filho (2006) e Debord (1997), alguns dos componentes que atuam no imaginário das pessoas, as quais elaboraram fantasias de mudanças de mobilidade social ou de vida social, através da aquisição de objetos mostrados como pertencentes a uma cultura ou a estilos de vida. Tais objetos representariam um passaporte não só para a felicidade, mas talvez até para a dignidade do homem e da mulher.

Ao refletir sobre as entrevistas dos sujeitos leitores de *Seleções* e o seu posicionamento crítico em relação à publicidade, encontrei em Kellner (2001) o entendimento de que nem sempre a mídia atinge seu objetivo de persuasão, e desta forma, não se pode atribuir à mídia tamanho poder de determinação, pois *o público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se* (2001, p.11) dos produtos midiáticos. Segundo este autor, a mesma mídia oferece os instrumentais para que o sujeito se oponha aos modelos hegemônicos. A rejeição e o posicionamento crítico de alguns entrevistados em relação aos apelos publicitários, através da propaganda de produtos, exemplificam atitudes do sujeito que não obedece fielmente aos apelos do consumo. Tal sujeito estaria obedecendo a impulsos de ordem “individual e intersubjetiva”. Assim entendendo, identifiquei na narrativa dos entrevistados aqueles que resistiram aos apelos midiáticos

estabelecidos pela propaganda, demonstrando sua oposição a modelos pré-determinados.

Relembro, ainda, que a rotina da leitura de *Seleções*, relatada nas *Experiências cotidianas de leituras* – no capítulo III – era dividida com outras *experiências cotidianas*, que, assim como a leitura, estavam relacionadas com lazer, entretenimento, emoções, aprendizado, etc. Tais experiências aparecem marcadas pela escuta do rádio – em especial, as radionovelas – e a televisão. Outras mídias ainda, próprias da contemporaneidade, como a internet e suas redes sociais, apareceram nas narrativas dos entrevistados, que também foram abordadas nessa última seção. Ao longo dela fui mostrando como a tecnologia eletrônica foi sendo incorporada às práticas sociais, tanto na revista, quanto na vida cotidiana de seus leitores, no Brasil, em especial, a partir da década de 1940. Nessa seção, a contribuição de autores da área da Comunicação como Meditsch (1997) e Schiffer (1991), possibilitou discussões bem pontuais acerca dessas outras mídias e das práticas que as envolviam, conforme lembrado pelos entrevistados.

Desse modo, penso que a análise das edições da *Seleções* em articulação com a narrativa dos entrevistados permitiu evidenciar a trajetória da tecnologia eletrônica e sua inserção nos espaços sociais. Aprendi com Meditsch (1997) e Schiffer (1991) que a condição do desenvolvimento da eletrônica, no Brasil, muitas vezes, é obscurecida ao se contrapor uma “era do rádio”, como pertencendo ao passado, e uma outra “era da imagem”, a qual definiria o presente e apontaria para o futuro. Para os autores, o rádio não terminou com o fim do que seria a “sua era”. A melhor maneira de explicar isto é compreender que não foi nem o som nem a imagem que estabeleceram novas eras, mas sim a *tecnologia eletrônica*: tanto o rádio como a TV pertencem à *era da informação*, e o rádio teria sido a manifestação mais precoce da era eletrônica na comunicação de massa. Tais argumentos se exemplificam nas narrativas dos entrevistados dessa pesquisa, ao se observar que, como sujeitos “modernos” e pertencentes ao seu tempo, eles foram paulatinamente apropriando-se dos artefatos novos que foram surgindo.

Pretendo, na continuidade de minhas investigações, estudar a leitura a partir de novos suportes tecnológicos. A narrativa dos entrevistados dessa tese – de Doroti e de José, especialmente, me desafiou a pensar sobre as representações de leitura que estariam envolvidas no uso dos novos leitores eletrônicos (*e-books, kindles, kobos*). Haveria cenários de leitura mais apropriados? Que relações se estabelecem entre leitores e os novos suportes disponíveis para leitura? De que forma seriam estabelecidos hábitos, apropriação, desenvoltura ou mesmo como seria a articulação com outras

leituras? Quais tipos de leitura seriam privilegiados? Haveria interesse pela revista *Seleções*, no formato digital? Enfim, trata-se de algumas questões que nutrem a continuidade do meu desejo investigativo.

Volto-me novamente a esse estudo e penso sobre o quanto me permitiu transitar por alguns dos “mundos” da leitura. Sim, porque a leitura tem muitos “mundos” e esses, muitas dimensões. Mas, especificamente, ao trilhar alguns percursos sobre leitura de uma revista como *Seleções* me conduziu a mais alguns reconhecimentos que passo a referir.

A análise da revista *Seleções*, revista passível de críticas, dentre outros aspectos, por ser notadamente um artefato cultural que contribuiu com um “espírito de americanização” me levou a concluir que, diferentemente de outras congêneres, ela se diferencia pela sua ênfase nas matérias narrativas, sobretudo ao considerar seus exemplares da década de 1940 até 1970. E, por essa razão, aludindo especificamente ao tema dessa tese, considero-a como um artefato propulsor de leitura. A julgar pelas análises empreendidas nas revistas que compuseram o *corpus* desse estudo, identifico-a como sendo diferenciada em relação a outras revistas da época, em especial pela quantidade de matérias que suscitavam o interesse de leitura. Tal fato pode abrir portas para outras leituras ou mesmo conduzir o leitor para buscar publicações na íntegra das histórias condensadas que apresentava – conforme referido pelos entrevistados dessa pesquisa –, o que, por si só, já seria um referencial relevante.

As análises de *Seleções*, relacionadas à leitura que os leitores faziam dela, permitiram a emergência de alguns pontos a destacar, como o prazer que a leitura provoca, o aprendizado da/com a leitura, os diversos suportes de leitura, os modos, gestos e espaços de leitura, a leitura como um “lugar” de memória levando à produção de *histórias de leitura*, etc. Com isso penso ter conseguido pincelar algumas das dimensões dos muitos “mundos” da leitura. Um mundo de possibilidades, de interpretações, de significados. Os credenciamentos básicos para adentrar nesse “mundo”, embora sendo singulares como os trazidos por esse estudo, me levam a entender sua intrincada relação com variáveis condições e possibilidades. Contudo, gostaria de destacar ao menos três, que julgo serem abrangentes: o aprendizado da leitura, o despertar do desejo e a experiência encarnada em práticas culturais. O interessante de tudo isso é que, ao término desse estudo, me sinto credenciada como leitora, pois foi esse o mesmo processo pelo qual passei. A experiência de passar por tal

processo produziu transformações em minha forma de pensar sobre a leitura, tanto que me foi possível produzir essa escrita.

## VI REFERÊNCIAS

ABREU & SCHAPONCHNIK. (org.) *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. FAPESP, Mercado das Letras, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

ARFUCH, Leonor. *La entrevista, una invención dialógica*. Barcelona: Paidós, 1995.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ÁVILA, Patrícia. *A literacia dos adultos: competências-chave na Sociedade do Conhecimento*. Portugal: Celta Editora, 2008.

BASSANEZI, Maria Sílvia. Migrações que vêm mulheres que vão. In: PINSKY, C. B; PEDRO, J.M.(org.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista à Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

\_\_\_\_\_. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*; Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. 4ª ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1999. 4ª edição.

BEGHETTO, Lorena. *O pesadelo comunista ameaça o Ocidente: o anticomunismo nas revistas Seleções do Reader's Digest (1946-1960)*. Universidade Federal do Paraná. 2004.[Dissertação]

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1999.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel, a representação da mulher na imprensa brasileira*. São Paulo: Ed. Summus, 2009.

BUJES, Mariana I. *Alguns apontamentos sobre as relações infância/poder numa perspectiva foucaultiana*. 2003. ANPED.  
Disponível em: [www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos](http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos) Acesso em 01/03/2010 Acesso em 10/08/2011.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999.

CANCLINI, Nestor. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Marisa Vorraber. *Caminhos investigativos: novos olhares para a pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_. (org.) *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

CHARTIER, Roger. *História da vida privada 3. Da Renascença ao século das luzes*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. *O mundo como representação*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 5, n. 11, abril 1991.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo, 1989.

\_\_\_\_\_. *Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidade*. Barcelona: Gedisa, 2004.

CHARTIER, Anne Marie. *Modelos contraditórios da leitura entre a formação e o consumo. Da alfabetização à cultura de massa*. Tradução: BASTOS, Mariana Helena Bastos Câmara. In: *História da Educação ASPHE/FAE/UFPel*. Pelotas (13)35-49. Abril de 2003.

CHARTIER, A.M.; HÉBRARD, J. *Discursos sobre a leitura-1880-1980*. trad. O. Biato e S. Bath. S.P: Ática, 1995.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Biblioteca das moças: Contos de fada ou contos de vida?* In: *Projeto História*, São Paulo, 1994. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/series/series1.html> Acesso em 10/08/2012.

DALLA ZEN, Mariana Isabel. *“Foi num dia ensolarado que tudo aconteceu”*: *Práticas culturais em narrativas escolares*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

DANIEL, Érica. *A guerra como slogan: um estudo sobre as publicidades da Revista Seleções do Reader's Digest (1942-1945)* Disponível em:

[www.rj.anpuh.org/resources/rj/.../Erica%20Gomes%20Daniel.doc](http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/.../Erica%20Gomes%20Daniel.doc) Acesso em 12/10/2010.

DARNTON, 1992. História da leitura. In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1992. p. 199-236.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Prefácio à 4ª edição italiana de *A sociedade do espetáculo*. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, Munique Alvim. *Revista Seleções no Brasil. UFJF – Faculdade de Comunicação. 2002 [Monografia de especialização]*

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador. Uma história dos costumes*. 2ª ed. RJ: Jorge Zahar Edit.: 1994. v.1.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura F. A. Sampaio. Campinas: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. Petrópolis, Vozes, 1988.

FREIRE FILHO, José (org.) *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.

\_\_\_\_\_. Em cartaz, as garotas superpoderosas: a construção discursiva da adolescência feminina na revista *Capricho*. *Revista Fronteiras - estudos midiáticos* Vol. VIII Nº 2 - maio/agosto 2006, 102-111.

FRAISSE, Emmanuel; POMPOUGNAC, Jean-Claude ; POULAIN, Martine. *Representações e imagens da leitura*. São Paulo : Ed. Ática, 1997.

GROSSBERG, Lawrence. Será que os estudos culturais têm futuros? E deverão tê-los? (ou o quê se passa com Nova Iorque?) *Comunicação e cultura*. Porto: Quimera. N.6. Outono/inverno/2008.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*. v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez.1997.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2006.

HANSEN, José Adolfo. Reorientações no campo da leitura literária. In: ABREU & SCHAPONCHNIK. (org.) *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. FAPESP, Mercado das Letras, 2005.

- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ed. Ática, 1996.
- JUNQUEIRA, Anne Mary. *Ao sul do Rio Grande*. Bragança Paulista. SP:EDUSF, 2000.
- KELLNER, Douglas. *A Cultura da mídia*. Bauru (SP): Edusc, 2001.
- KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 2002.
- LAJOLO, Maris; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Estudar. Oficina Escrita e experimentação*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Sandra Mara Corazza. DIF/Grupo de Currículo de Porto Alegre, Museu da UFRGS 2003. [Impresso]
- \_\_\_\_\_. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./abr. 2002, p. 20-28.
- \_\_\_\_\_. *La experiencia de la lectura*. Barcelona: Lertes, 1996.
- \_\_\_\_\_. Tecnologias do eu e a educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86.
- LUCA, Tania Regina. Mulher em revista. In: PINSKY, C. B; PEDRO, J.M.(org.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p 446-468.
- LUKE, Alan. Análise do Discurso numa perspectiva Crítica. In: HIPÓLITO, Álvaro Moreira & GANDIN, Luís Armando (org.). *Educação em tempos de incertezas – BH*, 2000.
- LULKIN, Sérgio. *A potência do humor e do riso na escola*. In: ALEGRAR n°04 - 2007 - ISSN 18085148 Disponível em: [www.alegrar.com.br](http://www.alegrar.com.br) Acesso em 10/12/2012.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às medições: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.
- \_\_\_\_\_. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton.de (Org.) *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.39-68.
- MEDITSCH, Eduardo. *A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico*, 1997. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.pdf> Acesso em 15/12/2012.

MELLO, J.M.; NOVAIS, F. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARTZ, L. (org.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998, p. 559-658.

MIRA, Mariana Celeste. *O leitor e a banca de revista: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo. SP. FAPESP, 2001.

MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. *A revista Capricho como um “lugar de memória” (décadas de 1950 e 1960)*[Tese de doutorado] Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NARODOWSKI, Marianano. *Comenius & Educação*, trad. de Alfredo Veiga- Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PEDRO, Joana Mariana. *A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração*. Revista Brasileira de História. São Paulo: Anpuh/Humanitas, vol.23, n45, julho 2003, p. 239-260.

PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental 2*. São Paulo: Ática, 1999.

PEREIRA, Silvio Luiz Gonçalves. *Seleções do Reader's Digest, 1954-1964: um mapa da intolerância política*. Tese de Doutorado. São Paulo. Universidade de São Paulo. 2006.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.

PINSKY, Bassanezi. A era dos modelos rígidos. IN: PINSKY, C. B; PEDRO, J.M.(org.) *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012. P. 469-543

POSTMAN, Neil. *O Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro, Graphia, 1999.

PRÓLIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. Disponível em site: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf> Acesso em 05/01/10.

QUINTANA, Mário. *Caderno H. 2*. ed. São Paulo: Globo, 2006.

RAAD, Lenita Farias. *Entre a leitora e a historiadora: um olhar sobre a Revista Seleções do Reader's Digest*. < <http://www.alb.com.br/anais14/Sem03/C03025.doc>> Acesso em 02/01/2010.

ROCHA, Amara. *Cultura, tecnologias de comunicação e sociedade brasileira no Pós Segunda Guerra*. In: MOUSEION, V. 1, nº 2. Jul –Dez 2007. Disponível em: [http://www.unilasalle.edu.br/museu/mouseion/cultura\\_comunicacao\\_radio.pdf](http://www.unilasalle.edu.br/museu/mouseion/cultura_comunicacao_radio.pdf) Acesso em 20/12/2012.

ROSE, Nikolas. "Governando a alma: a formação do eu privado". In: Silva, Tomas Tadeu da (org.). *Liberdades reguladas*. Petrópolis: Vozes, 2001 p.30-45.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO Marco. *A história da TV*. Editora Contexto: São Paulo, 2009.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2003.

SCHERER, Charles Junior. *A Revista Selecciones del Reader's Digest e a constituição da imagem dos estereótipos do american way of life: 1940/1950*. Tese de Doutorado. Porto Alegre. PUCRS, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura e realidade Brasileira*. Porto Alegre, RS; Mercado Aberto, 2012.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. *A leitura e seus poderes – um olhar sobre dois programas nacionais de incentivo à leitura*. In: Educar em Revista, Curitiba, Brasil, nº especial, p. 103-120, 2010. Editora UFPR.

\_\_\_\_\_. "Olha quem está falando agora!" A escuta das vozes na educação. In: COSTA, Marisa Vorraber. *Caminhos investigativos: novos olhares para a pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2002, p. 61-83.

\_\_\_\_\_. Leitura, literatura e currículo. In: COSTA, M. (org.) *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro. Ed. DP&A. 2001. p. 105-126.

\_\_\_\_\_. A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. In: COSTA, M. V. *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 117-138.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; BONIN, Iara Tatiana. Lendo histórias – um estudo sobre o reconto de obras de literatura infantil por crianças do Ensino Fundamental. *Ensino em Re-vista*, v. 18, nº 1, jan./jun. 2011. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/issue/view/648> Acesso em 18/12/2012.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia*. São Paulo. Edições Loyola, 2005.

SIMONI, Ana Carolina Rios. RICKES, Simone Moschen. Do (des)encontro como método. *Currículo sem Fronteiras*, v.8, n.2, pp.97-113, Jul/Dez 2008.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz H., AZEVEDO, José C., SANTOS, Edmilson S. (Orgs.) *Identidade Social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: SMED/RS, 1997.

TAVARES, F. de M. B. "Entre objetos", "objetos no entre": revista, jornalismo especializado e qualidade de vida. 2008. Disponível em: <[http://www.contemporanea.poscom.ufba.br/v6n2\\_pdf\\_dez08/frederico\\_entreobjetos.pdf](http://www.contemporanea.poscom.ufba.br/v6n2_pdf_dez08/frederico_entreobjetos.pdf)>. Acesso em: 07 de maio de 2010.

TÖPKE, Denise Rugani. *Miss anos dourados: as representações da mulher em anúncios da Seleções do Reader's digest*. [Tese de doutorado]. Programa de Pós-graduação em Comunicação. UERJ, 2007.

TORRES, Maria Cecília. *Identidades musicais de alunas de Pedagogia: música, memória e mídia*. UFRGS. [Tese de Doutorado]

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4. ed. rev. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Ed.UNB, 1998

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

*Outras referências:*

*Sites*

*Editora Abril*. <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br> Acesso em 13/10/2010.

História do rádio. [www.virtus.ufpe.br/novosite/historiadoradio](http://www.virtus.ufpe.br/novosite/historiadoradio) . Acesso em 10/11/2012.

*Legislação monetária brasileira*. <http://www6.senado.gov.br> . Acesso em 08/10/2010.

*Instituto Pró-Livro. Retratos da Leitura no Brasil*. Disponível em site: <http://www.prolivro.org.br>. Acesso em 05/01/10.

*Instituto Verificador de Circulação.IVC*. <http://www.ivc.org.br> Acesso em 02/10/2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE <http://biblioteca.ibge.gov.br> Acesso em: 13/11/2010.

*Jornal O Globo*. <http://oglobo.globo.com> Acesso em 02/02/2010

*Revista Seleções*. Disponível em <http://www.selecoes.com.br> Acesso em 02/06/2010.

*Revista Veja*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br>. Acesso em 12/03/2010.

*Youtube*. <http://www.youtube.com> Acesso em 12/11/2010.

BNDES. *Livro 50 anos do Brasil*. Disponível em: [http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/onhecimento/livro50anos/Livro\\_Anos\\_50.PDF](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/onhecimento/livro50anos/Livro_Anos_50.PDF) acesso em 15/01/2012.

## ANEXO I

### Acervo da revista

Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 1, fevereiro de 1942.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 2, março de 1942.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 3, abril de 1942.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 4, maio de 1942.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 5, junho de 1942.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 6, julho de 1942.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 7, agosto de 1942.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 8, setembro de 1942.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 9, outubro de 1942.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 10, novembro de 1942.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 11, dezembro de 1942.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 13, fevereiro de 1943.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 14, março de 1943.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 16, maio de 1943.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 20, setembro de 1943.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 26, março de 1944.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 27, abril de 1944.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 28, maio de 1944.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 29, junho de 1944.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 30, julho de 1944.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 31, agosto de 1944.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 33, outubro de 1944.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 34, novembro de 1944.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 35, dezembro de 1944.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 49, fevereiro de 1946.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 50, março de 1946.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 51, abril de 1946.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 52, maio de 1946.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 55, agosto de 1946.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 58, novembro de 1946.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 62, março de 1947.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 68, setembro de 1947.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 87, abril de 1949.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 92, setembro de 1949.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 96, janeiro de 1950.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 97, fevereiro de 1950.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 98, março de 1950.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 99, abril de 1950.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 100, maio de 1950.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 102, julho de 1950.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 105, outubro de 1950.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 106, novembro de 1950.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 107, dezembro de 1950.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 108, janeiro de 1951.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 115, agosto de 1951.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 116, setembro de 1951.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 123, abril de 1952.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 131, dezembro de 1952.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 132, janeiro de 1953.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 133, fevereiro de 1953.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 134, março de 1953.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 136, maio de 1953.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 139, agosto de 1953.  
 Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 147, abril de 1954.

Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 150, julho de 1954.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 151, agosto de 1954.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 147, abril de 1954.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 156, janeiro de 1955.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 157, fevereiro de 1955.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 158, março de 1955.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 159, abril de 1955.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 160, maio de 1955.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 161, junho de 1955.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 162, julho de 1955.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 172, maio de 1956.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 173, junho de 1956.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 174, julho de 1956.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 176, setembro de 1956.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 180, janeiro de 1957.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 182, março de 1957.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 183, abril de 1957.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 187, agosto de 1957.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 189, outubro de 1957.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 190, novembro de 1957.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 197, junho de 1958.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 198, julho de 1958.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 201, outubro de 1958.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 205, fevereiro de 1959.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 206, março de 1959.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 209, junho de 1959.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 216, janeiro de 1960.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 219, abril de 1960.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 222, julho de 1960.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 225, outubro de 1960.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 227, dezembro de 1960.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 251, dezembro de 1962.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 252, janeiro de 1963.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 253, fevereiro de 1963.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 254, março de 1963.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 261, outubro de 1963.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 266, março de 1964.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 271, agosto de 1964.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 272, outubro de 1964.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 276, janeiro de 1965.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 277, fevereiro de 1965.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 278, março de 1965.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 279, abril de 1965.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 280, maio de 1965.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 281, junho de 1965.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 286, novembro de 1965.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 288, janeiro de 1966.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 290, março de 1966.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 294, julho de 1966.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 296, setembro de 1966.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 297, outubro de 1966.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 302, março de 1967.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 306, julho de 1967.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 307, agosto de 1967.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 312, janeiro de 1968.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 314, março de 1968.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 317, junho de 1968.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 320, setembro de 1968.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 321, outubro de 1968.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 326, março de 1969.

Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 330, julho de 1969.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 337, fevereiro de 1970.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 343, agosto de 1970.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 346, novembro de 1970.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 21, janeiro de 1973.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 22, fevereiro de 1973.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 23, março de 1973.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 26, julho de 1973.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 27, agosto de 1973.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 51, agosto de 1975.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 52, setembro de 1975.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 54, novembro de 1975.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 58, março de 1976.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 59, abril de 1976.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 60, maio de 1976.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 79, dezembro de 1977.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 100, setembro de 1979.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 85, junho de 1978.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 90, novembro de 1978.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 143, abril de 1983.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 174, novembro de 1985.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 176, janeiro de 1986.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 183, agosto de 1986.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 184, setembro de 1986.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº 271, dezembro de 1993.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº [não localizado] dezembro de 1999.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº [não localizado], janeiro de 2000.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº [não localizado], março de 2000.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº [não localizado], abril de 2000.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº [não localizado], julho de 2000.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº [não localizado], outubro de 2000.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº [não localizado], dezembro de 2000.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº [não localizado], março de 2001.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº [não localizado], maio de 2001.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº [não localizado], junho de 2001.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº [não localizado], agosto de 2001.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº [não localizado], abril de 2012.  
Revista *Seleções do Reader's Digest*, nº [não localizado], maio de 2012.

## ANEXO II

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

<b>1. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA</b>			
Título do Projeto: <i>SELEÇÕES DO READER'S DIGEST: leituras, leitores, textos e tramas</i>			
Área do Conhecimento: Educação	Número de participantes	No centro:	Total:
Curso: Doutorado em Educação	Unidade: PPGedu/UFRGS		
Patrocinador da pesquisa: CNPq			
Instituição onde será realizado: PPGedu/UFRGS			
Nome da pesquisadora: Sandra Monteiro Lemos			

### ESCLARECIMENTO SOBRE A PESQUISA

O projeto de pesquisa de doutorado intitulado *Seleções do Reader's Digest: leitores, leituras, textos e tramas*, sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosa Hessel Silveira, objetiva analisar as experiências cotidianas de leitura relatadas por aqueles que se consideram e/ou se consideraram leitores assíduos da Revista *Seleções do Reader's Digest* – atual ou referente a algum período da sua vida. Para tanto, fará uso de entrevistas semi-estruturadas e análise textual, bem como, dos materiais coletados ao longo da investigação.

<b>2. IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA</b>			
Nome:		Data de Nasc:	Sexo:
Nacionalidade:	Estado Civil:		Profissão: -
RG:	CPE/MF:	Telefone:	E-mail:
Endereço:			

<b>3. IDENTIFICAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL</b>		
Nome: Sandra Monteiro Lemos		Telefone: 51 30198860
Profissão: professora/doutoranda	E-mail: sandralemos.m@terra.com.br	
Endereço Residencial: Rua Luiz Siegmann, nº 160 apto. 901-A – Jardim Lindóia. CEP: 91050-325. Porto Alegre/RS		
Endereço Profissional: UFRGS/FACED – Departamento de Ensino e Currículo. Av. Paulo Gama, nº 110 . Centro. Porto Alegre/RS. CEP. 90040-060 - Fone: 51 - 3308 3267		

Eu, \_\_\_\_\_, R.G. \_\_\_\_\_, de livre e espontânea vontade, consenti em participar da pesquisa *Seleções do Reader's Digest: leituras, leitores, textos e tramas*, sob a responsabilidade da professora e doutoranda Sandra Monteiro Lemos, como depoente, e estou ciente que tenho a liberdade de recusar, desistir ou interromper a colaboração nesta pesquisa no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação. Também estou ciente de que os resultados obtidos no estudo não permitirão minha identificação e concordo que sejam divulgados em publicações e apresentações acadêmicas, desde que dados pessoais não sejam mencionados. Tenho a garantia de obter informações, em qualquer momento, de mais detalhes da pesquisa e também de seus resultados. Para isso, poderei consultar o **pesquisador responsável** (acima identificado). Declaro que obtive todas as informações necessárias sobre a pesquisa e, por estar de acordo, assino este documento em duas vias vias de igual conteúdo e forma, ficando uma em minha posse.

\_\_\_\_\_( ), \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Sujeito da Pesquisa

---

**Pesquisador Responsável pelo Projeto**